



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA CENA

Glenda Bárbara de Sousa Costa

Performances CorpOrais nas Batalhas do *Slam* Falatu e *Slam* GO em 2024

GOIÂNIA
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação Tese Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Glenda Bárbara de Sousa Costa

3. Título do trabalho

Performances CorpOrais nas Batalhas do Slam Falatu e Slam GO em 2024

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Maria Angela De Ambrosis Pinheiro Machado**, Professor do Magistério Superior, em 17/12/2025, às 14:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Glenda Bárbara De Sousa Costa, Discente**, em 13/01/2026, às 11:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5864013** e o código CRC **71860EA0**.

Referência: Processo nº 23070.061131/2025-00

SEI nº 5864013

Glenda Bárbara de Sousa Costa

Performances CorpOrais nas Batalhas do *Slam* Falatu e *Slam* GO em 2024

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás como requisito para a obtenção do título de Mestra em Artes da Cena.

Área de Concentração: Teatro, Dança e Direção de Arte.

Linha de pesquisa: Estudos Transversais em Teatro, Dança e Direção de Arte

Orientadora: Professora Doutora Maria Ângela de Ambrosis Pinheiro Machado

GOIÂNIA

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Costa, Glenda Bárbara de Sousa
Performances CorpOrais nas Batalhas do Slam Falatu e Slam GO em
2024 [manuscrito] / Glenda Bárbara de Sousa Costa. - 2025.
CLV, 155 f.: il. 2025

Orientadora: Prof(a). Dra. Maria Ângela de Ambrosis Pinheiro Machado
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Escola de
Música e Artes Cênicas (Emac), Programa de Pós-graduação em Artes da Cena,
Goiânia, 2025.

Ilustrações.
Apêndice.
Bibliografia.
Inclui: lista de figuras.

1. Slam Poesia. 2. Performance. 3. Escrivência. 4. Identidade. 5.
Corporalidade.

I. Machado, Maria Ângela de Ambrosis Pinheiro , orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
ESCOLA DE MÚSICA E ARTES CÊNICAS
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Ata nº 55 da sessão de Defesa de Dissertação de **Glenda Bárbara de Sousa Costa**, que confere o título de **Mestra em Artes da Cena**, na área de concentração em **Teatro, Dança e Direção de Arte**.

Aos dezesseis dias do mês de dezembro de dois mil e vinte cinco, a partir das nove horas, na sala 216 da EMAC e virtualmente, realizou-se a sessão pública de defesa da dissertação de mestrado intitulada "**Performances CorpOrais nas Batalhas do Slam Falatu e Slam GO em 2024**", da autoria de **Glenda Bárbara de Sousa Costa**. Os trabalhos foram instalados pela orientadora, Professora Doutora **Maria Ângela De Ambrosis Pinheiro Machado [PPGAC EMAC-UFG]**, com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Poliane Vieira Nogueira [IFG]** e Professora Doutora **Luciene de Oliveira Dias [UFG]**. Após a arguição do pesquisador, a Banca Examinadora se reuniu em sessão secreta, a fim de concluir o julgamento da dissertação apresentada, tendo sido ela considerada APROVADA. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Maria Ângela De Ambrosis Pinheiro Machado**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros presentes, aos dezesseis dias de dezembro de dois mil e vinte cinco.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Maria Angela De Ambrosis Pinheiro Machado**, **Professor do Magistério Superior**, em 23/01/2026, às 07:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Poliane Vieira Nogueira**, **Usuário Externo**, em 27/01/2026, às 13:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciene De Oliveira Dias**, **Professora do Magistério Superior**, em 27/01/2026, às 13:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5922666** e o código CRC **4F5C0E4D**.

AGRADECIMENTOS

À Maria Lúcia, minha mãe, que sempre me apoiou com tanto entusiasmo e carinho. Agradeço mãe, pelo incentivo e por sempre estar disposta a aprender a vida por novos caminhos.

Ao meu pai, José Antônio que me ensinou que a teimosia também é importante na vida quando usada de forma sábia.

Aos meus irmãos, Lucas e Lúcio, meus parceiros de vida com quem aprendi a entender o mundo. Agradeço a leveza que me oferecem em tempos difíceis e o apoio nessa trajetória.

À Vanessa e Milena, minhas amigas dos tempos de escola, que mesmo distantes foram um dos apoios mais firmes e constantes ao longo desse processo.

Aos amigos Ronei, Dorivânia e Mariana, sou grata pela generosidade, partilha de experiências e a escuta sensível.

À todas as pessoas da turma de 2023 com quem tive oportunidade de conviver, aprender e ampliar meus saberes.

A Maria Ângela, minha orientadora, por todas as trocas e pela paciência ao longo da pesquisa.

Às professoras e professores do Mestrado em Artes da Cena que contribuíram para minha formação acadêmica e artística.

À Escola de Música e Artes Cênicas e à Universidade Federal de Goiás pelo espaço e a possibilidade de discutir poesia marginal e os corpos que a performam.

Às poetas Ester Linhares, Ari poetisa e Nativa na Voz e aos poetas Yurus, Periférico, Slender, Battousai e Luke ATN, agradeço a disposição em contribuir com a pesquisa e a escrita através da qual nos apresentam um novo olhar para o mundo. Sou ainda, imensamente grata por me lembrarem, através de suas falas e poemas, que esse estudo é para as comunidades do *Slam* Poesia de Goiás, em especial as periféricas.

“Na terra do pequi tem poesia no gogó

Slam GO!”

Grito do *Slam GO* criado por Pedro SkyBlue

RESUMO

Em 2017 conheci, através das redes sociais, o *Slam* poesia, competição de poesia autoral, na qual os/as poetas abordam, na maioria das vezes, temas políticos, sociais e culturais, denunciando situações de negligência que vivenciam ou testemunham diariamente. O *Slam* Poesia ou batalha de poesia me levou ao estudo crítico de 6 poemas em meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa no IFG e a propor a pesquisa que aqui desenvolvo. O objetivo dessa vez, são as performances dos poetas, mais especificamente, de oito participantes que competiram no *Slam* Falatu e no *Slam* GO em 2024. As duas competições goianas somaram 6 batalhas, entre os meses de abril e outubro. Desenvolvemos a pesquisa por meio de observação em campo, diários de bordo e entrevistas. Utilizamos uma abordagem qualitativa neste estudo e os argumentos se fundamentam nos pensamentos de Paul Zumthor (1993 e 1997), Diana Taylor (2013) e Leda Maria Martins (2013 e 2021) a respeito da performance e da oralidade, buscando a hipótese de que o impulso presente em suas narrativas é tão potente que mobiliza os/as poetas a se colocarem mais presentes fisicamente. Na sequência da discussão, recorro à Conceição Evaristo (2020) e ao conceito de escrevivência em diálogo com os escritos do *Slam* Poesia, que refletem acontecimentos reais que atravessam direta ou indiretamente esses e essas poetas que, assim como Evaristo, buscam construir uma literatura que olha de forma mais humana para pessoas marginalizadas. E ainda, em meio a essa busca, é possível identificar nos poemas o que discute Ileana Diéguez (2011), teórica mexicana, a respeito da crise de representação em países latino-americanos pela negação de culturas tradicionais que fazem parte da nossa identidade e a assimilação de culturas europeias que, apesar de nos integrar, não representam a nossa totalidade enquanto nação. Argumentamos então que o *Slam* Poesia é uma das manifestações que buscam por essa identidade e representação. Por fim, desenvolvemos as análises com foco em quatro aspectos propostos nos estudos de Regina Miranda (1979) e adaptados para as circunstâncias das batalhas de poesia, são eles, consciência do corpo, qualidade de movimento, uso do espaço e relacionamento, percebidos de forma mais profunda através do que foi proposto por José Gil (2001).

Palavras-chave: *Slam* poesia; Performance; Escrevivência; Identidade; Corporalidade.

ABSTRACT

In 2017, through social media, I discovered Poetry Slam, a competition of original poetry in which poets often address political, social, and cultural themes, and denounce situations of negligence that they experience or witness daily. The Poetry Slam led me to the critical study of 6 poems in my Final Project in my undergraduate Degree in Languages - Portuguese and to propose the research that I develop here. The focus this time, however, is on the performances of the poets, more specifically, of eight participants who competed in Slam Falatu and Slam GO in 2024. The two competitions in Goiás totaled 6 battles, between the months of April and October. The research was developed through field observation, logbooks, and interviews. The arguments of this study are based on the thoughts of Paul Zumthor (1993 and 1997), Diana Taylor (2013), and Leda Maria Martins (2013 and 2021) regarding performance and orality, seeking the hypothesis that the impulse present in their narratives is so powerful that it mobilizes the poets to place themselves more physically present. Following the discussion, I refer to Conceição Evaristo (2020) and the concept of "escrevivência" (a term coined by Evaristo, roughly translating to "writing from lived experience") in dialogue with the writings of Poetry Slam, which reflect real events that directly or indirectly affect these poets who, like Evaristo, seek to build a literature that looks more humanely at marginalized people. And yet, amidst this search, in the poems it is possible to identify what Ileana Diéguez (2011), a Mexican theorist, discusses regarding the crisis of representation in Latin American countries due to the denial of traditional cultures that are part of our identity and the assimilation of European cultures that, despite integrating us, do not represent our totality as a nation. It is argued that Poetry Slam is one of the manifestations that seek this identity and representation. Finally, the analyses develop focusing on four aspects proposed in the studies of Regina Miranda (1979) and adapted to the circumstances of poetry battles; these are body awareness, quality of movement, use of space, and relationship, perceived more deeply through what was proposed by José Gil (2001).

Keywords: Poetry Slam; Performance; Escrevivência; Identity; Corporeality.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Tawane Theodoro em performance no <i>Slam</i> da Guilhermina.....	p.27
Imagem 2: <i>Slam</i> Falatu no Bosque dos Buritis.....	p.55
Imagem 3: Poeta Ester Linhares.....	p.57
Imagem 4: Poeta Periférico.....	p.57
Imagem 5: Poeta Luke ATN.....	p.57
Imagem 6: Poeta Yurus.....	p.58
Imagem 7: Poeta Nativa na Voz.....	p.58
Imagem 8: Poeta Ari poetisa.....	p.58
Imagem 9: Poeta Slender.....	p.58
Imagem 10: Poeta Battousai.....	p.59
Imagem 11: Lory em performance no Slam GO 2024.....	p.78
Imagem 12: Slender em performance no <i>Slam</i> GO 2024.....	p.83
Imagem 13: Slender em performance no <i>Slam</i> GO 2024.....	p.83
Imagem 14: Slender em performance no <i>Slam</i> GO 2024.....	p.84
Imagem 15: Luke ATN em performance no <i>Slam</i> GO 2024.....	p.86
Imagem 16: Luke ATN em performance no <i>Slam</i> GO 2024.....	p.87
Imagem 17 Periférico em performance do <i>Slam</i> GO.....	p.91
Imagem 18: Periférico em performance do <i>Slam</i> GO.....	p.92
Imagem 19: Periférico em performance do <i>Slam</i> GO.....	p.93
Imagem 20: Periférico em performance do <i>Slam</i> GO.....	p.94
Imagem 21: Yurus em performance no Slam Falatu edição de junho em 2024.....	p.97
Imagem 22: Yurus em performance no <i>Slam</i> Falatu edição de junho em 2024.....	p.97
Imagem 23: Yurus em performance no <i>Slam</i> Falatu edição de junho em 2024.....	p.98
Imagem 24: Público Slam GO 2024.....	p.99
Imagem 25: Público Slam GO 2024.....	p.100
Imagem 26: Ester Linhares em performance para o <i>Slam</i> GO.....	p.102
Imagem 27: Ester Linhares em performance para o <i>Slam</i> GO.....	p.103
Imagem 28: Ester Linhares em performance para o <i>Slam</i> GO.....	p.104
Imagem 29: Nativa na Voz em performance para o <i>Slam</i> GO.....	p.106
Imagem 30: Nativa na Voz em performance para o <i>Slam</i> GO.....	p.107
Imagem 31: Nativa na Voz em performance para o <i>Slam</i> GO.....	p.108
Imagem 32: Ari poetisa em performance do <i>Slam</i> GO.....	p.111

Imagem 33: Ari poetisa em performance do <i>Slam</i> GO.....	p.112
Imagem 34: Battousai em performance do <i>Slam</i> GO.....	p.114
Imagem 35: Battousai em performance do <i>Slam</i> GO.....	p.115

SUMÁRIO

Introdução.....	14
CAPÍTULO I: Slam Poesia a batalha de poesia autoral.....	25
1.1 O <i>Slam</i> poesia.....	25
1.2 Performance.....	33
1.3 <i>Slam</i> poesia: sujeito e corpo.....	42
1.3.1 Fundamentos do movimento expressivo.....	45
1.4 Ágora contemporânea: A poesia como política da revolta.....	49
1.5 Batalhas de poesia no cerrado goiano: <i>Slam</i> Falatu e <i>Slam</i> GO edições de 2024.....	55
CAPÍTULO II: A escrevivência, o <i>slam</i> poesia e a busca pelas representações das brasilidades	61
2.1 Escrevivência: É escrever de nós.....	61
2.2 <i>Slam</i> poesia: uma geografia afetiva.....	67
CAPÍTULO III: A performance do <i>slam</i> poesia em Goiás.....	76
3.1 Consciência do corpo.....	80
3.2 Qualidade do movimento.....	89
3.3 Uso do espaço.....	99
3.4 Relacionamento.....	110
Considerações finais	117
Referências	120
Apêndice A - Lista de Grupos e Coletivos Citados.....	125
Apêndice B - Entrevistas com Ester Linhares, Luke ATN, Periférico e Yurus.....	127
Apêndice BA - Entrevista com Nativa na Voz, Ari poetisa, Slender e Battousai.....	131
Apêndice CA - Diário de bordo conhecendo o <i>Slam</i> Falatu.....	146
Apêndice CB - Diário de bordo: <i>Slam</i> Falatu edição de julho de 2024.....	147
Apêndice CC - Diário de bordo: <i>Slam</i> Falatu edição de agosto de 2024.....	150
Apêndice CD - Diário de Bordo Campeonato Goiano de Poesia Falada - <i>SLAM</i> GO.....	153

INTRODUÇÃO

“Escrever é uma forma de sangrar e a vida é uma sangria desatada” (Conceição Evaristo)

O *Slam* Poesia é uma batalha de textos poéticos autorais que há alguns anos vem se consolidando como espaço democrático para a periferia se manifestar a respeito do que deseja e necessita. O primeiro contato que tive com o *Slam* Poesia foi através das redes sociais, por volta do ano de 2017, não havia começado a graduação e, ao iniciar, ainda naquele ano, sabia que deveria estudar o movimento de alguma forma. Essa certeza veio ao me lembrar da sensação de assistir os primeiros vídeos do *Slam* e tentar entender do que se tratava, de perceber as/os poetas em frente ao público, declamando seus poemas, que mais pareciam gritos contra as injustiças e os desrespeitos que sofrem cotidianamente. E ainda, fiquei intrigada com a presença e intensidade que demonstraram.

Desde o início, o que me prendeu ao *Slam* foi a força das palavras e a maneira com que as/os poetas se entregam nas batalhas, em uma aparente tentativa de corporificar ou personificar o discurso e seus significados, trazendo-os à vida através da voz e do corpo. Esse empenho é perceptível, especialmente em participantes mais experientes, por saberem como conduzir o poema de forma mais envolvente, fazendo uso de técnicas vocais, ritmos, pausas, diferentes tons de voz e etc. Em momentos que acompanhei o *Slam* presencialmente, toda a atmosfera do ambiente foca nas performances e o público anseia pela poesia, presos a cada verso à espera da próxima *punchline*¹, envolvendo-se na pulsação que emana do/a *performer* de *slam*, o/a *slammer*².

Ao longo da minha graduação, Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa no Instituto Federal de Goiás, o *Slam* Poesia tornou-se objeto de pesquisa do trabalho de conclusão de curso. A proposta foi analisar como se organiza a estrutura poética das batalhas de *slam* a partir da forma como conduzem temas como racismo, machismo, misoginia, intolerância religiosa, apropriação e esvaziamento das culturas de periferia e outros. Exploramos, deste modo, o caráter de embate presente nessa manifestação, além do acolhimento e empoderamento (Berth, 2019), uma vez que o *Slam* Poesia preza pela experiência coletiva, característica imprescindível ao ato de acolher e empoderar pessoas. Destacamos em entrevistas, documentários e nos próprios poemas, aspectos que ressaltam os conceitos citados. Dessa forma, compreendemos a potência transformadora do espaço de

¹*Punchline*: verso ou estrofe que causa impacto.

²*Slammer* é como são chamados os/as poetas participantes do *slam* poesia.

debates proporcionado pelas batalhas de *Slam*. Cada poeta se propõe a falar a respeito do que lhe atravessa enquanto ser social, cidadão e pessoa, com isso o leque de temas que entra em pauta no *slam* é diverso.

Como exemplo, trago um dos poemas analisados neste primeiro estudo, *Século XXI*, de WJ, Wesley Jesus, poeta, rapper e ator do Rio de Janeiro. Em seus versos, WJ relata vivências de inúmeras pessoas negras ao longo da história de nosso país, que passa a ter mais destaque e consciência por uma maior parcela da população, nas últimas décadas. Situações como insultos relacionados à aparência e a traços característicos de pessoas negras ou abordagens policiais violentas:

Século XXI

Século XXI, onde tudo é comum,
 Policial que confundiu nego com um traficante, matou, foda-se
 Era só mais um
 Esse é o Brasil, e esse é aqui é meu povo
 Mas eu aposto 100 mil contigo, que amanhã ele confunde de novo
 Amanhã, depois e novamente
 [...]
 Século XXI, onde tudo é comum, onde o rico só escuta aplausos
 E eu escuto "Patum"
 Onde o rico dorme feliz, ao mar e suas onda sucintas
 Enquanto o meu despertador é uma glock com pente de 30
 Mirada no alto tem sangue no asfalto e uma bela senhora de salto
 Mas novamente a PM confundiu um simples abraço com grande assalto
 (WJ, 2017)³.

O autor retrata a vivência absurda e desumana, comum a muitas favelas e periferias do Brasil, para destacar o imaginário que a sociedade tem com relação às populações oriundas desses espaços, com maior frequência, pessoas negras. Ana Flauzina Ramos (2023), militante do movimento negro e doutora em Direito, evidencia tal leitura estigmatizante do corpo negro no estudo *Pele Alvo: A bala não erra o negro*, publicado em novembro 2023 pela Rede de Observatórios da Segurança⁴.

Numa outra camada, é preciso também disputarmos a forma como essa dinâmica da carnificina tem sido contada. Aqui, a questão gira em torno de um retrato perverso ao apresentar os dados dos homicídios praticados pela polícia como um problema eminentemente negro. Projetado para o senso comum está uma guerra endêmica, em que pessoas negras – homens em particular – matam uns aos outros, motivados, em última instância, pela violência cultivada em suas comunidades. Trata-se de uma leitura estigmatizante dos territórios negros e explica as mortes a partir da presença massiva de traficantes de drogas. Estes, ao terem suas atividades criminosas ameaçadas pelas forças policiais, reagem de forma violenta, deixando a polícia sem saída a não ser o inevitável derramamento de sangue de muitos culpados e alguns

³Poema transcrito a partir do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=68yppqmqZVE>. Acesso em: 11 jan. 2025.

⁴A Rede de Observatórios da Segurança é dedicada a acompanhar políticas públicas de segurança, fenômenos de violência e criminalidade nos seguintes estados: Bahia, Ceará, Maranhão, Pará, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro e São Paulo.

poucos inocentes. É uma história para justificar os homicídios praticados pela polícia como o resultado de um esforço das elites de civilizar esses territórios, nunca o reflexo de uma política de Estado que usa o contingente policial como meio de impor o terror e perpetuar a desigualdade (Ramos *et al.*, 2023, p.12).

O levantamento feito pela Rede de Observatórios de Segurança apresenta dados da letalidade policial de oito estados brasileiros no ano de 2022, nos mostrando o olhar cruel com que nossa sociedade costuma mirar as comunidades periféricas. Os números colocam a Bahia, estado com a maior população afro-brasileira, em destaque com um total de mortes de 1.121 pessoas negras, somando 906 pardas e 215 pretas, 58 pessoas brancas e 282 não identificadas. Na sequência, temos o Rio de Janeiro com 1.042 mortes de pessoas negras, somando 701 pardas e 341 pretas, 155 pessoas brancas e 132 não identificadas. Os dados de todos os estados participantes do estudo foram pontuados pela omissão das secretarias de segurança pública, tanto no registro dos números, quanto na categorização por raça e cor (Ramos *et al.*, 2023).

É a essa realidade que WJ se refere em seu poema, apresentado com grande maestria em performance no *Slam Resistência*⁵, edição de setembro de 2017. A inquietação do poeta ao se movimentar, a voz firme, combativa e questionadora, os gestos que dão ênfase aos versos que considera necessário e, que, em alguns momentos, podem ser frutos do instante, característica da performance, como ação no tempo e espaço, somada à oralidade e a interação com o público, resultam em um grande êxtase, como ilustra o vídeo disponível no canal Grito Filmes do *youtube*.

Ao rever a performance de WJ e de outros/as poetas analisados ao longo do TCC, me questionei sobre o que me prende tanto a essa manifestação e que, conseqüentemente, me impulsiona a dar continuidade a essa pesquisa. Assim, me apresento, sou uma mulher cis, negra de pele clara, bissexual, que cresceu na periferia de Aparecida de Goiânia, filha do meio de Maria Lúcia e José Antônio, que não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica, e hoje presenciam meus irmãos, Lucas e Lúcio, e eu, Glenda, concluindo a graduação e buscando possibilidades melhores para a nossa família. Sou também uma pessoa curiosa, observadora e tímida, apesar disso, diferentes formas de expressar artisticamente me encantaram ainda na infância, a dança e a escrita surgiram de modo muito natural, a primeira ficou no caminho, mas o ato de escrever me acompanhou muito timidamente. Logo após concluir o ensino médio, comecei o curso de Formação Inicial e Continuada em Interpretação Teatral no Instituto Gustav Ritter, passei a explorar essa forma de expressão e me encantei.

⁵*Slam Resistência* é uma batalha de poesia criada por Del Chaves e um conjunto de ativistas. Teve seu início nas manifestações que ocorreram no ano de 2013, a competição por muitos anos aconteceu na Praça Roosevelt em São Paulo, hoje é itinerante.

Sendo a expressão algo que ressoa tanto em mim, não me surpreende o *Slam Poesia* ser marcante em minha vida, sempre busquei escapes para a rotina de ambientes de convívio comuns que podem ser rígidos e limitantes. Talvez por isso o *Slam Poesia* tenha me causado tanto impacto, me parece um desabafo, uma erupção de questões e emoções que, como vulcões ativos, não adormecem na mente, no corpo, na voz, no olhar e nos gestos desses/as poetas. O magma dessa combustão se espalha tomando tudo ao seu redor e em contato com o público, que também busca desaguar irrompendo as represas de si, moldam novos caminhos e imagens que lhes representem através da poesia.

E para que vocês entendam melhor a minha curiosidade, conheceremos mais a respeito do *Slam Poesia*, a estrutura, as características, a história e o que é esse movimento no Brasil. Para isso, inicio com a fala de Marc Kelly Smith:

Quando comecei, se você fosse a uma leitura de poesia com os poetas mais proeminentes da área, haveria dez pessoas, e logo depois de começarmos, havia centenas de pessoas assistindo a shows de slam poesia [...] Era muito mais arriscado no início, porque nós estávamos experimentando, não sabíamos onde estávamos indo (Corbetta, 2014)⁶.

Organizado por Marc Kelly Smith em Chicago na década de 1980, o *Slam Poesia* é uma competição poética que buscava proporcionar à população local do bairro maior contato com a poesia que fosse no caminho contrário ao seguido pelos círculos acadêmicos, um tanto monótonos e que pouco provocava interesse no público, conforme Bueno (2023). Inicialmente, Smith e o grupo *Chicago Poetry Ensemble*, composto por atores, palhaços, cantores, entre outros artistas independentes da classe trabalhadora da região, usaram como referência as características de suas formações, manifestações artísticas e formas de expressão, com a finalidade de criar um ambiente mais participativo para as declamações. Em um dos eventos, de forma experimental, foi proposto que o público julgasse as performances, como destaca Bueno (2023), surgindo assim, uma das principais características do *Slam Poesia*, a competição.

A batalha de poesia se estrutura ainda, com as seguintes regras: poemas autorais de até três minutos, sem acessórios, figurinos, instrumentos ou sons de fundo, somente a/o poeta, seu corpo e sua voz para engajar o público e os jurados que, geralmente, são escolhidos de maneira aleatória entre os espectadores presentes, ganha quem tiver a maior nota. Embora seja uma competição, desde sua origem, Kelly Smith reforça a importância da participação dos/as poetas e a atenção aos poemas e as mensagens. Portanto, o formato competitivo é o meio pelo

⁶Tradução feita por mim do trecho da entrevista com Marc Kelly Smith para o documentário “*Poesia Ad Alta Voce*”, em junho de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AtutUuj_Tno> acesso em: 18 set 2025.

qual se torna possível promover maior conexão entre poeta e público.

As regras acima funcionam como um guia para organizar as competições e deixá-las mais fluidas e diretas quando se trata da comunicação com o público, para isso, as batalhas contam com o/a *slammaster*, responsável por conduzir a competição e instigar a participação dos espectadores. O júri, em alguns eventos é escolhido com antecedência, mas ainda assim, existe o apelo pela imparcialidade.

Sob o ponto de vista prático, as comunidades do *slam* organizam-se de acordo com suas realidades, e são incentivadas, pelo próprio fundador Marc Smith, a levarem em consideração suas especificidades e a criarem dinâmicas de funcionamento que atendam às suas demandas, para que a prática de *slam* se torne orgânica e não algo rígido e aprisionador. O *slam* tem um caráter de *copyleft*, nenhuma das comunidades paga para usar o nome ou o “método”, as informações são disponibilizadas em rede para todos, e incentivados o diálogo e o trânsito entre diferentes comunidades (Nascimento, 2012, p.100, grifos da autora).

Comunidade é o termo utilizado por Roberta Nascimento (2012), também conhecida como Roberta Estrela D’Alva, para se referir aos grupos praticantes do *Slam* Poesia, pois “esses vêm se organizando coletivamente em torno de um interesse comum, sob um conjunto mínimo de normas e regras” (Nascimento, 2012, p.98), cada coletivo adapta as batalhas à sua realidade, “cultivam o respeito aos fundadores do movimento e possuem um conhecimento detalhado sobre sua recente história, seus fundamentos e “filosofias” (Nascimento, 2012, p. 98). Essa abordagem possibilita que alguns poetas sejam mais frequentes em determinadas batalhas, no entanto, não existe incentivo para que se criem celebridades, o foco do *Slam* está em celebrar a comunidade como um todo.

Seja pelo formato do evento, pela abertura a temas diversos ou a tentativa e desejo de aproximar a poesia da população, o *Slam* se expande mundialmente e é abraçado por diferentes comunidades em diversos países, de forma que, no ano de 2002, em Roma, na Itália, aconteceu o primeiro campeonato internacional de *Slam*. “Os poetas se apresentaram em suas línguas nativas e, em uma grande tela de projeção posicionada atrás deles, o público acompanhava simultaneamente à tradução” (Nascimento, 2012, p. 98). Ainda hoje, as competições internacionais acontecem nesse formato, o/a poeta se apresenta em sua língua nativa, no caso de *slammers* brasileiros, o português, e o poema é projetado ao fundo em inglês, espanhol e francês. A exemplo disso, tivemos o WPSC - Campeonato Mundial de *Poetry Slam*, na Flup Rio⁷ 2023, que contou com a participação de 40 poetas de 5 continentes,

⁷A Flup Rio é a Festa Literária das Periferias, que tem como objetivo promover deslocamentos e diálogos literários entre centros e periferias. Em 12 anos de atuação ocupou diferentes espaços no Rio de Janeiro, propondo experiências com personalidades da literatura nacional e internacional. Em 2020, o projeto foi vencedor do Prêmio Jabuti na categoria Fomento à Leitura. Em 2023, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro declarou a FLUP patrimônio cultural imaterial.

entre eles, o O’Cotta, poeta, *slammer* e rapper, nosso representante brasileiro.

A realização do Campeonato Mundial de *Poetry Slam* no ano de 2023 também marca o aniversário de 15 anos da chegada do *Slam* Poesia no Brasil. O Movimento chega através de Roberta Estrela D’Alva que, junto ao Núcleo Bartolomeu de Depoimentos⁸, organizaram o *ZAP! Slam* (Zona Autônoma da Palavra) no ano de 2008, em São Paulo. O *ZAP! Slam* é uma das principais batalhas nacionais, sendo referência para as demais que foram criadas nos anos seguintes em todo país. Conforme, Martins (2017):

Roberta conheceu a modalidade através de vídeos, mas foi durante uma viagem aos Estados Unidos, há quase dez anos, em que ela se aprofundou no tema. Ao voltar, sentindo a falta de um movimento como o que acabara de conhecer, decidiu criar o *ZAP! Slam*. [...] O evento foi pioneiro no ramo aqui no Brasil, mas sua origem impulsionou o nascimento de diversos outros *slams* pela cidade, pelo estado e, cada vez mais, por todo o país, como o *Slam* da Guilhermina, o segundo do país, sob a batuta de Emerson Alcalde e realizado em uma praça pública, ao lado da estação Guilhermina-Esperança, zona leste de São Paulo (Martins, 2017, grifo nosso).

O *ZAP! Slam* foi a primeira batalha de poesia a ser organizada no Brasil, mas foi com o *Slam* da Guilhermina que uma característica importante para os *slam’s* nacionais surgiu, a ocupação de espaços públicos e abertos; praças, parques, ruas, etc. Organizado pelo coletivo que leva o mesmo nome, o *Slam* da Guilhermina foi criado em 2012 e acontece na praça ao lado da estação Guilhermina-Esperança, os encontros acontecem geralmente na última sexta-feira do mês (Martins, 2017). Além de ser uma das mais constantes competições de *Slam* em nosso país, o *Slam* da Guilhermina é referência pela localidade. Inspirada nas batalhas de MC’s e saraus de periferia, a rua é um local em que grupos periféricos já se apropriam com outras manifestações, o *Slam* da Guilhermina relembrou esse fato e influenciou várias batalhas ao redor do país.

É importante ressaltar que, ao chegar no Brasil, o *Slam* Poesia é absorvido principalmente por grupos periféricos e pessoas marginalizadas, dessa forma, a notoriedade das batalhas de poesia se dá, também, entre as pessoas que esse ambiente acolhe. Em São Paulo, existem manifestações em regiões centrais, mas a grande maioria ocorre em bairros descentralizados. Em Brasília acontece da mesma forma, e nos arredores do Plano Piloto, Taguatinga, Valparaíso, Céu Azul e outros, são locais em que as comunidades se organizam há anos para a realização de *Slam* Poesia com frequência.

Em Goiânia e região algumas batalhas de *Slam* são itinerantes, como o *Slam* Reexistir

⁸Núcleo Bartolomeu de Depoimentos é uma companhia paulista, fundada em 1999, com uma linguagem característica, o teatro *hip-hop* (Nascimento, 2012), faz uso de elementos da cultura hip-hop como, *breaking*, grafite e rap, na montagem de seus espetáculos teatrais. A direção de dramaturgia é de Cláudia Schapira e do DJ e ator Eugênio Lima.

que surgiu em Anápolis, o *Slam* do Ser que é de Trindade, já outros como o *Slam* é o Puxa! ocupa a escadaria da Vila Cultural Cora Coralina, no Setor Central de Goiânia e, apesar de ser um cenário relativamente recente, o *Slam* que acontecia com maior frequência na região metropolitana teve seu início em 2018, o *Slam* Falatu. Não foi a primeira batalha organizada, mas sim a que perdurou por maior tempo com regularidade. O *Slam* Falatu recebeu até 2024, ano em que o Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá realizou o último circuito da batalha, pessoas de diferentes lugares, em geral da Região Metropolitana de Goiânia e nas edições agosto de 2023 e abril de 2024, que contaram com a presença de poetas de Brasília.

Receber pessoas de diferentes regiões e estados é comum, desde que a/o poeta siga as regras já divulgadas anteriormente e se encaixe na proposta da batalha local, como por exemplo, o *Slam* das Minas⁹, que propõe o recorte de gênero e foi criado após pouca representação feminina na edição de 2015 do *SLAM* BR - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada que ocorreu em São Paulo.

No caso do *Slam* Falatu, com exceção de algumas edições em que o recorte é indicado desde a divulgação, a batalha geralmente não aponta configuração específica, recebendo assim, diversas pessoas e narrativas. Ter uma batalha frequente e que possibilitou o diálogo entre pessoas interessadas em promover cultura independente de forma coletiva, impulsionou a formação de uma comunidade de poetas e públicos frequentes em diferentes locais na Região Metropolitana de Goiânia. Viabilizou ainda, a comunicação com coletivos do entorno de Brasília que, desde 2023, se unem para fortalecer a presença do estado de Goiás em batalhas de *Slam* Poesia em esfera nacional.

O destaque feito a respeito do *Slam* ser incorporado por figuras marginalizadas, como pessoas negras, mulheres e LGBTs ao chegar no Brasil, nos diz também sobre a característica essencial que configura as batalhas em nosso país, as ruas. É histórico e infelizmente muito comum, ainda atualmente, que essas personas sejam delegadas à marginalidade, geográfica e socialmente. No entanto, também é verídico que, colocadas em tais situações por questões sistêmicas que constituem a sociedade de um modo geral, dentro dos moldes do neoliberalismo, essas pessoas encontrem por meios diversos e o senso de comunidade, formas de se manifestarem para além da necessidade de direitos básicos, mas pela possibilidade de se inscreverem no mundo à sua maneira, com a sua forma de viver e expressar.

Retomando o histórico do *Slam* Poesia no Brasil, uma de suas principais figuras, é o poeta Emerson Alcalde, um dos idealizadores e *slammasters*, junto a Cristina Assunção, do já citado, *Slam* da Guilhermina:

⁹O *Slam* das Minas surgiu em 2016 em SP e logo ganhou variações em diversos estados brasileiros.

Primeiro *slam* de rua do Brasil, criamos essa linguagem aí inspirado nas batalhas de MC's, que ocorrem geralmente próximo a estações de metrô e também dos saraus de periferia. Então a gente resolveu fazer esse evento, *Slam* da Guilhermina, e a gente fica muito feliz e grato em saber que essa modalidade se espalhou aí pelo país, vários *slams* fizeram esse formato e um deles, o *Slam Resistência* (*Slam Resistência*, 2021, 21min 14s - grifos nossos).

O *Slam Resistência* foi criado em 2013 por um grupo de artistas e ativistas que participavam das manifestações que tiveram como estopim o aumento da tarifa da passagem do transporte público. A competição contou com a força de nomes significativos para o hip-hop nacional, entre eles, o B. Boy Banks¹⁰, dançarino, poeta e *slammer*. Os relatos feitos por Del Chaves, poeta, ativista, *slammaster* do *Slam Resistência* e Emerson Alcalde (*Slam* da Guilhermina) indicam que o peso e a importância da presença do Banks para a batalha que acontecia na praça Roosevelt (São Paulo-SP) está ligada a interação com o público. Viu-se a necessidade de alguém que conseguisse comunicar e conduzir os espectadores ao longo do evento, e Banks foi essa pessoa, compartilhando a experiência adquirida com as batalhas de *break* com a equipe do *Slam Resistência*.

Faz parte da *ruologia* né? É o nosso estudo e o B.Boy Banks sempre esteve presente nisso daqui.[...] E depois o Banks, além de continuar na dança, passou a frequentar os *slams* e foi no Resistência que ele passou a fazer parte da equipe, ele chegou no slam num momento um pouco conturbado, as pessoas estavam questionando o evento por causa de algumas atitudes equivocadas e ele chegou e apaziguou o evento, deu um direcionamento, tanto pro público, tanto pra equipe que faz parte, com sua experiência do hip-hop, de rua, da resistência, da luta. E ele deu uma equilibrada na parada, como se fosse um xamã. O Banks e o Cerebro, eles fizeram essa ponte do *slam* com o hip-hop (*Slam Resistência*, 2021, 15min 19s, grifo nosso).

A localidade do *Slam Resistência* também deve ser destacada, a Praça Franklin Roosevelt fica na região central da cidade de São Paulo. “A área geográfica é realmente um ponto, é um eixo que vai agregar a todas essas zonas e com certeza, faria uma mudança cultural na cidade, a intenção era essa também” (*Slam Resistência*, 2021, 5min 21s). Por essa razão, a competição recebe poetas e públicos de diferentes experiências.

Em entrevista à Rede TVT, Estrela D’Alva enfatiza que foi no Brasil que as batalhas de poesia começaram a ocupar as ruas e ambientes mais abertos em que a população, em geral, pode ter acesso. Em outros países é comum que as competições do *Slam Poesia* aconteçam em espaços fechados como teatros, bares, *pubs* e auditórios.

Tem uma característica aqui que é bem diferente que é lá fora, lá os slams acontecem muito indoor, em clubs, em teatros, em bares. Aqui acho que de 150 que a gente tem hoje no Brasil 5 são em lugares fechados, o resto tudo acontece na rua, então tem

¹⁰B.boy Banks, ou Ericson Carlos Pires da Silva, foi uma figura importante para cultura *hip-hop* sendo um grande *b.boy*, como são chamados os dançarinos da dança de rua. E também se tornou um poeta de destaque, além de contribuir para organização do *Slam Resistência* compartilhando o conhecimento e a experiência adquiridos nas batalhas de hip-hop.

essa característica da retomada do espaço público como seu por direito e a ágora, que é o lugar por excelência da política, de discutir os problemas da pólis, [...] só que na Grécia, mulheres e escravos não eram gente e aqui o formato é esse, mas os agentes são os cidadãos e cidadãs, é política feita pelas pessoas e para as pessoas (Rede TVT, 2018, 8min 34s).

Um destaque importante a ser feito na fala de Estrela D’Alva e no título do documentário, *Ágora do Agora*, já referenciado, é a palavra **ágora**, que remonta a Grécia Antiga, onde a população se reunia para debater política, filosofia, acompanhar atividades artísticas, eleições e outras.

O *Slam Resistência* foi contemplado pelo projeto do programa VAI 2, da Prefeitura de São Paulo, Secretaria de Cultura. E ele tem esse nome, *Ágora do Agora*, pra fazer uma relação com a ágora da Grécia, aonde se discutia política, se discutia a pólis, né? Toda a cidade se reunia pra discutir as melhorias, pra onde deveria ir, então era um lugar democrático essa ágora. E aí fizemos essa brincadeira com a *Ágora*, agora. Então agora esse lugar de democratização, de fala, de escuta, de debater a sociedade é nos *slams* de rua (*Slam Resistência*, 2021, 22min 41s, grifos nossos).

A rua tem sido o palco de inúmeras manifestações culturais brasileiras ao longo da nossa história, dentre os eventos promovidos pela cultura de rua nacional estão as batalhas de *MC's* e *break*. Em São Paulo, como dito anteriormente, por serem organizadas próximo a estações de metrô, foi uma das inspirações para que o coletivo *Slam* da Guilhermina realizasse a batalha de poesia na praça da estação Guilhermina-Esperança. Outro aspecto já citado, mas importante de lembrar que comunica o *Slam Poesia* à cultura hip hop é a ruologia¹¹, ocupar a rua. Para a pessoa marginalizada que organiza, participa como poeta, artista e público de um movimento cultural, exige-se conhecimento, respeito e compromisso.

A cultura hip hop também é conhecida como “cultura de rua”, ou como a “escola das ruas”. Uma rua que se configura como território de todos e de ninguém, da criação autodidata e onde se descobre constantemente em alternância criativa novas formas de comunicação (Nascimento, 2012, p.16).

Esse destaque nos diz sobre o que a rua exige e proporciona a seus frequentadores. As pessoas que se propõem a ocupar esse espaço, criam um código de conduta que é aprendido no convívio e torna possível que as relações se deem de forma respeitosa, algo que parte da disposição de quem está presente em colocar as batalhas como ambientes receptivos e acolhedores, essa é a proposta do *Slam Poesia* no Brasil.

A pesquisa em questão tem como objetivo central analisar a performance das/os poetas, buscando compreender como as batalhas do *slam*, ao indicar através das regras, a poesia como centralidade por não permitir o uso de elementos como: cenário, figurinos e sons

¹¹Termo criado por Gaspar do grupo Z’África Brasil, designa os estudos das calçadas e suas vivências, um conhecimento passado adiante através da arte desenvolvida por pessoas que são discriminadas e desacreditadas pelos espaços tradicionais em geral e acabam se voltando para as ruas e, portanto, são ruologas/os.

de fundo, evidencia o corpo, a voz e a performance do/a *slammer* como características preponderantes para a comunicação do poema. Uma vez que, sem suportes externos que auxiliem na construção de uma atmosfera cênica e, tendo como prerrogativa a competição, os/as poetas precisam utilizar o que está à sua disposição, o corpo: na gestualidade, no caminhar, no olhar; e a voz: nas pausas, nas entonações e no ritmo, para envolver público e, consequentemente, o júri em sua performance.

Por meio de uma abordagem qualitativa para a condução da pesquisa utilizamos a observação em campo como uma das metodologias ao acompanhar 5 batalhas de poesia que compuseram o *Slam Falatu* e *Slam GO*, no ano de 2024. Essas observações levaram a produção de diários de bordo e entrevistas com registro em áudio, posteriormente transcritos, além disso, utilizamos também o material audiovisual produzido pela própria organização do evento. A análise desses dados se deu por meio de um olhar interpretativo, que buscou cruzar as informações dos poemas declamados nas batalhas com as entrevistas e os conceitos de performance e oralidade trabalhados por Paul Zumthor (1993 e 1997), Leda Maria Martins (2013 e 2021) e Diana Taylor (2013), bem como o conceito de escrevivência, termo aprofundado a partir da obra teórica e literária de Conceição Evaristo (2020).

No primeiro capítulo destaco as características do *Slam* Poesia, como a linguagem informal e como a mesma aproxima público e poeta, além de representar a oralidade presente nos poemas e batalhas, que impulsionam a partilha, preservação e acesso a conhecimentos que sistematicamente são negados a populações marginalizadas. Ressalto ainda, o conceito de performance por Paul Zumthor (1993 e 1997), Leda Maria Martins (2013 e 2021) e Diana Taylor (2013) e suas possíveis compreensões, focando no que se comunica com a pesquisa. Por fim, apresento o protocolo de análise das performances a serem feitas no capítulo 3, proposto a partir da pesquisa de Regina Miranda (1979), na obra *O Movimento Expressivo*.

No capítulo 2, seguimos para a discussão sobre as conexões entre as poesias do *slam*, com foco nos escritos e processos de escrita de poetas do estado de Goiás, e a escrevivência de Conceição Evaristo (2020), e como ambos estudos representam na escrita, histórias de pessoas, social e geograficamente marginalizadas, com uma representação mais complexa e respeitosa com esses sujeitos, diferente do que tem apresentado a compreensão eurocêntrica da literatura hegemônica. Na conclusão deste pensamento, vemos tanto o texto poético do *slam* como a literatura de Evaristo como uma possibilidade de repensar as identidades brasileiras.

No terceiro capítulo, é feita a análise das performances de Ester Linhares, Yurus, Periférico, Luke ATN, Nativa na Voz, Air poetisa, Slender e Battousai, a partir das edições do

Slam Falatu e do Campeonato Goiano de Poesia Falada - *Slam* GO 2024, das entrevistas, vídeos e diários de bordo. Apresento no início do capítulo como realizei o processo de observação e como conduzi as entrevistas. Realizei as análises, como destacado anteriormente, a partir do protocolo construído a partir da obra de Regina Miranda.

CAPÍTULO I: *Slam* Poesia a batalha de poesia autoral

Poetividade intervenções culturais sociais
 Poética pra batalha
 Venham e tragam o seus molotovs verbais
 Dizemos mais
 Paz
 Venha sócio epifania
 Poesia sempre vence
 A competição é ironia
 Dialético
 Esporte poético
Slam com o espírito
 Le parkour com as palavras
 Brasil!
 Vandalismo lírico
 Tem espaço pra geral
 Tem até poeta mudo
 Mostre o seu poder composicional
 Em três minutos
 Tragam suas armas letrais
 Atitude e inteligente
 Sabotagem sem mensagem na mensagem
Slam Resistência
 Multietnia é nós
 Aho!
 Brasilidade
 Trovadores, pensadores da contemporaneidade
 Trovadoras, pensadoras da contemporaneidade
 (Del Chaves)¹²

1.1 O *Slam* Poesia

O *Slam* Poesia se tornou uma grande plataforma de comunicação na qual os/as poetas manifestam os acontecimentos de suas comunidades, além de ser “uma nova forma de acesso ao conhecimento e uma maneira diferente de comunicá-lo” (Bueno, 2023 *apud* Teninna, 2017, p. 45). Outra característica que qualifica este espaço de partilha e aprendizado como democrático, é a linguagem. Não há exigências para a poesia do *slam* quanto a maneira com que o poema é escrito, se terá uma abordagem mais coloquial com gírias e expressões cotidianas, ou seguirá a norma-padrão; se terá uma mensagem mais direta ou subjetiva, tudo isso fica a cargo do/da poeta.

Em alguns casos, os/as *slammers* transitam entre tais possibilidades de escrita para mostrar aos espectadores, e eventualmente, a pessoas que buscam deslegitimar o movimento

¹²Poeta, *slammaster*, ativista e um dos idealizadores do *Slam* Resistência, declama o poema de abertura da batalha em questão ao lado de Lika Rosa, também poeta e *slammaster*. O registro foi feito para o documentário, “*Slam* Resistência Agora do Agora”, contemplado pelo edital VAI (Valorização a Iniciativas Culturais) da Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <<https://youtu.be/jDFSFoMsVm8?si=uOCukNIwvQLOBoZX>>.

slam, que a escolha pela abordagem informal ocorre com a intenção de comunicar diretamente com os seus, em suas comunidades, visto que, a informalidade do poema gera uma maior aproximação entre a/o poeta e o público. Essa preferência também se relaciona com uma das principais formas de transmissão de conhecimento no Brasil, a oralidade, que está presente especialmente nas periferias. Esse acontecimento não é inédito na escrita brasileira, Silva (2019) discorre a respeito de características da oralidade na obra de Lima Barreto no trecho a seguir:

investe contra o arsenal de gramatiquices e erudição da língua escrita, produzindo uma minoração da língua hegemônica a partir de um procedimento criativo que remete a língua à informalidade e aos processos comunicativos da oralidade, e não à tradição literária que busca na norma culta seu código de referência (Silva, 2019, p. 141).

Lima Barreto, em crônica publicada pelo jornal *Careta*, no Rio de Janeiro, em 1919, afirma: “se a tua dor te incomoda, faze dela um poema”, frase que, mais de um século após a sua publicação, comunica com inúmeros poetas cujas escritas, além de manifestarem suas dores, transbordam em performances. Os/as *slammers* seguem caminhos similares aos da “literatura barretiana” (Silva, 2019), ao produzirem seus escritos tendo em mente o principal elemento dessa modalidade, a comunicação com os seus. Para exemplificar a importância do processo comunicativo no *slam*, Tawane Theodoro, poeta paulista, performa “O peso das palavras”. O poema inicia com um trecho da música “Moleque Atrevido”, de Jorge Aragão e, prossegue pedindo respeito a trajetória das batalhas de poesia em si.

O peso das palavras

Hoje em dia é fácil dizer
 Que essa música é nossa raiz
 Tá chovendo de gente que fala de samba e não sabe o que diz
 Por isso vê lá onde pisa, respeite a camisa que a gente suou
 Respeite quem pôde chegar onde a gente chegou
 É que poesia marginal é mais que texto com palavras bonitas pra gente rica fazer reflexão
 Isso aqui! É papo de salvação
 Pra mim o verbo solto, pra vocês que o verbo prenda
 E pra qualquer um que duvidar da nossa competência
 Que o verbo rasgue, porque aqui é essência
 Quero as crianças da viela me entendendo
 E rico branco que se acha lá de cima abaixando a cabeça
 Porque mesmo que ele não queira, ele tá me entendendo
 Não preciso vim aqui despejar palavras bonitas de difícil entendimento
 Eu quero as mana preta me olhando e falando
 Por causa da sua poesia a minha autoestima tá crescendo
 (Theodoro, 2019)¹³.

Theodoro performa enfatizando a representação dos processos comunicativos

¹³Poema transcrito a partir do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dJa6q6DgLLg>. Acesso em: 11 jan. 2025.

proporcionados pelo *slam*, enquanto destaca o seu público alvo, “Quero as crianças da viela me entendendo”, “Eu quero as mana preta me olhando e falando / Por causa da sua poesia a minha autoestima tá crescendo”. A poeta demonstra ainda, o que tem sido pontuado com relação a linguagem explorada nos poemas, um “procedimento criativo que remete a língua à informalidade e aos processos comunicativos da oralidade” (Silva, 2019), ao declamar “Não preciso vim aqui despejar palavras bonitas de difícil entendimento”, dessa forma enfatiza a sua escolha na criação de seus escritos.

Imagem 1: Tawane Theodoro em performance no *Slam* da Guilhermina



Fonte: Vídeo do canal no youtube do *Slam* da Guilhermina - 1m10s.

Ao longo da performance, Theodoro mantém a voz firme e incisiva, os olhos acompanham o público à frente, e as mãos gesticulam, frisando as palavras do poema, pontuando ações descritas no texto, como na imagem acima. A postura confiante, olhar focado e o ritmo que é empregado pela *performer*, conduz o público que responde com grito de aprovação quando a poeta declama:

E cêis não tão entendendo
 Sempre falam do topo pro topo
 E a gente qué tirar os nosso de baixo e crescê-los pouco a pouco
 Pra eles isso é um absurdo
 Vi academicista falando que o que a gente fazia não era poesia
 Duvidaram que a gente tava fazendo história
 Mostrei os livros que tem poesia minha e vocês estão nos estudando
 Então respeita a nossa trajetória
 Mas falo isso com o maior cuidado
 Kimani me passou a ideia e o papo foi dado
 “Quando os meus pés saírem do chão e eu tiver voando só pelo meu ego,
 me desce e me lembra do porque eu tô aqui”

É isso parceira faz o mesmo por mim
 Porque se a gente tiver pensando só em fama nós logo vai cair
 (Theodoro, 2019).

O trecho destaca um diálogo entre as poetisas Tawane Theodoro e Kimani, que reforça o desejo de ambas em ajudar os “seus” na busca por uma vida melhor para elas e para a coletividade presente nas batalhas de poesia. Enquanto espaço de convivência, comunicação e partilha, o *Slam* Poesia estabelece uma plataforma democrática e de livre expressão, na qual princípios básicos da cidadania prevalecem, o respeito à diversidade é um deles, aspecto destacado por D’alva (2019), no trecho a seguir:

O poetry slam é reconhecidamente um movimento social, cultural e artístico que tem sido utilizado como plataforma para criar espaços nos quais a manifestação da livre expressão poética, do livre pensamento e a coexistência em meio à diversidade são experienciados como práticas de cidadania. [...] A auspiciosa junção de política, arte, entretenimento e jogo, somada à sua vocação comunitária, fazem com que os slams sejam celebrados em comunidades no mundo todo, com realidades completamente distintas (D’alva, 2019, p.270 e 271, grifos da autora).

A autora evidencia a “vocação comunitária” das batalhas de poesia por meio do acolhimento de diferentes grupos sociais em suas próprias manifestações. Esse processo se expande para além do momento da competição, a intenção é oferecer suporte a suas comunidades, mostrar a outras pessoas, sejam elas jovens, adultas e, principalmente, crianças e adolescentes, as possibilidades que podem ser construídas através da educação e cultura posto que, “tornar-se bandido é uma opção sempre à disposição de crianças e adolescentes que vivem nas periferias das grandes cidades” (Bueno, 2023, p.48). Theodoro volta a reforçar esse compromisso no seguinte trecho:

Que tem o dom da palavra não é privilegiado
 É escolhido!
 É papo de compromisso
 Temos que entender o sentido de tudo isso
 Cê acha mesmo que o Marc Smith criou o *Slam*
 Aí a Roberta Estrela D'alva foi lá em Chicago conseguiu trazer ele pra cá
 Pra vocês meterem o louco de discurso alheio e se apropriar?
 "Nossa eu levei nota máxima, olha como eu tô arrasando!"
 Parabéns!
 Mas quanto dessas palavras você tá vivenciando?
 Não adianta fazer um texto pesado, mas nas palavras da vida tu não representa
 É simples!
 Falou no mic?
 Sustenta!!!
 Tenta entender todo o movimento
 É sobre os menor tá te olhando e falando
 "Aí tia! Comé que eu faço pá também tá rimando?"
 Trazer mais gente pro nosso lado
 Que os menor não vá pro caminho errado por ter nos escutado, sacô?
 Assino embaixo do que o Beká falou
 “Pois eu sou bom com as palavras, a minha obrigação é ser duas vezes melhor nas minhas atitudes”

Reforço!
 Se as palavras são pesadas a gente faz a atitude ser dez vezes mais
 (Theodoro, 2019).

A vida e a poesia são caminhos entrecruzados, as comunidades do *Slam* Poesia prezam por poetas que vivem a responsabilidade do que suas palavras representam. Com isso, destacamos que, na participação de *slammers* e do público, geralmente busca-se ações que explorem a poesia para potencializar a coletividade desse corpo social e sua articulação política e cultural. Por consequência, a conexão se dá de forma mais profunda e significativa entre sujeitos que compreendam a importância de sua produção cultural e pertencimento social.

Devido ao seu interesse em estar “na sintonia dos protestos, dos movimentos sociais e do enfrentamento político ativo”, de se configurar “para além das poesias”, como fórum de discussão de “formas de intervenções sócio-culturais no meio da babilônia de concreto (Freitas, 2020, p. 10).

A competição do *Slam* Poesia se torna um importante meio para a construção desta consciência sociocultural de organizadores, poetas e público enquanto cidadãos e traz a compreensão de que, esse lugar, o da cidadania, deveria lhes proporcionar a possibilidade de viver em melhores condições, mas que, em razão de negligências governamentais, eles são privados de muitos dos seus direitos, inclusive alguns essenciais para a percepção de ser social, são eles, cultura e educação, como aponta André Bueno (2023):

É difícil conceber que a difusão da literatura e o acesso de pobres a conhecimento e condições financeiras dignas possam ser considerados "problemas", mas a ideia deve ser entendida num contexto mais amplo: a sujeição das massas é condição necessária à manutenção do Estado opressor, elitista, policialesco e capitalista. Para isso, exige-se que essas pessoas sejam privadas de conhecimentos que as façam refletir sobre as próprias condições, sobre a opressão a que estão submetidas. Por isso, nega-se o acesso à literatura, que pode ser um caminho através do qual se constroem conhecimentos que contestem a condição de vida imposta a populações pobres, principalmente periféricas (Bueno, 2023, p.49).

Dessa forma, ao ter o acesso a conhecimento de forma digna negado pelo Estado, a própria população local busca formas para preencher essa lacuna, como expõe Theodoro (2019), evidenciando o objetivo de promover atividades culturais para além das batalhas de poesia, alcançando assim, mais pessoas da comunidade. Ao longo da performance, a poeta foca nas características importantes que a abordagem das competições poética propicia e conclui ao declamar:

As palavras são pesadas e o futuro se eleva
 Tranquilo
 Like? É o de mínimo
 E hipe? Eu não tô atrás disso
 Porque são mais de 8 milhões de visualizações

E quem me salva diariamente cabe numa mão
 Então firma esse pé no chão
 No topo a gente vai chegar
 Porque a quebrada produz e é de qualidade
 Mas é importante estar junto na verdade
 Quem aqui ficar posado será cobrado
 Vocês não aceita baba ovo, caralho
 Isso aqui é espaço de cura
 Pros nossos oferecer cultura
 Vocês desenvolvam a escuta
 Cheguem pra somar
 Caso contrário
 A porta da rua é serventia da casa
 Cês nem tinham que entrar
 (Theodoro, 2019).

É notório ao longo do debate que desenvolvemos a partir do poema de Tawane Theodoro, que o *Slam* Poesia representa para suas comunidades a possibilidade de acesso a conhecimentos diversos e a promoção da cultura através das batalhas alicerçadas na coletividade, porque é essa movimentação que garante continuidade das competições, considerando que políticas de fomento e incentivo à cultura nem sempre abrangem tais eventos.

A movimentação coletiva se consolida principalmente pelas características da oralidade que, como debatidas por Leda Maria Martins (2003) em *Performances da oralitura: corpo, lugar da memória*, são formas de registrar, transmitir conhecimentos e figurar o real (Martins, 2003). Além disso, por ser um espaço democrático e, portanto, estar aberto a diversas pessoas, o *Slam* Poesia é uma manifestação viva e ocorre em ambientes e momentos específicos, necessitando, para sua compreensão, o entendimento da linguagem e da circunstância desse episódio.

Tal aspecto reforça a oralidade como princípio da sabedoria gerada naquela comunidade. Salienta ainda, que a mesma ocorre entre um conjunto limitado de pessoas, uma vez que esse grupo precisa compartilhar repertórios semelhantes para que a comunicação aconteça. Por consequência dessa conexão, o diálogo promovido pela oralidade no *Slam* Poesia possibilita uma imersão que se desprende da “visão mapeada pelo olhar, apreendido como janela do conhecimento” (Martins, 2003, p.64), por, em geral, estar profundamente vinculada à experiência de vida de cada pessoa presente.

Leda Maria Martins (2003) faz uso do termo “janela do conhecimento” para se referir ao conhecimento que é pautado na escrita e que somente pode ser absorvido pelo olhar, através da leitura de quem foi “capacitado” a decifrar os códigos da escrita e é igualmente registrado por esses indivíduos, também a partir de saberes captados pela visão.

O domínio da escrita torna-se metáfora de uma ideia quase exclusiva da natureza do conhecimento, centrada no alçamento da visão, impressa no campo ótico pela percepção da letra [...] Tudo que escapa, pois, à apreensão do olhar, princípio privilegiado de cognição, ou que nele não se circunscribe, nos é ex-ótico, ou seja, fora de nosso campo de percepção, distante de nossa ótica de compreensão, exilado e alijado de nossa contemplação, de nossos saberes (Martins, 2003, p.64).

Esse processo nos aprisionou em “janelas do conhecimento” que limitam a nossa habilidade de apreensão a medida em que desaprendemos o uso dos demais sentidos na construção de nossas experiências e aprendizados, inclusive de outros campos de percepção corporal, aqueles que não conseguimos compreender racionalmente ou que seja possível traduzir em palavras.

Por outro lado, a oralitura, termo proposto por Martins (2003), configura os conhecimentos compartilhados pela comunicação oral e aqueles experienciados pelo corpo, ainda que esse saber não possa ser quantificado ou avaliado da mesma forma que a escrita. A autora nos faz refletir sobre o processo de aquisição de saberes e a forma como o mesmo é limitado por focar na teoria, negligenciando outros processos de aprendizagem.

As performances rituais, cerimônias e festejos, por exemplo, são férteis ambientes de memória dos vastos repertórios de reservas mnemônicas, ações cinéticas, padrões, técnicas e procedimentos culturais residuais recriados, restituídos e expressos no e pelo corpo. Os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos, dentre outros, além de procedimentos, técnicas, quer em sua moldura simbólica, quer nos modos de enunciação, nos aparatos e convenções que esculpem sua performance (Martins, 2003, p.67).

O que é colocado por Leda Maria Martins (2003, 2021) e também por Paul Zumthor (1993, 1997) é que podemos conceber a oralidade como forma de transmissão de conhecimentos socioculturais, reconhecido espaço de socialização e produção de cultura e arte com grande influência no desenvolvimento de nossa identidade enquanto indivíduos e nação.

Apesar disso, fomos distanciados das heranças que mais nos permitem explorar tais características, “a textualidade dos povos africanos e indígenas, seus repertórios narrativos e poéticos, seus domínios da linguagem e modos de apreender e figurar o real, deixados à margem, não ecoaram em nossas letras escritas” (Martins, 2003, p.64). Apesar da marginalização sofrida por essas culturas, manifestações de resistência sempre ocorreram e como resultado, tais atos foram classificados como arte popular, o folclore, uma espécie de cultura subalterna em detrimento à hegemônica, que preza pelo registro escrito, como enfatiza Zumthor (1997). O autor suíço define ainda algumas funções históricas das produções subalternizadas:

a de um sonho de desalienação, de reconciliação do homem com o homem e com o

mundo; elas dão sentido e valor à vida cotidiana, o que não implica em sua identificação com as "tradições populares", transformadas, atualmente, em objeto museológico (Zumthor, 1997, p. 23).

Deste modo, Zumthor (1997) categoriza duas formas pelas quais essas manifestações ocorrem, uma delas são as tradições populares, no caso do Brasil, as Congadas, Folia de Reis, Festa Junina, o Festival de Parintins, os Lambe-Sujo e Caboclinhos de Sergipe e etc. As demais são acontecimentos que emergem de forma orgânica a partir da necessidade que um determinado grupo tem de se manifestar, esse é o caso do cordel, repente, rap, *Slam Poesia* e outros. Ambas cumprem uma função sócio-cultural em uma comunidade, mas em diferentes proporções. O autor destaca ainda, a maneira como a oralidade influencia no cotidiano, na história e na memória de sujeitos sociais:

aos ciclos naturais, interioriza, sem conceituá-la, sua experiência da história; ele concebe o tempo segundo esquemas circulares, e o espaço (a despeito do seu enraizamento), como a dimensão de um nomadismo; as normas coletivas regem imperiosamente os seus comportamentos (Zumthor, 1997, p. 36).

Assim sendo, a consciência coletiva, descrita anteriormente, como característica do *Slam Poesia*, compõe a base da oralidade, que também pauta essa manifestação. Zumthor (1997, p. 42) reforça também que “a oralidade só funciona no meio de um grupo sociocultural limitado: a necessidade de comunicação que a distende não visa espontaneamente à universalidade”. Isso ocorre, pois a mensagem transmitida e todo processo comunicativo, remete e, ao mesmo tempo, constrói e preserva a memória da comunidade. O trecho de conclusão do poema de Tawane Theodoro ilustra que o *Slam Poesia* não configura uma manifestação universal ao declamar:

Vocês desenvolvam a escuta
Cheguem pra somar
Caso contrário
Porta da rua é serventia da casa
Cês nem tinham que entrar
(Theodoro, 2019).

O uso do pronome “vocês” refere-se a pessoas externas à comunidade e, podemos inferir, àquelas que se consideram pertencentes à cultura hegemônica. Nos versos anteriores, a poeta declama, “*Pros nossos oferecer cultura*”, assim demarcando o seu grupo com o uso de “*nossos*”. Ao dialogar tais características da oralidade, se faz necessário destacar outra, sem a qual, a comunicação não é possível, a presença de locutor e interlocutor ou, ao falarmos de *Slam Poesia*, o/a poeta, performer e o público:

[...] o seu substrato comum permanece sempre perceptível. Ele se deve à especificidade linguística de toda comunicação vocal. Esta comporta, com efeito, na sua própria condição vocal, pelo menos por parte de dois sujeitos - locutor e ouvinte

-, o mesmo, mas não idêntico, investimento de energia psíquica, de valores míticos, de "sociabilidade" e de linguagem. Tão fortemente social quanto individual, a voz mostra de que modo o homem se situa no mundo e em relação ao outro. Efetivamente, falar implica numa audição (mesmo se alguma circunstância a impede), atuação dupla em que interlocutores ratificam, em comum, pressupostos fundamentados em um entendimento, em geral tácito, mas sempre (no centro de um mesmo meio cultural) ativo (Zumthor, 1997, p. 31 e 32).

O autor enfatiza o movimento de empenho de ambas as partes, *performer* e público, para que a comunicação ocorra na oralidade. A urgente necessidade de fala e escuta nos leva a presenciar, no *Slam* Poesia, performances poéticas com intensidade e magnitude que podem integrar um pequeno grupo de espectadores ou um conjunto de 300 pessoas, como já aconteceu em algumas batalhas do *Slam* Resistência (SP). A performance, nesse caso, cativa o público principalmente por englobar corpo e voz que, por um lado, enfatizam ou complementam a mensagem do poema e, por outro, instiga a participação ativa da plateia:

Em outros termos, performance implica competência. Mas o que é aqui a competência? À primeira vista, aparece como *savoir-faire*. Na performance, eu diria que ela é o saber-ser. É um saber que implica e comanda uma presença e uma conduta, um *Dasein* comportando coordenadas espaço-temporais e fisiopsíquicas concretas, uma ordem de valores encarnada em um corpo vivo (Zumthor, 1993, p.31, grifos do autor).

O *Slam* Poesia é um movimento que se estrutura através da competição com a prerrogativa de ter o poema como centro, como protagonista e, que, a partir da necessidade de conectar poeta e público, explora corpo e voz, uma vez que, como destacado anteriormente, adereços e elementos cênicos não são permitidos, por tanto a performance se torna central para o que o *slam* propõe. Dessa forma, ao investigar as potencialidades do corpo no ambiente da batalha de poesia, de modo natural, devemos considerar que a preparação para uma performance poética no *slam* tem características próprias e práticas envolvendo corpo e voz.

1.2 Performance

A performance enquanto campo de pesquisa abrange diferentes áreas do conhecimento como a antropologia, o teatro, as artes visuais, e é por elas influenciada ao explorar tanto os acontecimentos socioculturais como performances, quanto manifestações artísticas diversas; *happenings*, instalações, a própria performance *art*, etc. Há também os estudos da performance que partem da análise das manifestações da linguagem como um ato performático, como registra a autora Diana Taylor (2013).

Embora os estudos da performance como campo de pesquisas interdisciplinares tenham se estabelecido por volta da década de 70, acontecimentos que são percebidos e

analisados como performance sempre aconteceram como métodos de registrar e transmitir a memória de diversas comunidades. “Parte do que a performance e os estudos da performance nos permitem fazer, então, é levar a sério o repertório de práticas incorporadas como um importante sistema de conhecer e de transmitir conhecimento” (Taylor, 2013, p.57).

As práticas ou atos incorporados, para Taylor (2013, p. 45), são acontecimentos que se manifestam pelo corpo, a performance, por exemplo, é percebida “como práxis e episteme incorporada”, ou seja, a expressão de saberes através do corpo. Há ainda, a ênfase no caráter mutável desses atos, uma vez que, diferentes fases da vivência humana instiga a reflexão sobre a “pressão para se repensar a escrita e a incorporação do ponto de vista das mudanças epistêmicas ocasionadas pelas tecnologias digitais” (Taylor, 2013, p. 45).

A autora aponta que os atos incorporados tiveram a sua importância reduzida por serem uma das principais formas de preservar as culturas de povos indígenas, por exemplo, através de rituais e celebrações. Diana Taylor (2003, p.68) expõe que, “parte do projeto colonizador por todas as Américas consistia em desacreditar os modos autóctones de preservar e comunicar o entendimento histórico”. Apesar das tentativas de extinguir as performances desses grupos, a resistência e a capacidade de propagação, ou seja, de ser assimilada por outros sujeitos, tornava essa tarefa muito árdua e improvável de ser bem-sucedida, como percebe Taylor (2013) na sequência de seus estudos, nos “editos”, documentos oficiais da colônia.

Os atos incorporados, como percebidos por Taylor (2013), foram subjugados por representarem, na escrita hegemônica, a expressão de povos tradicionais indígenas, fundamentados na coletividade e ações do corpo e da voz. Isto é, Taylor (2013) e Martins (2021), ressaltam as propriedades da oralidade e dos atos incorporados por suas características de partilha e transmissão de memórias e conhecimentos, ambas podem ser percebidas enquanto performance, como meio de preservação de povos cultural e socialmente marginalizados.

Ao destacar esse aspecto a respeito das performances nas Américas, muito antes da estruturação do campo de pesquisas de produções culturais e artísticas, podemos enfatizar que os acontecimentos, percebidos como performance, são profundamente fundantes de seus grupos e comunidades, em consequência, não ocorrerão de modo único e simplificado, pois são múltiplas em forma, características e finalidade.

[...] os estudos da performance desafiam a compartimentalização disciplinar das artes - a dança sendo designada a um departamento, a música a outro, a performance dramática a ainda outro como se essas formas da produção artística tivessem algo a ver com essas divisões. Essa compartimentalização também reforça a noção de que

as artes são separáveis dos construtos sociais dos quais participam - seja pela primeira ou pela enésima vez. As performances, mesmo aquelas com pretensões puramente estéticas, movimentam-se em todos os tipos de circuitos, incluindo os espaços e as economias nacionais e transnacionais (Taylor, 2013, p. 58).

Considerando as pontuações feitas com relação aos construtos sociais e a concepção de performance, o *Slam* Poesia pode ser compreendido por duas frentes, uma delas é a própria batalha, a congregação de pessoas como prática cultural daquele grupo, e a outra, é a ação do *performer* em si, como parte do coletivo. É possível identificar que o poema busca, por meio da performance, do corpo e da voz, instigar o engajamento do público que, por sua vez, responde interagindo e incentivando o/a poeta em ação.

Paul Zumthor (1993, p. 34) aponta ainda, para duas questões com relação a construção dos conceitos de performance: “a primeira se fundamentava em uma constatação empírica, indefinidamente feita e refeita: é que a performance é o único modo vivo de comunicação poética”. E, de acordo com o mesmo, a conclusão com a qual se deparou inúmeras vezes em seus estudos teóricos e pesquisas de campo que o levaram a conhecer, *griots*, do Burkina-Faso, repentistas brasileiros, *rakugoka*, do Japão e outros cancionistas e recitantes, na Europa e na América, é de que todos são praticantes da voz.

A segunda conclusão à qual o autor chegou é a de que “a performance é um fenômeno heterogêneo, do qual é impossível dar uma definição geral simples” (Zumthor, 1993, p. 34). Além dos praticantes da voz citados acima, adiciono também as seguintes manifestações culturais a gama diversa de gêneros que o conceito de performance contempla: canção, rito, dança, discursos políticos, etc.

Ademais, toda e qualquer performance é efêmera, por mais que ocorra novamente, que elementos e estrutura utilizados se repitam, não será a exata reprodução do ato incorporado anteriormente, uma vez que nem o/a *performer* e nem o público serão os mesmos, no sentido de que, quem fomos há uma hora atrás, já não é quem somos agora, nesse instante. Portanto, ainda que sejam as mesmas pessoas, em razão desse estado constante de mutação, o acontecimento como um todo será manifestado e recepcionado de outra forma. Zumthor (1993) salienta ainda que:

Com efeito, nas formas poéticas transmitidas pela voz (ainda que elas tenham sido previamente compostas por escrito), a autonomia relativa do texto, em relação à obra, diminui muito: podemos supor que, no extremo, o efeito textual desapareceria e que todo o lugar da obra se investiria dos elementos performanciais, não textuais, como a pessoa e o jogo do intérprete, o auditório, as circunstâncias, o ambiente cultural e, em profundidade, as relações intersubjetivas, as relações entre a representação e o vivido. De todos os componentes da obra, uma poética da escrita pode, em alguns casos, ser mais ou menos econômica; uma poética da voz não o pode jamais. (Zumthor, 1993, p. 18).

Em comunicação com o que Zumthor (1993) evidencia a respeito do caráter esbanjador da performance e todos os elementos que fomentam essa característica, aponto a fala da poeta e *slammer* goiana, Ester Linhares:

O jeito que você fala no slam é muito importante, porque é poesia falada. Então quando você tá construindo as vezes, pelo menos eu, eu já vou escrevendo pensando no jeito que eu vou falar. Então o jeito que eu vou falar, a entonação que eu vou dar pras palavras, pra qual palavra eu vou dar mais entonação é muito importante, inclusive a postura corporal também. Isso tudo pra quando se trata, quando é um slam que eu acho que eu vá apresentar. Porque às vezes eu faço poesia e não vou apresentar, é mais pra mim, então quando eu vou apresentar eu também penso nisso (Esther Linhares em entrevista realizada pela autora em 2024).

A poeta enfatiza a atenção com as palavras, a postura corporal e o modo como fala, evidenciando o que Zumthor (1993) salienta na citação anterior. O destaque feito por Ester Linhares revela a consciência que a mesma tem a respeito das características da performance que, exige para além da vocalização do poema, a poeta compreende que a recepção da sua poesia é também visual, portanto o cuidado com a “postura corporal” e, que, a audição demanda uma atenção maior para o modo de performar, que entonações diferentes são importantes para a construção de sua performance. Leda Maria Martins (2021) elabora o debate ao explorar a percepção sensorial em manifestações compostas por imagens e sons produzidos pelo corpo.

Geralmente, adereçamos as imagens na sua qualidade visual, privilegiando o olhar, a janela da alma, como evocavam os gregos. Mas as imagens podem ser também sonoras e cinéticas e essas suas qualidades são contíguas. Em muitas das realizações estéticas e criativas aqui evocadas, o convite a ver é precedido pelo convite a escutar, pois também nos revelam a formação e o registro de imagens; mas imagens que se apresentam aos nossos olhares e à nossa escuta. Essa interdependência é relevante e convida à expansão não apenas de nossos olhares, mas também de nossa capacidade de ouvir e de toda a nossa percepção sensorial, pois a escuta das imagens é uma das entradas para o universo em que os movimentos, os sons, as luminosidades e os aromas têm cores e desenham paisagens de saberes, âmbito privilegiado das oralituras (Martins, 2021, p.77 e 78).

No *Slam* Poesia por exemplo, essa composição pode ser observada nos momentos em que a poeta Ester Linhares, declamando sobre sua experiência enquanto mulher em sociedade e todas as recomendações que lhe foram passadas para que possa estar mais “segura”, mas ao mesmo tempo, o que foi recomendado parece ser um conjunto de ações que mais sufocam do que protegem. A poeta acelera o ritmo a cada verso, movendo as mãos em gestos circulares à frente do corpo como se buscasse ar para respirar, mas tudo o que recebe são mais instruções de como se manter viva:¹⁴

¹⁴Trecho final da performance citada: <<https://www.instagram.com/reel/DBm4r69xkiI/>> acesso em: 05 nov 2025.

“Sempre sou lembrada do horário, onde eu devo ir
 De fechar as pernas pra sentar
 E sempre abrir pra poder parir
 Das vielas que devo andar
 Das vielas que devo evitar
 Ele é só seu amigo
 Mas cuidado ao se embebedar
 Aprenda a desconfiar do professor, do seu tio, do pastor
 [...]”
 (Linhares, 2024).

Na performance, o corpo, a presença e a vocalização estão em conjunto, representando para o público uma espécie de sufocamento, a inquietação, o caminhar e a gesticulação acelerada corroboram para a construção dessa ideia. De forma que, como aponta Zumthor (1993, p. 38), “qualquer que seja a maneira pela qual somos levados a remanejar (ou a espremer para extrair a substância) a noção de performance, encontraremos sempre um elemento irredutível, a ideia da presença de um corpo”. O corpo, a materialidade do ser, compõe o conhecimento fundante do sujeito e, “não somente o conhecimento se faz pelo corpo mas ele é, em seu princípio, conhecimento do corpo” (Zumthor, 1993, p.78).

O corpo é uma instância pouco assistida, de maneira geral, para além de padrões estéticos e a preservação de convenções culturais, o que acaba por limitar as nossas percepções quanto ao conhecimento, as memórias e tudo o que o corpo representa e registra das experiências as quais, a racionalidade e a visão, não são capazes de assimilar. O corpo não é somente o que nos apresenta para o mundo, é também como recebemos toda a atmosfera dos espaços em que somos inseridos ou que nos colocamos, que é moldado a partir de padrões sociais que respondem as nossas características como gênero, raça e sexualidade, o que molda nosso repertório quanto as emoções, gestos e expressões que usaremos ao longo da vida.

O debate que desenvolvemos a seguir sobre a construção de um corpo social cotidiano padronizado ou estigmatizado, se dá pela necessidade de entender questões e atravessamentos destacados pelos/as poetas entrevistados/as para esta pesquisa. Como exemplo, trago Nativa na Voz, poeta negra de pele clara, mãe de Orun Aiyê, que ouviu de um dos jurados, um homem branco e cis, em uma batalha de poesia que: “as suas poesias são muito agressivas, eu gosto quando você canta, fale mais sobre amor”, ao passo que Nativa na Voz respondeu: “mas a sua vida é só romance? Porque na minha vida para eu alcançar o romance, meu filho, para viver o romance, no corre diário até a gente chegar o dia de ter uma vela e um romancezinho, a gente já suou e enxugou gelo”¹⁵. A poeta continua ao salientar que mesmo ciente de sua passabilidade como mulher mestiça, negra de pele clara, como a mesma se descreve, não ignora o fato de que o racismo é o responsável por criar o estereótipo de agressividade quando

¹⁵Entrevista concedida no dia 08 de novembro de 2024.

falamos de mulheres negras.

É, portanto, a partir da pontuação feita por *Nativa na Voz* e da consciência de que a imagem apresentada pelos/as *slammers*, por vezes, desperta a expectativa de uma determinada representação de comportamentos socialmente convencionados, que se faz necessário o debate a respeito da performatividade, como colocado por Judith Butler (2018). Para assim compreender como essa percepção cultural preconceituosa e limitante no *Slam Poesia* é confrontada diretamente na construção da persona e na performance dos/das poetas que reafirmam suas características e comportamentos em detrimento dessa visão estigmatizante.

A performatividade, como é trabalhada por Judith Butler (2018), se desenvolve levando em conta os papéis sociais destinados a cada pessoa a partir do momento em que é declarado o seu sexo biológico e gênero, definidos por homem e mulher, feminino e masculino, a partir disso, caminhos e expectativas são criados para essa pessoa que antes mesmo de nascer, andar ou falar, é compelida a reproduzir signos culturais que são historicamente convencionados como de homem e mulher.

Butler (2018, p. 4). aponta que “o corpo é compreendido como um processo ativo de corporificação de certas possibilidades culturais e históricas”. Ou seja, pela necessidade de construção de uma representação para o feminino, cria-se signos como comportamentos, ações, formas de expressão, uma estética que preencha tais expectativas e ao serem reproduzidas, repetidamente, acabam por tornar essas convenções algo “natural” à feminilidade. A autora enfatiza que:

[...] o gênero não é de modo algum uma identidade estável nem lócus de agência do qual procederiam diferentes atos; ele é, pelo contrário, uma identidade constituída de forma tênue no tempo – uma identidade instituída por meio de uma repetição estilizada de atos. Além disso, o gênero, ao ser instituído pela estilização do corpo, deve ser entendido como a maneira cotidiana por meio da qual gestos corporais, movimentos e encenações de todos os tipos constituem a ilusão de um “eu” generificado permanente. Essa formulação desloca o conceito de gênero para além do domínio de um modelo substancial de identidade para um modelo que exige uma concepção de temporalidade social constituída. Significativamente, se o gênero é instituído por atos internamente descontínuos, o aparecimento da substância é precisamente isso: uma identidade construída, uma realização performativa na qual a plateia social cotidiana, incluindo os próprios atores, vem a acreditar, além de performar como uma crença (Butler, 2018, p.3).

A repetição desses comportamentos elabora o que conhecemos por feminino e masculino. A binaridade de gênero é também foco de discussão para Butler (2019, p. 9), uma vez que, ao ter como prerrogativa final a reprodução humana, mantém-se a ideia de “associação de um sexo natural com um gênero distinto, e com uma atração aparentemente “natural” pelo sexo/gênero oposto é uma conjunção não natural de construções culturais a

serviço de interesses reprodutivos”.

A autora analisa uma série de convenções sociais que se estrutura a partir de aspectos como sexo biológico, mulher e homem, que influencia diretamente na concepção de gênero, feminino e masculino que, por sua vez reproduz culturalmente o pensamento de “um sistema de casamento de base heterossexual” (Butler, 2018, p. 9), com o pressuposto de que tais características são naturais aos seres humanos e, portanto, a maneira correta de agir em sociedade. Sendo assim, qualquer pessoa que se expresse de forma distinta e não corresponda a tais expectativas, passará por um processo de regulação e sofrerá punições.

Quando falamos da performatividade de pessoas negras, a raça estrutura a base de toda essa concepção, convencendo um estereótipo que destitui mulheres e homens negros de sua racionalidade e humanidade:

O racismo [...] se apoiará no imaginário aterrorizante construído pelos europeus sobre o africano e a África pela *intensificação* do corpo negro como portador do mal, para usar uma expressão foucaultiana, em oposição ao corpo branco como portador dos mais elevados atributos humanos (Carneiro, 2005, p. 127, grifo da autora).

Essa concepção histórica e racista ocorre em decorrência do sistema de base da branquitude heteronormativa, que pune pessoas negras e restringe suas oportunidades em sociedade, propagando “a percepção recorrente da negritude e, sobretudo, sua sexualidade como parte da natureza selvagem, a permanente animalização.” (Carneiro, 2005, p. 127), privando pessoas negras da possibilidade de serem vistas como humanas, o que também se aplicará às relações vividas por esses indivíduos em decorrência do imaginário racista e sexista estabelecido culturalmente.

Evidencia-se portanto, a performatividade como a forma pela qual as pessoas se expressam socialmente a partir de uma série de convenções que representam, em diferentes culturas, o que cada sujeito deve seguir a depender dos seus marcadores sociais. No entanto, como nenhum corpo “é passivamente roteirizado por códigos culturais” (Butler, 2018, p. 11), a consciência de toda essa estrutura sociocultural evidencia, cada vez mais, o quão ela é cruel e estigmatizante com diversas pessoas.

A poeta Nativa na Voz compreende o lugar que lhe colocam enquanto mulher negra e quais expectativas se criavam sob suas poesias e performances, antes mesmo de passar pelo episódio narrado anteriormente. Esta consciência lhe permitiu a resposta ao jurado, a mobilização que organizou na sequência e reflexões posteriores a respeito do imaginário sexista e racista. Para compreendermos um pouco mais sobre quão profundo se estrutura essa visão, Sueli Carneiro (2005) debate sobre “as amarras que limitam as possibilidades

intelectuais das mulheres negras” (Carneiro, 2005, p. 118): em razão do “conceito ocidental sexista/racista de quem é ou que é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual” (hooks, 1995, p. 468, *apud* Carneiro, 2005, p. 118), levando, inclusive, essas mulheres negras a acreditarem que são incapazes de desenvolverem seu intelecto.

Portanto, para o imaginário racista e sexista que destitui pessoas negras de sua racionalidade e a comum expectativa que se tem com relação a mulheres negras, como pessoas não intelectuais, se faz necessário compreendermos a performatividade (Butler, 2018), pois tal questão aponta para os corpos que ocupam o *Slam* poesia no Brasil e em Goiás, e suas características performativas.

O que ocorreu com a poeta Nativa na Voz não é um caso isolado e tem sua raiva justificada. Em um ambiente como o do *Slam* Poesia em que é comum aos poetas explorarem suas vivências e experiências que presenciam, observam ou tomam conhecimento, por que esperar que uma poeta como Nativa na Voz, não faça o mesmo e apenas fale sobre o amor? Pois, novamente, como destaca hooks (1995, p. 468, *apud* Carneiro, 2005, p.119), “mais que qualquer grupo de mulheres nesta sociedade, as negras têm sido consideradas ‘só corpo, sem mente’” Ou seja, não se espera de uma mulher como Nativa na Voz ser eloquente para discutir a complexidade do seu próprio cotidiano, não obstante a poeta frustra quem tenta limitar sua capacidade ao declamar:

Querido corpo em declínio
 Aos quatro cantos do mundo
 Veículo transitório
 Arma frívola e letal
 Corpo adoecido
 Pequeno objeto animal
 Obscurecido sorrateiro e boçal
 Quase sempre inimigo de si próprio
 Vegetativo e inóspito
 Querido corpo
 Instrumento divino
 Choroso e risonho
 Careta e carente
 Resistente ao mundo
 Porém com o tempo fraqueja
 Somente querido
 O corpo amigo
 Objetivo escondido
 Dolorido moído manchado
 Mensurado maltratado
 Feminino
 Abusivo e abusado
 Somente você
 Corpo querido
 Sabe as lamúrias e luxúrias para consigo

(Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

O episódio que Nativa na Voz viveu ilustra a importância da presença feminina e negra no *Slam* Poesia. No Brasil, o cenário das batalhas é marcado pela figura de Roberta Estrela D'alva, já citada como a idealizadora do primeiro *Slam* Poesia em nosso país, conheceu a modalidade através de vídeos e em viagem aos Estados Unidos teve contato direto com o evento. Estrela D'alva que é multiartista, atriz, diretora, poeta, *slammer*, *slammaster* e grande referência no *Slam* Poesia mundialmente para todas as pessoas que buscam esse espaço para serem ouvidas.

Estrela D'alva, que se intitula guardiã do *slam* poesia, que para ela “é a diversidade” (Estrela D'alva, 2018), acredita que as batalhas de poesia são espaços para ouvir quem não é ouvido e que “ninguém dá voz para ninguém, porque todo mundo já tem voz. Agora que essa voz seja ouvida é outra coisa” (*idem*). Ao defender, desde seu início no Brasil, o espaço democrático das batalhas, Estrela D'alva conduz as comunidades que surgiram posteriormente a fazerem o mesmo.

Além disso, junto a Tatiana Lohmann, no filme *Slam: Voz de levante* (2018), documentam a trajetória do *Slam* Poesia ainda se iniciando no Brasil em 2011, e o cenário internacional já consolidado. Através da participação de Estrela D'alva na Copa do Mundo de *Slam*, conhecemos pioneiros/as do movimento de diferentes lugares do mundo. O registro finaliza com a participação de Luz Ribeiro na mesma competição, desta vez, no ano de 2016, sendo Luz Ribeiro, a segunda mulher a representar o Brasil na Copa do Mundo de *Slam*, depois de Roberta Estrela D'alva, desde 2009.

O *Slam* Poesia é atualmente um espaço democrático de respeito à diversidade, e essa é uma conquista que se deve a movimentação de muitas mulheres, entre elas está Tatiana Nascimento, escritora, poeta, ativista e fundadora do *Slam* das Minas DF:

Em 2015, quando pensei na ideia que ia virar a pergunta-convite meio gritada no meio à barulhada de vozes que não eram nossas, declamando poemas muitas vezes sobre nós (“vamo fazer um slam só pra minas!”), jogada no meio do subsolo do bar raízes, na asa norte, onde rolava uma batalha do primeiro slam do DF, que era gêneromisto mas dominado por não-mulheres, y quando o convite-pergunta foi pousar no ouvido duma outra ativista lésbica negra do DF, que topou a parada, eu nem pensei em imaginar que slam das minas ia virar uma batalha nacional acontecendo em vários estados. Além de Brasília: o segundo em SP, então em goiânia, no RJ, porto alegre, pernambuco, salvador, minas, belém, alagoas, mato grosso ensaiando... (NASCIMENTO, T. apud VÁRIAS, 2018, p. 2).

É possível perceber que ter o espaço aberto à diversidade, não significa que diferentes corpos se sintam de fato acolhidos em suas realidades, essa, por vezes, foi a razão de o *Slam* BR - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada ser dominado por “não-mulheres”. No entanto,

essa realidade mudou em decorrência da movimentação das diferentes batalhas do *Slam* das Minas em diferentes estados, isso se espelha, nas pessoas que representaram o Brasil nas competições internacionais que desde Luz Ribeiro em 2016, tivemos, Bell Puã (2017), Pieta Poeta (2018), Kimani (2019), Jéssica Campos (2020), Joice Zau (2021), King Abraba (2023) e Mileny (2024). Além disso, é possível perceber cada vez mais diversidade de corpos e subjetividades nas batalhas de poesia a nível nacional, sinal de que a guardiã do *Slam* Poesia, Estrela D'alva, cumpre seu propósito e nutre em outras pessoas, o desejo de promover comunidades poéticas plurais.

A voz, elemento humano, instrumento que coloca nossos pensamentos e sentimentos no mundo, é também parte do nome recebido, através espiritualidade, por Nativa na Voz, outra mulher potente que trilha seu caminho através da poesia e que reconhece a importância de questionar a fala que tentou impedi-la de fazer exatamente aquilo se busca no *Slam* Poesia, ser ouvida.

Nativa na Voz, seu corpo e poemas expressam afetações decorrentes de acontecimentos e ambientes sociais frequentados por ela, o mesmo acontece com os/as demais poetas entrevistados/as. Cada pessoa será afetada de acordo com seus marcadores sociais. Essa experiência, registrada pela memória como um todo, corpo e mente, se manifesta na escrita dos poemas e nas performances. Dessa forma, na sequência, discorreremos a respeito da proposta de análise da manifestação do corpo nas batalhas de *Slam* Poesia, sem desconsiderar que a poesia é a centralidade do acontecimento poético.

1.3 *Slam* Poesia: sujeito e corpo

O poético tem de profundo, fundamental necessidade, para ser percebido em sua qualidade e para gerar seus efeitos, da presença ativa de um corpo: de um sujeito em sua plenitude psicofisiológica particular, sua maneira própria de existir no espaço e no tempo e que ouve, vê, respira, abre-se aos perfumes, ao tato das coisas. **sujeito e corpo.**

(Paul Zumthor)

O corpo em performance é decididamente um corpo extracotidiano ou, como define Eugênio Barba (1995, p. 54), um corpo dilatado, “o fluxo de energias que caracteriza nosso comportamento cotidiano foi redirecionado. As tensões que secretamente governam nosso modo normal de estar fisicamente presentes, vêm à tona no ator, tornam-se visíveis, inesperadamente”. Portanto, como atravessar esse roteiro corporal que representamos

rotineiramente, e exige de nós uma “tensão secreta”, como coloca Barba? E não nos esqueçamos da performatividade, as subjetividades das pessoas que participam do *Slam Poesia*. Como esse corpo, com todas as marcas e a inflexibilidade do dia-a-dia se expande na performance do *Slam Poesia*?

Se as marcas fundamentais que temos em nosso corpo, sejam elas visíveis ou não, vem do cotidiano, é a partir dele que começamos essa discussão. O corpo é aqui compreendido pelo atravessamento dos marcadores sociais de gênero, raça, classe e sexualidade na construção do sujeito social e na memória que se fixa nesse corpo a partir dessas experiências, ou seja, essas características compõem a particularidade de cada poeta, de seus poemas e performances.

O corpo é memória, conforme Martins (2013), é um dos meios pelos quais registramos nossas experiências, desde uma queda na infância ao andar de bicicleta a um coração partido, uma frustração no trabalho, concluir a faculdade ou um projeto que foi desafiador, mas satisfatório e importante para sua vida ou o entusiasmo de fazer algo novo. Todas essas e outras situações, boas ou ruins, moldam não só a mente, mas o corpo também, porque ambos são um só.

A ideia equivocada de que o corpo, como materialidade do ser, não compõe parte constitutiva do conhecimento gerado a partir das experiências sensíveis as quais vivenciamos, sendo delegada a racionalidade a responsabilidade de gerar, desenvolver e transmitir nossos saberes, é uma compreensão que reduz as nossas possibilidades de registro e reprodução de memórias, e de modo mais específico, das potencialidades do corpo, como aponta Leda Maria Martins (2013 e 2021).

Com um olhar mais afetuoso para a corporeidade, Muniz Sodré (2014) registra a compreensão que se tinha com relação ao corpo humano até o século XVI, “como um microcosmo e não como um objeto dissociado da pessoa (ninguém “tinha” um corpo, como acontece após o século XVI, mas era corpo)” (Sodré, 2014, p. 16). Ou seja, corpo, mente e espírito eram percebidos como partes integrais do sujeito sem que se fizesse distinção de valores entre tais elementos. Sodré (2014) destaca também que, “não há a consciência supostamente sediada no cérebro e o corpo como seu objeto, pois a consciência é uma operação que se realiza em toda parte do corpo. A consciência é corpórea” (2014, p. 12). Paul Zumthor (1993, p. 78) caracteriza que “não somente o conhecimento se faz pelo corpo, mas ele é, em seu princípio, conhecimento do corpo”.

Ambos autores ressaltam que a experiência sensível é tão fundamental quanto a racionalidade para gerar, preservar e difundir saberes, assim como faz Leda Maria Martins

(2013 e 2021) ao alegar que o nosso corpo dispõe de sensibilidade múltipla que percebe o ambiente antes mesmo de sermos capazes de registrá-lo conscientemente, ou seja, toda experiência pela qual passamos é também registrada no corpo.

Dessa forma, retomando o questionamento feito no início deste tópico, a corporeidade cotidiana é atravessada pela expressividade dos/as poetas que encontra espaço para se manifestar nas performances do *slam*. E ao lembrar as questões raciais tratadas no poema “Século XXI”, de WJ, ao dissecar, “O Peso das Palavras”, de Tawane Theodoro, que traz a oralidade como ferramenta de produção de conhecimento e também do relato e argumentação poética de Nativa na Voz acerca do esvaziamento da subjetividade de mulheres negras. Podemos identificar as marcas e expectativas dos hábitos diários, principalmente os sociais, que impulsionam os/as poetas, tanto por perceberem as negligências que sofrem, quanto pelo desejo de produzir um outro imaginário para si e os seus. Esse fato fica evidente nas entrevistas feitas para esta pesquisa. É então, a partir desse impulso que os/as *slammers* conseguem realizar o que Zumthor (1993) denomina como concretização:

O da concretização, já referido, termo um pouco estranho, mas que nos introduz na ordem da percepção sensorial. O que produz a concretização de um texto dotado de uma carga poética são, indissolavelmente ligadas aos efeitos semânticos, as transformações do próprio leitor, transformações percebidas em geral como emoção pura, mas que manifestam uma vibração fisiológica. Realizando o não-dito do texto lido, o leitor empenha sua própria palavra às energias vitais que a mantêm (Zumthor, 1993, p. 53).

O corpo dos/as poetas de *Slam Poesia* em performance tem a intenção de ampliar e enfatizar os sentidos do texto poético com o objetivo de provocar a percepção sensorial e instigar o pensamento crítico do público com relação ao que está sendo performado. A ênfase no corpo e na voz da performance do *slam*, pode ser compreendida nas palavras de Zumthor (1993, p. 18), “de todos os componentes da obra, uma poética da escrita pode, em alguns casos, ser mais ou menos econômica; uma poética da voz não o pode jamais”. Para tanto, a gestualidade deve estar em consonância com o poema, não deve desviar a atenção do que está sendo dito, uma vez que a poesia é o centro desse acontecimento. Por outro lado, também com a intenção de estabelecer a presença desse poema através do corpo/voz, não pode ser econômica e correr o risco de não comunicar ao/com o público.

Portanto, na sequência discorreremos a respeito do estudo realizado por Regina Miranda (1979) que dará base para as análises das performances, destacando, **consciência do corpo, qualidade de movimento, uso do espaço e relacionamento**, como pontos a serem percebidos na análise. A proposta não é compartimentar o acontecimento mas, a partir de um foco específico, conseguir explorar a performance de cada poeta participante. Ressalto ainda,

que para o estudo em questão, houve alteração na qualidade ou características específicas a serem destacadas em cada tópico, considerando a realidade e ambientação das batalhas de *Slam Poesia*.

1.3.1 Fundamentos do movimento expressivo

Os fundamentos do movimento expressivo utilizados nesta pesquisa consistem em uma adaptação para a análise das performances do *Slam Poesia*, das categorias apresentadas no estudo desenvolvido por Regina Miranda (1979), que tem por base as categorias propostas por Rudolf Laban (1960). Os objetivos de Miranda com este estudo, tiveram como foco o trabalho nas aulas de dança com a educação básica. Porém, a amplitude desta pesquisa que fundamenta a expressividade do corpo e do movimento, nos permite algumas conexões com a performance do *Slam Poesia*, pois, de acordo com Miranda (1979):

O denominador comum de qualquer atividade humana é o movimento. Mesmo quando existe uma aparente imobilidade, o processo respiratório continua, envolvendo contração e extensão do tórax, as batidas do coração permanecem, e as atividades do movimento podem ser observadas através da expressão facial e da atitude do corpo (Miranda, 1979, p. 8).

Portanto, nos possibilita compreender o movimento expressivo presente nas performances do *Slam Poesia*, ao oferecer uma elaboração teórica e técnica para esta análise. Miranda (1979, p. 15) explora os movimentos “que não servem a nenhum propósito prático ou funcional, ou, em outras palavras, com função apenas expressiva” sendo esses os movimentos personalizados, que caracterizam nossa personalidade e estados de ânimo e o movimento funcional, “que visa um propósito externo”, podendo “variar da mais rudimentar habilidade manipulativa até à mais sutil e sensitiva, da ação mais desajeitada à mais ágil e graciosa”. (Miranda, 1979, p. 15). A pesquisadora ressalta ainda que ambos modos de ação agem de forma conjunta, e:

Quanto mais hábil for o indivíduo para uma determinada atividade, maior o seu grau de variação pessoal e quanto maior a sua dificuldade em executar uma ação, menor será o seu grau de variação já que seus movimentos expressivos se concentrarão em atitudes de maior tensão (Miranda, 1979, p.15).

A experiência nas batalhas certamente possibilita aos poetas essa variação. Quando busquei saber se percebiam alguma mudança ou desenvolvimento desde os primeiros *slam's* que participaram aos mais recentes, uma das respostas foi:

A mudança é bem grande, porque eu era uma menina, né? Muitas coisas mudaram

assim, a primeira vez que eu pisei no palco pra competir eu realmente tinha muito medo de errar, minha respiração era acelerada, eu assisto os vídeos, tem até vídeos no meu Instagram lá no finalzinho, que eu era muito, eu falava as palavras e elas não saíam tão nítidas, né? tão limpas (Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

A poeta Nativa na Voz afirma em entrevista feita por mim, que não performa sem nervosismo, no entanto, as suas experiências nas batalhas lhe proporcionaram, não só diferentes habilidades para contornar possíveis situações, como esquecer a poesia que está declamando, e ainda assim, conseguir retomar e concluir a performance com propriedade, mas também, “perder o medo do que as pessoas vão achar, acho que foi a chave para virar. Eu lembro que a primeira vez que eu subi no palco pra participar de uma competição eu tava com muito medo do que as pessoas achariam do que eu tava declamando” (Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

Nativa na Voz, assim como outros/as poetas entrevistados/as afirmaram que investem tempo se preparando para a performance, mas a maioria foca no preparo vocal com exercícios para melhorar a dicção e na repetição para memorizarem o texto poético, não se demoram tanto na preparação corporal, como compartilha Ari poetisa:

depois que eu começo a recitar, aí às vezes eu gravo áudio, gravo vídeo pra poder me escutar, pra ver, “não acho que posso melhorar puxando sei lá, o acento de tal palavra” ou “eu acho que eu dei ênfase em uma palavra que não era o intuito que eu queria”, e eu vou fazendo essa adaptação de performance. Mas é basicamente isso, escrever e treinar várias vezes se escutando, e até mesmo, as vezes eu vejo uma poesias e eu penso, nossa essa escrita ficou perfeita, mas na hora que vou recitar aquela palavra não encaixa, a palavra não faz a harmonia que ela poderia fazer com as outras, então, às vezes, ainda tenho que fazer essa modificação, é um processo demorado na verdade (Ari poetisa em entrevista realizada pela autora em 2024).

Considerando tais afirmações, concluímos que a movimentação do corpo no *Slam* Poesia se realiza de forma articulada a partir de entonações e expressões da voz, na projeção ou contenção de musculaturas, na ativação de gestos periféricos de comunicação, na velocidade da enunciação experimentados no cotidiano e ampliados em performance.

A performance não anula uma possível partitura de movimento elaborada com antecedência, Slender, Ester Linhares e Nativa na Voz, compartilharam que estruturam gestos, olhares e pausas e, é justamente essa base fundamental de experimentações feitas anteriormente, que permite aos *performers* uma margem mais ampla para a composição dos movimentos, podendo então, adicionar “elementos de organização e ritmo, com a finalidade de tornar a expressão emocional clara, precisa e comunicativa” (Miranda, 1979, p. 14).

Dessa forma, utilizar os estudos de Regina Miranda (1979) como norte para a análise das performances do *Slam* Poesia se dá em razão do foco de investigação qualitativo dos

movimentos, ou seja, analisar a forma como o movimento foi executado, mas também as circunstâncias desse acontecimento. Portanto, destacamos as seguintes categorias utilizadas pela autora a partir dos estudos de Laban: **consciência do corpo, qualidade de movimento, uso do espaço e relacionamento.**

O primeiro destaque feito por Miranda (1979, p. 8, grifo nosso) é a consciência do corpo, como: “**o que se move:** O corpo - Em partes, como uma só unidade, sua coordenação e formas assumidas durante o movimento”. Considerando a movimentação do corpo como um todo e também gestos isolados, é comum que em situações de exposição surja “padrões expressivos mais óbvios, que revelam claramente nossos estados internos de medo, agitação, excitação e outros” (Miranda, 1979, p. 15). Então, como a performance do *Slam Poesia* tem como objetivo principal o texto poético, devemos ter cuidado para que a movimentação corporal não desvie a atenção do que está sendo dito. É também possível e frequente o uso de gestos que enfatizem a mensagem do texto poético, uma vez que, sendo a batalha tão direta e momentânea, talvez deixar espaço para a ambiguidade seja um caminho perigoso. No entanto, a opção por esse caminho depende da habilidade, experiência e desprendimento do/da poeta.

Dando continuidade, a segunda categoria é a qualidade do movimento, colocada pela autora “**como nos movemos:** A qualidade do movimento - As dinâmicas ou esforços que expressam as nossas sensações transformando-as em ações” (Miranda, 1979, p. 9, grifo nosso). Miranda (1979) propõe olhar para dois aspectos ao caracterizar a qualidade do movimento: o tempo, rápido e lento, o peso, leve e forte e o espaço, direto ou indireto. Para o *Slam Poesia*, podemos destacar o ritmo que o poema impõe à movimentação, como por exemplo, na tentativa de destacar uma frase com maior ênfase, talvez seja mais eficiente falar lentamente, deixando que o silêncio entre as palavras germine o cultivo da ideia apresentada.

Por outro lado, há também uma potência em declamar o poema em ritmo acelerado, algo que se assemelha ao rap. A possibilidade de cantar ou declamar vários versos de impacto (*punchline*) em sequência, de acordo com o poeta Slender, é percebido como “um selo de bom *slammer*, poeta e rimador”, pelas comunidades do *slam*.

Já o peso está sempre marcado nas palavras, é comum perceber uma certa leveza no texto poético, na postura e, portanto, na performance. Ao declamar sobre pessoas, feitos e conquistas importantes, existe um tom suave e contemplativo nesses momentos. Pode também ocorrer o contrário, declamar um trecho do poema que seja mais incisivo e, portanto, forte, é importante traduzir em ação, como olhar firme e diretamente para a plateia, ou para o horizonte, mantendo a cabeça erguida. Se ao invés disso, o rosto focar o chão, sem razão aparente para quem assiste, o efeito da ação se rompe.

O espaço se dá também no poema e atravessa o corpo, o movimento direto pode ser descrito como um corte no ar, um ímpeto de caminhar para frente transparecendo algum propósito. Com relação ao espaço indireto, seria um caminhar vagante “com atenção voltada para vários pontos simultaneamente” (Miranda, 1979, p. 19).

O uso do espaço é a terceira categoria, que se define por, “**Onde nos movemos:** O espaço - o que está imediatamente ao redor de nós (espaço individual) e o espaço no qual nos encontramos, ou seja, uma sala, um teatro, uma rua (espaço global)” (Miranda, 1979, p. 9, grifo nosso). Primeiro, o espaço imediato, o local físico em que ocorreu as batalhas do *Slam* Falatu e *Slam* GO no ano de 2024, era a parte externa, o quintal do terreiro Morada do Cruzeiro, um palco pequeno e improvisado, demarcado pela iluminação e aparelhagem de som que ficavam dispostas nas laterais ao fundo, as cadeiras do júri estavam, ou na lateral esquerda da plateia ou na primeira fileira.

A performance no entanto, para além do espaço, exige dos/das poetas conhecimento daquele ambiente e de como conduzir a poesia, que executem sua movimentação de forma a ter em mente seu objetivo com o texto poético declamado no momento, levando em consideração a proximidade com o público, que pode vir a ser um grande aliado, por proporcionar uma conexão mais próxima com quem acompanha. Além disso permite ao júri um olhar mais atento aos detalhes, aos gestos que transparecem medo, ansiedade, insegurança e etc. Essas emoções quando não são bem administradas, podem resultar em uma caminhada “sem propósito” ou, até mesmo, na dificuldade em olhar para a plateia.

Miranda (1979, p. 9, grifo nosso) define o relacionamento como quarta categoria a partir da seguinte descrição: “**Com quem nos movemos:** O relacionamento - As pessoas que encontramos, com quem convivemos ou estabelecemos ligações”.

Essa categoria pode se caracterizar, no contexto do *Slam* Poesia, pela troca direta com o público, ao utilizar o espaço de forma satisfatória, o relacionamento acontece, porque depende da habilidade e/ou experiência do/da poeta em envolver quem acompanha. Essa relação está tanto a cargo de quem está performando, e sua característica individual, quanto da disposição e abertura da plateia, uma vez que se trata de estabelecer ligações.

O protocolo detalhado acima é pensado como um norte para que possamos explorar as características da performance do *Slam* Poesia com maior riqueza, podendo se tornar também, uma orientação para quem tem o desejo de ampliar suas habilidades. Assim como Miranda reconhece a expressividade subjetiva de cada sujeito, e por essa razão estruturou o livro, *O Movimento Expressivo*, reconhecemos o *Slam* Poesia como um espaço de convívio das subjetividades, e deixaremos enfim, que alguns de seus poemas lhe apresente.

1.4 Ágora contemporânea: A poesia como política da revolta

O *Slam* Poesia é uma competição poética com produções autorais, que se caracteriza pelo espaço democrático, dessa forma, tem-se a frequência de temas de embate político, social e cultural como os do poema a seguir:

O Programa do Chávez
 com o *cadeado*
 em sua história
 vive de costas
 para a realidade
 trancafiado, alienado
 assistindo imagens
 distorcidas
 como no mito da caverna
 não consegue girar a **chave**
 e assim abrir a válvula de escape
 pra poder pensar com sua cabeça
 e caminhar com suas pernas
 não! sua única fonte de informação
 são os memes e vídeos do WhatsApp
 não reconhecem os direitos humanos
 tão desumanos que comemoraram
 a saída dos médicos cubanos
 sua gestão funciona de portas fechadas
 quando te pedem a chave
 pra boicotar entrega a errada
 (Alcalde, 2019, p. 10, grifo do autor).

O poema presente na coletânea intitulada “Coleção *Slam*” Vol. 1. p. 10, é de Alcalde, um poeta que foca principalmente em temas que evidenciam as características do crescimento do fascismo, como a alienação que se intensifica com a falta de informação e o contato com notícias falsas. À vista do crescimento das *fake news*, principalmente nas redes sociais, nos últimos, o Governo Federal criou a campanha “Brasil Contra *Fake*”:

[...] a intenção de publicar informações e esclarecimentos sobre ações institucionais do governo e políticas públicas que são objeto de desinformação. Com o slogan “Quem espalha fake news espalha destruição”, a iniciativa aborda o impacto do problema no dia a dia da população (Brasil, 2023).

O site, *Agência GOV*, é atualizado com frequência tendo em vista o combate às notícias falsas. A gradual escalada de desinformação e as consequências que acabam por ter na vida da população, geram sentimentos, como revolta, frustração e indignação, que também são utilizados como impulso inicial para a escrita de poemas. A poeta Ester Linhares (2024), em entrevista que realizamos, ressalta que o que a faz escrever sobre temas como, a dificuldade de dar sequência aos estudos quando é necessário trabalhar e não tem a possibilidade de conciliar as duas atividades, é então que: “Você começa a ter uma percepção de mundo, começa aqueles primeiros sentimentos de revolta” (Linhares, 2024). Sendo assim,

viver a injustiça tão presente no cotidiano, gera a revolta apontada pela poeta.

Essa abordagem acerca da política da revolta nas batalhas de poesia, não se limita às competições presentes no Brasil, mas também é perceptível nos *slam's* que acontecem nas periferias de outros países, como a França. “A gente tem realidades muito diferentes, na Europa e no Brasil, porém, Paris é uma coisa, Saint-Denis, que é a periferia de Paris é outra, então os temas ali, daquela molecada árabe, da molecada negra, que é filha de imigrantes é muito parecida”, explica Estrela D’Alva (Rede TVT, 2018, 8min, 16s) a partir da experiência que vivenciou ao viajar para participar da Copa do Mundo de *Slam* em 2014 e, posteriormente, para acompanhar a Luz Ribeiro, representante do Brasil no evento, em 2018.

O espaço de expressão do *Slam* Poesia, como idealizado no seu início, não apenas envolve o público nas batalhas, mas também busca provocar a compreensão de seu lugar social:

Além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico no mundo todo, um novo fenômeno de poesia oral em que poetas da periferia abordam criticamente temas como racismo, violência, drogas, entre outros, despertando a plateia para a reflexão, tomada de consciência e atitude política em relação a esses temas (Neves, 2017).

A respeito dos temas, é importante considerarmos que a população brasileira lida com feridas abertas e cicatrizes recentes, resultantes de violências históricas e cruéis em decorrência do processo de colonização. Me refiro ao extermínio dos povos indígenas, atrocidade que sofrem ainda hoje, com a invasão de suas terras, sequestro, abuso e assassinatos de integrantes de suas comunidades. Ao genocídio dos africanos que, sequestrados de suas casas, perdem suas famílias e são escravizados em uma terra desconhecida, sofrem numerosas agressões físicas e psicológicas, muitas delas, ainda frequentes na atualidade de seus descendentes. Sueli Carneiro (2005) destaca em sua tese *A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser*, como o genocídio, vem acompanhada do epistemicídio, sendo esse, o extermínio da cultura e conhecimento de grupos que não pertencem a uma concepção da sociedade norteadora. As marcas dessa história estão presentes em nosso cotidiano, como versa a poeta mineira Elza Castro, em poema publicado na coletânea intitulada “Coleção *Slam*”, Vol. 1:

Progresso ao inverno

Não sei, se cês já repararam que nas grandes cidades,
sempre tem um prédio nobre,
refletindo a área pobre reflexo,
da desigualdade.
O jeito é beber no fim de semana
e se entreter,
com a nossa cultura,

enquanto ela se apaga em chamas!
 Ah... o Brasil!
 O Brasil,
 É terra maldita
 porque foi construído
 Em cima de Cemitério Indígena!
 Li isso no twitter, esses dias...
 Meu povo,
 da África foi tirado.
 pra ser morto,
 castigado,
 escravizado.
 Por um bando
 de retardado
 que ainda levaram
 o legado
 de terem 'descoberto' o Estado.
 Brasileiro.
 Vendido! Pro estrangeiro.
 Não respeitam nossos terreiros,
 Não respeitam os nossos direitos!
 (Castro, 2019, p. 32 e 33).

Além disso, temos feridas em comum com o mundo de um modo geral, mas que nos atinge de forma particular, justamente por esse histórico de violências. São os casos de desrespeito e assédios diários que atingem a comunidade LGBTQIAPN+, ataques esse, que mais uma vez, colocam o Brasil como o país mais “homotransfóbico do mundo em 2023”, de acordo com Elaine Cruz (2024), em reportagem para a Agência Brasil¹⁶. Em conjunto a isso, somam-se os abusos e violências contra a mulher, como relatados no Anuário da ONU, de 2023 que revela que, “cerca de 85 mil meninas e mulheres foram mortas intencionalmente em todo o mundo em 2023. Do total, 60% foram vítimas de companheiros ou pessoas relacionadas à família” (Dantas, 2024).

No poema de Meimei Bastos, disponível a seguir, e presente na coletânea de poemas intitulada “Coleção *Slam*”, Vol. 2, a poeta do Distrito Federal versa sobre a experiência de uma mulher e mãe que finalmente encontra forças para deixar o relacionamento violento no qual se encontrava.

AIRAM
 acorda antes
 do Sol raiar,
 do primeiro
 passarinho piar.
 passa o café,
 manteiga no pão.
 acorda o mininu,
 ajeita o cabelo,
 confere o dinheiro

¹⁶A Agência Brasil é uma agência pública de notícias que coloca a cidadania em pauta por meio do jornalismo digital.

e sai.
 ponto cheio,
 ônibus lotado,
 trânsito parado,
 atraso no trabalho,
 desgosto do patrão,
 desconto no salário.
 vai faltar pro pão!
 tem problema não.
 no outro dia, segue pra sua missão.
 lá fora garoa,
 mininu num braço,
 no outro a bolsa,
 o guarda-chuva,
 no coração a esperança.
 na cabeça seu mantra:
 "esse mininu há de ter um
 futuro melhor que o meu!"
SÃO VÁRIAS JORNADAS.
TRABALHA COMO SE NÃO TIVESSE
FILHO, CUIDA DO FILHO COMO SE NÃO
TRABALHASSE.
 noite passada, teve briga
 com João, que levantou a mão.
 quebrou a louça... a TV...
 queimou as roupas e o colchão!
 "isso é pra você aprender!
 vai dormir no chão, sem roupa,
 no frio."
DESSA VEZ NÃO TEM PERDÃO, JÃO.
DESSA VEZ NÃO!
ANTES SÓ, QUE DORMINDO COM
INIMIGO!
 Levanta, ajeita o menino,
 sai.
 faz o B.O!
 ela não vai mais apanhar.
 acabou tempo de chorar.
 pra escola vai voltar,
 Enem e vestibular
 vai prestar.
 na universidade ingressar,
 chão não vai mais limpar e
 outras irmãs vai ajudar.
PORQUE ENQUANTO UMA DE NÓS
AINDA SOFRER, APANHAR
E CHORAR,
A GENTE NÃO VAI DESCANSAR!
 (Bastos, 2019, p. 14,-17).

A poeta Meimei Bastos, escreve em *Airam* sobre mulheres que enfrentam relações abusivas retomam ou desejam retomar o controle de suas vidas e que lutam para que outras pessoas não vivam situações semelhantes. Os poemas apresentados nesse panorama, remetem à nossa história e ao nosso cotidiano enquanto país que convive com essas marcas e busca, de alguma forma, construir novos caminhos. Uma sociedade multicultural, na qual parte de sua população deseja se reconectar com vias que foram apagadas em um determinado trecho

desse percurso, no caso do Brasil seriam, principalmente, as tradições indígenas e afro-brasileiras. Tudo isso, enquanto tenta digerir as influências europeias, que são tão desejadas por alguns, e dolorosas para outros tantos, mas que também nos atravessam enquanto sujeitos. Esse conflito se dá pela concepção de que uma cultura é superior à outra, quanto a isso, Carneiro (2005) argumenta que:

raça e cultura são categorias estruturais que determinam hierarquias que só podem ser plenamente legitimadas, se puderem, por meio da repetição sistemática e internalização de certos paradigmas, instituir e naturalizar em uns, uma consciência de superioridade, e em outros, uma consciência de inferioridade (Carneiro, 2005, p. 106).

Tais considerações evidenciam que a complexidade da identidade do povo brasileiro se dá pela compreensão equivocada e preconceituosa de que a herança europeia se sobrepõe às afro-ameríndias, o que infla o desejo de aproximação com a cultura hegemônica. A construção desse pensamento se dá através do epistemicídio, como descrito por Sueli Carneiro:

o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc (Carneiro, 2005, p. 97).

Em resposta a esse processo de desqualificação de sujeitos, a cultura se torna a principal ferramenta de reconstrução da identidade social. Dessa forma, é compreensível que uma manifestação como o *slam* tenha sido tão bem recebida no Brasil, a necessidade que nossa população tem de se expressar e, de alguma forma externalizar todas suas aflições, é pulsante. Estrela D’Alva (2019) nos fala sobre o momento político em que vivemos e os debates e celebrações promovidos pelo *slam*, ao comentar sobre o documentário *Slam: voz de levante* (2017), no qual divide a direção com Tatiana Lohmann.

Em um momento em que as forças conservadoras se levantam e tentam agarrar-se aos velhos dogmas e posturas, buscando desesperadamente manter o estado de opressão estabelecido, há, em curso, também um levante de manifestações da poesia popular urbana, principalmente a falada e performática. Os *slams* de poesia vêm se proliferando em grande progressão, organizando vozes que emanam do povo em ágoras democráticas e auto-geridas. Vozes que, juntas, transformam em realidade a possibilidade do encontro, do debate e da celebração. A cada edição, esses eventos vêm recebendo um público maior, em um movimento de aproximação à poesia,

gênero literário por vezes considerado hermético, entediante e incapaz de gerar interesse – principalmente no público jovem (D'alva, 2019, p. 271 e 272, grifo da autora).

As vozes presentes nas ágoras contemporâneas desejam falar, serem referências de outros caminhos a crianças e jovens que, assim como esses/essas poetas, crescem em bairros não centralizados, mas que conseguiram, por meio da poesia, uma forma de externalizar as suas vivências no mundo. A poesia do *slam* aproxima as pessoas do texto poético, da escrita e da manifestação oral, que, apesar de tão importante na cultura brasileira, foi subjugada pela escrita. Paul Zumthor (1993, p. 15) nos fala dessa hegemonia da escrita e o crescimento de manifestações da oralidade: “[...] faço alusão a uma espécie de ressurgência das energias vocais da humanidade, energias que foram reprimidas durante séculos no discurso social das sociedades ocidentais pelo curso hegemônico da escrita”.

O *slam* poesia não é um espaço que exige das/dos *slammers* tratarem de temas políticos, mas é um ambiente de livre expressão e, claro, existe um código de conduta, mesmo que nem sempre dito, que demanda respeito aos poetas participantes, aos organizadores, ao público e, principalmente, às questões apontadas nos poemas. Manter uma coerência entre as palavras declamadas nas batalhas e as atitudes no cotidiano mostra a preocupação que os/as poetas têm com os seus e suas comunidades.

Em comunicação com esse ponto de vista, Yurus, poeta de Goiânia, em uma de suas participações no *Slam Falatu*, utilizou o tempo poético, momento que acontece entre a apresentação de cada poeta nas duas primeiras fases da batalha, para propor uma reflexão, “O que significa esse movimento? Muito além do *slam*, isso aqui também é uma luta, acima de tudo, uma luta política”. Yurus segue falando da importância de ir além das batalhas, de organizar atividades educativas e culturais em bairros marginalizados, buscando proporcionar a crianças e adolescente o que é sistematicamente negado, educação de qualidade.

A partir do que foi apresentado a respeito do *Slam Poesia* enquanto manifestação e a sua complexidade, segue a apresentação do *Slam Falatu* e do *Slam GO*, com foco nas edições de 2024, objeto desta pesquisa, apresento também os/as poetas entrevistados/as. É importante retomar que o *Slam Poesia* enquanto acontecimento, é uma performance, assim como a ação de declamar feita pelo/a *slammer*. Portanto, sem mais delongas, lhes apresento, duas batalhas goianas de poesia.

1.5 Batalhas de poesia no cerrado goiano: *Slam Falatu* e *Slam GO* edições de 2024

“A minha poesia sempre teve um quê de oralidade, né? Por conta do rap, eu sempre quis que fosse uma parada pra se escutar e não pra se ler. Foi isso que me trouxe pro *slam*”.

(Periférico)

O *Slam Falatu* foi criado em 2018, logo no início do Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá¹⁷, que tem como objetivo a promoção de produções culturais e a articulação de artistas independentes no estado de Goiás. O poeta de Aparecida de Goiânia, Periférico, como se denomina, compartilhou em entrevista que, para iniciar as batalhas de poesia naquele ano, houve um chamamento público de pessoas interessadas para pensar a organização e adaptar a competição à realidade goiana.

Surge então, o *Slam Falatu*, que teve como palco, o Bosque dos Buritis, parque no Setor Central de Goiânia. O espaço acolheu muitas batalhas e o crescimento do evento, que por alguns anos, foi um dos *slams* goianos mais frequentes acontecendo mensalmente. Em 2020, as batalhas foram suspensas por conta da pandemia de Covid19 e a necessidade do isolamento social.

Imagem 2: *Slam Falatu* no Bosque dos Buritis



Fonte: Instagram do Coletivo de Cultura Café com Chá.

Com o fim da pandemia, um dos objetivos do Café com Chá foi promover o *Slam*

¹⁷Os links das redes sociais e/ou sites de todos os coletivos, grupos, eventos, poetas, artistas, produtores/as culturais do estado de Goiás e do entorno de Brasília citados ao longo da pesquisa estão disponíveis no Anexo I.

Falatu novamente, inicialmente em uma parceria com o Goiânia Clandestina, no Festival Novos Escritos Clandestinos em 2022, que contou com 3 edições. Na sequência, aconteceram ainda, batalhas mensais na Clandestina Casa Cultural, espaço destinado à formação e exposição do cenário cultural, com foco em produções de artistas marginais.

Apesar da disposição de organizadores e poetas, alcançar o público tornou-se difícil, como Jordan Bê relata em vídeo¹⁸ publicado no Instagram do Café com Chá. Dessa forma, integrantes do coletivo decidiram que 2024 seria o último ano do *Slam* Falatu. Para a realização do projeto de encerramento do *Slam* Falatu, aconteceram cinco edições entre os meses de abril e agosto de 2024, para tanto, o Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá foi contemplado pela Lei Paulo Gustavo do Governo Federal, aparelhado pelo Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Cultura.

As quatro primeiras edições classificaram os/as três poetas com melhor desempenho, sendo assim, 12 participantes passaram para a final do *Slam* Falatu, que ocorreu no dia 17 de agosto e, por fim, dessa competição, 3 poetas garantiram vaga na segunda edição do *Slam* GO.

Em outubro de 2024 ocorreu o Campeonato Goiano de Poesia Falada, o *Slam* GO, que teve sua primeira edição em 2023, em Valparaíso de Goiás. É uma batalha organizada pelo Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá e o Projeto Cultural *Slam* do Céu. O vencedor da competição em 2023 foi o poeta Slender, que representou Goiás no *SLAM* BR - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada 2023.

Para o ano de 2024, o que mudou foi a localidade em que se realizou o campeonato estadual, que aconteceu em Goiânia, na Morada do Cruzeiro, no dia 26 de outubro e teve como campeã a poeta Nativa na Voz. O evento foi fomentado pelo Programa Goyazes de Incentivo à Cultura 2024, da Secretaria de Estado da Cultura. No ano anterior, 2023, a batalha foi realizada com a movimentação de comunidades do *slam* e parceiros. O poeta, rapper e *slammer* Skyblue, em vídeo publicado no Instagram, fez um agradecimento pela dedicação de todas as pessoas e coletivos que contribuíram para que o primeiro campeonato Goiano de *Slam* acontecesse. Segue trecho do agradecimento:

Salve pá geral, firme? Aqui quem fala é o SkyBlue, sou rapper, sou poeta, sou *slammer*, sou um dos coordenadores do estadual do Goiás, batalha de poesia falada, sou idealizador do projeto *Slam* do Céu, hoje estou ai como presidente do fórum permanente de hip hop de Valparaíso de Goiás, dentre outras coisas que a gente faz ai na arte e no sócio cultural, enfim. Vim fazer esse vídeo aqui pra agradecer imensamente cada apoio cedido pra o Campeonato Goiano, o primeiro Campeonato Goiano de poesia falada acontecer. Agradecer imensamente a estrutura, o local IFG,

¹⁸Vídeo publicado no dia 8 de abril de 2024 <Atenção!!! É o Fim do Slam Falatu.> acesso: 16 de jan de 2025.

muito obrigada, foi importante demais pra nós isso. Agradecer imensamente aí, a hospedagem cedida pelo Ilson Rocha, foram quatro quartos com várias camas, deu pra galera ficar tranquilo, repousaram bem confortável. O almoço de primeira qualidade servido aí por Antônio Reis, obrigado Antônio Reis, almoço de primeira lá no Fogão Goiano pra umas 20 pessoas, obrigadão Antônio Reis. Agradecer imensamente aí, O Grito, jornal O Grito que foi lá e fez a cobertura, muito obrigado ao jornal O Grito [...] (Slamgo. oficial, 2023, 0min 1s).¹⁹

As edições do *Slam Falatu* e o *Slam GO* de 2024 foram as competições que fundamentaram a pesquisa. No total foram seis batalhas promovidas em 2024, das quais consegui acompanhar cinco e a partir da observação das competições, fiz oito entrevistas com os/as seguintes poetas:

Imagem 3: Poeta Ester Linhares



Ester Linhares é *slammer* e poeta marginal-periférica de Aparecida de Goiânia, foi semifinalista do Campeonato Estadual *Slam GO* e campeã do regional de Goiânia pelo *Slam Falatu*, ambos em 2024.

Instagram: <[@esterlinharesm](#)> acesso em: 16 set de 2025.

Fonte: Instagram de Ester Linhares.

Imagem 4: Poeta Periférico



Periférico é poeta marginal, *slammer* e desenhador de Aparecida de Goiânia, foi semifinalista do Campeonato Estadual *Slam GO* classificado na Regional de Goiânia pelo *Slam Falatu*, ambos em 2024.

Instagram: <[peri.ferico](#)> acesso em: 16 set de 2025.

Fonte: Instagram do *Slam GO*.

Imagem 5: Poeta Luke ATN



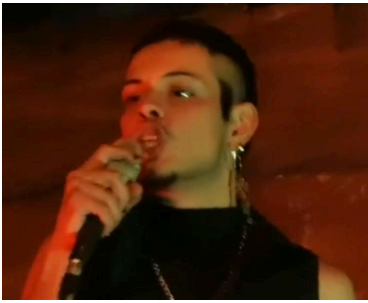
Luke ATN é poeta, *slammer* e tatuador de Aparecida de Goiânia. Foi semifinalista do Campeonato Estadual *Slam GO* e campeão do regional de Goiânia pelo *Slam Falatu*, ambos em 2024.

Instagram: <[@atn_luke](#)> acesso em: 16 set de 2025.

Fonte: Integran de Luke ATN.

¹⁹Vídeo publicado no dia 28 de ago de 2023 <[Nota de agradecimento a todos que fortaleceram o primeiro campeonato Goiano de Slam](#)> Acesso: 16 de jan de 2025.

Imagem 6: Poeta Yurus



Yurus é poeta do setor Novo Horizonte, um dos idealizadores do projeto *Ágora Periférica*, que busca incentivar a leitura e a produção artística na região. Foi um dos classificados pelo *Slam Falatu* para o Campeonato Goiano de Poesia Falada de 2024, mas não compareceu.

Instagram: [@yurusbelladonna](#)> acesso em: 16 set de 2025.

Fonte: Instagram do *Slam Falatu*.

Imagem 7: Poeta Nativa na Voz



Nativa na Voz é poeta, comunicadora, *slammaster*, mãe do Òrun Àiyé e mora na região de Luziânia. Se descreve como uma mulher negra de pele clara, mestiça. É a atual representante de Goiás no *Slam BR 2024*, que acontecerá em nov de 2025.

Instagram: [<@nativanavoz>](#) acesso em: 16 set de 2025.

Fonte: Instagram de Nativa na Voz.

Imagem 8: Poeta Ari poetisa



Ari é poeta, *slammer*, produtora cultural e arquiteta. Mora no Areal, uma das Regiões Administrativas do DF. Ficou em terceiro lugar no *Slam GO 2024*.

Instagram: [<@ari.poetisa>](#) acesso em: 16 set de 2025.

Fonte: Instagram de Ari poetisa.

Imagem 9: Poeta Slender



Slender é poeta e músico multi-instrumentista do sul da Bahia e reside em Valparaíso, foi o representante de Goiás no *Slam BR 2013* e em 2024 ficou em segundo lugar na classificatória estadual. Tem formação em artes e cursa psicologia.

Instagram: [<@slndr_og>](#) acesso em: 16 set de 2025.

Fonte: Instagram de Slender.

Imagem 10: Poeta Battousai



Battousai é poeta de Aparecida de Goiânia, um dos idealizadores do projeto *Ágora Periférica* que busca incentivar a leitura e a produção artística na região. Classificado para o *Slam GO* na regional de Goiânia pelo *Slam Alternativo*.

Instagram: <[@batosai062](#)> acesso em: 16 set de 2025.

Fonte: Instagram de Battousai.

As observações possibilitaram uma melhor compreensão das batalhas e dinâmicas de organização do tempo e condução da competição, as estratégias utilizadas para comunicar com o público e mantê-los conectados ao evento que pode se estender por quatro horas. Para isso, o tempo poético é o principal meio de reter a atenção dos espectadores, esse método consiste em deixar o palco a disposição de quem quiser declamar algum poema, cantar alguma música, nesse momento não há exigência de que os textos apresentados sejam autorais. Além disso, as pessoas presentes podem falar sobre algum projeto, fazer convites para eventos ou divulgar seus trabalhos.

A organização promove um ambiente acolhedor a partir da postura de poetas experientes, o incentivo a novos poetas, que muitas vezes estão nervosos quando sobem ao palco e podem acabar errando, nesse caso, se quiserem, podem recomeçar o poema sem que a retomada influencie suas notas. Há uma constante disponibilidade para auxiliar aos recém-chegados, poetas ou público, a entender a dinâmica de organização da competição. Tudo isso se reflete na relação entre poetas que, geralmente, estão conversando e, ao longo da competição, costumam se provocar em tom de brincadeira.

Presenciar tais momentos possibilitou a consciência da sensibilidade necessária para conduzir a pesquisa em questão, pois essas situações ofereceram uma completude na imagem deste acontecimento para quem, assim como eu, havia acompanhado as batalhas apenas pelas mídias e redes sociais. Observar como cada poeta, em sua singularidade, busca diferentes formas de alcançar os espectadores, as estratégias, como ritmo, pausas, olhares, como Ari poetisa compartilha em entrevista para essa pesquisa: “eu gosto de fazer o contato visual, eu tô olhando no seu olho, mas ao mesmo tempo eu não tô olhando a sua expressão”, todos esses aspectos compõem a performance.

A ação exige o empenho do corpo do/da poeta em um acordo com o público, de que acontecerá ali uma troca, uma comunicação que se estabelece de acordo com os saberes de

ambas as partes. Momento que exige das/dos *slammers* “capacidade de conduzir a performance de acordo com o que acontece inesperadamente” (Nascimento, 2012, p. 52). Assim como implica a disponibilidade e o respeito de quem assiste em compreender que aquele momento é o que constitui um/a poeta de *slam*.

As entrevistas foram construídas a partir das observações dos aspectos destacados acima. Ao longo das observações, foi possível perceber marcas características de poetas participantes, o que influenciou na escolha das perguntas e na condução das entrevistas. Buscamos compreender, o processo de escrita, a escolha dos temas, a preparação do corpo e da voz, como se constrói a interação com o público, o que percebem de mudança e crescimento de quando começaram até o momento. De forma que, a partir dessas observações, dos diários de bordo e das entrevistas feitas, se desenvolve a análise das performances, que serão apresentadas no capítulo 3.

Por hora, trago o conceito de *escrevivência* elaborado a partir da obra literária e teórica de Conceição Evaristo, para discorrer a respeito da apropriação da escrita feita por pessoas socialmente marginalizadas e, como esse ato tem sido imprescindível para repensar a identidade brasileira ou o que é essa brasilidade, o que tem representado, tanto o *Slam Poesia* como os escritos de Evaristo propõem reflexões com relação a essas questões considerando as subjetividades de diferentes sujeitos presentes em nosso país.

CAPÍTULO II: Escrivivência, *Slam Poesia* e a busca pelas representações das brasilidades

2.1 Escrivivência é escrever de nós²⁰

“De que cor eram os olhos de minha mãe?”
(Conceição Evaristo)

No conto *Olhos D'água*, de Conceição Evaristo, presente em livro homônimo que teve sua primeira edição publicada em 2014, pela Editora Pallas, acompanhamos a personagem, uma mulher negra, adulta que se depara com a seguinte angústia: “De que cor eram os olhos de minha mãe?” (Evaristo, 2016, p. 15). A narradora se lembra com detalhes de inúmeros momentos que vivenciou com a mãe e as irmãs ao longo do tempo em que morou no interior de Minas Gerais, no entanto, sente uma culpa profunda por não se lembrar da cor dos olhos da mãe. Como é possível lembrar dos olhos chorosos de sua mãe em dias de tempestade, mas não recordar a cor que exalava desse rio que sempre temeu por suas filhas e pela casa?

Neste conto, Conceição Evaristo nos convida a um mergulho pelas águas do pertencimento, conhecemos através do olhar da personagem, uma necessidade insistente e dolorosa de lembrar a cor dos olhos de sua mãe, que podem representar as suas raízes, um importante local de origem da personagem, que sente, em certo ponto, a necessidade de buscar as nascentes do rio de sua vida, e ao encontrá-las, “a cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum” (Evaristo, 2016, p. 19). A personagem passa a espelhar em sua filha a ação de olhar e assuntar uma à outra, permitindo que seu leito-mãe e o leito-filha permaneçam em confluência.

A autora mineira Conceição Evaristo tem vasta obra literária e poética na qual foca experiências de vida da população afro-brasileira. Todas suas histórias, como a mesma destaca, sempre serão escritas pelo ponto de vista de pessoas negras, em sua grande maioria, mulheres. Os estudos acadêmicos de Evaristo, mestrado²¹ (1996) e doutorado²² (2011), confluem em sua literatura de tal forma que o costume de brincar e combinar palavras e seus

²⁰Em encontro com os alunos, na época, a escritora perguntou para uma turma de Educação Básica, o que significava escrevivência, no que Vitor, de apenas seis anos, imediatamente respondeu: “É **escrever de nós**” (Nunes, 2020, p.12).

²¹*Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio.

²²*Poemas Malungos – Cânticos Irmãos* (2011), pela Universidade Federal Fluminense, UFF.

significados levaram ao termo *escrevivência*, inicialmente usado em sua dissertação, mescla as palavras, *escrever*, *viver* e *se ver*.

É uma abordagem de escrita literária que costura memória e ficção. Relembra ainda, a representação histórica de um dos papéis compelidos a mulheres negras em nosso passado escravagista, o de contar histórias para adormecer os da casa-grande. Evaristo propõe outro caminho com sua escrita e, por consequência, no que veio a se conceituar **escrevivência**. O objetivo é que essas narrativas “despertem os senhores de seus sonos injustos” (Evaristo, 2020, p.30) ao explorarem, por meio da escrita ficcional, a experiência de pessoas negras tendo como fio condutor as marcas do cotidiano real.

Em entrevista para o Itaú Social (2020), Conceição Evaristo fala a respeito da origem e das representações do termo:

É uma longa história. Se eu for pensar bem a genealogia do termo, vou para 1994, quando estava ainda fazendo a minha pesquisa de mestrado na PUC. Era um jogo que eu fazia entre a palavra “escrever” e “viver”, “se ver” e culmina com a palavra “escrevivência”. Fica bem um termo histórico. Na verdade, quando eu penso em escrevivência, penso também em um histórico que está fundamentado na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande. E a escrevivência, não, a escrevivência é um caminho inverso, é um caminho que borra essa imagem do passado, porque é um caminho já trilhado por uma autoria negra, de mulheres principalmente. Isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência. Mas ele é muito fundamentado nessa autoria de mulheres negras, que já são donas da escrita, borrando essa imagem do passado, das africanas que tinham de contar a história para ninar os da casa-grande (Santana, Zapparoli, 2020).

A escrevivência se fundamenta na autoria de mulheres negras rememorando a história de um Brasil convenientemente esquecido e mal retratado, para que reavivam “sua potência de emissão”, dessa vez, pelo desejo de compartilhar os saberes adquiridos através da percepção sensível e do olhar atento. “Meu processo criativo tem muito de observação e intuição também. Por exemplo, observo quando percebo que uma cena, um momento, uma escuta, podem me levar a compor um texto” (Evaristo, 2020, p. 41). A escrevivência não se trata da representação direta do cotidiano ou do relato autobiográfico da autora, são narrativas da memória e da ficção que representam a complexidade da periferia e de pessoas marginalizadas, sem anular as dores ou alegrias, se propõe a ser uma escrita afetiva com sujeitos historicamente violentados.

Evaristo afirma que a ficção é uma ferramenta que nos permite preencher as lacunas da história, suprimindo os vãos e as frestas que deixaram à margem pessoas como ela, mulheres negras, sempre colocadas no lugar de subserviência. “No espaço em que a história e a ciência deixaram de eleger fatos relativos à história dos africanos e seus descendentes no Brasil, a

literatura entra com a sua ficção” (Agência Brasil, 2025), compartilha a autora ao participar da 23ª edição da Festa Literária de Paraty (Flip).

Assim como Evaristo, Ileana Diéguez Caballero (2011) autora mexicana, percebe os interstícios da história como espaço potencial para o surgimento de manifestações, especificamente na América Latina, que buscam uma forma de representar a identidade cultural de seus países, que ainda hoje, se apoiam sob a estrutura herdada pela colonização, com a bússola identitária apontando para Lisboa, enquanto armas miram comunidades indígenas, quilombolas e periferias que vivem, cuidam e constituem parte essencial da cultura das Américas.

Dessa forma, Caballero (2011) ao discutir hibridez, ambiente no qual se misturam ou se relacionam linguagens e culturas levando ao surgimento de um outro fenômeno, a partir de Canclini (2001), Bhabha (2002) e Bakhtin (1989), explorando ainda, o conceito de liminaridade que para Bhabha (2002) se comunica com a hibridez “e sua inevitável condição fronteiriça, onde são desenvolvidas as traduções culturais como ações insurgentes” (2011, p.48), a autora mexicana propõe debater esse que é o espaço de convergências culturais e que também se torna um não lugar, uma vez que:

combinam estruturas ou práticas discretas para gerar outras estruturas, práticas e objetos que, longe de construir paraísos harmônicos, devem ser entendidas como zonas de conflito [...] gerados na interculturalidade latino-americana, onde a hibridez possui uma longa trajetória, representando a "dupla perda" que não consegue mais referenciar e legitimar paradigmas (Canclini, 2001, p.307 *apud* Caballero, 2011, p. 49).

É então que ao compreenderem as lacunas da história nas quais a hibridez estabelece conflitos culturais e constitui, dessa forma, a marginalização, pois em se tratando da América Latina, a disparidade de valores agregados às culturas que nos compõem é evidente, que a apropriação da escrita por pessoas à margem se torna uma importante ferramenta. No âmbito da poesia do *slam*, por exemplo, Periférico (2024), participante do *Slam GO 2024*, compartilha o que o impele a escrever os poemas:

Vem primeiro de um incômodo, sabe? Esse incômodo ele meio que não tem um tema, tipo ele vem sem dizer muito bem o que é, depois que eu escrevo, ele vai se mostrando sobre o que é. Muitas vezes sobre o capitalismo, sobre o cotidiano corrido, periférico, sabe? É sobre situações que muitas vezes eu não passo, mas me compadeço de ver as pessoas passando, sabe? É vem muito daí, mas sempre com um cunho mais político, né? Eu acho que não um discurso militante assim, mas como uma pessoa que enxerga essas coisas, uma mazela e se dói por elas sabe? (Periférico em entrevista realizada pela autora em 2024).

Semelhante a escrita de Evaristo os poemas do *slam* se caracterizam por esse olhar sensível às mazelas observadas cotidianamente, como coloca também Ester Linhares, “tem

muitos *slams* que acontece alguma coisa no dia, e aí eu percebo aquilo, né? Você tem a percepção, você pensa: “puts isso aqui tá errado!” Você fica muito puto e tal e com isso eu escrevo” (Linhares, 2024). Para Slender (2024): “Geralmente as minhas escritas são sobre algum fato que presencio ou que acontece com alguém ao redor, ou que eu vejo em uma matéria de jornal, ou acontece comigo mesmo, né? no âmbito pessoal”. Nativa na Voz compartilha um aspecto pontuado pela própria Conceição Evaristo, com o qual se identificou:

Em um podcast do Mano Brown que ele conversa com uma escritora, (Conceição Evaristo), ela fala que o poeta, ele tem uma imaginação fértil, então às vezes, por exemplo pode não estar acontecendo uma abordagem policial naquele dia específico da poesia que ela criou que fala da abordagem policial, mas ela tá sentada ali na esquina olha e passa um camburão e ela lembra da abordagem policial que aconteceu há um mês atrás com seu primo e aquilo dói da mesma forma, no mesmo momento e aí ela cria. E aí através da nossa imaginação demasiada eu acho que a criação vem, a escrita também. Eu até fiz uma oficina de escrita criativa aonde eu falava sobre isso, escrita criativa marginal, que é, nós, enquanto pessoas periféricas usar das palavras que a gente tem para desabafar e normalmente é isso assim, meu processo criativo é mais um desabafo (Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

Como é possível observar acima, os poemas além de trazer as vivências dos/das poetas, também retratam o que notam no mundo. A respeito desse olhar aguçado para os acontecimentos do cotidiano, Evaristo salienta que:

É preciso também ter empatia com o que está sendo observado. Mas, muito me vem do exercício da escuta. Embora eu fale muito, gosto muito de ficar assuntando, escutando as vozes, os casos, o cotidiano. E assuntar também pede silêncio. Pede para que você se retire da roda e fique observando o que as pessoas estão falando. Creio que a escrita pede isso. O tempo todo é preciso assuntar a vida. Várias situações e elementos podem desencadear em mim um processo criativo (Evaristo, 2020, p.41).

O silêncio de quem assunta, em outro momento revela a impotência diante de uma situação em que não se sabe como agir, como o fato compartilhado por Nativa na Voz:

Ela gritava socorro só que muda
 abria a geladeira cinco vezes
 procurando coisa pra comer
 se assustava quando o cachorro latia
 minha água, minha luz
 se sua miséria for contada do jeito certo
 cê tá lascado
 serviço dobrado
 dois turnos
 um estrago
 nova demais e seu caixão encomendado
 (Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

Sendo algo que ocorreu diretamente com a Nativa na Voz, percebemos que o que mais afeta a poeta nesse momento, é ver o sofrimento da mãe e não encontrar formas de ajudar, de

amenizar a angústia. A dor que nos assola é mais profunda quando a vemos nos olhos de quem nos é querido. *Nativa na Voz* enfatiza que este fato:

Realmente aconteceu, a gente tinha um cachorro e era ele que avisava quando vinham cortar nossa água e nossa luz, o desespero, eu escutava ela (a mãe da poeta) falando no quarto, trancada. E aí eu escrevia sozinha e chorando porque eu não conseguia consolar ela, eu tava trabalhando, mas eu recebia 30 reais por dia, sabe? (*Nativa na Voz* em entrevista realizada pela autora em 2024).

O relato de *Nativa na Voz*, assim como o dos demais poetas, expõe a significativa importância da escrita para essas pessoas que, além de terem a oportunidade de desabafar, também encontram uma porta de saída de acontecimentos semelhantes, porque o convívio das batalhas aflora e se aprofunda a percepção que Ester Linhares define como a consciência do mundo e da sociedade em que vivem.

As batalhas do *slam* e a poesia oferecem a essas pessoas, algo que, como Slender (2024) destaca, a infância e a adolescência em periferia muitas vezes não nos permite, a identidade. Com isso, barreiras se tornam transponíveis ao vermos “pessoas trazendo falas mais empoderadas, que eram pessoas iguais a mim”, que não permitiam serem destituídas de seus lugares enquanto sujeitos sociais, o que, novamente, só ocorre por consciência de quem se é, e principalmente, o por que sofrem essas discriminações:

Eles sabiam por que eram discriminados e não aceitavam ser discriminados, e você vai de encontro a isso, aí vê que vai contra todos os princípios que te foram ensinados, esse entendimento enquanto a pessoa, eu só consegui encontrar depois que eu comecei a escrever poesia marginal, depois que eu entrei mais, já acompanhava batalha de rimas, depois de um tempo comecei a batalhar, mas não me trouxe o mesmo entendimento que as poesias me trouxeram. E vi como formação, porque quando a gente fala em poesia, o que a gente aprende no colégio? Carlos Drummond de Andrade, Castro Alves, é aquela coisa mais rebuscada, é um linguajar que você não tem dentro de casa, você não tem com o seu vizinho na rua, o seu avô, ele não conversa com você daquela forma, sua mãe não dialoga contigo daquela forma, você não vai dialogar dessa forma com seus filhos. Então quando a gente entende que poesia é se expressar, que você sabe se expressar da forma que se expressa, você também é um poeta, te traz um entendimento enquanto ser no mundo, e você está ali não só por estar, você tem o seu espaço, você tem o seu momento assim como todo mundo a sua volta tem (Slender em entrevista realizada pela autora em 2024).

O *Slam* Poesia tem propiciado a comunidades periféricas construir e manifestarem suas identidades individuais e coletivas, aqui compreendidas a partir das reflexões de Kabengele Munanga (1999) a respeito do mito da mestiçagem e de como esse pensamento anula, através da assimilação, as culturas de povos indígenas e afro-brasileiros em detrimento de uma falsa noção de nacionalidade única e homogênea.

O *Slam* Poesia, assim como os acontecimentos analisados por Caballero (2011, p. 14), pertencem “a outro território não teatral, não estético: os gestos simbólicos que colocam

vontades coletivas na esfera pública e constroem de outras maneiras seu ser político”. Isto é, a liminaridade, esse espaço fronteiro tem possibilitado performances de caráter político social em países latino-americanos que buscam em suas origens subalternizadas pela cultura eurocêntrica caminhos viáveis e legítimos para conceber o que é ser, no caso do Brasil, brasileiro/a.

O liminar também interessa como condição ou situação a partir da qual se vive e se produz arte, e não unicamente como estratégias artísticas de entrecruzamentos e transversalidades. A partir de sua concepção teórica, a liminaridade é uma espécie de fenda produzida nas crises [...] que têm transformado a vida e o trabalho artístico das pessoas, e a partir das quais têm emergido experiências de alteridade. A arte e a cultura cidadã é necessário fazer visíveis os espaços de diferença onde existem esses outros que não se organizam sob os sistemas hierárquicos e a estabilidade oficial, e que, ao contrário, fundam projetos intersticiais, independentes e *excentris* (Caballero, 2011, p. 34, grifo da autora).

Assim como a personagem do conto *Olhos D'água*, não conhecemos com propriedade muitos fatos importantes que compõem as brasilidades presentes em nossa sociedade, e alguns desses episódios, apreendemos parcialmente, despidos de suas violências, enquanto outros, não nos propomos, enquanto nação, a reconhecer até recentemente. O Ministério dos Povos Indígenas, por exemplo, foi criado em janeiro de 2023. A Lei nº 10.639/2003 que tem como complemento a Lei nº 11.645/2008 que insere o ensino de culturas indígenas e afro-brasileiras no currículo da educação básica, não garante real execução, por falta de fiscalização, material adequado que auxilie os docentes em sala de aula e políticas públicas que mostre a população a importância desses conteúdos.

A arte e a cultura são ferramentas através das quais podemos redescobrir e redefinir quais são as identidades de nosso país em meio a tantas lacunas, pois são ferramentas que nos permitem preencher fendas e vãos identitários, produzir memórias e que fazem surgir nas fendas da sociedade movimentos como o *Slam Poesia* e como coloca a poeta Nativa na Voz:

Dentro da nossa vivência mesmo, brasileira, nós somos nativos, a gente tenta trazer esse resgate da ancestralidade, da retomada mesmo de território, de pertencimento, autoestima, tudo isso tá ligado assim. Então, os nativos, eles cuidam das matas, né? Das nossas matas e eu tento cuidar da minha quebrada através da minha palavra, então eu tento trazer esse resgate aí de autoconhecimento até pras pessoas que são mestiças (Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

Os/as poetas Nativa na Voz, Slender, Ari poetisa, Battousai, Yurus, que compartilham em entrevista, como declamam Ester Linhares, Luke ATN e Periférico, o objetivo de buscar formas de devolver as suas “quebradas” os saberes adquiridos nas diversas oportunidades que tiveram de expandir e fortalecer seus conhecimentos, em uma ação direta de cuidado e afeto com a suas comunidades. Conheceremos na sequência o que desperta essa consciência nas

pessoas entrevistadas.

2.2 *Slam* Poesia: uma geografia afetiva²³

“É acreditar que toda pessoa tem algo para compartilhar; e que, ao registrar ou publicar, promove sentidos, reconhecimentos e uma compreensão de vida livre e ampla, essencial para que se conheça e se respeite uma sociedade tão diversa”

(Conceição Evaristo)

O *Slam* Poesia, como debatido anteriormente, permite que os/as poetas explorem uma gama temática ampla, e para além disso, é um movimento que representa a potência coletiva de grupos que buscam se expressar através dos poemas e das performances, fazendo uso dessa expressão para instigar a consciência social, promover atividades e eventos com o intuito de melhorar a qualidade de vida de suas comunidades e proporcionar outros caminhos à juventude periférica. A realidade cotidiana que, apesar de cruel, se torna comum aos/as *slammers* que, fazendo uso da poesia, constroem narrativas com a intenção de denunciar e, conforme a poeta Ester Linhares (2024) compartilha em entrevista, externar os sentimentos de revolta que surgem ao terem consciência de que tem muita coisa errada no mundo.

A escrita se torna um refúgio para essas pessoas que ao desenvolverem, em algum ponto da adolescência ou juventude, consciência crítica em relação à sociedade e como a mesma se desenha a depender dos seus marcadores sociais, sentem a necessidade de externar suas frustrações. E assim, muitos/as *slammers* se propõem a narrar em seus versos histórias mais próximas de seus cotidianos, por vezes fictícias, mas que representam ou fazem referência a uma experiência real.

O ato da escrita se torna uma grande potência para esses sujeitos, que talvez tenham compreendido, assim como Conceição Evaristo que, “se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida” (Evaristo, 2020, p.53)²⁴. A performance do *slam* é o grito feito por um corpo cansado do cotidiano que não nos permite respirar, o poema é o fôlego soprado a esse corpo que, assim, é capaz de sustentar a/o

²³“Uma geografia afetiva” (Nunes, 2020, p.18), é como Conceição Evaristo se referiu às trocas, descobertas e histórias coletivas que ocorreram ao longo da oficina construída pela autora juntamente com Isabella Rosado Nunes e Ludmilla Lis, a convite feito por Angela Dannemann, superintendente do Itaú Social para o projeto Oficina de Autores.

²⁴A fala de Evaristo referenciada acima está registrada no livro: “Escrevivência: a escrita de nós, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo”, produzido pelo Itaú Cultural e organizado por Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes. O projeto em questão conta com uma entrevista e um artigo de Conceição Evaristo e outras 12 produções que destacam as diversas possibilidades de intersecção entre a escrevivência, vida e as produções afro-brasileiras.

poeta por mais uma semana de rotina esmagadora, em menção às falas e poemas das irmãs Linhares, Sara e Ester, performados na mesa-redonda intitulada, “*Slam* Poesia: Identidade e Reexistência”²⁵ que ocorreu em maio de 2025 no IFG/Campus Goiânia, mediada por mim.

Durante o debate, impulsionado pela performance poética de Ester e Sara Linhares feita no início do encontro, entre muitos tópicos relacionados ao *slam* poesia, discutimos sobre o sistema capitalista e a crença na meritocracia, falsa ilusão que nos alimenta para seguirmos na rotina esmagadora de uma sociedade que consome o nosso tempo e exige sempre mais conhecimento, mais dedicação e nos acarreta menos saúde, menos momentos com famílias e amigos, menos descanso.

Sara Linhares (2025) afirmou que são as batalhas e os momentos em que declama suas poesias responsáveis por mantê-la de pé por mais uma semana de cotidiano desgastante que, como aponta a revista *Radis*, na edição de fevereiro deste ano, as jornadas de trabalho exaustivas foram responsáveis, só em 2022, pelo afastamento de 209 mil pessoas “de suas atividades por transtornos mentais no país, de acordo com o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS)” (Radis, 2025). São dados debatidos por Monica Olivar e Luiz Felipe Stevanim (2025) a respeito de expedientes de trabalho que causam o adoecimento de trabalhadores, como a escala 6x1, e “ainda que regularizado, esse esquema de trabalho pode trazer impactos para a saúde, afetar a qualidade de vida e o bem-estar familiar e aumentar os acidentes laborais”.

Ester Linhares, Sara Linhares e eu (2025) usamos o espaço da mesa para que, através da poesia do *slam*, pudéssemos entrar nesse debate que tem sido cada vez mais presente em nosso país, principalmente após o movimento VAT (Vida Além do Trabalho), fundado pelo vereador Rick Azevedo que impulsionou a deputada federal Erika Hilton a formular a Proposta de Emenda Parlamentar (PEC) propondo o fim a escala 6x1.

A poética do *slam* aqui, se coloca mais uma vez, como relato das experiências de sujeitos marginalizados, que em nosso país se trata principalmente de “trabalhadores negros e negras que vêm de uma herança escravocrata do Brasil, um país que tem uma industrialização tardia e jogou grande parte dessa população em trabalhos precários. Trabalha-se para sobreviver” (Radis, 2025).

Como parte do sistema escravocrata, herdamos também, a representação de nossa sociedade através de uma literatura hegemônica que, entre outras formas, é refutada pela

²⁵A mesa-redonda fez parte da programação da XIV Edição da Epígrafe: *Linguagem na contemporaneidade: uma reflexão sobre linguagens, identidades e acolhimento à diversidade*, que aconteceu no dia 07/05/2025, no IFG/Campus Goiânia.

poesia do *slam*, na qual poetas retratam acontecimentos reais ou fictícios diretamente ligados ao cotidiano periférico e marginalizado, reconstruindo assim, o imaginário brasileiro de pessoas que não se veem nessa proposta escravagista de Brasil.

Sendo uma manifestação abraçada por populações periféricas, as batalhas do *Slam* Poesia têm sido um espaço que proporciona aos seus frequentadores, poetas ou não, a se verem com outros olhos. Para Slender, poeta do sul da Bahia que reside em Valparaíso há alguns anos, o *slam* “trouxe uma identidade de quem realmente se é”, a consciência de que estar à margem, de que crescer “no meio da marginália” (*idem*), que ao frequentar escolas de ensino básico, a discriminação acontece, inclusive através do “apagamento de quem se é” (*idem*). O poeta elabora esse processo violento:

Então a gente vai para a instituição de ensino básica e você é discriminado por ser quem você é lá dentro, e você vê pessoas iguais a você sendo discriminadas e outros iguais a você tentando ser diferente para não ser discriminado. Então ou você adota a imagem de ser discriminado mesmo e não tá nem aí, mas mesmo assim você ainda não consegue entender quem é, porque você acha que tem que ser discriminado e é isso mesmo. Você não vê o erro no outro, você acaba sendo uma persona, que tem que errar e tem que ser discriminado, porque é assim e pronto, e você não vai achar que tem direitos. E outra metade que vê que ser como é não é legal, e vai tentar ser diferente e se encaixar em um lugar que não é para você, que você vai ser discriminado de qualquer forma e por vezes você aceita discriminações que sofre, porque pra você ser aceito tem que ser discriminado (Slender em entrevista realizada pela autora em 2024).

Deste modo, por meio da poesia com discursos de pessoas iguais a ele que “sabiam porque eram discriminadas e não aceitavam ser discriminadas”, que Slender se compreendeu “enquanto ser no mundo”. Novamente, é através de um processo coletivo que sujeitos marginalizados, assim como Slender, se compreendem como ser social. Isso ocorre, geralmente, pela convivência com pessoas semelhantes que também já se questionaram ou questionam quanto ao seu lugar no mundo:

se a coletividade é o resultado da junção de muitos indivíduos que apresentam algum – ou alguns – elemento em comum, é intrínseco que estamos falando de um processo que se retroalimenta continuamente. Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, consequentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social, de suas implicações e agravantes (León, 2001 *apud* Berth, 2019, p. 36).

Desse modo, a busca e produção de representações que sejam mais próximas dessas pessoas se torna importante para o seu desenvolvimento individual e coletivo, e a escrevivência é um dos caminhos possíveis nessa trajetória. Como explorado anteriormente, o conceito elaborado a partir da obra de Conceição Evaristo parte da percepção sensível do cotidiano periférico e da compreensão da autora de que a ficção, em específico, a escrita por mulheres negras, são responsáveis por preencher lacunas na memória sociocultural com a

finalidade de oferecer a sujeitos marginalizados ferramentas para a emancipação de si e dos seus de uma lógica hegemônica.

Essa escrita, que se formulou pelo olhar de uma mulher negra, é capaz de se comunicar com outros indivíduos marginalizados, mesmo esses não sendo retratados nas obras. Evaristo (2020) acredita que o que torna possível esse acontecimento é a forma como cria suas personagens:

Creio que é a humanidade das personagens. Construo personagens humanas ali, onde outros discursos literários negam, julgam, culpabilizam ou penalizam. Busco a humanidade do sujeito que pode estar com a arma na mão. Construo personagens que são humanas, pois creio que a humanidade é de pertença de cada sujeito. A potência e a impotência habitam a vida de cada pessoa. Os dramas existenciais nos perseguem e caminham com as personagens que crio (Evaristo, 2020, p. 31).

Ao afirmar que a abordagem humana torna a escrevivência uma narrativa capaz de ressoar em diversas pessoas marginalizadas, apesar de se tratar experiências específicas, Evaristo nos leva a reflexão a respeito da necessidade de produções que representem esses sujeitos, lhes permitindo um retrato que explore suas subjetividades. A autora reconhece ainda, as aproximações de outras escritas contemporâneas com a sua obra, entre elas, o *Slam Poesia*:

Gosto muito também das meninas do *Slam*. Eu acho que elas também transformam o dia a dia. [...] E mesmo que o jogo delas se paute “no aqui e o agora”, pode-se pensar em uma Escrevivência, já que o nosso discurso literário traz uma memória antiga, recente e também se inspira no cotidiano, “do aqui e agora” no cotidiano (Evaristo, 2020, p. 44).

A representação do aqui e agora nas poesias do *slam* está permeada pela memória e características das nossas culturas, como apresentadas anteriormente, a oralidade, a coletividade que se forma através de pares que se reconhecem pela vivência de acontecimentos semelhantes. Os poemas retratam pessoas reais e ficcionais que simbolizam grupos, quando Slender declama: “Minha irmã tem o corpo perfeito a ser abusado, carrego a cara perfeita do condenado, minha criança é o corpo perfeito a ser baleado”, todas essas violências são comuns, em sua grande maioria, a corpos pretos e periféricos, e por essa razão será mais próxima a pessoas que são semelhantes a estas características. E ainda assim, a atrocidade dos atos que esses versos evocam em nossa mente expõe feridas recentes para aqueles que, vivendo em sociedade, se sensibilizam com o sofrimento que não é diretamente seu.

E eu acho que é essa parte que é legal, o mistério, porque você não sabe como que, poxa, como que a poesia que eu tô falando do suicídio de uma pessoa minha, que ninguém nunca viu na vida, vai tocar tanto vivência daquela pessoa ali? No final das contas é porque a gente compartilha tantas experiências semelhantes, né? Pode não

ser igual, mas toca do mesmo jeito eu acho que tem um grande impacto sim (Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

Esse lugar da identificação presente nas batalhas de *Slam Poesia* é também descrito por Evaristo (2020) ao falar sobre esse processo entre leitores e personagens em suas obras:

E o que falar da solidão e do desejo do encontro? São personagens que experimentam tais condições, para além da pobreza, da cor da pele, da experiência de ser homem ou mulher ou viver outra condição de gênero fora do que a heteronormatividade espera. São personagens ficcionalizados que se con(fundem) com a vida, essa vida que eu experimento, que nós experimentamos em nosso lugar ou vivendo con(fundido) com outra pessoa ou com o coletivo, originalmente de nossa pertença (Evaristo, 2020, p. 31).

Essa relação ocorre pela produção de uma narrativa que busca humanizar a vivência dessas personagens permitindo que sejam dúbias, contraditórias, capazes de refletir sobre a própria condição em sociedade para construir melhorias. O que, conseqüentemente coloca leitores e, no caso do *Slam Poesia*, o público, para se perceberem nesses lugares possíveis e não mais através da única narrativa que nos foi contada, “a gente que é de favela, por muitas vezes a gente tem um apagamento de quem se é, porque a imagem do que é essa favela sempre é passado a imagem ruim” (Slender, 2024). É então que essa compreensão se firma por “um conjunto de perplexidades com as quais vimos nos defrontando, ao longo da vida, seja como individualidade submetida ao assujeitamento pela racialidade, seja como sujeito político constituído pela resistência a esse modo de subjetivação” (Carneiro, 2005, p. 9).

Ao longo de sua tese, *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*, Sueli Carneiro (2005) discorre a respeito da existência de um “Ser hegemônico”, a partir do qual se forma a imagem de indivíduo pleno: homem, branco, cis e hetero, toda pessoa que foge a essa descrição é considerada o “Outro”. De forma que, a sociedade se constrói e se sustenta com a perspectiva de manter o “Não-Ser” na marginalidade, negando-lhe, principalmente, cultura e educação. Sueli Carneiro (2005) disserta também acerca dos elementos essenciais em nossa sociedade para que o processo de assujeitamento seja possível, como as “interdições”, conceito trabalhado por Foucault (1996), que funciona como: um operador de procedimentos de exclusão que estão presentes tanto na produção discursiva quanto nas práticas sociais que derivam da inscrição de indivíduos ou grupos no âmbito da anormalidade, na esfera do não-ser, da natureza ou da desrazão” (Carneiro, 2005, p.125).

Ou seja, a sociedade produz a representação da “normalidade” e mantém as pessoas que fogem a essa ideia como anormais, relegando-as à marginalidade. Carneiro (2005) se refere especificamente sobre raça e seus entrecruzamentos com gênero e classe na construção do imaginário da sociedade brasileira. No entanto, para o desenvolvimento de nossa

discussão, é importante considerarmos outros marcadores sociais e suas possíveis interseções, como etnia, orientação sexual e identidade de gênero, visto que:

precisamos refletir sobre as consequências desse processo colonizador para os povos indígenas, pois esse processo está para além do extermínio físico e cultural de tentativas de dominação e integração forçadas. Está, também, no campo das relações e violências simbólicas que são construídas. Relações simbólicas que vão naturalizando as desigualdades, o extermínio e a assimilação [...]. Essa construção simbólica desigual que acaba naturalizando a situação assimétrica e todo extermínio físico, epistemológico, cultural e da subjetividade dos povos indígenas também é reforçada pelos termos que utilizamos no nosso cotidiano, como América Latina (Zephiro, 2023, p. 6-7).

Em decorrência dessas violências e da destruição do imaginário cultural dos povos indígenas, também se desenha o, “Não-Ser”, dessa população para a sociedade. E quanto a LGBTfobia, ressalto os dados da Agência Brasil (2025), publicados em janeiro deste ano, denunciando mais uma vez o Brasil como o país que mais mata pessoas trans, ocupando o primeiro lugar do *ranking* por 17 anos seguidos. Não podemos nos esquecer de Fernando Vilaça, adolescente de apenas 17 anos, assassinado brutalmente em Manaus, em julho deste ano, ao responder a ataques homofóbicos ou do caso que ocorreu em São Paulo no mês outubro também deste ano, em que um homem matou Vitória de apenas 16 anos, namorada de sua filha por não aceitar o relacionamento, obrigando ainda, que a filha mantivesse o crime em segredo (SBTNews, 2025, 0m10s).

Diante desse cenário de violência e constante desumanização vivenciadas por pessoas marginalizadas, buscar ambientes e coletivos que lhes acolham e respeitem; construir e preservar suas comunidades é importante porque ao se enxergarem no outro sabem que não estão sós e que não resistem em vão. O acolhimento é a base para que tais sujeitos não sucumbam e possam também apoiar outras pessoas.

A resistência, o sentimento de revolta (Linhares, 2024) e o conjunto de perplexidades (Carneiro, 2005) que leva os sujeitos a resistirem e a buscarem o rompimento da condição de subalternização, se dá a partir da consciência da existência do “Ser” e o “Não-Ser”, como descreve Sueli Carneiro (2005), ao citar bell hooks, “(...) o trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes” (hooks, 1995, p. 465). É por terem consciência de que o conhecimento é uma ferramenta potente, que as pessoas entrevistadas para essa pesquisa buscam acesso ao mesmo como podem e compartilham.

No entanto, é estratégia comum do capitalismo negar a esses sujeitos os meios necessários para a conscientização da sua marginalidade, pois favorece a manutenção de uma

sociedade pautada na violência, uma vez que não haverá valorização das diferenças que nos constroem enquanto corpo social ou dessa pessoa enquanto ser social. Em razão desse mecanismo, vemos indivíduos que, ao se apropriarem de outras formas de conhecimento através da educação, do acesso à cultura e a espaços que não foram comuns em seu cotidiano, se propõem a compartilhar esses novos aprendizados com sua comunidade ao entender a importância dessa aprendizagem para o desenvolvimento de uma consciência crítica.

A exemplo disso, no *Slam Poesia* temos o projeto *Slam Interescolar SP*, competição de poesia de escolas públicas e particulares de São Paulo idealizado por Emerson Alcalde, que fez a mediação nas quatro primeiras edições, com Cristina Assunção²⁶ e Uilian Chapéu²⁷. A proposta promove o gênero poético no ambiente escolar, não só com a intenção de formar leitores, mas também poetas.

No entorno de Brasília, Slender é uma das figuras que usa seus conhecimentos e experiências, inclusive com o *Slam Poesia*, para levar atividades formativas para crianças e adolescentes:

E hoje eu tenho a oportunidade de estar levando isso também para outros jovens e para crianças e adolescentes através de projetos de slam, a gente tem tentado colocar aqui na região do entorno, aqui no Goiás, o *Slam Interescolar* e a gente tá começando a levar oficinas formativas de poesia marginal para dentro das escolas, inclusive nessa próxima sexta-feira (22/11/2024) a gente vai estar levando para um Centro de Assistência Socioeducativa, conhecido como antiga Fundação Casa, a gente já levou uma vez e hoje a gente tá levando de novo uma continuação da oficina formativa (Slender em entrevista realizada pela autora em 2024).

A pesquisadora Nayane Ferreira (2022) afirma em sua tese *Cultura de rua e o “slam interescolar”*: a literatura periférica na escola, que o gênero poético é explorado de forma superficial na educação básica, sendo assim, o ensino formal falha na formação de leitores de poesia para vida adulta, e complementa, “é consenso no meio educacional a importância da poesia para o desenvolvimento do aluno enquanto leitor e para o seu próprio desenvolvimento e da sociedade, porém há pouca expressividade desse gênero na escola” (Ferreira, 2022, p.75). Essa afirmação aponta a importância de atividades como o *Slam Poesia* para a formação de crianças e adolescentes.

No quinto ano de realização das batalhas de poesia nas escolas, 2019, por terem o incentivo da 3ª edição do Fomento à Cultura da Periferia, da Secretaria Municipal de Cultura

²⁶Cristina Assunção é mestre em História pela PUC -SP, professora, atriz e *slammaster*. É membra fundadora do *Slam* Guilhermina, que desde o início documenta e produz (Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa da cidade de São Paulo, 2022).

²⁷Uilian Chapéu é agitador cultural do *Slam* da Guilhermina e esteve à frente de diversos outros eventos do tipo, como o *Slam Interescolar* e o *Slam SóFáLá*. Nestes eventos, além de cuidar da produção, exerce a função de "matemático", sendo responsável pelo cálculo das notas dos participantes (Secretaria Municipal de Cultura e Economia Criativa da cidade de São Paulo, 2022).

de São Paulo, o coletivo *Slam* da Guilhermina que promove o *Slam* Interescolar, conseguiu contar com poetas formadores:

São poetas que visitam as escolas e auxiliam os professores na preparação dos alunos-poetas e no *Slam* da escola. Essas visitas são interessantes aos alunos, pois estes têm a oportunidade de conhecer pessoalmente poetas que geralmente são reconhecidos pelos vídeos divulgados no YouTube, Facebook e Instagram, além de serem poetas jovens, com uma linguagem próxima a deles e que os motivam a colocar no papel os seus sentimentos, pensamentos e emoções e declamar para os demais. Os poetas-formadores compartilham com os alunos e professores seus conhecimentos sobre poesia e *Slam* e tornam-se os padrinhos da escola, acompanhando-a até o dia da batalha com as outras escolas (Ferreira, 2022, p.77).

E para o último exemplo de pessoa e representante de um coletivo local, que entende a importância de devolver à periferia o conhecimento adquirido fora dela, em Goiânia, temos o poeta Yurus que destaca em uma de suas participações do *Slam* Falatu que era preciso ir além das batalhas e promover atividades educativas e culturais principalmente em bairros periféricos. Yurus apresentou ainda, o coletivo *Ágora Periférica*, do qual faz parte, o grupo oferece, aos domingos, em uma praça no setor Novo Horizonte, rodas de leitura e produção artística, pois como o mesmo enfatizou em entrevista, “a arte é natural do ser humano, todos, todo mundo precisa se expressar”.

O natural do ser humano se perde na pressa do cotidiano de trabalho, é esquecido em um sistema de ensino engessado que desvaloriza a arte, poesia, literatura e outras formas de expressão possíveis e ambos processos dificultam o acesso dessas pessoas a ambientes culturais e de lazer, transformando a população em uma máquina que reproduz falas e comportamentos nocivos a si mesma, visto que, o pensamento crítico é desenvolvido em processos educativos formais ou informais e na convivência em sociedade. Como ressalta a escritora e psicanalista Joice Berth (2019) em seu livro *Empoderamento*, em comunicação com as concepções de poder apresentadas por Hannah Arendt e Michel Foucault:

Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. Seria estimular, em algum nível, a autoaceitação de características culturais e estéticas herdadas pela ancestralidade que lhe é inerente para que possa, devidamente munido de informações e novas percepções críticas sobre si mesmo e sobre o mundo em volta, e, ainda, de suas habilidades e características próprias, criar ou descobrir em si mesmo ferramentas ou poderes de atuação no meio em que vive e em prol da coletividade (Berth, 2019, p.18).

Em outras palavras, o processo de conscientização se desenvolve através desse caminho, no qual, sujeitos vão se entender enquanto ser social dentro de um corpo social,

como compartilha a poeta Luz Ribeiro de São Paulo, representante do Brasil na Copa do Mundo de *Slam* na França, em 2017:

Acho que eu aproveitei muito bem cada um dos três minutos que me foi dado, sabe? Acho que eu consegui... Ser menos invisível; meu sonho na vida sempre foi ser menos invisível assim... Sempre fui muito invisível. Então, cada vez que eu subo e falo três minutos e alguém me ouve – e geralmente é mais de uma pessoa, porque *slam* consegue concentrar bastante gente – eu me sinto menos invisível. E eu gosto de ser menos invisível; não é só tipo porque... Sei lá, pra aparecer, mas... Porque eu acho que eu carrego... Acho que eu carrego muita coisa que não é só minha, sabe? E veio... muitas outras antes de mim, que carregavam muitas coisas que são minhas também, e ninguém nunca ouviu. Então, eu me sinto muito privilegiada por cada um desses três minutos que eu tenho e eu posso falar por mim. Eu não preciso esperar que alguém fale por mim (Luz Ribeiro, 2017).

O *Slam* Poesia se propõe e como podemos perceber pelos relatos do/as poetas, cumpre sua função de espaço de escuta para pessoas que através da geografia de afetos, ambiente de partilha sensível, possam encontrar outros caminhos e tenham a oportunidade de contar os enredos e narrativas que compõem as nossas culturas, para que possamos reconhecer as cores dos diferentes olhares que formam as nossas brasilidades. A escrevivência tem sido mais um mecanismo para esse processo, e talvez seja exatamente por isso que se comunique tão diretamente como *Slam* Poesia.

Diante do que foi argumentado a respeito da representação de acontecimentos próximos e comuns ao cotidiano dos/das poetas através de seus escritos, compreender como se formulam esses poemas e os objetivos que buscam alcançar com os mesmos é imprescindível, uma vez que, como pontuado pelas falas dos/das *slammers*, as narrativas se constroem por meio da revolta ou como desabafo, o que reflete diretamente no empenho e engajamento das performances analisadas na sequência.

CAPÍTULO III: A performance do *Slam* Poesia em Goiás

“À margem desse eurocosmos
 Desse eurocentrismo
 Do mundinho micro do seu próprio umbigo
 Eu grito em conflito
 À margem das brechas da lei
 Hey trago oralidade
 É o rap a minha verdade
 Afinal, se me colocaram à margem
 Como não ser marginal?”²⁸
 (Baale e VH, O Escrivão)

Ao iniciar a pesquisa de campo, acompanhei batalhas de *Slam* Poesia e observei como o ambiente se organiza, e como se dá a interação entre os/as poetas e, logo compreendi como seria importante ter essa percepção inicial, especialmente no que diz respeito ao que cada *slammer* compartilha a partir da poesia, para que então pudesse fazer as entrevistas. Me propus a conhecê-los/as, primeiro através de seus poemas e performances.

As batalhas do *Slam* Falatu que acompanhei presencialmente antes de realizar as primeiras quatro entrevistas, foram as edições dos meses de abril, junho e julho. Compreendi a partir dessas observações a organização da batalha para além das regras, a partir do incentivo de quem conduz e o respeito de quem assiste para manter a atenção na performance. Como descrito no diário de bordo das duas primeiras competições que presenciei:

A percepção inicialmente é com relação às diferentes formas que os/as poetas escolhem se colocar no palco para a performance. Algumas pessoas se apresentam de forma mais expansiva, caminhando mais pelo espaço e trocando com o público constantemente, outras são mais concisas e muitas vezes parecem estar em um diálogo consigo mesmas. Os temas dos poemas, é claro, se tornam os grandes protagonistas e, em razão disso, percebemos que a performance compõe a partir do texto poético, pois o mesmo é o grande propulsor da ação (Autora, 2024).

Portanto, no dia 17 agosto de 2024, durante concentração, antes de iniciar a competição que seria responsável por classificar três poetas para o *Slam* GO - Campeonato Goiano de Poesia Falada, entrevistei Periférico, Luke ATN, Yurus e Ester Linhares. Era sábado, e nesse dia a concentração começou às 17 horas, a batalha em si, ocorreu a partir das 19 horas. Se tratava da última edição do *Slam* Falatu e o Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá convidou artistas independentes da Região Metropolitana de Goiânia para exporem seus trabalhos. Além disso, por se tratar de uma edição responsável por classificar os/as poetas para o estadual, participaram da competição naquele dia quem havia sido classificado nas edições anteriores daquele mesmo ano, ou seja, para cada batalha três poetas passavam para a

²⁸Trecho da faixa “Interlúdio: Planando às Margens” do álbum “Margynalia” de VH, O Escrivão, interpretado pelo poeta Baale <baaleiconico>.

final, sendo quatro edições preliminares, totalizando 12 *slammers* para competir. Por ter observado edições anteriores, no momento da entrevista procurei guiar as perguntas, elaboradas previamente, considerando o que já havia presenciado dos/das poetas de modo que eles pudessem apresentar suas motivações e objetivos acerca da performance.

No entanto, percebo que realizar as primeiras entrevistas antes da batalha não tenha sido a melhor escolha porque, apesar da concentração ter acontecido entre as 17 e 19 horas, o momento não era tão oportuno, não por nervosismo das pessoas entrevistadas, mas pelo ambiente que é sempre uma atmosfera de confraternização. Somando-se a isso, o fato de ter sido as primeiras entrevistas que realizei, acredito que a condução das perguntas não tenha sido tão proveitosa como poderia ter sido, considerando o repertório observado dos/das *slammers* até o momento. Em razão disso, a primeira metade das entrevistas acabaram se encurtando muito com relação às feitas no mês de novembro após o campeonato goiano.

O *Slam GO*, Campeonato Goiano de Poesia Falada, ocorreu no dia 26 de outubro, com uma proposta diferente, o evento foi organizado para acontecer durante toda a tarde daquele sábado. Iniciou com uma feijoada solidária, seguida pela roda de conversa com o tema “A Cena de *Slam* em Goiás e seus desdobramentos”, com a presença de Beatriz Ohana, poeta marginal, cineasta e *slammaster* do “*Slam* Reexistir - Batalha Itinerante de Goiás”; além de Pedro *Skyblue*, rapper, *slammer*, palestrante, produtor cultural e idealizador do projeto “*Slam* do Céu”, de Céu Azul, entorno de Brasília; e Slender, poeta, músico multi-instrumentalista e *slammer* representante de Goiás no *Slam BR* de 2023. A mediação foi feita por Akira, multiartista e integrante do Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá.

O terceiro momento da tarde foi a contação de histórias por Nix, Androgy-nix, produtor de resistência cultural, como se denomina, também integrante do Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá. Após a competição de *slam*, aconteceu ainda o show de rap intitulado: “VH, O Escrivão convida Dam Caseiro”. A respeito da batalha do *Slam GO* trago um trecho do diário de bordo:

Já no início da noite, com o prenúncio de chuva, o *Slam GO* 2024 começou, Jordan Bê, um dos MCs da noite explicou as regras e destacou que diferente do que acontecia no *Slam Falatu*, o *Slam GO* teria mais rigor com o tempo e portanto, que os/as poetas se atentassem a isso. Outro ponto importante foi o poema sacrificial, consiste na performance de alguém que não está competindo, mas que se propõe a se “sacrificar” para que jurados e público consigam entrar melhor no clima da batalha, evitando assim, que a primeira pessoa a competir seja prejudicada.

Na noite da segunda edição do *Slam GO* o sacrificial foi feito por Lory, idealizadora do “Sarau da 01” de Valparaíso, e como em toda batalha de poesia tem o grito feito pelo/pela poeta antes de iniciar a performance:

Poeta: A terra do pequi tem poesia no gogó

Platéia: *Slam G-O*

O pelo do peito do pé do Pedro é preto
 O pelo do peito do pé do Pedro é preto
 O Pedro é preto, tem um cabelo crespo
 Pedro é cria da periferia, nascido lá no gueto
 O controle do videogame na mão do Pedro, vira arma
 O único branco que a bala atravessa
 É o branco da camisa de uniforme do Pedro
 O sangue é vermelho, mas o Pedro, é preto
 A cor da roupa do luto da mãe do Pedro, é preta
 E a mãe do Pedro, também é preta
 Não é só o pelo do peito do pé do Pedro que é preto
 Sua história é preta
 Pedro é símbolo da resistência preta
 Na mão deles sempre haverá mais um Pedro
 E até quando será mais um Pedro preto?
 (Lory em performance no *Slam GO* 2024).

Imagem 11 - Lory em performance no *Slam GO* 2024



Fonte: Vídeo disponível no Instagram do Sarau da 01 - 2m46s

Nessa bomba eu não ando mais, acharam um racista no banco de trás
 Nessa bomba eu não ando mais, acharam um racista no banco de trás
 O racista se levantou e diz que racista é os opressor
 Os opressor cheio do dinheiro diz que racista é os politiquero
 Politiquero olhou pra pista e diz que racista é a polícia
 A polícia deu a ré e diz que racista ela não é
 Mas a verdade nunca falha
 Protetor de pilantra é pilantra da mema laia
 Mas a verdade nunca falha
 Protetor de pilantra é pilantra da mema laia
 E o Pedro se levantou e com o punho cerrado os racistas ele socou

E o Pedro se levantou e com o punho cerrado os racistas ele socou
 E taca fogo nos racista e não vende teu voto pra candidato milícia
 E taca fogo nos racista e não vende teu voto pra candidato milícia
 Chega de racismo, a favela tá de pé
 Chega de racismo, a favela tá de pé
 “Como é que é?”
 Chega de racismo, a favela tá de pé
 Chega de racismo nossos Pedro tão de pé!
 (Lory em performance no *Slam GO 2024*).

Na sequência o júri apresentou as notas da performance sacrificial da mesma forma que fizeram com as que ocorreram ao longo da competição. Com o fim do trecho do diário de bordo do *Slam GO 2024*, seguimos destacando outra figura presente nos vídeos usados para a análise e por consequência nas imagens presentes ao longo do terceiro capítulo, se trata do intérprete de libras que é um corpo percebido ao fundo de todas as performances que, no entanto, não é parte do estudo.

A partir da batalha do estadual, optei por outro caminho para segundo bloco de entrevistas, mantendo ainda a observação inicial para conhecer melhor quem iria entrevistar que, por se tratar da edição de 2024 do *Slam GO - Campeonato Goiano de Poesia Falada*²⁹, encontrei pessoas que não havia tido contato até então, pois estavam presentes ali poetas de diferentes regiões do estado, especialmente, do entorno de Brasília, Taguatinga, Céu Azul, Valparaíso e outros. Após a batalha, entrei em contato com algumas pessoas que haviam participado do estadual no dia 26 de outubro e obtive resposta positiva de quatro delas, sendo então, Nativa na Voz, Ari poetisa, Slender e Battousai, marcamos reuniões *online*, foram entrevistas individuais e todas ocorreram em novembro de 2024.

Battousai já era um poeta conhecido que eu havia observado em outras batalhas de *slam* na Região Metropolitana de Goiânia, e se propôs a ser entrevistado. Os demais entrevistados, são do entorno de Brasília e formaram o pódio goiano do ano de 2024 com a Nativa na Voz em primeiro e classificada para o *Slam BR 2024*, Slender em segundo e Ari poetisa em terceiro.

Recobrando que o caminho escolhido para a análise das performances é a partir das categorias propostas pelos estudos de Regina Miranda (1979) sobre o trabalho com o corpo nas aulas de dança para a educação básica, a pesquisa aqui proposta, assim como a de Miranda (1979), pretende avaliar de forma qualitativa a performance das poetas Ester Linhares, Ari poetisa e Nativa na voz, e dos poetas Periférico, Yurus, Luke ATN, Slender e Battousai, as pessoas listadas, foram apresentadas no tópico 1.5, no primeiro capítulo.

²⁹Slam GO - Campeonato Goiano de Poesia Falada, edição de 2024, recebeu benefício do Programa Goyazes de Incentivo à Cultura da Secretária de Estado Da Cultura de Goiás.

A proposta de analisar as performances em categorias não tem o objetivo de compartimentar o acontecimento, mas propor focos de estudo para melhor investigar suas características. No entanto, é igualmente importante destacar que os quatro fatores apontados se imbricam durante todo o processo. Ainda a respeito da organização da pesquisa, antes de cada poema está presente o *Qr Code* com o vídeo da performance. Daremos então início às análises das performances a partir dos tópicos: **consciência do corpo, qualidade do movimento, uso do espaço e relacionamento.**

3.1 Consciência do corpo

“A performance seria como a escrita em gestos, o corpo fala, tem esse pensamento que é muito auto explicativo, o corpo fala e ele fala bastante, é tanto que você pode recitar uma poesia sem palavras, sem fala nenhuma, apenas com o corpo, você consegue transmitir sentimentos”

(Slender)

Para a performance do *Slam* Poesia, o texto poético é o destaque da manifestação, no entanto, pelo formato competitivo, a presença de um júri e o público que, em muitas batalhas participa, fervorosamente, enquanto a performance acontece, fazer um bom trabalho na preparação do texto a ser declamado pode não ser suficiente se a ação não envolver o corpo.

A consciência do corpo é descrita por Miranda como: “O corpo - Em partes, como uma só unidade, sua coordenação e formas assumidas durante o movimento” (1979, p. 8). Compreende, portanto, a percepção do movimento corporal em sua completude e variações possíveis com foco no que se expressa através da ação. A consciência do corpo parte da assimilação da “sensação do movimento” (Miranda, 1979, p. 29) no corpo do/da poeta e, “a observação das partes do corpo envolvidas no movimento e a relação entre elas [...], já que traduzem as atitudes internas de quem se move” (*idem*).

Também é importante conseguir ter consciência dos movimentos frequentes de “determinadas partes de seu corpo, deixando de lado várias outras possibilidades, e isto é um traço de seu estilo de movimento” (Miranda, 1979, p.29), que pode, no entanto, reduzir as alternativas de expressão do corpo.

Slender compreende a importância da performance e ressalta a pesquisa que faz há dois anos, período em que tem participado enquanto poeta. Ele parte de sua experiência no teatro para a construção das características de sua movimentação para as batalhas de *slam*:

já tenho né, essa bagagem e tal essa experiência com a questão do palco, com a questão de sentido do corpo, eu acredito que influencia muito, influencia bastante quando você já perdeu aquele medo de expor um pouco os sentimentos, e assim, geralmente nas batalhas, quem fala não é o Rodrigo é o Slender, a gente sempre tem essa persona, então o Slender ele tem muito disso, muito de usar o corpo, muito de trazer o corpo pra dá sentido a poesia (Slender em entrevista realizada pela autora em 2024).

O nervosismo e o medo que Slender fala, são sentimentos muito presentes nas respostas das pessoas entrevistadas e Miranda (1979) ressalta que é muito comum situações de exposição estimular tais emoções, a reprodução de expressões e gestos nem sempre perceptíveis para quem está fazendo, podem prejudicar a performance do/da poeta. A consciência do corpo pode ajudar a manter o foco no que se deseja expressar.

Para contornar tais acontecimentos de forma satisfatória, trabalhar a consciência dos movimentos do corpo, compreender que o que acontece internamente transparece externamente, explorar e observar essa transferência para elaborar uma movimentação mais harmoniosa (Miranda, 1979). Assim sendo, conheceremos o processo de preparação de Slender para uma batalha de poesia:

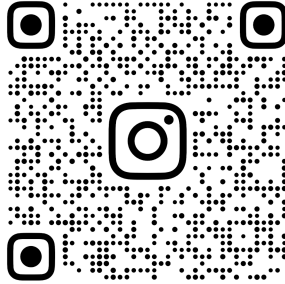
Primeiro eu escrevo e depois de escrever que eu vou ver de uma forma mais técnica, o que eu posso fazer pra aquilo mudar. E eu começo o estudo mesmo de decorar as poesia, de decorar as obras, e pra isso tem um exercício que eu gosto muito, que é o de recitar em frente ao espelho, eu começo lendo, aí digamos que a poesia tem 10 estrofes [...] Aí depois de decoradas eu vou pra frente do espelho pra ver a minha performance, ver como eu pronuncio, dicção, gesticulação, porque às vezes você tá falando algo muito agressivo e seu corpo tá parado, sua expressão facial tá parada, então, a gente é muito influenciado pelo que a gente vê, né? (Slender em entrevista realizada pela autora em 2024).

Slender ressalta a influência visual que temos na apreciação de uma obra e a atenção com sua performance para que visualmente não venha a contradizer a mensagem do seu poema. Em *Poiesis do corpo-tela*, presente no livro *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*, Leda Maria Martins (2021) reflete sobre as multifacetadas da comunicação da imagem:

O corpo-tela, como imagem material e mental, fundo, superfície, volume, relevo, perspectiva e condensação, não nos remete apenas às inscrições peliculares e aos adereços e adornos corporais e, por consequência, ao privilégio das poéticas da visibilidade, pois evoca também, como sonoridade, a evidência auditiva, o perscrutar dos ouvidos, a ativação intensa dos registros auriculares. Em sua qualidade icônica, visual, provoca o olhar, pois "a experiência da imagem, anterior à da palavra, vem enraizar-se no corpo", como afirma Bosi (Martins, 2021, p.78).

É em razão da capacidade que o corpo expressivo tem de primeiro atingir a sensibilidade de quem assiste, que estar ciente da construção da performance se torna imprescindível, de que a mesma transparece ou projeta no público e no espaço, signos através

das pausas, pulsações, tensões, contrações gestuais e articulações faciais. E os estudos que Slender tem feito durante o período em que participa das batalhas de *Slam* Poesia mostram isso. Em sua participação no Campeonato Goiano de Poesia Falada - *Slam* GO 2024, ele performa, cantando os quatro primeiros versos:



REEL COMPARTILHADO EM 12 DE FEVEREIRO DE 2025

DE SLAMGO.OFICIAL

É coisa de preto, é coisa de preta
 É de mandingueiro, é de mandingueira
 Que é a força dos preto, que é a força das preta
 Faz quebrar terreiro e queima as mandingueira
 Viver é sobre experimentar
 Sentir novos ares, saborear velhos bares
 Beber as palavras de outras bocas
 É sobre... sabores
 Senhores, permitam-me que me apresente
 Sou o filho do abandono que deu errado
 Anos de shibata em minhas costas
 Pois, segundo vocês, tenho a cor do pecado
 Minha irmã tem o corpo perfeito a ser abusado
 Carrego a cara perfeita do condenado
 Minha criança é o corpo perfeito a ser baleado
 Viver é sobre experimentar
 Mas em cinco séculos
 Experimentamos o imensurável sabor de sermos
 Explorados, mutilados, fossilizados
 E graças à piedade da desgraçada princesa
 O prazer de sermos marginalizados
 (Slender em performance no *Slam* GO 2024).

Imagem 12: Slender em performance no *Slam GO* 2024

Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 1m14s

Viver é sobre sonhar
Mas ser julgado pela família candomblecista
E o que falar a respeito da tua que é necromancista
Que usa da fome dos meus para encher vossa conta
Em seu banco de dados encontrei um montante de corpos
E não por coincidência sabia o nome de cada um
Para! Para!
(Slender em performance no *Slam GO* 2024).

Imagem 13: Slender em performance no *Slam GO* 2024

Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 1m38s

Não era isso que deveria dizer
 Estava marcado que o início da poesia
 Era sobre o prazer de viver
 Ué, senhor, mas se o meu sofrimento não te dá prazer
 Ainda sou socialmente torturado, por quê?
 Apesar de não concordar com o teu direito de fala
 Favela
 Responderei tua pergunta
 (Slender em performance no *Slam GO* 2024).

Imagem 14: Slender em performance no *Slam GO* 2024



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 1m50s

Te jogo migalhas, pois é da minha essência
 Te ver em grades me traz paz
 Pois sei que a ascensão do meu filho seria ineficaz
 Se o quesito em pauta fosse inteligência
 Se mesmo escravizado
 Sobrevivendo pela mediocridade da existência
 Você consegue destaque em universidade
 Imagina o que vocês conquistariam
 Se deixássemos reinar a igualdade
 Afinal, viver é sobre lutar
 E a resistência é banhada pela cor de tua pele
 E isso?
 É coisa de preto, é coisa de preta
 É de mandingueiro, é de mandingueira
 Que é o corpo dos preto, que é o corpo das preta
 Faz queimar a terreiro e queima as mangueiras
 (Slender em performance no *Slam GO* 2024).

O canto e os primeiros versos de Slender falam sobre a beleza de viver. Ao declamar pela segunda vez: “Viver é sobre experimentar” com ritmo mais lento, voz e expressão facial mais brandos, contrasta com os versos anteriores e os da sequência que são mais ferozes. Ainda no início do poema, Slender faz uma breve pausa e mantém o corpo congelado por instantes, como na imagem 12, destacando o trecho: “O prazer de sermos marginalizados” e então, segue por outro caminho com o poema. Diferente do tom inicial, o texto se mostra cada

vez mais violento nas imagens que evoca: “Minha irmã tem o corpo perfeito a ser abusado / Carrego a cara perfeita do condenado / Minha criança é o corpo perfeito a ser baleado”. Ao longo desses versos Slender carrega um semblante que mistura tristeza e raiva, muito possivelmente pela impotência diante do cenário que narra a respeito de si mesmo e sua família.

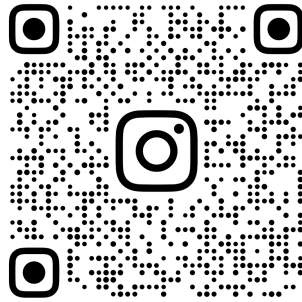
O poeta da continuidade em sua performance ironizando a postura da burguesia ao perceberem que as periferias se apropriam de suas vivências, mesmo as de violência, e insistem em não deixá-las sucumbirem ao abismo do esquecimento histórico. Usando-as inclusive, como mecanismo propulsor na busca e partilha de conhecimento, contrariando o cenário elaborado pelos “senhores”, que afirmam no poema de Slender: “Te joga migalhas, pois é da minha essência / Te ver em grades me traz paz / Pois sei que a ascensão do meu filho, seria ineficaz / Se o quesito em pauta fosse inteligência”.

No corpo o poeta Slender trabalha seus movimentos usando bem as pausas e gestos que ressaltam alguns versos como “Apesar de não concordar com o teu direito de fala / Favela”, nesse trecho, o destaque para a palavra “favela” além de ter sido feito com um breve momento de silêncio, é também reforçado quando o *slammer* aponta para o público, como se naquele momento estivesse no lugar da figura racista, descrita no poema, apontando para a favela. Quando nos versos anteriores, representa a favela e a si mesmo, uma vez que em entrevista destaca “a gente que é de favela”, e numa ação que transparece confusão e indignação, curva o corpo para frente, apontando e, batendo os dedos no peito, questiona: “Ué, senhor, mas se o meu sofrimento não te dá prazer / Ainda sou socialmente torturado, por quê?”.

Ao finalizar a performance, Slender retoma o canto do início e, neste momento, não olha para o público como havia feito, era como se buscasse, no começo, trazer os presentes para a poesia, o que acontece, visto que as palmas representam essa conexão. No final, como esse vínculo já se estabeleceu, no primeiro verso cantado, a plateia já acompanha, inclusive cantando, e o poeta, com olhos fechados e o corpo curvado para baixo, deixa transparecer de uma forma mais direta o que está internamente, e supondo a partir do trecho: “Afim, viver é sobre lutar / E a resistência é banhada pela cor de tua pele / E isso? / É coisa de preto, é coisa de preta [...]”, talvez seja a busca pela força que mantenha-o resistente.

Luke ATN, poeta, *slammer* e tatuador de Aparecida de Goiânia declama “Poesia com P”, um poema no qual todas as palavras se iniciam com a letra “p”. É uma proposta que relembra o rap “Brasil com P” de Gog, lançado em 2000. O uso da letra “p” de forma repetida provoca uma sonoridade que em alguns momentos evoca o som de pancada, isso ocorre pela

característica explosiva da letra, ao pronunciar palavras com “p” em voz alta, conseguimos ter essa percepção. Segue o poema de Luke ATN performado no Campeonato Goiano de Poesia Falada - *Slam GO 2024*:



REEL COMPARTILHADO EM 5 DE FEVEREIRO DE 2025

DE SLAMGO.OFICIAL

Poesia com P

Poupe-me para provocações
Prezado presidente, por quê?
Prefeitos pegam propinas
Policiais podres, porcos
Pedi pra poupar o povo preto
Pedi pra parar
Provocações parecidas
Pedreiros poupando
Políticos pegando
Pensei
(Luke ATN em performance no *Slam GO 2024*).

Imagem 15: Luke ATN em performance no *Slam GO 2024*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m18s

Pior país
 Patrimônio, porcentagem privatizada
 Parece piada portuguesa
 Promíscua para padrões
 Pensou o poeta palavreando
 Preparados pra proteger?
 Preferem prender
 Pretos, pobres
 Pergunto, por quê?
 Palanques, placas para políticos
 Para pobres?
 Pedra, projéteis, prejuízo
 Privilégio para os poderosos
 Professores preparando os profissionais
 Podemos parabenizá-los pelos primeiros passos para a prosperidade
 Preguiçosos?
 Preferem pó, peixe pelo peão
 (Luke ATN em performance no *Slam GO* 2024).

Imagem 16: Luke ATN em performance no *Slam GO* 2024



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m55s

Psicológico perturbado
 Pareço papagaio parafraseando pro dono
 Prefiro prosperidade ao proletariado periférico
 Pessoalmente?
 Paço protagonismo preto
 Para pedir pelo povo
 Por fim peço
 Paz para o povo preto
 (Luke ATN em performance no *Slam GO* 2024).

Luke ATN questiona em seu poema o sistema que a sociedade brasileira se constitui a partir de algumas figuras emblemáticas, políticos e policiais, criticando o desrespeito com a

população em geral por parte da maioria das pessoas que ocupam esses cargos, e ainda, enaltece o trabalho dos professores e professoras em nosso país.

O poeta revelou, em entrevista, que o “poder que o palco dá pra você se expressar” (2024) é a razão pela qual participa das batalhas e é frequente que o momento o surpreenda e alguns versos acabem sendo improvisados. A esse ponto apresentado pelo poeta sobre as possibilidades de acontecimento no *Slam Poesia*, ao se permitir ser afetado pelo momento, traz a proximidade com o que José Gil (2001) discute como “inconsciente consciente”. Trata-se da concepção de que a consciência total e exacerbada em performance, “provoca em geral o seu fracasso”. Gil propõe a partir de Merleau-Ponty:

Esse conhecimento espontâneo que o corpo tem do mundo, deve-se decerto às pequenas percepções. O corpo capta por si próprio as linhas intersticiais de tensão e de energia que, sendo moduladas como convém, compõem o equilíbrio das diferentes partes do corpo. A intervenção da consciência - através de uma mais forte atenção concedida a certo órgão, por exemplo - vem perturbar o jogo da energia, e a construção da posição desmorona-se (Gil, 2001, p.158).

Em outros termos, estar completamente focado na movimentação e nas ações a serem empregadas em performance podem ocasionar o seu insucesso, é preciso deixar espaço para que as sensações espontâneas transpareçam. E, portanto, a partir do que Luke ATN compartilhou em entrevista, é possível inferir que é a partir de um estado de “inconsciência consciente” que os seus improvisos são possíveis, pois, talvez se estivesse totalmente concentrado na performance não haveria espaço para expressar o “sentimento que eu tava sentindo naquele dia”. O caminho do poeta antes e durante a performance é:

Eu só tento respirar, eu não construo a ideia, tipo, eu escrevo a minha ideia, mas a ideia de interpretar é uma coisa que acontece automático, tipo eu deixo fluir, eu não fico pensando muito nas ideias, no que eu faço, porque se não eu me atrapalho, ai eu só deixo acontecer, tipo, deixa acontecer naturalmente (Luke ATN em entrevista realizada pela autora em 2024).

Mantendo a atenção no texto, Luke ATN performa de maneira menos expansiva com relação à movimento e o desenho do texto poético acontece de forma “natural”, como aponta em entrevista. Sua performance é percebida na expressão facial, nos movimentos da cabeça e nos pequenos impulsos do tronco, que apresentam, junto ao texto, uma figura questionadora.

As duas performances, de Slender e Luke ATN, exemplificam bem as características de cada poeta, o primeiro, mesmo em entrevista se mostra mais extrovertido e enfatiza que é competitivo, Luke ATN é mais contido, sendo objetivo em suas ações. Ambas performances, portanto, destacam diferentes pontos de vista sobre a consciência do corpo no *Slam Poesia*. Slender busca usar de tudo à sua disposição, como uma ação mais expansiva, e Luke ATN,

mais calmo e brando no tom, está ciente de que, “deixar acontecer naturalmente” é o que funciona para ele.

3.2 Qualidade do movimento

Como nos movemos, Miranda (1979, p. 9) define a qualidade do movimento como “as dinâmicas ou esforços que expressam as nossas sensações transformando-as em ações”. É possível destacar a qualidade do movimento a partir das seguintes características: tempo (rápido e lento), peso (leve e forte) e espaço (direto ou indireto). Os fatores colocados acima, partem da concepção de Laban a respeito do movimento, descritos por Miranda como o peso leve está em ações amenas e suaves; vigorosas e firmes para o peso forte. O tempo rápido é percebido em atos súbitos e bruscos, já o lento em dilatados e vagarosos. O espaço direto se trata da qualidade objetiva, com “ponto determinado” (Miranda, 1979, p. 19), enquanto o indireto, a atenção se volta para “vários pontos simultaneamente”(idem). De forma que, a análise proposta se concentra no movimento corporal, considerando suas variações e as possibilidades de expressão a partir dos fatores expostos acima.

Há, portanto, reflexões a serem feitas, o movimento estabelecido por Miranda (1979, p. 12) é um “estado de vibração ou atividade”, de “qualidade muito mutável” e “caráter abrangente e fundamental”. Ou seja, é uma ação essencial que não apresenta características previamente definidas por ocorrer em formas, qualidades e circunstâncias diversas. Destaca-se também, o fato do movimento ser a expressão simbólica de sensações e emoções internas:

entendemos por *arte do movimento* um tipo de experiência que reconheça esta inter-relação de todas as coisas através do movimento, que leve o indivíduo a relacionar suas atitudes internas com suas formas externas de movimento, aumentando seu vocabulário expressivo e dando-lhe capacidade para transformar suas ações em símbolos de emoção, através de padrões e ritmos ordenados (Miranda, 1979, p.12, grifo da autora).

Sendo assim, é importante salientar que as circunstâncias e o contexto nos quais ocorre o movimento influenciam em sua interpretação, pois assim como a palavra, todo gesto e movimento pode remeter a interpretações diversas a depender da ocasião e das experiências de quem fala, poeta; e quem ouve, público. Os sentidos explícitos e implícitos que influem no deslocamento, podem não ser os mesmos para quem realiza ação e para quem a observa.

Para dar início a análise se faz necessário distinguir gesto de movimento:

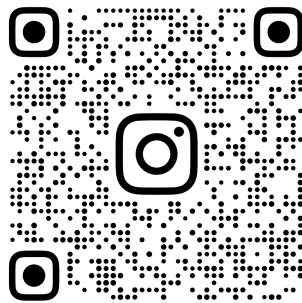
O primeiro compõe-se de uma ou várias seqüências de movimentos que têm uma forma determinada. Há gestos geneticamente pré-programados, e há movimentos

pré-programados que não constituem gestos. O movimento, tal como o consideramos aqui, pode consistir em qualquer deslocamento ou alteração do corpo que começa, esboça-se e termina sem que desemboque numa forma (por exemplo, uma sequência mínima de um passo) (Gil, 2001, p. 107).

Um movimento, portanto, não necessariamente precisa apresentar uma completude, mas deve ser realizado com intenção, o “impulso”, como colocado por Burnier (2001, p. 40), “uma vez que a *in-tenção* existe, foi criada, ela se configura como uma *energia* que deverá ser *projetada* para fora, visando a sua realização ou seu alívio (a sua dis-tensão)”. Isto é, a força interna impulsiona a ação, dando-lhe significado. O impulso deve ser percebido como algo que “*tem força*, portanto, faz-se músculo”(idem), e ainda, “um impulso pode ser sutil e delicado, quase invisível do exterior”(idem).

No *Slam Poesia*, a performance de Periférico realizada no Campeonato Goiano de Poesia Falada - *Slam GO 2024*, apresenta uma característica muito própria do poeta. Seus poemas, comumente construídos com versos de impacto em sequência, geralmente são declamados com poucas pausas, movimentos não tão extravagantes e gestos objetivos, diretos, mas marcantes.

Periférico (2024) inicia com a postura reta, braço esquerdo levantado na altura do ombro, a mão apontando para o chão, reproduzindo ação de queda e o corpo acompanha com um pequeno agachamento do poeta. Esse movimento para Miranda (1979), sendo caracterizado como direto, pois tem um objetivo definido, lento, por ser vagaroso e demorar um pouco mais que outros movimentos do poeta e é forte, pois a descida em si parece ser pesada quando vista de fora, principalmente ao se somar ao sentido do texto poético de “impotência” e aprofunda o significado da palavra “decadência” no poema:



REEL COMPARTILHADO EM 22 DE JANEIRO DE 2025

DE SLAMGO.OFICIAL

Dia de chuva ácida, colecionando vícios
 Ou surta na mente em outro início de ciclo
 Preso à mania de me perder nos conflitos
 Semblante sempre aflito
 A mira é o acerto e sempre acerta no delito

Deturpar o cenário
 Foi ambição demais
 A ganância do passo à frente me deixou com o pé atrás
 Eu não quero mais
 A sensação de impotência
 que causou a decadência
 de todos meus ancestrais
 (Periférico em performance do *Slam GO*).

Imagem 17: Periférico em performance do *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m18s

E haja pano pra passar nessa indecência
 Fortes influências, lavagens cerebrais
 Como resquício fica sempre essa tendência
 A intolerância que cê herdou dos seus pais
 Liga a televisão pra assistir uns leva e traz
 Replica a violência que cê aprende nos jornais
 Antes da novela
 Aplaudindo os pela
 Fuzilano a favela
 Haja lágrima, haja vela
 Alienando a massa
 Violência de graça
 Se quiser ver ao vivo, mano, é só colar na praça
 A mídia distorce, disfarça e te enforca
 Periférico em performance do *Slam GO*).

Imagem 18: Periférico em performance do *Slam GO*

Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m42s

Muitos nem se importam, né parça?
 O costume do cachimbo te deixou com a boca torta
 Vai fumar na surdina ou assumir essa desgraça?
 O saci tá te espiando atrás da porta
 Vê se se comporta, se pisar ele cobra
 Destroça seus traços na cova
 Vão dizer que era hora
 O cara nem merecia
 Só foi obra do acaso
 Um dia após o outro pelo sol que alumeia
 A alma sai do corpo e outro plano te arrudeia
 Dia de lua cheia, noite de lobisomem
 Armadilha à beira d'água
 De Iara pra um homem
 Que sabendo que era laça ainda assim botou o pé
 Terminou em pedaços na boca de um jacaré
 Isso chegou ao pé do ouvido de uma véia caricata
 Boca de corneta
 Mente de primata
 Aprendeu dentro de um templo a falar demais
 Berrando na oreia alheia os vacilos de satanás
 A liderança da seita é semelhante a Barrabaz
 Em suas orações, frases imorais
 A profecia e os seus devidos sinais
 (Periférico em performance do *Slam GO*).

Imagem 19: Periférico em performance do *Slam GO*

Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 1m14s

Quase dando o ar da graça
 O senso de liberdade dando notícias vitais
 E é tanta mula que esses loucos inventaram
 Vê se não senta nessa, enganaram até ao vigário
 Maldito dinheiro
 Todos têm um carro
 Até o caçula do pastor comprou usando o seu salário
 Doentes, devotos
 Rótulos, porcos
 Se aproveitam disso desde os tempos primórdios
 Me lembrei em relance quando eu era um homínideo
 Não tinha os mesmos vícios
 Não habitava um zoológico
 Não era tão angustiado nesse cenário caótico
 Tudo piorou depois do raciocínio lógico
 Criaram as fábricas e a bomba atômica
 E cê paga mais caro por tudo que é ecológico
 Alimento orgânico não se vende em mercado
 Procure pelo respeito na sessão dos enlatado
 Não te ensinaram a relação entre patrão e pau mandado
 É que cê é mais obediente mantido mal informado
 Moleque alienado, mente corrompida
 Pela propaganda do carro que ele queria
 Corre cotia de noite e de dia
 Quem me dera se fosse uma cantiga de criança
 É o corre noite e dia
 Progresso de cotia
 Trombou o bicho papão com várias drogas na balança
 De bombeta nova, corrente, pingente, relógio
 Contento com um olhar deslumbrado
 Todo favelado se amarra no pano caro
 (Periférico em performance do *Slam GO*).

Imagem 20: Periférico em performance do *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 2m42s

Tem grana pra pagar ou vai querer um cano emprestado
 E aí parte pro tudo ou nada
 Na caça dos papéis
 Sente a falsa sensação de ter um sistema aos seus pés
 A esperteza
 A despreza como ferro
 Perto das véia da rua e a barca preta no castelo
 Gerando conteúdo pra TV
 Sorte sua que não é o cê
 Que se vende pra comprar e mal compra o que comer
 Demorou pra entender? A ideia é pouca
 É que o crime te dá com a mão pra depois te dar com a outra
 E agora você entendeu a lei da rua?
 É que o corre te dá com a mão pra depois tomar com as duas
 (Periférico em performance do *Slam GO*).

A performance de Periférico parece buscar um diálogo direto, e ainda assim subjetivo, ao falar de um sujeito que por costume e comodidade, aceita ser alienado: “O costume do cachimbo te deixou com a boca torta / Vai fumar na surdina ou assumir essa desgraça?”, uma pessoa que sucumbe ao deslumbre do luxo que poucos têm acesso. O poeta age como um mensageiro, MC, o mestre de cerimônias em seu sentido original, aquele que é responsável por levar conhecimento e conscientização a sua comunidade.

A escolha de Periférico na composição do poema evidencia o que compartilhou em entrevista, o olhar cuidadoso para a escrita que parte da influência do rap e da oralidade, pois escreve com o objetivo de declamar, “eu sempre quis que fosse uma parada pra se escutar e não pra se ler” (Periférico, 2024). E sua performance, a qual diz ser de gestos e expressões

comuns seus, “é uma coisa assim que veio de mim, desde o começo, sabe? Da forma que me expresso, que eu gesticulo, que eu falo. Eu tenho muita influência do rap, né? Eu acho que isso fala muito na minha performance” (Periférico, 2024), apresenta o tom de voz incisivo, o olhar, gestos e movimentos firmes e diretos, nos quais podemos observar uma ação ocasionada pelo impulso, como definido por Burnier (2001).

A performance de Periférico atravessa diferentes combinações dos estágios de tempo e peso, conforme Miranda (1979), indo de leve e lento, com pequenos gestos que enfatizam algumas palavras, seguindo para o leve e rápido, na movimentação mais enfática da cabeça e a caminhada cada vez mais acelerada, para enfim, chegar ao forte e lento. O deslocamento pelo espaço permanece no mesmo ritmo e para marcar a crescente do poema, o corpo do poeta apresenta pequenos espasmos, em uma aparente tentativa de expurgar a raiva e a tensão.

Outro aspecto partilhado em entrevista, é que a poesia parte de um incômodo e tem foco político:

Vem primeiro de um incômodo, sabe? Esse incômodo ele meio que não tem um tema, tipo, ele vem sem dizer muito bem o que é. Depois que eu escrevo, ele vai se mostrando sobre o que é. Muitas vezes sobre o capitalismo, sobre o cotidiano corrido, periférico, sabe? É sobre situações que muitas vezes eu não passo, mas me compadeço de ver as pessoas passando, sabe? É, vem muito daí, mas sempre com um cunho mais político, né? Eu acho que não é um discurso militante assim, mas como uma pessoa que enxerga essas coisas uma mazela e se dói por elas sabe? (Periférico em entrevista realizada pela autora em 2024).

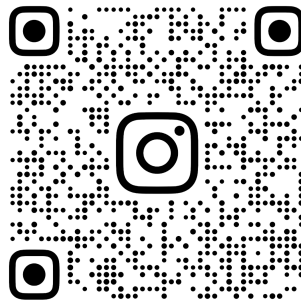
O incômodo, pontuado por Periférico (2024), é perceptível em sua performance, principalmente através da velocidade crescente de sua movimentação, como nos versos, “doentes, devotos, rótulos, porcos”, e dos gestos firmes e diretos com as mãos, também presentes na sequência do poema, “Moleque alienado, mente corrompida / Pela propaganda do carro que ele queria”.

Com referências ao folclore brasileiro e às cantigas infantis em seu poema, Periférico (2024) finaliza com uma tensão visível que se acumulou ao longo de sua performance, a movimentação aqui acontece de forma crescente, o ritmo constante do poema e os versos de impacto, exigem do poeta cada vez mais energia, o que leva a movimentos mais incisivos ou diretos, rápidos e fortes, como descritos por Miranda (1979).

Sob outra perspectiva, temos a performance poética de Yurus, que destaca a sua expressividade como mais próxima do comportamento cotidiano, ao dizer, “o meu jeito ele já era meu, porque eu sempre escrevi poesia pra ser lida. [...] Aí, quando eu cheguei aqui ,eu elaborei melhor a maneira de me comportar no palco, a performance”. Yurus compartilha em entrevista (2024) o processo de adaptação do texto poético para serem performadas nas

batalhas do *Slam* Poesia, quando questionado sobre uma possível elaboração prévia da condução do poema.

Além disso, o ato de declamar de Yurus se mostra mais intimista, sem a presença de gestos incisivos ou movimentos corporais intensos, o destaque portanto, está na voz. Yurus, com um tom firme e ritmo constante, faz uso de poucas pausas e a expressão facial, que varia entre uma aparente neutralidade e a raiva, evidencia a concentração no poema declamado na edição de junho do *Slam* Falatu, em 2024:

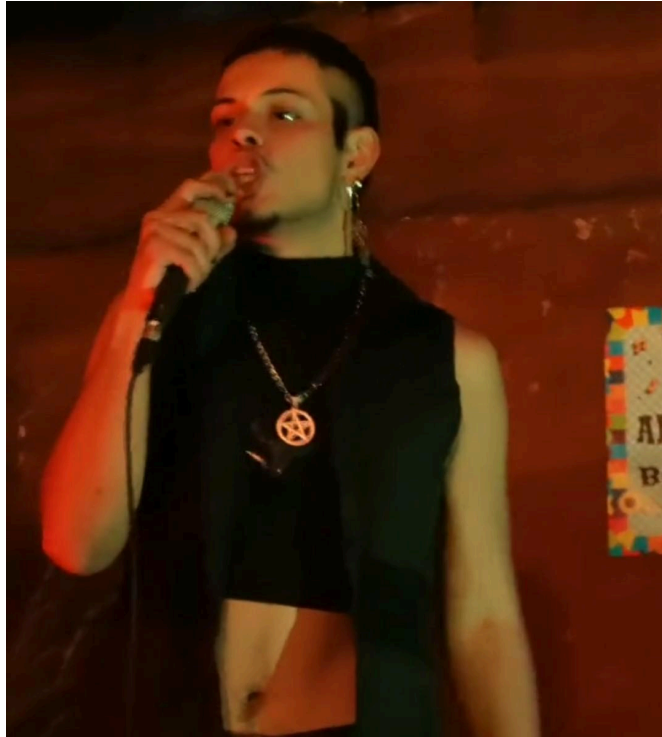


REEL COMPARTILHADO EM 17 DE JULHO DE 2024

DE COLETIVO_CAFECOMCHA

Intocado, mas não intocável
 Até dentro do meu quarto eu tô sentindo o universo palpável
 Já me questionei tanto sobre política e filosofia
 Que me perdi na dialética de mim mesmo
 Sem compreender o nada, não se compreende o todo
 Sintomas das causas de uma existência sem razão
 Me declino sobre o que resta
 Meus declínios vêm das sobras
 De uma mente que pensa e esquece de criar
 Trabalha demais nela mesma e tenta ver o mundo mudar
 E se prende no calar da própria voz
 Crises são permanentes na falta de revoltas
 A permanente busca por felicidade no extrínseco
 Te faz morto enquanto acha que tá vivo
 A salvação de ti em ti mesmo é a única onde será capaz de se encontrar
 (Yurus em performance no *Slam* Falatu. 2024).

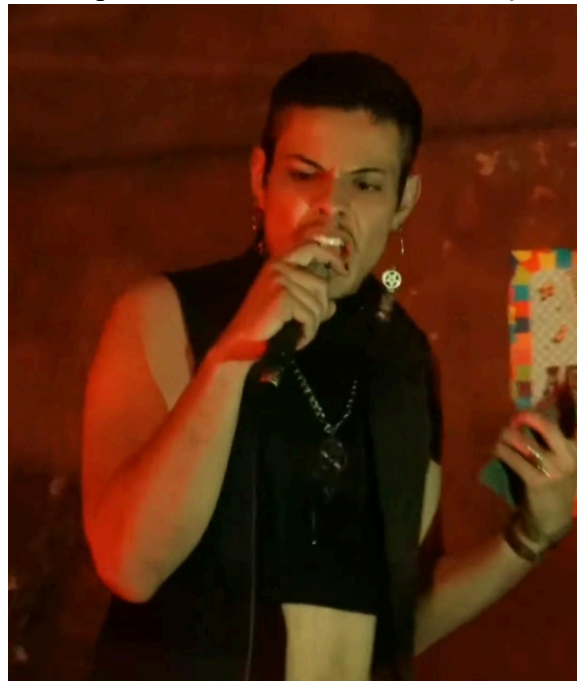
Imagem 21: Yurus em performance no *Slam Falatu* edição de junho em 2024



Fonte: Vídeo disponível no instagram do Café com chá - 0m12s

Nunca destinado ao melhor dos casos
É sorte não ser mais um estirado no chão baleado
Fruto da falta de zelo do governo
Enterrado em caixote, fincado numa cova muito breve e esquecida
(Yurus em performance no *Slam Falatu*. 2024).

Imagem 22: Yurus em performance no *Slam Falatu* edição de junho em 2024.

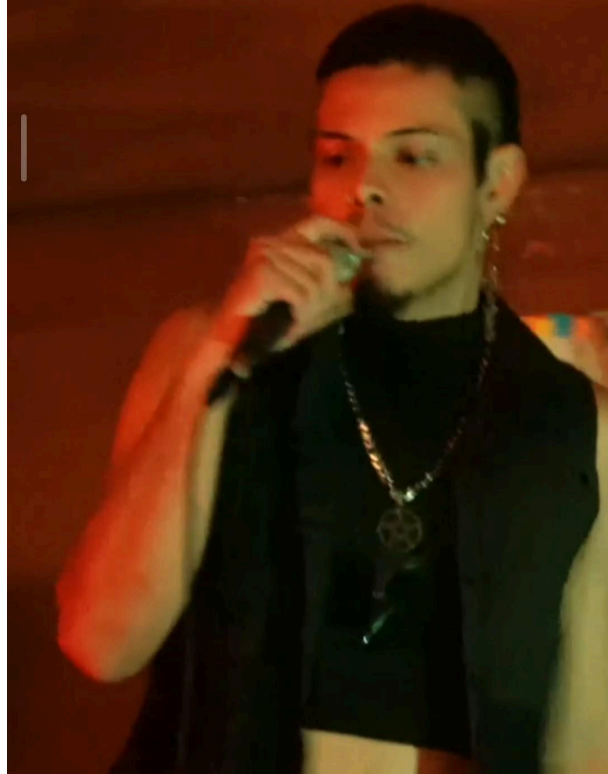


Fonte: Vídeo disponível no instagram do Café com chá - 0m46s

Porém, a memória cósmica é inapagável
O que já foi você será outro construído com o que de você foi herdado

De mesmo modo, o que te torna de vida é herança do que já foi transmutado
 O céu poluído me fez divergir entre a respiração e os tragos
 (Yurus em performance no *Slam Falatu*. 2024).

Imagem 23: Yurus em performance no *Slam Falatu* edição de junho em 2024



Fonte: Vídeo disponível no instagram do Café com chá - 0m55s

Já inalei tanta fumaça de carro que nem compensa pensar em parar com o cigarro
 Cidade lixão, matando cachorra grito e comendo barro
 Abstivemos-nos de tantos confortos
 E em grande maioria nem tivemos escolhas
 Almas morrem sem saber o que significou viver
 Almas vivem sem entender o significado da morte
 [...]
 (Yurus em performance no *Slam Falatu*. 2024).

O poema de Yurus representa a mente de uma pessoa consciente da complexidade de nossa sociedade e vive um conflito interno por entender a pequenez de suas atitudes e reflexões frente à vastidão dos acontecimentos do mundo. Essa impotência reflete na imagem que constrói de si mesmo: “Nunca destinado ao melhor dos casos / É sorte não ser mais um estirado no chão baleado / Fruto da falta de zelo do governo / Enterrado em caixote, fincado numa cova muito breve e esquecida”. É uma construção conflituosa, fala de si e de outros, “dentro do meu quarto eu tô sentindo o **universo** palpável”, sem de fato compreender para onde ir.

Em momentos em que aparenta estar direcionando sua fala a outra pessoa, mantém o olhar no horizonte como se estivesse encarando esse alguém, é então que sua expressão

demonstra mais raiva. Em outras ocasiões, semelhante a um diálogo consigo mesmo, olha para o chão e busca os próximos versos com um semblante mais calmo e pensativo.

Yurus se movimenta de forma lenta, com gestos diretos em momentos pontuais, mantendo sempre o ritmo do poema. A performance de Yurus, mostra a possibilidade de expressão mais concisa e que consegue transparecer o movimento interno, externamente, como propõe Miranda (1979) ser o objetivo de explorar a movimentação do corpo. E apesar do corte no vídeo, a performance segue com as mesmas características, pois são particulares do poeta.

3.3 Uso do espaço

Este tópico trabalha o que a autora Regina Miranda (1979) define como espaço individual, o que está diretamente ao redor do/da poeta e que compreende toda a sua extensão corporal. Outra classificação é o espaço global, o lugar físico que está acontecendo a performance, este, para os eventos em questão, foi o palco no quintal do Terreiro Morada do Cruzeiro, logo na entrada à esquerda. As batalhas tiveram ao fundo o muro, onde geralmente é colocado o *banner* ou pôster do evento, o palco em si é delimitado pela aparelhagem de som, a iluminação e pelas cadeiras que o júri e o público ficam.

Imagem 24: Público *Slam* GO 2024



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam* GO - 4m18s

Imagem 25: Público *Slam* GO 2024

Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam* GO - 2m57s

Além das questões apresentadas por Miranda (1979), aponto o “espaço do corpo”, elaborado por José Gil (2001), no qual o autor discorre sobre a conexão singular que ocorre entre toda e qualquer pessoa que trabalhe o corpo, desde atores a atletas, a outros agentes, e o espaço utilizado para realizar a sua atividade, uma relação singular que se torna perceptível desde que ocorra “investimento afetivo do corpo” (Gil, 2001, p. 58) para que, assim, se crie o espaço do corpo.

Sabe-se que o bailarino evolui num espaço próprio, diferente do espaço objectivo. Não se desloca no espaço, segrega, cria o espaço com o seu movimento. O que pouco difere do que se passa no teatro ou noutros palcos. O actor transforma também o espaço da cena; o desportista prolonga o espaço que rodeia a sua pele, tece com as barras, os tapetes, ou simplesmente com o solo que pisa relações de convivência tão íntimas como as que tem com o seu corpo (Gil, 2001, p. 57).

Portanto, para que a “relação de convivência” se estabeleça é necessário um envolvimento do corpo, o que não pressupõe apenas gestos grandes e expansivos, esse laço é estabelecido pelo empenho que ocorre até mesmo nas pausas, para que aconteça então, é essencial maior investimento de energia, atenção, de “afetividade” (Gil, 2001), por parte da pessoa que ocupa o espaço, aqui estamos falando de poetas do *slam*. É então que se desenvolve um vínculo significativo entre o espaço e o/a *slammer*.

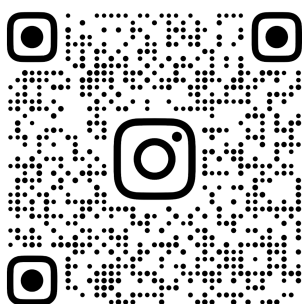
Usar o espaço de forma proveitosa em performance, pressupõe consciência do que pretende com a ação e, no caso do *Slam* Poesia, com o texto poético, ciente também de que pode ocorrer ruídos ou desencontros na comunicação, uma vez que, as vivências do público influenciam na recepção da mensagem e que mesmo ao ter experiências semelhantes entres as

partes envolvidas, cada indivíduo é singular e será atravessado de forma particular por cada acontecimento.

Assim sendo, para analisar o uso do espaço no *Slam Poesia*, trago as performances de Ester Linhares e Nativa na Voz no Campeonato Goiano de Poesia Falada, de 2024. A primeira observação é que ambas dispõem, de intenção, como definida por Burnier (2001, p. 39), “há de se considerar que toda ação tem uma *intenção* conectada com algum objetivo, algo que a “alimenta”. E o uso do espaço se dá em movimentos que compreendem a extensão do corpo.

A poeta Nativa na Voz se mantém, na maior parte do poema, virada para frente e se desloca pouco pelo espaço, olha para os lados em ocasiões pontuais. Já Ester Linhares, tem uma movimentação constante, com pequenos passos no espaço à disposição. Essa característica, por estar marcada pelo poema, não traz sensação de nervosismo, porque em momentos em que o texto poético está mais acelerado, lento ou tem pausas, o movimento acompanha. A poeta compartilha, em entrevista, que a postura corporal e o jeito que se fala os versos são importantes nas batalhas de poesia falada, e que mantém um olhar cuidadoso desde a produção de seu texto para esses aspectos.

É possível perceber esse preparo quando, com a intenção de enfatizar a mensagem do poema, como nos versos, “Os meus, com um diagnóstico desse vão pra rua / São abandonados”, Ester Linhares aponta para o chão a sua esquerda para demarcar onde seria o lugar em que os “seus” estariam. Como já adentramos a escrita de Ester Linhares, começaremos por ela:



REEL COMPARTILHADO EM 14 DE FEVEREIRO DE 2025

DE SLAMGO.OFICIAL

Aé, menos um problema pra quem tá viciado
 Bateu a abstinência?
 Respira que passa
 Economia de cigarro, fogo e fumaça
 Acende, puxa, prende, passa
 Quem fuma 1 fuma 5 é pura matemática
 Do não tão novo assassino de pulmão
 É ele!
 O incêndio nas mata

Que deixa todo mundo fudido
 Mas até pra ser fudido, esses fudido são privilegiado
 Nós queimando aos poucos nessa fogueira que um dia foi chamada de cerrado
 E eles assando dentro do ar condicionado
 E aí depois querem me falar até de privatizar as praia
 E minha boca seca
 Não sei se de nervosismo ou se por falta de água
 (Ester Linhares em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 26: Ester Linhares em performance para o *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m5s

Porque falta tudo
 Falta até a alma que te tiraram há muito tempo pra te fazer de máquina
 É que espírito nunca deu lucro pro Estado
 Eles querem o seu corpo oco
 Como pregava ser a igreja nos tempo passado
 Pelos mesmos motivos
 Só que agora te dizem que é remunerado
 Você trabalha pra construir o que te mata
 Chega a ser engraçado
 Tudo ocorrendo conforme a programação
 Suicídio desde o nascimento, tipo Messias, só que sem a salvação
 Morrendo asfixiada sem saber se isso é ansiedade ou poluição
 Isso são sintomas de borderline, ansiedade ou depressão?
 É de capitalismo
 Fazendo terapia no chat-GPT
 Chat, o que devo fazer?
 Me divertir ou fazer a próxima refeição?
 Tá todo mundo fudido
 Mas até pra ser fudido esses fudido são privilegiado
 Dinheiro não traz alegria
 Papo de otário
 Te pagou terapia, te deu até o laudo que você usou pra poder dizer
 “Eu não sou racista, eu só tô meio surtado”
 Os meus, com um diagnóstico desse, vão pra rua, são abandonado

Morrendo na próxima lata, assassinado pela raça, tipo vira lata, rala
 Tá tudo conectado
 Em que casa a água falta?
 E os seus bisavós médicos e os meus ex-escravos
 O seu olhar de cima a baixo
 Os meus mano morrendo na rua de cima, na rua do lado e na rua de baixo
 (Ester Linhares em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 27: Ester Linhares em performance para o *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 1m55s

O seu perfume caro contrasta com o meu cheiro impregnado
 Não importa a minha roupa, eu tenho cheiro de bosta
 De esgoto a céu aberto sem saneamento básico
 Cheiro de mijo dos que estão na rua sem direito a porra de um sanitário
 Do sangue nunca limpadado, das que escorrem paridas
 São abortadas crescidas pro feto não ser abortado
 E aí depois eles querem te fazer acreditar que você é o culpado
 Me disseram: Seu emprego é ruim, você só come miojo e não tem exercitado
 Isso é suicídio
 Mas ae, suicídio obrigatório, diário, programado, coletivo
 É conhecido como genocídio em outros dicionários
 Então pare de esperar a caridade
 Quem é carente de informação é nois
 Eles sabem o que eles fazem
 Vão te matar e depois alegrar, nem se lembrar
 Mas ae, quem apanha sempre lembra
 Quem bate é que não se recordaria de nada
 Seus avós reconheceriam os meus pela arcada dentária
 Eu tô ligado que seu esquecimento é programado
 Quer me apagar antes da hora, fazer acreditar que a culpa é nossa
 Que nossas vitórias e lutas sejam esquecidas na escala 6x1
 (Ester Linhares em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 28: Ester Linhares em performance para o *Slam GO*

Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 3m52s

No pão de cada dia
 Mas ae, quem apanha sempre lembra
 Quem bate é que não se recorda de nada
 Mais uma vez eu vou quebrar o sistema
 Vou lembrar pra sempre dessa tua cara
 Aplicando meritocracia na minha empatia
 Ae, vou resolver sua amnésia na base da cadeirada
 (Ester Linhares em performance no *Slam GO*, 2024).

Ester Linhares fala de realidades muito diferentes que convivem no mesmo mundo, descreve a discrepância entre a experiência com as fortes ondas de calor, que a cada ano se intensificam em consequência das queimadas e do desmatamento, sentidas de uma forma pelas periferias e de outra pelos privilegiados, “Nóis queimando aos poucos nessa fogueira que um dia foi chamada de cerrado / E eles assando dentro do ar condicionado”. A poeta segue apontando contrastes com relação ao acesso a direitos básicos como alimentação, saúde, educação, oportunidades de emprego dignas.

Ao iniciar o poema chamando as pessoas presentes com “aê”, a mão levantada à frente do corpo, como quem pede atenção, Ester Linhares estabelece sua presença, que se mantém crescente pela sequência de versos que vai apresentando aos poucos as mensagens de sua performance.

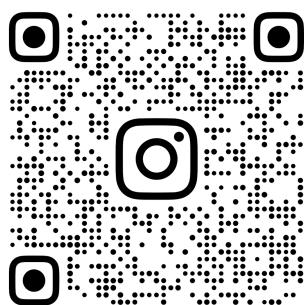
A performance de Ester Linhares apresenta o que José Gil (2001) coloca como um “invólucro semelhante à pele” (p. 57), a proposta feita pelo teórico é a de que a “investida de afectos e de forças novas” projeta no espaço uma pele, um tecido sensível capaz de promover

no ambiente diferentes sensações: “De facto, é a primeira prótese natural do corpo: dá-se a si próprio prolongamentos no espaço, de tal modo que se forma um novo corpo - virtual, mas pronto a actualizar-se e a deixar que gestos nele se actualizem” (Gil, 2001, p. 58).

A dinâmica do corpo no espaço no *Slam Poesia* é conduzida pela/pelo poeta, no entanto, há também o investimento afetivo de quem acompanha, que está presente nas performances e, é possível ainda, observar uma crescente sensibilidade com *slammers* que fazem uso de expressões e afetos diversos dentre os que dispõem em seus repertórios.

O sarcasmo no tom de voz de Ester Linhares, gestos como o de mostrar o dedo do meio, criam subtextos com o público que acompanha atentamente o desenrolar de seu poema, uma conexão que decorre primeiro do acesso ao repertório de experiências vividas anteriormente que tragam significado a ação realizada pela poeta e, segundo pelo fato de que, à medida que o texto poético é declamado e o acúmulo de informações presentes é recepcionado pela plateia, se estabelece também uma raiva coletiva pela situação desenhada, que enquanto sociedade, estamos lidando e com profundo desgaste. Como a escala 6x1, que estabelece o exercício das atividades trabalhistas por 6 dias com direito a uma folga na semana, em consequência, o aumento exponencialmente do desgaste psicológico das pessoas que estão registradas em empresas que seguem esse regime de trabalho, “muito além do desgaste físico, as longas jornadas e a redução do tempo de descanso podem ter consequências psicológicas profundas a longo prazo” (CTB, 2025).

Tanto Ester Linhares quanto Nativa na Voz questionam em seus poemas a respeito da crença na meritocracia, concepção social segundo a qual independente do contexto, privações e experiências anteriores de cada pessoa em sociedade, todas possuem as mesmas possibilidades de serem bem sucedidas porque tudo depende do esforço empregado em suas atividades. A poeta Nativa na Voz, moradora da região de Luziânia no entorno de Brasília declama:

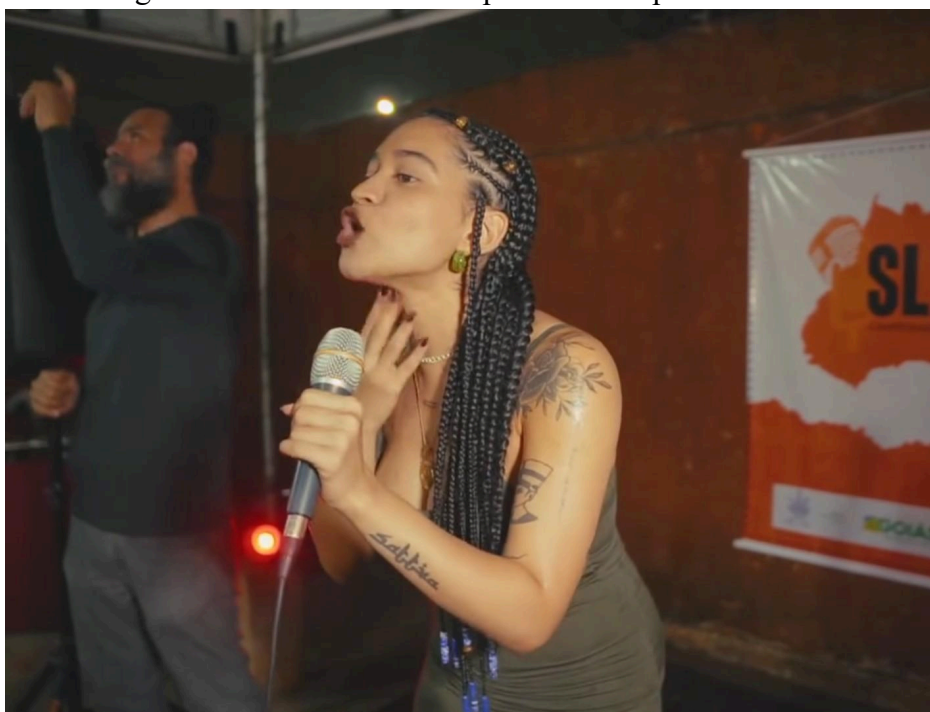


REEL COMPARTILHADO EM 5 DE FEVEREIRO DE 2025

DE SLAMGO.OFICIAL

Aonde você for, a morte rondará sua presença
 Onde eu estou, ela já serve a mesa com nossas cabeças
 Não se apegue a fatos
 Eu protesto com corpos marcados, manchados, maltratados
 Meritocracia e miscigenação do caralho
 Ainda ouço minha voz indefesa implorando a eu mesma
 (Nativa na Voz em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 29: Nativa na Voz em performance para o *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m22s

Presença e persistência
 Não se joga a toalha quando não se é dada a sentença
 O setembro amarelo, novembro consciente
 Pobres vendendo corpos, tempos, ósseos
 Para aumentar aquele negócio de sócios
 Porcos disfarçados de presidentes
 Distante estamos da liberdade
 Brasil nunca chegou a ser país de verdade
 E nossa bandeira está errada
 Manchada com o sangue de nossas almas

Ordem e progresso só em cidades planejadas
Aqueles filhos de nordestinos cabra da peste que fala
A tal da mão de obra barata
ficaram com terras não valorizadas, então
Transformaremos a quebrada em mina de ouro
E sangraremos todos os dias de condução
Entre Brasília e o entorno
(Nativa na Voz em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 30: Nativa na Voz em performance para o *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m53s

Não, não é sobre quem se esforça mais
O plano é alimentar o verde da bandeira
Com o vermelho sangrento de nossos sonhos tão pequenos
E o domínio de nossa alma parecerá lento
Até chegar um dado momento de um dos seus
Cair de leve, perdendo o vosso sustento
Aquele preto, feliz, brincalhão, meu irmão, Rodrigo MPC essa é pra você
Se enforcou
(Nativa na Voz em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 31: Nativa na Voz em performance para o *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 1m33s

Deus, eu clamo aos meus encantos cantados
 Nos tire o alvo, desfaça o estrago, arranque essa dor.
 Deus, eu clamo aos meus encantos cantados
 Nos tire o alvo, desfaça o estrago que plantou o colonizador
 Deus, eu não quero morrer
 Nem de frio, nem de fome, nem pela depressão que nos consome
 Nos tire o alvo, desfaça o estrago que plantou na terra
 O colonizador
 (Nativa na Voz em performance no *Slam GO*, 2024).

Residente no Jardim Zuleica em Luziânia, a poeta Nativa na Voz traz em seu poema a vivência das pessoas que moram no entorno de Brasília. Herdeiros do descaso histórico com as famílias responsáveis pela construção do Distrito Federal que, sem condições de voltarem às suas cidades, ou até mesmo, por saberem que lá não encontrariam emprego para se manterem, permanecem, presos à promessa de futuro que a capital do Brasil anunciava. E no entanto, “Distante estamos da liberdade / Brasil nunca chegou a ser país de verdade / E nossa bandeira está errada / Manchada com o sangue de nossas almas / Ordem e progresso só em cidades planejadas”.

Em entrevista, Nativa na Voz demonstra uma ligação muito próxima com a espiritualidade, que também compartilha ser responsável pela escolha do nome “Nativa”. Em certos momentos de sua performance, a poeta parece estar declamando um ato profético, a voz forte que se expande e ocupa o espaço, não apenas pela projeção do microfone, mas pelo empenho e a energia empregada por Nativa na Voz durante a performance. Sua movimentação

se assemelha ao descritivo que Gil (2001) faz sobre o espaço do corpo, a poeta constrói uma relação com o espaço de intimidade e convivência que acaba por tomar todo o ambiente.

Em entrevista Nativa na Voz compartilha que a sua performance acontece de forma intuitiva:

Eu acho que o corpo eu recebo mesmo, assim, seres divinos, porque normalmente eu declamo em casa, muito dura, como se diz, muito crua, né? Porque a performance do poeta está ligada a roupa, a maquiagem, ao cabelo e a entrega ali. Então como eu não tô pronta 100%, assim eu não sei, como é que eu explico? Em casa é diferente de declamar no palco com a plateia, eu acho que a plateia ela alimenta também essa performance da gente. A minha técnica crucial e assim eu vou levar para o resto da vida é que: sempre que eu tô declamando eu olho nos olhos de todos, eu olho nos olhos dos jurados, e olho nos olhos de todos que estão lá, eu tento fazer contato visual com todo mundo, porque eu acho que faz diferença o contato visual na interpretação. Mas assim o meu corpo, a minha performance ela vem intuitivamente (Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

Em outro momento da entrevista, a poeta relata o processo de desenvolvimento de suas performances desde o início de sua participação no *Slam* Poesia e, assim como agora, a atenção perpassa mais pelo texto poético e a preparação do mesmo para as batalhas. A partir disso, é possível inferir que ao trabalhar a dicção, o controle da respiração, a voz nasalada, que incomoda Nativa na Voz e, desse modo, estar mais aberta a influência que o ambiente tem em seu corpo e em como o mesmo se apresentará no espaço, caracteriza a performance de Nativa na Voz.

Para a poeta, a roupa, a maquiagem e o cabelo também estão diretamente ligados ao preparo para a performance. No entanto, ao relembrar as regras das batalhas, figurinos e acessórios não são permitidos, portanto, compreender esse aspecto, não só na performance de Nativa na Voz, mas de todas as pessoas que participam das batalhas de poesia, perpassa pela discussão da identidade, o ambiente do *slam*, como já debatido anteriormente, possibilita a compreensão de “quem realmente se é” (Slender, 2024), permitindo aos e as poetas uma percepção profunda de si e de como se colocar no mundo, o que atravessa a visualidade, de modo que, tais elementos, nos revelam mais da características de cada *slammer*. As regras dizem sobre componentes que apresentem informações externas que influenciam direta e profundamente na expressão e recepção do poema, não em algo que é essencialmente parte do/da poeta.

3.4 Relacionamento

“Alimenta, alimenta muito, a reação que a nossa arte causa, alimenta porque tudo é vibração, né? Então ali gente tá compartilhando vivências, compartilhando dores e as pessoas se identificarem com as minhas dores, se identificarem com as minhas vivências, com a minha escrita, alimenta não só o ego, porque o ego ele tá aqui, mas alimentação mesmo é a minha alma, que é o que faz retornar”

(Nativa na Voz)

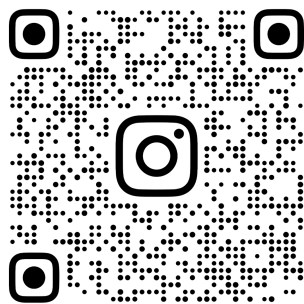
O relacionamento estabelecido por Miranda (1979, p. 245) parte da interação com outras pessoas presentes no espaço, no *Slam Poesia* se dá através do que Zumthor (1997, p. 245), denomina como “drama a três” (1997, p. 245), que decorre da relação entre intérprete, ouvinte e texto. Zumthor (1997, p. 221), define quem executa a performance como poeta e aponta as diversas funções executadas por ele/ela: “poeta subentende vários papéis, seja tratando-se de compor o texto ou de dizê-lo”. A batalha de poesia exige ambos papéis.

Portanto, o intérprete é também o autor do texto poético. Zumthor (1997, p. 225) estabelece que “o intérprete é o indivíduo de que se percebe, na performance, a voz e o gesto, pelo ouvido e pela vista”. Então, para que a relação com o público se estabeleça, antes de tudo, é necessário que o/a *performer* tenha propriedade do poema que irá declarar, especialmente, porque no *Slam Poesia*, o ouvinte está presente como um agente ativo, ciente, na maioria dos casos, da dinâmica que se desenvolve nas batalhas de poesia e em razão disso, cultiva expectativas para o que vem a se desenrolar.

ouvinte-espectador espera, exige que o que ele vê lhe ensine algo mais do que simplesmente o que ele vê, revele-lhe uma parte escondida desse homem, das palavras, do mundo. Essa voz não é mais a mera voz que pronuncia: ela configura o inacessível; e cada uma de suas inflexões, de suas variações de tonalidade, de timbre, de altura [...] combina-se e encadeia-se como uma prosopopéia do vivido. Através dessa presença, o ouvinte descobre-se: age e reage no âmago de um mundo de imagens, subitamente autônomas, que se dirigem todas a ele (Zumthor, 1993, p. 229).

O desejo de aprender algo com a performance do intérprete situa “o ouvinte, como o leitor aferrado a um livro, desde que aceita o seu risco, se compromete a uma interpretação da qual nada garante a justeza” (Zumthor, 1997, p. 241). Como em qualquer ato comunicativo, não há garantias de que a mensagem transmitida seja recebida de forma completa sem que ocorra ruídos. No entanto, Ari poetisa e Battousai, que serão foco de análise na relação com o público, afirmam em entrevista, que buscam adaptar o texto poético ainda no processo de escrita e revisão, para que a performance aconteça de forma mais límpida.

Ari poetisa e Battousai começaram a participar das batalhas de poesia em 2024 e ambos compartilham da mesma vontade, aprimorar o movimento corporal nas performances. Ari poetisa não se descreve como uma pessoa extremamente tímida, no entanto, afirma “eu sempre fui uma pessoa que quando ia falar em público, dava uma travada, apesar de não ser tímida, era mais nervosismo mesmo”. Em sua participação no Campeonato Goiano de Poesia Falada - *Slam GO 2024*, Ari poetisa declamou:



REEL COMPARTILHADO EM 20 DE JANEIRO DE 2025

DE SLAMGO.OFICIAL

Enxugue as lágrimas que escorrem no rosto
Meu amor por você não é pouco
Se for preciso, eu dou minha vida por ti
Sou capaz de mor...
Não, não, não, não, não
Eu não sou obrigada a ter compaixão
(Ari poetisa em performance no *Slam GO*, 2024).

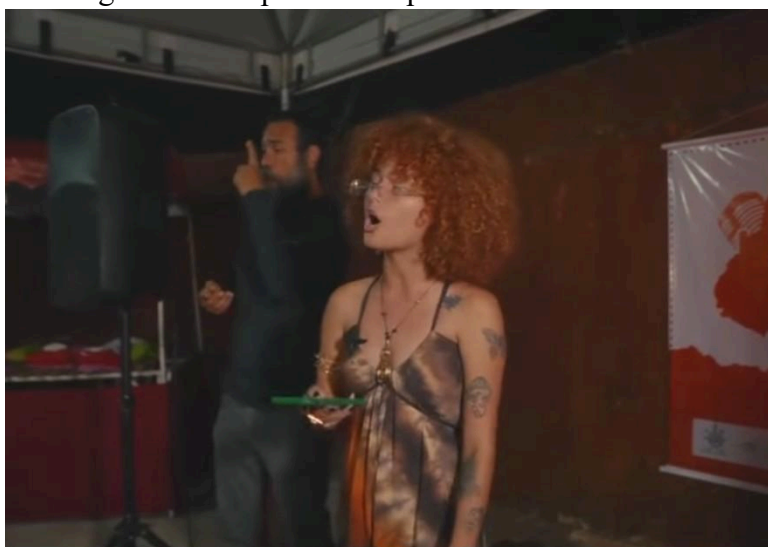
Imagem 32: Ari poetisa em performance do *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m26s

Por um homem que quando se estressava minimamente
 Levantava a sua mão
 Ou a sua voz
 Você vai me ouvir
 E foi na ausência da minha fala
 Que o ódio tomou conta de mim
 E da situação
 Por ver as pessoas que eu amo se desmerecendo por conta de um infeliz
 Que parecia que o único prazer da vida dele era destruir
 Todo o sentimento afetivo que existia ali
 E ainda tem parente que diz que eu tenho que agradecer
 Por você ter sido a única figura paterna que eu pude ter
 Mas eu vou te dizer
 Que se fosse pra ter uma figura paterna tão deplorável assim
 Eu preferia nem ter
 Eu não ia morrer
 (Ari poetisa em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 33: Ari poetisa em performance do *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m48s

24% das crianças do Brasil nascem sem o nome do pai na certidão
 Infelizmente eu faço parte por certo que tentou preencher o vazio de um pai
 O vazio de uma certidão em homens como você
 Mas eu vou te dizer
 Relaxa paizão, eu nunca vou ser como você
 Não foi um exemplo pra mim
 E quem dirá é um exemplo para você
 (Ari poetisa em performance no *Slam GO*, 2024).

Ari poetisa declama a respeito do abandono paterno quando a figura do pai ainda está presente na convivência com a criança, destaca a falta de afetividade e a violência de pessoas que deveriam cuidar, proteger e educar seus filhos e filhas. A recorrência do fato se mostra nas estatísticas expostas pela poeta que, ao apresentar um relato pessoal, diz: “Mas eu vou te dizer / Que se fosse pra ter uma figura paterna tão deplorável assim / Eu preferia nem ter”.

A performance de Ari poetisa tem maior foco na voz, e isso está relacionado a seu início recente nas batalhas de poesia, e ao fazer uma análise com relação ao seu desempenho e

ao de outros/as *slammers*, a poeta diz que um dos seus objetivos é investir mais na possibilidade de explorar o corpo em performance. Não obstante, mantém a postura sempre elevada, e o olhar no público ao declamar. Ari poetisa reflete em entrevista sobre a comunicação com a plateia, e que o foco precisa estar “100% na mensagem que você quer passar”.

A componente fundamental da "recepção" é assim a ação do ouvinte, recriando, de acordo com seu próprio uso e suas próprias configurações interiores, o universo significativo que lhe é transmitido. As marcas que esta re-criação imprime nele pertencem à sua vida íntima e não se exteriorizam necessária e imediatamente (Zumthor, 1997, p. 242).

Entretanto, no *Slam Poesia*, a reação da plateia é espontânea e, por vezes, acontece durante a performance. Para algumas batalhas, é comum e fomentado pelos *slammasters* a participação do público. Nas batalhas do Distrito Federal e entorno as intervenções acontecem um pouco diferentes, como compartilhou Ari poetisa em entrevista:

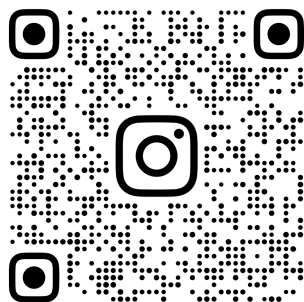
Na verdade esse processo do *slam*, não em todas as comunidades, mas as comunidades aqui no DF, elas seguem uma logística de que, quando o poeta tá recitando, você não grita, você estala os dedos, porque quando você grita no meio da poesia, às vezes o poeta que tá recitando lendo no celular, ou o que ele tem decorado, então acaba que isso atrapalha um pouco a gente, na verdade a minha performance dentro do palco do *slam* isso é muito baseada em mim, antes já foi baseada em ficar prestando atenção nos olhares do pessoal, hoje em dia não, eu gosto de fazer o contato visual, mas eu tô olhando no seu olho, mas ao mesmo tempo eu não tô olhando a sua expressão, justamente porque querendo ou não isso influencia, se eu tô recitando algo e alguém, sei lá, coloca a mão na cabeça e faz tipo, um gesto “ah eu não gostei disso” isso vai influenciar um pouco porque eu vou começar a ficar insegura, as vezes, eu não tô falando nada de absurdo e a pessoa pode fazer esse gesto, e eu vou pensar, “nossa será que eu falei alguma coisa errada?”. Então acaba que isso vai trazendo inseguranças pro poeta que tá ali no palco (Ari poetisa em entrevista realizada pela autora em 2024).

De fato, não estar seguro do texto e ouvir as intervenções do público pode desconcentrar o/a poeta, e essa percepção, esse olhar cuidado, precisa ser de responsabilidade de todas as pessoas envolvidas, incluindo os ouvintes, para evitar ações que prejudiquem os/as *slammers*. Apesar disso, Battousai (2024) compartilha outro olhar que parte de uma concepção particular:

que é a parte mais gratificante mesmo, a maior dopamina do negócio, o maior prêmio é isso, sabe? Você vê que o que você está falando está impactando as pessoas de determinada maneira, igual eu falei, eu tenho TDAH, isso me desconcentra um pouco às vezes, mas ao mesmo tempo me dá um norte do que eu tenho que fazer ali, se eu tenho que jogar aquela interpretação mais pra lá ou mais pra cá (Battousai em entrevista realizada pela autora em 2024).

Battousai (2024), que se coloca como uma pessoa muito tímida e afirma estar investindo para desenvolver sua performance observando, conversando e aprendendo com

poetas mais experientes, em uma de suas participações no Campeonato Goiano de Poesia Falada, declamou o poema:



REEL COMPARTILHADO EM 14 DE FEVEREIRO DE 2025

DE SLAMGO.OFICIAL

Século XXI, já dá pra ouvir a tosse do mundo ancião
 A terra é mera matéria, tem pouca relação e muita instrumentalização
 Instrumento, excremento
 A gordura entope as artérias e a fumaça estoura o pulmão
 Tem muito automóvel e pouco movimento
 Querem aplicar sensação no lugar onde era pra ter sentimento
 A ponta do meu cigarro, única luz na escuridão
 Morada do prazer e o lamento
 A culpa dessa porra é do Cabral
 É também do capital
 Doença hereditária
 Dívida da Europa que ficou pra América
 Aplicando o recurso humano da África
 (Battousai em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 34: Battousai em performance do *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 0m18s

Mas ainda tenho que viver o momento, ainda sou novo
 E eu ainda sou todo errado
 Chego sempre no sapato, mas ando tortão
 Eu, jovem morto-vivo contra a fumaça vital do mundão
 Brigando com tudo quanto é dilema cabal da existência
 Tentando articular meu ego com o olho cego da multidão
 É aí que a matéria fica mais densa
 Não sei se Heitor ou Batossai que esfaqueou a porra da costela do Adão
 Mas é na total loucura que mora o resto da consciência
 Coisas que só os loucos sabem
 Tu tava certo, Chorão
 Poucas almas em confluência, muitos corpos em colisão
 A cidade é um coliseu, somos servos sem essência
 Resistência virou ilusão
 A confiança no poder da palavra morreu no valor monetário de uma oração
 E o griot que histórias contava
 Sábio griot
 Foi dar lugar pros coach de alienação
 E nós ainda busca, luta, tenta, faz e usa
 Um bagulho que seja vivo
 Algo que dê pra mirar na raiz do mal
 Iluminar os becos das quebradas num clarão mortal
 Pra nós brindar e rir na cara do perigo
 Essa é a nossa revolução, afinal
 (Battousai em performance no *Slam GO*, 2024).

Imagem 35: Battousai em performance do *Slam GO*



Fonte: Vídeo disponível no instagram do *Slam GO* - 1m03s

E eu não tô falando de arma, mano
 Eu tô falando de livro
 Mas eu volto a essa minha realidade lacônica
 Ainda sonho em mudar o mundo um dia
 Mas essa noite eu sou só uma insônia
 Que... no silêncio do quarto
 Ouve e anota as últimas palavras do nosso velho mundão
 Notas de suspiros fatais no ritmo das batidas do surdo do coração
 Nada queima como o frio, ele diz
 Ah, vai pra puta que pariu
 Tô de boom bap sujo no fone e molotov na mão
 A porra do homem quer ir pra Marte

Inventa carro, moto, rua, internet, barco, avião
 O homem inventou tudo
 Menos a cura pra solidão
 (Battousai em performance no *Slam GO*, 2024).

Battousai escreve aqui sobre o distanciamento entre as pessoas em sociedade e com a vida que não se pauta no individualismo. O poeta crítica o uso que foca no consumo e não na experiência: “A terra é mera matéria, tem pouca relação e muita instrumentalização [...] Tem muito automóvel e pouco movimento / Querem aplicar sensação no lugar onde era pra ter sentimento”. Então tudo se torna superficial, falso e solitário, inclusive o ato de resistir, mas o desejo por revolução permanece: “Pra nós brindar e rir na cara do perigo / Essa é a nossa revolução, afinal / E eu não tô falando de arma, mano / Eu tô falando de livro”.

O poeta afirma que as intervenções do público são como um termômetro que indicam como deve prosseguir com a performance e, apesar das alterações que faz no texto poético ao revisá-lo para a batalha:

A adaptação do texto ao ouvinte se produz, mais facilmente, no curso da performance. O intérprete varia espontaneamente o tom ou o gesto, modula a enunciação, segundo a expectativa que ele percebe; ou, de modo deliberado, modifica mais ou menos o próprio enunciado (Zumthor, 1997, p. 246).

Dessa forma, Battousai permite que a reação de quem assiste guie a condução de seus poemas em certos momentos. O poeta lê o texto poético no celular durante boa parte da performance, com ritmo constante, ao seguir sem o apoio do texto, gesticula mais e mantém o olhar no público, o rosto apresenta poucas expressões do início ao fim.

A troca e o relacionamento com o público se colocará de forma diferente para cada poeta, não existem roteiros para como deve se desenrolar essa relação, especialmente quando se trata de uma manifestação como o *Slam Poesia* em que o público está fundamentado em sua estrutura como parte ativa. O poeta Periférico, por sua vez, não sente influência direta do público: “Não, acho que o público não influencia não, sabe? Eu faço o que eu tenho pra fazer, o público gostando ou não. É como diz o Emicida, né? A tempestade não se pergunta se molha os homens ou não, ela cai”. E Slender, assim como Ari poetisa, descreve situações que podem acontecer com a intervenção mais ativa do público:

Influenciaram bastante, porque a gente vem, pelo menos eu venho, como eu falei, da batalha de rimas, quando você tem a batalha de rimas, e aí você manda um verso, uma rima, você tem aquele termômetro se é boa se é ruim, pelo grito da galera. Só que às vezes na batalha de poesias, no slam em si, às vezes isso pode atrapalhar o poeta, tanto pode atrapalhar como pode ajudar o poeta, depende muito das circunstâncias, de como o poeta tá, de como tá a segurança dele com a execução da sua escrita, do quanto ele tá confiante, do quanto ele tá pensando no verso (Slender em entrevista realizada pela autora em 2024).

A partir das falas que apontam a preocupação com a ação negativa que pode ter uma interferência no momento da performance, ao analisar a participação de Ester Linhares no *Slam GO*, e lembrar o momento da batalha em que a poeta pausa para recuperar o fôlego após uma sequência de versos impactantes, acontece uma intervenção de alguém do público, um grito muito alto que poderia ter desconcentrado a *slammer*, se ela não estivesse tão familiarizada com seu poema. É também papel do público perceber e respeitar o ambiente, pois pode prejudicar a execução de um poema.

A performance no *Slam Poesia*, assim como em qualquer circunstância, é complexa, é impossível separar os elementos e características para analisar de forma independente e, por essa razão, os tópicos acima estão em confluência, assim como está o corpo e a voz, poetas e público, e, também, os textos poéticos e a representação que fazem da sociedade.

Considerações finais

O *Slam Poesia* é uma manifestação que potencializa as possibilidades da periferia, é um espaço democrático para que vozes e corpos se coloquem individualmente imbricados ao coletivo. Um acontecimento que recobra a destreza de nossa oralidade, a maestria de nosso corpo e evidencia a sabedoria presente em comunidades marginalizadas.

Quando iniciei a pesquisa ainda não conseguia compreender a razão de me sentir tão próxima desse movimento, mesmo tento o *Slam Poesia* como objeto dos meus estudos desde a graduação, o que totalizam cerca de 5 anos pesquisando essa manifestação e, no mínimo 7 anos de afetação pela mesma. Mas hoje percebo, através dos poemas e das trocas com os e as poetas, que a identificação com a poesia do *slam* não é só porque falam de temas comuns do nosso cotidiano enquanto sociedade, isso é o que me fez acompanhar os coletivos de *slam* em 2017. Mas a afinidade vem de um lugar mais próximo, é porque também está falando sobre a realidade a qual vivencio desde a minha infância.

Cresci na periferia de Aparecida de Goiânia, ou seja, na periferia da periferia. Sou filha de mãe goiana que não teve oportunidade de concluir o ensino médio e pai baiano que precisou interromper os estudos ainda na quarta série. Tenho dois irmãos, com quem realizei uma das maiores rebeldias da infância, ouvíamos rap escondidos do nosso pai, que não via com bons olhos esse estilo musical, eram os já conhecidos estigmas, sempre voltados às manifestações periféricas.

Percebo hoje que a identificação com o *Slam Poesia* está na necessidade pulsante que nós da periferia temos em falar, nos expressar de alguma forma. E nas ocasiões em que

abordei as pessoas para que fizessem parte da pesquisa, prossegui com quem demonstrou interesse e disponibilidade em compartilhar suas experiências.

Apesar de, inicialmente, não entender completamente as razões que me aproximam do *Slam Poesia*, compreendia a potência e a importância das batalhas que, como apresentado no primeiro capítulo, está além do acontecimento, é sobre comunidades que se estruturam para promover atividades artísticas e culturais, que buscam frisar a literatura como promoção de um olhar crítico sobre o mundo e dos estudos no geral como a possibilidade de ter uma vida um pouco mais confortável do que nossos mais velhos tiveram.

Todo esse movimento do *Slam Poesia* acontecendo em contraposição ao crescimento do neoliberalismo, dos discursos e ações da direita classe média/alta, que desacreditam e sucateiam as universidades públicas, reduzem a carga horária de matérias que podem auxiliar os discentes da educação básica no desenvolvimento do pensamento crítico. Um comportamento crescente de desrespeito com a educação brasileira, que reflete no adoecimento e, infelizmente, morte cada vez mais frequente, de professores.

O *Slam Poesia* e, aqui me refiro, a poetas e organizadores, é um movimento que busca e promove atividades em escolas, através do *Slam Interescolar* e até mesmo oficinas pontuais, como as oferecidas por Sara Linhares, poeta, rapper, *slammer* eicineira de Aparecida de Goiânia, a quem tive a honra de conhecer ao mediar a Mesa-redonda intitulada: *Slam Poesia: Identidade e Reexistência*, na XIV Edição da Epígrafe: Linguagem na contemporaneidade: uma reflexão sobre linguagens, identidades e acolhimento à diversidade, no IFG/Campus Goiânia. Também esteve presente a já conhecida por nós, Ester Linhares.

É uma manifestação feita por pessoas que estão buscando proporcionar, muitas vezes, o que não tiveram, mas desejavam ter. Ester Linhares, Periférico, Ari poetisa, Nativa na Voz, Battousai, Slender compartilharam em entrevista que escrevem poesia desde muito cedo, as batalhas proporcionaram então, ao Battousai:

Conhecer pessoas que me ensinaram muito, acho que o principal foi o aprendizado, sabe? Cara, todo mundo que eu conheci no slam, pessoas muito... muito talentosas, muito inteligentes, cada um com uma visão que você não vê todo dia, é uma visão que você não tem conversando normalmente com qualquer pessoa, sem querer desmerecer ninguém nem nada, cada um tem sua função no mundo e tal. E tem gente que tem o olhar diferenciado para as coisas mesmo. Eu tenho um pouquinho disso, eu ainda não tenho tanto quanto as pessoas que eu admiro dentro do slam, por exemplo, ou dentro da arte, da literatura, da música, da ciência. [...] Conversando agora no Slam Goiás em que eu tive contato com a galera lá do Valparaíso conversei com o Slender, ele me falou um negócio que é tipo assim, cara, nem sempre você vai achar a poesia do cara que, do seu colega boa. Mas sempre que você reconhecer um erro ali, você pode olhar pra você, porque você vai estar reconhecendo, você vai reconhecer aquele mesmo erro, aquele mesmo desvio no seu texto, ou então na sua vida, entendeu? Porque, no final, a gente acaba sendo uma coisa só como comunidade (Battousai em entrevista realizada pela autora em 2024).

Para Nativa na Voz:

Só que é isso assim, eu acho que a escrita, o slam, o sarau, a poesia, os poemas eles trazem a gente de volta, sabe? Ele faz a nossa cabeça ser nossa, é nossa não é do sistema, sabe? Não é porque a gente não concluiu o ensino médio que a gente é burro, não é porque a gente não sabe fazer um x raiz quadrada, que a gente não presta pra trabalhar, de forma alguma, é isso, é o que me salva (Nativa na Voz em entrevista realizada pela autora em 2024).

Para Slender:

As batalhas de poesia em si, o slam, a forma de escrita, né? Me trouxe uma identidade quem realmente se é, porque você, por mais que você cresça no meio da marginalia, na rua, no contato direto, a gente que é de favela, por muitas vezes a gente tem um apagamento de quem se é, porque a imagem do que essa em favela sempre é passado a imagem ruim. [...] Então a poesia me trouxe essa identidade, de quem eu sou enquanto jovem, enquanto preto, enquanto periférico, enquanto afro-indígena da região do Sul da Bahia e do meu povo. E isso me trouxe identidade já depois de grande, eu já tinha feito o ensino médio, já tava no ensino superior, foi quando eu comecei a poesia e vi pessoas trazendo falas mais empoderadas, que eram pessoas iguais a mim e não se encaixavam em nenhum desses grupos que eu citei (Slender em entrevista realizada pela autora em 2024).

O *Slam Poesia*, é um projeto democrático de manifestação poética, oferece a jovens periféricos a escuta que tem como base o respeito, e como Slender ressalta, não está presente na educação básica, ou até mesmo em outros espaços. A relação e trocas feitas pela comunidade viabilizam o desenvolvimento das pessoas presentes enquanto indivíduo e sujeito da sociedade.

O corpo em performance no *Slam Poesia* é uma perspectiva singular a cada participante, percebe-se que a construção do movimento se dá sempre em função do texto poético com o objetivo de demarcar e transmitir de forma mais clara a mensagem desejada. Como foi colocado anteriormente a partir de Taylor (2013) e Martins (2013 e 2021), os rituais indígenas e afro-brasileiros que exploravam a expressão corporal sofreram apagamento ao longo da história, reduzindo as nossas oportunidades de expandir esse conhecimento, justamente por suas origens. No entanto, tais ações, não nos tirou a capacidade de rememorar essa forma de comunicação, uma vez que, não apenas o corpo da pessoa individualmente tem memória, mas também o corpo social e através dele essa conexão vem sendo feita, e conforme Nativa na Voz (2024), com a atenção de nativos que cuidam das matas e das “quebradas”, para então curar as feridas, preencher as lacunas históricas através da poesia.

REFERÊNCIAS

- ALCALDE, Emerson., *et al.* Antifa. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- ALCALDE, Emerson. **Copa do Mundo de Slam de Poesias – Paris**. Periferia InVisível. 2014. Disponível em <https://www.periferiainvisivel.com.br/copa-do-mundo-de-slam-de-poesias-paris/>> Acesso: 24 set. 2025.
- ATN, Luke. Entrevista concedida a Glenda Bárbara de Sousa Costa. Goiânia, 17 ago. 2024. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice "B" desta dissertação.
- BASTOS, Meimei., *et al.* **Empoderamento feminino**. São Paulo: Autonomia Literária, 2019.
- BATTOUSAI. Entrevista concedida a Glenda Bárbara de Sousa Costa. Goiânia, 18 nov. 2024. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice "BA" desta dissertação.
- BERTH, Joice. Empoderamento. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BARBA, Eugenio; SAVARESE, Nicola. **A Arte Secreta do Ator Dicionário de Antropologia Teatral**; tradução Burnier., *et al.* Editora Hucitec, Editora da Unicamp, Campinas-São Paulo, 1995.
- BOEHM, Camila. Conceição Evaristo na Flip: ficção preenche vazios da história oficial. Agência Brasil. 2025. 2014. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2025-08/conceicao-evaristo-ficcao-preenche-vazios-da-historia-oficial>> Acesso: 12 out. 2025.
- BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. Comunicações e Transparência Pública. Brasília: MDHC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2025/julho/nota-de-pesar-2014-fernando-vil-aca-da-silva>>. Acesso em: 05 ago. 2025
- BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. **Quem espalha fake news espalha destruição**. [Brasília]. 03 ago. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contrafake/quem-espalha-fake-news-espalha-destruicao-1>. Acesso em: 16 set. 2025.
- BUENO, André de Godoy. **Slam: literatura, marginalidade e resistência**. 2023. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- BURNIER, Luís Otávio. **A arte do ator: da técnica à representação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.
- BUTLER, Judith. **Os atos performativos e a constituição do gênero: um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista**; tradução de Jamille Pinheiro Dias. Cadernos de leituras n.78. 2018. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno78/>>. Acesso em: 16 set. 2025.
- CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenário liminares: teatralidades, performances e política**; tradução Luiz Alberto Alonso e Angela Reis. Uberlândia: EDUFU, 2011.

Coletivo Café com Chá. **Atenção!!! É o Fim do *Slam* Falatu**. Instagram, 8 abr. 2024.

Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/C5gw0Feu-K8/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D> Acesso em: 17 out. 2024.

CAMP, J. A **Ágora Ateniense**: Escavações no Coração da Atenas Clássica. Introdução. The Athenian Agora. Excavations in the heart of Classical Athens. Introduction. Londres, Thames & Hudson: 1986, 14-19. tradução: Gisele A. D. F. Arrunátegui; revisão Labeca. Labeca, 2010.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. **A Construção do Outro como Não-ser como fundamento do Ser**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CORBETTA, Filippo. **Poesia ad Alta Voce** - Marc Kelly Smith e Lello Voce - capitulo 5. Youtube. 01 jun. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AtutUuj_Tno> Acesso em: 18 set. 2025.

CRUZ, Elaine Patrícia. **ONG contabiliza 257 mortes violentas de LGBTQIA+ em 2023**. Empresa Brasil de Comunicação. 21 jan. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2024-01/brasil-e-o-pais-mais-homotransfobico-do-mundo-diz-grupo-gay-da-bahia>. Acesso em: 16 fev 2025.

DANTAS, Marina. Rádio Senado. **Anuário da ONU revela aumento da violência contra a mulher em todos os continentes**. 25 nov. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/11/25/anuario-da-onu-revela-aumento-da-violencia-contr-a-mulher-em-todos-os-continentes>. Acesso em: 16 fev. 2025.

D'ALVA, Roberta Estrela. **SLAM**: voz de levante. Vozes em Luta. Rebento, São Paulo, n. 10, p. 268-286, junho 2019. Disponível em: <[SLAM: voz de levante | Rebento](#)> Acesso em: 17 jul. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

EVARISTO, Conceição. **A Escrivência e seus subtextos** In: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.) **Escrivência**: a escrita de nós, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FERREIRA, Nayane Oliveira. **Cultura de rua e o “slam interescolar”**: a literatura periférica na escola. 2022. 320 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Nove de Julho, São Paulo.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, [S. l.], n. 59, p. 1–15, 2020. DOI: 10.1590/2316-40185915. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/29317>>. Acesso em: 12 mai. 2025.

GIL, José. Movimento Total: **O Corpo e a Dança**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Relógio D'Água Editores. Lisboa, 2001.

Grito Filmes. **SLAM RESISTÊNCIA + SLAM GRITO FILMES**. Youtube, 4 out. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=68yppqmqZVE>> Acesso: 09 de set de 2025.

KUSSLER, L. M. **Arquitetura hostil e hermenêutica ética**. Geograficidade, v. 11, n. Especial, p. 16-25, 14 jul. 2021.

LINHARES, Ester. Entrevista concedida a Glenda Bárbara de Sousa Costa. Goiânia, 17 ago. 2024. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice "B" desta dissertação.

MARTINS, Fernando. **ZAP! Slam: A primeira batalha de poesia do Brasil**. Ponte Jornalismo, São Paulo, fev. 2017. Disponível em: <<https://ponte.org/zap-slam-a-primeira-batalha-de-poesia-do-brasil/>> Acesso em: 15 maio 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória**. Letras, [S. l.], n. 26, p. 63–81, 2003. DOI: 10.5902/2176148511881. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>. Acesso em: 20 maio. 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo tela**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2021.

MIRANDA, Regina. **O movimento expressivo**. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1979.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

NASCIMENTO, Roberta Marques. **Teatro hip-hop: a performance poética do ator-MC**. 2012. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Semiótica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

NATIVA na Voz. Entrevista concedida a Glenda Bárbara de Sousa Costa. Goiânia, 8 nov. 2024. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice "BA" desta dissertação.

NEVES, Cynthia Agra de Brito. **SLAMS - letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo**. Linha d'Água. São Paulo, SP : USP/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2017.. Vol. 30, no. 2 (out., 2017), p. 92-112. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1663265>. Acesso em: 9 nov. 2025.

NUNES, Isabella Rosado. **Sobre o que nos move, sobre a vida**. DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. (org.) **Escrevivência: a escrita de nós, reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Ilustrações Goya Lopes. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

POETISA, Ari. Entrevista concedida a Glenda Bárbara de Sousa Costa. Goiânia, 08 nov. 2024. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice "BA" desta dissertação.

PERIFÉRICO. Entrevista concedida a Glenda Bárbara de Sousa Costa. Goiânia, 17 ago. 2024. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice "B" desta dissertação.

Rede de observatórios da segurança. **Pele alvo: a bala não erra o negro**. [livro eletrônico]. Rio de Janeiro : CESeC, 2023. Disponível em: <<https://observatorioseguranca.com.br/rede-de-observatorios-revela-que-a-cada-quatro-horas-uma-pessoa-negra-foi-morta-pela-policia-em-2022/>> Acesso em: 18 set. 2025.

REDE TVT. Olhar TVT: *Slam Resistência* - 1/2. Youtube, mai. 2017. Disponível em: <https://youtu.be/MwROafzFop0?si=1vPk90OOHDI_zi-a> Acesso: 7 mai. 2024.

REDE TVT. Olhar TVT: *Slam Resistência* - 2/2. Youtube, mai. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1C26mbfEAHY>> Acesso: 7 mai. 2024.

REDE TVT. **Documentário mostra surgimento e crescimento do Slam no Brasil.** Youtube, 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CgN3DtlwyR8>> Acesso: 7 de maio de 2024 (14:12 min).

RIBEIRO, Luz. et al.; organizador Emerson Alcalde. **Negritude.** São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2019. *SLAM*; v. 3. ISBN 978-85-69536-53-6

SANTANA, Tayrine. ZAPPAROLI. Alecsandra. Conceição Evaristo: “**A escritora serve também para as pessoas pensarem**”. Itaú Social, nov. 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escritora-serve-tambem-para-as- pessoas-pensarem/>> Acesso em: 10 set. 2025.

SBTNews. Adolescente é morta pelo pai da namorada em SP: pai e irmão da vítima falam ao vivo. Youtube. 13 out. 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xkODJrv6uzk>> Acesso em: 1 nov. 2025.

SILVA, Jorge Augusto. **O Dever Negro na Literatura Brasileira: Notas Sobre a Oralidade em Lima Barreto.** *fólio - Revista de Letras*, [S. l.], v. 10, n. 2, 2019. DOI: 10.22481/folio.v2i10.4562. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/folio/article/view/4562>. Acesso em: 17 jul. 2025.

Slam GO. Nota de agradecimento a todos que fortaleceram o primeiro campeonato Goiano de Slam. Instagram, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CwgPUFIMX8D/?utm_source=%3DMzRIODBiNWFIZA%3D%3D> Acesso em: 17 out. 2024.

Slam da Guilhermina. Tawane Theodoro - o peso das palavras - Final Slam da Guilhermina. Youtube, 14 de out. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dJa6q6DgLLg>> Acesso em: 17 jul. 2024.

Slam Resistência. Slam Resistência - Documentário - Agora do Agora. Youtube, nov. 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/jDFSFoMsVm8?si=XY71UnWlG59c2M-a>> Acesso em: 7 jun. 2024.

SLENDER. Entrevista concedida a Glenda Bárbara de Sousa Costa. Goiânia, 19 nov. 2024. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice "BA" desta dissertação.

SODRÉ (UFRJ), M. **Cultura, Corpo e Afeto.** Dança. Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança, [S. l.], v. 3, n. 4, 2015. DOI: 10.9771/2317-3777danca.v3i1.13161. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistadanca/article/view/13161>. Acesso em: 9 set. 2025.

STEVANIM, Luiz Felipe. Pelo fim da escala 6x1 in DAVIS. **A vida não é só trabalho.** n.269, fev 2025. Rio de Janeiro, 2025. p.12-21. Disponível em: <<https://radis.ensp.fiocruz.br/todas-edicoes/radis-269/>> Acesso em: 1 nov. 2025.

TAYLOR, Diana. **O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas;** tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

TOKARNIA, Mariana. **Com 105 mortes em 2024, Brasil é o país que mais mata pessoas trans.** Agência Brasil. Rio de Janeiro, 2025. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/justica/noticia/2025-01/com-105-mortes-em-2024-brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans>> Acesso em: 05 ago. 2025

UMBERTO. Psicólogo aponta impactos negativos da escala 6x1 sobre a saúde mental dos trabalhadores. Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil - CTB, 12 mar. 2025.

Disponível em:

<<https://www.ctb.org.br/2025/03/12/psicologo-aponta-impactos-negativos-da-escala-6x1-sobre-a-saude-mental-dos-trabalhadores/>> Acesso em: 1 nov. 2025.

VÁRIAS AUTORAS. *Mudas: falas são sementes em germinação*. Org. Slam das Minas SP. São Paulo, SP. Conecta Brasil, 2018.

XAVIER, Igor Gomes. **O que é Slam? Poesia, educação e protesto**. PROFS, 12, nov de 2019. Cultura, Práticas Pedagógicas. Disponível em: <[O que é Slam? Poesia, educação e protesto | PROFS](#)>. Acesso em: 17 de julho de 2023.

YURUS. Entrevista concedida a Glenda Bárbara de Sousa Costa. Goiânia, 17 ago. 2024. A transcrição da entrevista está disponível no Apêndice "B" desta dissertação.

ZEPHIRO, Katia Antunes. **De América Latina à Ameríndia Afroladina: movimentos sociais indígenas e luta decolonial para existir**. v.9 n.18: Revista de Educação Interterritórios. 2023. DOI: <https://doi.org/10.51359/2525-7668.2023.258641>. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interterritorios/article/view/258641>> Acesso em: 17 mar. 2025.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

APÊNDICE A - LISTA DE GRUPOS E COLETIVOS CITADOS

Lista de links das redes sociais de eventos e coletivos de arte e cultura de Goiânia, Anápolis e do Céu Azul no entorno de Brasília citados ao longo do texto:

COLETIVOS:

Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá



O **Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá** surgiu em 2018 com o objetivo de incentivar a dar visibilidade a artistas independentes através da ocupação de espaços públicos em Goiânia e região. Atualmente o coletivo é composto por Akira <ak_akiraak>, Nix <androgynix>, Jordan Bê <jordan_beartista>. Conta também com a parceria e colaboração de outros/as artistas para realizarem suas atividades culturais. É ainda, uma das batalhas responsáveis pela elaboração e realização do Campeonato Goiano de Poesia Falada - *SLAM GO*.

Instagram:<Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá> acesso: 16 out. 2025.

Coletivo Goiânia Clandestina



O **Coletivo Goiânia Clandestina** é um coletivo e selo editorial goiano nascido em 2016. Nossa proposta é juntar escritores atuais e independentes, publicar e divulgar seus trabalhos, bem como promover festivais e oficinas poéticas no estado de Goiás (Fonte: Mapa Goiano).

Citado no texto: Novos escritos clandestinos, é um projeto do Coletivo Goiânia Clandestina que promoveu formação, publicações e encontros poéticos durante a pandemia, foi contemplado na lei emergencial Aldir Blanc - GO. <“novos escritos clandestinos”>;

Instagram:<Coletivo Goiânia Clandestina> acesso: 16 out. 2025.

Projeto Cultural Slam do Céu



O **Projeto Cultural Slam do Céu** se caracteriza como um encontro de cultura, arte do hip-hop e batalha de poesias que ocorre no Céu Azul em Valparaíso de Goiás. O projeto idealizado por Pedro Sky Blue <pedro.skyblue> promove atividades culturais para a comunidade local e faz parte dos projetos que fortalecem o *slam* poesia em Goiás, assim como o Campeonato Goiano de Poesia Falada - *SLAM GO*.

Instagram:<slamdoceu> acesso: 16 out. 2025.

Slam Reexistir



O **Slam Reexistir** é uma competição itinerante que tem suas raízes no município de Anápolis, surgiu na 4ª edição do projeto CirculAnápolis, a batalha de poesia produzida por Beatriz Ohana <beatriz_ohana> teve apoio do edital 03/2019 da PROEX do IFG. Na ocasião, o projeto ocorreu semanalmente de forma virtual pelas necessidades do isolamento social em decorrência da pandemia de COVID19. Atualmente o projeto circula em diversos espaços e é um dos grandes potencializadores do *slam* poesia e do Campeonato Goiano de Poesia Falada - *SLAM GO*.

Instagram:<slam.reexistir> acesso: 16 out. 2025.

Campeonato Goiano de Poesia Falada - *SLAM GO*



O *Slam GO* é o campeonato estadual de poesia falada, como parte do circuito nacional das batalhas de poesia é responsável por eleger a pessoa que representará o estado de Goiás no *SLAM BR* - Campeonato Brasileiro de Poesia Falada. Em outubro de 2024 ocorreu a segunda edição do campeonato goiano com a presença de poetas e produtores culturais de diversas regiões do estado, incluindo Aparecida de Goiânia, Goiânia, Anápolis, Luziânia, Valparaíso de Goiás e Taguatinga. Instagram:<[slamgo.official](https://www.instagram.com/slamgo.official)> acesso: 16 out. 2025.

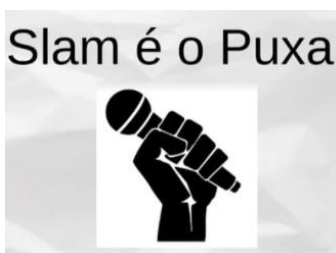
Morada do Cruzeiro



A Morada do Cruzeiro é um centro de assistência espiritual e filantrópica, dedicada ao culto dos Orixás e Entidades, tendo como dirigente Alágbára ti Ògún. Durante o ano de 2024 foi o espaço que recebeu as batalhas de poesia do *Slam Falatu* e o Campeonato Goiano de Poesia Falada - *SLAM GO*.

Instagram:<[moradadocruzeiro](https://www.instagram.com/moradadocruzeiro)> acesso: 16 out. 2025.

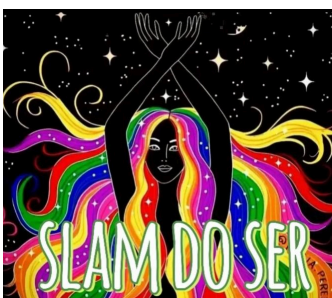
Slam é o Puxa!



O *Slam* é o Puxa! é uma batalha de poesia que teve seu início em agosto de 2025. Organizada por Luke ATN, acontece quinzenalmente na escadaria da Vila Cultural Cora Coralina e compõe as competições que impulsionam o *slam* poesia no estado e o Campeonato Goiano de Poesia Falada - *SLAM GO*.

Instagram:<[slameopuxa](https://www.instagram.com/slameopuxa)> acesso: 16 out. 2025.

Slam do Ser



O *Slam* do Ser é uma batalha itinerante do município de Trindade que iniciou suas atividades em abril de 2025. Apresentam o “*Slam* do Ser” como um “conceito que representa a poesia como um ato de resistência, expressão e afirmação da identidade, onde o "ser" se manifesta através da palavra e da performance”. É uma das batalhas que compõe o cenário goiano de *slam* poesia e ajudam a promover o Campeonato Goiano de Poesia Falada - *SLAM GO*.

Instagram:<[slam_do_ser](https://www.instagram.com/slam_do_ser)> acesso: 16 out. 2025.

APÊNDICE B - Entrevistas com Ester Linhares, Luke ATN, Periférico e Yurus

Ester Linhares - entrevista feita em 17 de agosto de 2024

1. Em qual região/setor você mora e grau de escolaridade?

Ester Linhares: Eu atualmente tô morando em Senador Canedo, mas me mudei bem recentemente pra lá, eu cresci em Aparecida de Goiânia. Faço faculdade na UFG.

2. Como você conheceu o Slam?

Ester Linhares: Eu conheci o *slam* através da minha irmã, que foram uma vez na escola dela, no IFG (Campus Aparecida de Goiânia) e fizeram uma competição de *slam* lá. E depois, esse coletivo mesmo, fazia competição aqui no parque Bosque dos Buritis, ela foi e me levou. E quando eu fui pela primeira vez, eu competi pela primeira vez, e eu gostei muito e enfim. Ela nem veio e eu estou aqui.

3. Então você já escrevia poesia antes? Por que você participou na primeira edição que assistiu.

Ester Linhares: Sim! Acho que eu escrevo coisas assim desde que eu me conheço por gente. Então quando eu era mais nova eu escrevia poesia, desde as poesias mais adolescentes, assim sobre amor as mais revoltadas também. Quando você começa a ter uma percepção de mundo, começa aqueles primeiros sentimentos de revolta, então eu sempre escrevi.

4. Você fala desse sentimento de revolta, as suas poesias vem primeiro de um tema ou desse sentimento?

Ester Linhares: Cara, o processo criativo de escrever *slam*, acho que ele é muito, assim, muda muito. Mas tem muitos *slams* que acontece alguma coisa no dia, e aí eu percebo aquilo, né? Você tem a percepção, você pensa, “puts isso aqui tá errado!” Você fica muito puto e tal e com isso eu escrevo. Eu nunca parto de um tema, tipo assim, “eu vou falar sobre isso!”, o meu processo é um pouco mais, acho que é um processo mais orgânico, acho que vai me surgindo as coisas e eu vou escrevendo, tentando colocar... sempre rimando, né? E tentando encaixar a minha ideia dentro do texto.

5. Durante o processo de escrita você faz alguma pesquisa?

Ester Linhares: É bem natural mesmo, às vezes você faz uma pesquisa e dos dados dela, ou de você ver alguma coisa, te surge alguma ideia. Mas nunca me aconteceu de eu pensar e pesquisar, e ai eu ter que ir atrás dos dados pra colocar, mas... é acho que é isso é mais de ideia.

6. Você prepara a maneira como vai dizer a poesia?

Ester Linhares: Sim! O jeito que você fala no *slam* é muito importante, porque é poesia falada. Então quando você tá construindo, às vezes, pelo menos eu, eu já vou escrevendo pensando no jeito que eu vou falar. Então o jeito que eu vou falar, a entonação que eu vou dar pras palavras, pra qual palavra eu vou dar mais entonação é muito importante, inclusive a postura corporal também. Isso tudo pra quando se trata, quando é um *slam* que eu acho que eu vá apresentar. Porque às vezes eu faço poesia e não vou apresentar, é mais pra mim, então quando eu vou apresentar eu também penso nisso.

7. Eu percebi que às vezes você olha bem para o público, isso é pensado? Tem alguma parte específica da poesia que você acha importante esse olhar ou é do momento?

Ester Linhares: Acho que um pouco dos dois, assim, eu penso que eu tenho que dar ênfase em alguma coisa, que eu tenho que tocar o público de alguma forma. Porque você escrever uma ideia, é diferente de você conseguir transmitir essa ideia, e é diferente de uma pessoa conseguir receber aquela ideia, né? E eu nunca tenho a garantia de que a pessoa entendeu o que eu quis dizer. Ou ela pode entender outra coisa, o que também é legal. Então às vezes eu sinto que eu preciso dar essa ênfase pro público, pra eu falar mais devagar, pra saber que ele entendeu o que eu queria falar. Por exemplo, um verso que é sobre uma coisa que me dá muita raiva e eu falo mais em cima, dou mais ênfase, falo mais devagar, parecendo mais brava. Então acho que é importante pro público entender bem o que eu quero falar e o sentimento que aquilo carrega.

Luke ATN - entrevista feita em 17 de agosto de 2024

1. Em qual região/setor você mora? Qual a sua escolaridade?

Luke ATN: Eu atualmente tô morando no Setor dos Funcionários, mas eu, tipo, cresci em Aparecida de Goiânia, como a galera fala, sou cria daquela quebrada, Aparecida. Eu tenho o ensino médio, tô cursando o técnico no Basileu França, em Artes Visuais e fui jubilado da UFG também.

2. Como você conheceu o *Slam*?

Luke ATN: Em 2018 tinha campeonato de *slam*, tipo assim, tava rolando o *Slam Falatu* lá no Bosque

dos Burititis, aí eu tipo, fiquei sabendo que ia rolar, eu fui e olhei assim, “nó que dá hora, vou participar”. Aí eu fui e escrevi uma poesia já separada pra esse *slam*.

3. Então você já começou como poeta?

Luke ATN: Sim

4. Você falou que achou interessante quando você viu que ia acontecer a batalha, mas o que te fez querer participar?

Luke ATN: O poder que tipo, o palco te dá pra você se expressar, pra falar o que tá pensando. Às vezes você nem tá querendo, já aconteceu de as vezes eu tá no palco de eu nem recitar a poesia em si, de eu fazer um improvisado, fazer um improviso na hora pra concluir a ideia mesmo, só tipo, só queria desabafar, falar alguma coisa, tipo assim, por pra fora um sentimento que eu tava sentindo naquele dia, e o *slam* me proporcionou isso.

5. E sobre o seu processo de escrita, como é? Você pensa primeiro no tema?

Luke ATN: Depende, por exemplo, atualmente eu... recentemente eu escrevi uma poesia com “p”, aí eu fui procurar tipo, palavras com “p”, sinônimos de outras coisas com “p”, eu fiz uma pesquisa em cima do “p”. Aí tipo.. quando eu vou fazer uma poesia, primeiramente eu penso num tema. Tipo, por exemplo, nem sempre eu sigo aquele tema até o final, mas eu sigo o tema e tipo acrescento coisas que eu acho que agrega.

6. Você falou da pesquisa pra poesia do p, você faz a pesquisa para escrita de todas as suas poesias?

Luke ATN: Todas as poesias eu faço uma construção, tanto poesia quanto música, eu faço uma pesquisa pra poder tipo, conseguir colocar algo, alguma coisa que agrega a mais, tipo um livro, aí eu vou e leio o livro e procuro saber mais sobre o assunto pra poder construir alguma coisa com ideia mesmo, né?

7. E tem um tempo pra você concluir um poema, ou depende?

Luke ATN: Depende, tem poesia que a gente escreve num minuto, assim... você senta e termina. Tem poesia que demora um mês pra terminar, tem poesia que você demora um ano pra terminar. Então tipo, eu mesmo tem uma ideia que eu ainda não conclui, que é tipo, a musica do faroeste caboclo, eu usei a mesma métrica pra contar a minha história, aí ela não tá tipo terminada ainda, porque ainda falta outra parte, tá esperando, tipo, viver mais pra poder ter mais alguma coisa pra agregar naquela ideia.

8. Para você, o público influencia na sua performance?

Luke ATN: Na performance não, tipo assim, eu acho que na hora que eu tô lá né? recitando, eu acho que o público tá ali como integrante do movimento, né? Aí eles vão olhar se eu tô com uma performance boa ou não, eu só tento fazer o meu melhor.

9. De quando você começou a participar do *slam*, lá em 2018 pra agora, você sente que mudou a sua presença?

Luke ATN: Sim eu acho que eu evolui bastante daquele tempo pra cá, porque tipo, eu tinha muito de gaguejar por causa de nervosismo, hoje em dia eu consigo respirar e deixar a poesia ir, acompanhando a levada que eu tinha pensado.

10. Você constrói a forma como vai conduzir a poesia?

Luke ATN: Eu só tento respirar, eu não construo a ideia, tipo, eu escrevo a minha ideia, mas a ideia de interpretar é uma coisa que acontece automático, tipo eu deixo fluir, eu não fico pensando muito nas ideias, no que eu faço, porque se não eu me atrapalho, ai eu só deixo acontecer, tipo, deixa acontecer naturalmente.

11. Você sente que a mensagem dos poemas muda a maneira que você vai declamar?

Luke ATN: Não você pode declamar a sua poesia, ela pode ser de romance, porém você pode falar mais rasgado, porque essa é sua forma de se expressar, isso depende, porque tipo, a gente vê o Eduardo Tadeu, ele pode tipo, se expressar da forma que for, mas ele tem aquela voz, aquela voz de expressão, é tipo Mano Brown. Mano Brown ele pode cantar um lovesong, que nem ele tem um lovesong com o Sabotage, porém a voz e o jeito dele cantar continua sendo do Mano Brown, então não influencia não.

Periférico - entrevista feita em 17 de agosto de 2024

1. Em qual região/setor você mora? E qual o grau de escolaridade?

Periférico: Eu sou de Aparecida de Goiânia. Minha escolaridade é, só tenho o ensino médio completo, e outros cursos assim... pontuais.

2. Como você conheceu o *Slam*?

Periférico: Conheci o *slam*, a partir da internet sabe? Conheci ali, por volta de 2016 e 2017, com a galera ali do ZAP! Zona Autônoma da Palavra, o Grito Filmes um pouco depois. E em 2018 eu tive o meu

primeiro contato pessoalmente com o *slam*, que foi através do Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá, já tinha outros coletivos que tinham organizado edições pontuais do *slam* aqui em Goiânia, mas contato assim, de participar foi a partir do Café com Chá, que fez uma reunião pública, convocando a gente pra estabelecer como funcionaria, os dias, as regras, tudo dentro do padrão claro, do que é o *slam*.

3. Você está desde o início do Falatu?

Periférico: É, tipo assim, um pouco depois do início, teve uma galera que organizou algumas edições pontuais, como eu falei, mas frequentemente no *slam*, desde 2018, se eu não me engano.

4. O que te fez querer participar do *slam*? Você já escrevia poesia?

Periférico: Bom, a poesia me chamou primeiramente através do rap, né? Foi a primeira forma de poesia que me chamou atenção. Escrevo assim desde muito cedo, desde muito pivete. Eu acho que a única linguagem artística que veio antes da escrita pra mim foi o desenho, né? Primeiro o desenho e depois a escrita, mais ou menos no fundamental, ali pelo 6º ano, foi o que firmou mais o hábito de escrever. Porque eu já tinha mais conhecimento, já tinha um olhar crítico mais aguçado, né? Ai isso foi moldando a minha poesia até então. Mas a minha poesia sempre teve um *que* de oralidade, né? Por conta do rap, eu sempre quis que fosse uma parada pra se escutar e não pra se ler. Foi isso que me trouxe pro *slam*.

5. Quando você vai escrever uma poesia você parte de um tema? Como é o seu processo de escrita?

Periférico: Vem primeiro de um incômodo, sabe? Esse incômodo ele meio que não tem um tema, ele vem sem dizer muito bem o que é, depois que eu escrevo, ele vai se mostrando sobre o que é. Muitas vezes sobre o capitalismo, sobre o cotidiano corrido, periférico, sabe? É sobre situações que muitas vezes eu não passo, mas me compadeço de ver as pessoas passando, sabe? É vem muito daí, mas sempre com um cunho mais político, né? Eu acho que não um discurso militante, mas como uma pessoa que enxerga essas coisas, uma mazela e se dói por elas sabe?

6. Você pensa em uma maneira de performar a poesia antes de apresentar?

Periférico: Não, acho que isso é uma coisa que veio de mim desde o começo, sabe? Da forma que me expresso, que eu gesticulo, que eu falo. Eu tenho muita influência do rap, né? Eu acho que isso fala muito na minha performance, muito parecido com a forma que os *rappers* cantam durante os shows.

7. Você sente que o público influencia na sua performance?

Periférico: Não, acho que o público não influencia não, sabe? Eu faço o que eu tenho pra fazer, o público gostando ou não. É como diz o Emicida, né? *A tempestade não se pergunta se molha os homens ou não, ela cai.*

8. Te potencializa ver o público acompanhando a poesia?

Periférico: Sei lá, acho que não, o público gritando ou não, o que eu tenho pra entregar sempre é a mesma coisa, né? Uma parada que vem mais de dentro, e reage mais nas pessoas que recebem do que em mim de entregar isso pras pessoas sabe? Gosto muito de entregar a minha poesia, gosto muito que as pessoas ouçam, que as pessoas prestem atenção, mas faço o que tenho que fazer né? As pessoas entendam como quiserem, gostem disso ou não. Enfim, isso já é uma parte, assim, que eu acho que não me cabe, então tento não pensar muito sobre ela.

Yurus- entrevista feita em 17 de agosto de 2024

1. Em qual região/setor você mora? E qual a sua escolaridade?

Yurus: Eu moro no Itaipú, cursei até o 3º ano do ensino médio.

2. Como você conheceu o *Slam*?

Yurus: Conheci no início desse ano. Eu conheci a cultura do *slam* pelo *instagram* ano passado. E o *Slam* pra participar aqui em Goiânia conheci esse ano.

3. Você já participou como poeta desde a primeira edição que acompanhou?

Yurus: Esse vai ser, acho que, o sexto *slam* que eu participo.

4. O primeiro *Slam* que você frequentou foi o Falatu ou outro?

Yurus: O primeiro *slam* que eu fui, foi no *Slam* Alternativo e aqui foi o segundo *slam* que eu participei, o Falatu.

5. Você participou de alguma edição como espectador? Ou já começou como poeta?

Yurus: Não, já comecei participando como poeta.

6. Quando vai escrever uma poesia você pensa primeiro em um tema? Como é o seu processo de escrita?

Yurus: Ah! Eu sou o poeta do momento, a poesia ela flui, não tem muito um tema, é mais baseado em como eu tô me sentindo. Bem raramente é selecionado em algum aspecto que eu observo no cotidiano social, mesmo assim, aí vira um tema.

7. Quando está escrevendo um novo poema, você tem o costume de pesquisar sobre o assunto que pretende tratar?

Yurus: Não pra fazer a poesia exatamente. Mas do meu dia a dia eu sempre busco muita coisa, fonte, referência. Eu trago referência até de revoluções, por exemplo, eu tava pesquisando sobre a revolução na Índia, processo de Independência da Índia, então eu tô sempre pesquisando e acaba agregando na poesia. Mas pra escrever a poesia, bem raramente.

8. Você pensa em uma maneira de performar a poesia antes de apresentar?

Yurus: Tem, o meu jeito ele já era meu, porque eu sempre escrevi poesia pra ser lida. Então quando eu participava, eu sou organizador de batalha, eu sempre quis abrir o palco aberto, então eu já escrevia muitas poesias pensando em recitar. Aí quando eu cheguei aqui, eu elaborei melhor a maneira de me comportar no palco a performance.

9. Você sente que o público influencia na sua performance?

Yurus: Eu acho que me potencializa, eu gosto de ser, eu escrevo pra ser ouvido.

10. O que te fez querer participar do *slam*?

Yurus: Dinheiro, a premiação, principalmente a premiação, porque apesar de eu gostar muito da cultura, do público, não é primordialmente o público pra quem eu gostaria de estar declamando. Por isso que eu gosto mais de declamar em batalha, porque assim, é a junção da periferia, realmente quem é de periferia apenas. Aqui, querendo ou não, é público mais... esquerda chão de taco, vamos dizer assim. Então, mas é bom, ainda me incentiva a querer tá aqui, de qualquer forma. É um público que, principalmente parte da organização e quem frequenta, é um público que abraça bastante.

11. Fala um pouco do seu projeto no Novo Horizonte, o que você comentou na última edição.

Yurus: Ah, muito bom você ter perguntado. No Novo Horizonte a gente tem a batalha de rima no NH, Batalha do NH, que é uma batalha de rima normal, de sangue, às vezes com edições de conhecimentos, nós temos o palco aberto, nós queremos levar gente pra começar a expor arte lá também e nós temos o projeto Ágora Periférica. O Ágora Periférica ele é um projeto que tem o intuito de incentivar a quebrada, principalmente a molecada de quebrada, da faixa dos 15 pra cima, pra botar a cara na literatura que é algo que é negado sistematicamente pra gente né? A gente não é ensinado a ler, a gente não é ensinado a interpretar direito nas escolas. E a gente faz rodas de leitura, agora a gente que começar a fazer estudo dirigido. E o foco do Ágora é, principalmente, fazer a galera se inserir na leitura, mas também começar a fazer produção artística, porque todo mundo é artista, só precisa saber a área que melhor se expõe. A arte é natural do ser humano, todos, todo mundo precisa se expressar. Nós tem o foco de conseguir fazer isso, lá, dos nossos membros, muitos começaram a escrever, o MFS aqui é grafiteiro, ele participa também. A gente vai começar a fazer música e charge com a galera também.

APÊNDICE BA - Entrevista com Nativa na Voz, Ari poetisa, Slender e Battousai

Nativa na Voz - entrevista feita em 11 de novembro de 2024

1. Gostaria que você se apresentasse, falasse o local onde mora, o grau de escolaridade e a ocupação atualmente.

Nativa na Voz: Eu me chamo Eduarda, meu codinome é Nativa, eu me dei esse, na verdade eu ganhei ele da espiritualidade, esse pseudônimo, numa vivência com a sagrada medicina e a ayahuasca. Fiz um trabalho com ayahuasca durante dois anos pra cura da depressão e da ansiedade, mas acabou retornando. Dentro dessa vivência eu acabei recebendo, assim, tem gente que acredita e tem gente que não, mas é a minha experiência. Eu acabei recebendo esse codinome Nativa e eu abracei, porque eu sou uma mulher mestiça, né? Não sou uma mulher negra retinta. E dentro da nossa vivência mesmo, brasileira, nós somos nativos, a gente tenta trazer esse resgate da ancestralidade, da retomada mesmo de território, de pertencimento, autoestima, tudo isso tá ligado. Então, os nativos, eles cuidam das matas, né? Das nossas matas, e eu tento cuidar da minha quebrada através da minha palavra, então eu tento trazer esse resgate aí de autoconhecimento, até pras pessoas que são mestiças. Eu tenho 22 anos, sou mãe do Orun Aiyê, moro aqui em Luziânia, na verdade é um distrito de Luziânia, eu moro no Jardim Zuleica que é um lugar bem miudinho dentro do Goiás, a gente tá entre o DF e entre o centro de Goiás, você já assistiu “Bacurau”?, a gente é tipo Bacurau, uma cidade esquecida, assim estamos aqui. É, eu sou formada, tenho o ensino médio completo, finalizei a escolaridade com o encefaja, porque na pandemia eu não consegui, entrei em uma neura muito sinistra, não tinha nenhuma... nem computador, nem celular pra estudar online, então acabou que eu reprovei. Eu estudava em uma escola no centro de Brasília, então eu fazia o corre pra colar, eu trabalhava pra conseguir pagar a minha passagem, porque a gente não tinha direito a passe estudantil de Goiás pra Brasília, nunca tivemos, a gente já lutou muito pra conseguir passe estudantil, na verdade teve uma época que o Ibaneis (Governador de Brasília), queria cobrar pedágio pra sair daqui e colar lá, uma coisa assim, nada haver, só pra tirar dinheiro da gente mesmo. Bom aí eu não consegui concluir na época correta a minha escolaridade mas ano passado eu fiz o ENCCEJA e passei, fiquei muito feliz porque eu tava realmente precisando dessa finalização.

Acho que assim, eu escrevo tem muito tempo, é até complexo falar sobre o processo criativo da escrita, porque eu me identifiquei enquanto escritora com dez anos, que foi a primeira vez que eu fui para uma apresentação, fiz uma escrita, minha professora achou minha escrita muito impactante e me levou pra feira de ciências pra declamar, e ali foi a primeira vez que tive contato com o público. Desde então eu continuei escrevendo, mas sempre muito tímida, eu era uma pessoa muito tímida, quando eu era criança eu tinha os dentes podres, por causa de remédios e aí eu não era uma pessoa muito de conversar e de rir e hoje eu sou bem falante bem extrovertida, e foi o *slam* que trouxe isso pra mim, essa autoconfiança, sabe? As batalhas de poesia e sarau também, né? Sarau normalmente é mais leve porque não tem a competição, mas me trouxe essa confiança, esse posicionamento mesmo nas minhas falas.

2. Como você conheceu o *slam*? Como foi esse primeiro contato?

Nativa na Voz: Eu comecei a batalhar em *slam*, no *Slam* do Céu Azul, que um dos organizadores, que até teve no *Slam* GO conosco, começou fazer esse movimento na quebrada, eu que nunca tinha competido, eu sempre tinha feito as minhas apresentações abertas assim, sem entrar em competição. E aí ele falou que achava que as minhas poesias tinham essa potência pra competir e me convidou pra estar presente, né? Pra competir. E aí acabou que eu perdi, nesse primeiro convite eu perdi pra outros dois poetas, até o Slender, eu não sei se você chegou a conhecer ele, mas eu e o Slender a gente batalhou muitas vezes juntos e eu sempre perdia pra ele, porque o Slender é da caminhada a muito tempo, né? Ele é do freestyle, né? Ele é MC. E aí eu lembro que nesse *Slam* do Céu Azul, o *Sky Blue* (organizador do *Slam* do Céu) fez uma entrevista comigo, depois de eu perder e eu fiquei bem envergonhada e ele me falou que não era pra eu desistir, que era pra eu continuar tentando e aí foi que eu comecei a treinar, né? Eu comecei a treinar em casa, pra ter essa auto confiança, essa entrega mesmo pra competição. E eu participava de sarau sempre ia pra sarau de poesia, pra apresentação, na escola eu sempre fazia apresentações, também sou mestre de cerimônias, né?! Então nesses eventos eu sempre pegava o gancho pra declamar poesia pra treinar. Mas pra competir mesmo, eu comecei a competir em 2020, online, meu primeiro, na verdade, minha primeira competição no *slam* foi uma competição online na época da pandemia. Fiz essa competição online, depois coleí em um evento, apresentei, não ganhei, 2020 também, meados de 2020. Aí eu mudei pra cá, pro Goiás e morei no Céu Azul e lá no Céu Azul em 2022 foi a minha primeira competição assim, certa né? No *slam*. Mas o contato mesmo com a parte assim, da poesia falada mesmo, das competições de poesia falada, tem aí mais ou menos uns 4 anos, 5 anos, acho que é isso.

3. Você comentou que depois da sua primeira competição você começou a se preparar, a treinar para as batalhas. Você consegue então perceber a mudança de quando começou para agora? Como você se sente agora no palco e como você vê a Nativa do início no palco para a de agora?

Nativa na Voz: A mudança é bem grande, porque eu era uma menina né? Muitas coisas mudaram, a primeira vez que eu pisei no palco pra competir eu realmente tinha muito medo de errar, minha respiração era

acelerada, eu assisto os vídeos, tem até vídeos no meu *instagram* lá no finalzinho, que eu era muito, eu falava as palavras e elas não saíam tão nítidas né? tão limpas. Porque na competição de poesia, aparentemente, né? Depende de estado pra estado eu acho, mas a maioria dos jurados que eu já ouvi, eles gostam dessa rapidez, né? Que o Eminem faz, que é falar bem rápido, mas tem que ser limpa. E eu ainda não tinha essa experiência, quando eu perdi, eu fiquei muito chateada e aí eu comecei a treinar na frente do espelho, a fazer exercícios com a caneta na língua e tentar destravar a língua o máximo que eu posso, a fazer aquelas caretas né? Que a Kalii (rapper estadunidense) faz, pra ver se essa parte aqui (aponta para a região das bochechas) se liberta, porque a gente pressiona muito isso aqui, o estresse fica muito acumulado aqui. E uma das coisas que eu aprendi também, principalmente no *Slam* do Céu, que foi com o mano W, é que a palavra, ela tem poder, então quando a gente se entrega pro que a gente tá declamando, que a gente tá contando, impacta mais o público, né? O público sente, independente do que, tipo assim, o que eu escrevi foi a minha vivência, mas o que o outro vai absorver, e vai chegar nele, vai ser a vivência dele do que ele tá ouvindo da minha experiência, né? Então a minha melhora foi muito significativa, eu quero melhorar muito mais, eu ainda subo no palco com muito medo, eu ainda suco a mão, ainda tenho desintéria, eu ainda esqueço a palavra. Às vezes acontece de eu estar declamando a poesia e no ato da competição e ela fugir. Porque a minha estratégia de declamação, principalmente de poesia decorada, é que eu vejo o texto na minha mente, tipo ele fica bem aqui, aí eu começo a ler ele na minha própria mente, só que às vezes o cérebro dá umas bugadas. Aí tem outra estratégia também, que é gravar a minha poesia em áudio e ficar ouvindo e ouvindo ela até ficar na ponta da língua. Foi uma das estratégias que eu aprendi depois de perder, eu já perdi muitas vezes, já ganhei também muitas vezes, aqui no meu território, aqui no Goiás, já ganhei primeiro, segundo e terceiro lugar. Mas assim, é uma mudança significativa, eu acho que a Nativa de 2020 não imaginaria que estaria chegando no lugar onde está. Perder o medo do que as pessoas vão achar, acho que foi a chave para virar. Eu lembro que a primeira vez que eu subi no palco pra participar de uma competição eu tava com muito medo do que as pessoas achariam do que eu tava declamando, da minha dor, porque normalmente as minhas poesias são mais sobre dor do que sobre amor e é isso.

4. Como é o seu processo de escrita?

Nativa na Voz: Eu sou muito metódica, eu gosto muito de montar estrofes, né? Eu gosto dessa, também gosto das ordens de português de início, meio e fim, que é o início do texto, o desenvolvimento desse texto e a conclusão, eu gosto muito de me apegar nisso para não ficar uma poesia vaga para não perder o sentido. E o processo criativo de escrita normalmente, ele vem de forma muito avassaladora assim, eu acho, porque eu posso fazer com qualquer coisa, e aí a mente começa a trabalhar mais rápido do que o costumeiro. Tem um podcast do Mano Brown que ele conversa com uma escritora, que eu não tô lembrando o nome (Conceição Evaristo) agora, mas ela é uma escritora muito importante assim, pra nós negros e pra nós mulheres negras. E ela fala que o poeta, ele tem uma imaginação fértil, então às vezes, por exemplo, pode não tá acontecendo uma abordagem policial naquele dia específico que a poesia que ele criou que fala da abordagem policial, mas ela tá sentada ali, na esquina, olha e passa um camburão e ela lembra da abordagem policial que aconteceu há um mês atrás com seu primo e aquilo dói da mesma forma, no mesmo momento, aí ela cria. E aí através da nossa imaginação demasiada eu acho que a criação vem, a escrita também. Eu até fiz uma oficina de escrita criativa aonde eu falava sobre isso, escrita criativa marginal, que é, nós enquanto pessoas periféricas, usar das palavras que a gente tem para desabafar e normalmente é isso assim, meu processo criativo é mais um desabafo.

5. Nesse processo, você pesquisa sobre algum tema específico?

Nativa na Voz: Então eu escrevo e aí quando as palavras, às vezes eu acho que tô inventando moda, eu não pesquiso temas, eu pesquiso mais o significado das palavras, pesquiso o significado das palavras no dicionário, no google, se eu não tiver com o dicionário perto, pra não colocar palavras com o significado errado e também pra manter o respeito. Olha, eu tenho essa poesia aqui que eu escrevi, eu posso declamar ela pra você, bem rápido? É o início na verdade, porque ela é muito grande. *Querido corpo em declínio / Aos quatro cantos do mundo / Veículo transitório / Arma frívola e letal*. Aí nessa escrita eu tava escrevendo e pesquisei, porque veio o “frívola” na minha cabeça. Aí eu pesquisei o significado dessa palavra pra não ficar vago, né? *Corpo adoecido / Pequeno objeto animal / Obscurecido / Sorrateiro e boçal*. Eu fui lá e pesquisei também, aí eu vou anotando. *Quase sempre inimigo de si próprio / vegetativo e inóspito*. Pesquisei também, porque tipo, não é que eu sei o significado das palavras, elas veem naturalmente por escutar em uma música, por ler num livro, por ver na televisão aí fica gravado e quando vem no processo criativo, eu coloco mas às vezes eu mudo. Aí vem, eu vou pular porque é muito grande, eu venho com adjetivos, eu acho que são adjetivos. *Querido corpo / Instrumento divino / Choro e risonho / Careta e carente / Resistente ao mundo / Porém com o tempo fraqueja / Somente querido / O corpo amigo / Objetivo escondido / Dolorido / Moído, manchado / Mensurado maltratado / Feminino / Abusivo e abusado / Somente você / Corpo querido / Sabe as lamúrias e luxúrias para consigo*. Aqui essa parte é muito longa, vai ficar sem sentido, mas qualquer coisa depois eu te mando. Eu faço essas pesquisas do significado das palavras, eu gosto também muito de fazer essa brincadeira de repetir a mesma letra que tem a mesma a mesma som, né? Mesma sonoridade, essa jogatilha mesmo de *careta* e *carente* elas têm significados completamente diferentes mas que parecem, eu acho bem divertido isso também. Essa técnica, que eu também

não sei que técnica que é, porque eu não estudei para isso, tô até querendo fazer um curso, me inscrevi por sinal, que é tipo: “*objetivo escondido/ dolorido / moído / manchado/ mensurado / maltratado / feminino / abusivo e abusado*” eu consigo concluir a minha ideia aqui né. Mas aqui foi mais um desabafo, no sentido de estar falando do meu próprio corpo, do meu corpo enquanto uma mulher e o quanto eu me escondo, o quanto ele é meu amigo, o quanto ele é o meu objetivo de vida, porque ele veio, ele é o que me mantém aqui na terra, mas ele também é dolorido, ele é moído todos os dias, porque todos os dias a gente passa por coisas estranhas, tem várias células e coisas estranhas dentro da gente, e é manchado, porque eu não sou nem retinta nem branca, ele é mensurado, e aí tipo, ao mesmo tempo que ele é mensurado ele é maltratado, continua sendo feminino, é abusivos porque eu reconheço as minhas tendências abusivas, mas também já foi abusado, né? Aí eu venho e puxo, *somente você/ corpo querido/ sabe das lamúrias e luxúrias para consigo*. E aqui eu coloco a minha experiência: *Fale / Diga / Algo / Repita para mim / Eu sei / Aponte / Mostre / Eu sei / Eu sei mesmo / Segure / Atire / Sequenciadamente / Da minha feiura / Eu sei / Do dente quebrado / Do meu chinelo gasto / Do zumbido no ouvido / Do rangir das mandíbulas / Das merda que faço / Da dor na lombar / Dos zóio a piscar distração / Das lombras familiar / Do lodo e do sumo / Esse trejeito / Personagem / Olhe profundo / Analise / Pode tocar / Perverso / Profano / Teu riso e o pranto / Inflamada / Eu sei / Mal falada também / Nem Jesus agradou / Agradar a quem?* É muito grande, enfim, essa poesia aqui foi um estudo de muitas, acho que eu demorei um mês para terminar essa poesia, porque eu escrevia ela eu ia lá mexia de novo, para compreender, normalmente eu coloco tanto a experiência, nessa brincadeira que eu te falei né? De procurar o significado das palavras, aí eu faço essa brincadeira, essa dança entre significado, com o sentimento junto com a minha experiência.

6. Você prepara o corpo e a voz para a performance?

Nativa na Voz: Eu repito, consecutivamente, todos os dias, todas as horas, no banho, lavando louça, ninando o neném, no banheiro, fumando, ele fica matutando na minha cabeça eu declamo várias vezes olhando no espelho, eu faço careta, que nem eu te falei, eu abro muito a boca, eu tento treinar minha respiração, tenho rinite e essa parte minha [indica a parte do nariz e em volta, abaixo dos olhos] minha voz é muito nariz, né? Acho que dá pra perceber. E aí na hora da poesia eu não gosto disso, porque na gravação as vezes sai é feio. Eu treino porque eu gosto muito de colocar cânticos na minha poesia, eu canto a maioria das vezes, então eu treino canto também. Eu tenho uma amiga que é professora de canto, ela me deu algumas técnicas gratuitas, são aquelas de ficar brincando no meu próprio tom. Eu já fiz aula de música, então também, eu coloco um papelzinho, numa aula que eu tive, eu tocava flauta transversal, não toco mais, desaprendi, porque é treino, né? Tudo é treino, e aí quando eu ia para as aulas qualquer tipo de música a minha professora falava que mesmo sendo a música cantada, mesmo sendo a música tocada ela precisa ter uma constância na nossa respiração, então eu treino essa questão da respiração e da pausa aí eu coloco um papelzinho na parede e fico [soprando] até onde eu aguento, eu sou fumante então, infelizmente, eu não aguento muito. Eu tento treinar muito, bastante, pra na hora da apresentação não rolar essas falhas de respiração e dicção também. Eu gosto muito de treinar dicção com trava-línguas. Eu gosto de ficar brincando “casa suja, chão sujo”, o tempo todo eu fico brincando com a minha mãe, a gente fica tentando fazer essa jogada. Mas pra todo tipo de apresentação, não é só pra apresentação de poesia, quando eu vou ser mestre de cerimônia eu faço esse tipo de técnica.

7. E o corpo? Você prepara alguma movimentação?

Nativa na Voz: Eu acho que o corpo eu recebo mesmo, assim, seres divinos, porque normalmente eu declamo... em casa, eu declamo muito dura, como se diz, muito crua, né? Porque a performance do poeta está ligada a roupa, a maquiagem, ao cabelo e a entrega ali. Então como eu não tô pronta 100%, assim eu não sei, como é que eu explico? Em casa é diferente de declamar no palco com a plateia, eu acho que a plateia ela alimenta também essa performance da gente. A minha técnica crucial que eu vou levar para o resto da vida é que; sempre que eu tô declamando eu olho nos olhos de todos, eu olho nos olhos dos jurados, e olho nos olhos de todos que estão lá, eu tento fazer contato visual com todo mundo, porque eu acho que faz diferença o contato visual na interpretação. Mas assim o meu corpo, a minha performance ela vem intuitivamente.

8. Você sente que a resposta do público, os gritos, os palavrões, o que eles devolvem ali no momento da sua performance, te alimentam?

Nativa na Voz: Alimenta, alimenta muito, a reação que a nossa arte causa, alimenta porque tudo é vibração, né? Então ali gente tá compartilhando vivências, compartilhando dores e as pessoas se identificarem com as minhas dores, se identificarem com as minhas vivências, com a minha escrita, alimenta não só o ego, porque o ego ele tá aqui, mas alimentação mesmo é a minha alma, que é o que faz retornar. Porque quando a gente tá trabalhando em eventos e coisas assim, a gente gasta muito energia, a gente tá com o corpo aberto, então quando a gente vê que o público gosta do que a gente faz. Acho que todo artista, que eu conheço, na verdade, não posso falar por todos, mas todo artista que eu conheço, eu conheço artistas de várias áreas, e a gente fica muito satisfeito com a felicidade de quem tá recebendo a arte. Eu acho que influencia muito a vivência, a troca, porque se não tivesse o público, não teria graça declamar, sabe? Não teria graça escrever, eu vou escrever para quem? Se não tem ninguém para ouvir, para se tocar. Eu acho que o escritor tem muito disso, até quem escreve

livros. Eu sou muito fã do autor José Saramago, eu acho que ele tem uma pegada bem lombrada, uma pegada que eu gosto. Tem uma entrevista que ele fala que se toca lendo o que ele mesmo escreveu, só que ele não consegue imaginar a dimensão do que o outro tá sentindo. E eu acho que é essa parte que é legal, o mistério, porque você não sabe como que, poxa, como que a poesia que eu tô falando do suicídio de uma pessoa minha, que ninguém nunca viu na vida, vai tocar tanto vivência daquela pessoa ali? No final das contas é porque a gente compartilha tantas experiências semelhantes, né? Pode não ser igual, mas toca do mesmo jeito eu acho que tem um grande impacto sim.

10. Para você, a mensagem do poema afeta a sua performance?

Nativa na Voz: Eu acredito que sim, normalmente quando eu, a maioria das minhas poesias são poesias de revolta, eu realmente usufruo da palavra, do poder da palavra como meio de denúncia mesmo do que a gente vive cotidianamente, então a forma que a gente fala, a entonação, o sentimento embargado na voz, quando eu declamo alí, uma parte da poesia que eu fiz pro meu irmão, né? Que eu declamo assim: *Deus! eu não quero morrer / Nem de fome nem frio / Nem pela depressão que nos consome / Tira, arranca essa dor / Deus arranque essa dor*. Eu realmente sinto a dor e eu quero que outro sintam essa dor, eu quero que o outro sintam esse incômodo, não é pra ser confortável, sabe? Diferente de escritas românticas, que também causam outros tipos de sentimento, eu também sou muito fã de romance, eu sou uma pessoa romântica, mas a minha persona tem essa característica de querer gerar revolta, mas ao mesmo tempo, querer gerar esperança também, porque tá ligado alí à ancestralidade. Eu sinto muito que a mensagem ela chega, ela tem uma finalidade, sabe? Eu tava até conversando ontem com uma amiga minha, porque eu ainda não tô acreditando que eu vou pra uma batalha de poesia tão grande, aonde tem muitos poetas fodásticos, eu tô com medo, eu tô cagando de medo. E fico pensando assim, pra eu ter chegado nesse lugar com certeza a minha poesia impactou muitas pessoas, e é isso assim, eu já perdi poesia, eu já perdi campeonato. No início desse ano, eu perdi dois primeiros lugares, eu fiquei no segundo lugar em um e no terceiro lugar em outro, porque um dos jurados, um homem branco e cis, disse que eu era muito agressiva, ele falou exatamente isso, as suas poesias são muito agressivas, eu gosto quando você canta, fale mais sobre amor, aí eu virei para ele falei assim, “mas a sua vida é só romance? Porque na minha vida, para eu alcançar o romance, meu filho, para viver o romance, no corre diário até a gente chegar o dia de ter uma vela e um romancinho, a gente já suou e enxugou gelo”. E aí eu perdi, fiz uma revolta, fiz uma movimentação sinistra porque eu fiquei muito puta com essa fala dele, de que eu era muito agressiva, e é isso assim, eu sei que eu tenho passabilidades, grandes passabilidades, mas você também sabe que essa persona agressiva é por um motivo, sabe? As minhas poesias são violentas porque eu sofri essas violências, porque eu vivenciei, porque eu vi os meus sofrendo, sabe? Se a gente declama que a nossa geladeira tá vazia, que a minha mãe gritava socorro, que é essa poesia que ele falou que eu era agressiva. *Ela gritava socorro só que muda / abria a geladeira cinco vezes / procurando coisa pra comer*. Realmente aconteceu, *se assustava quando o cachorro latia*, a gente tinha um cachorro e era ele que avisava quando vinham cortar nossa água e nossa luz, aí vinha *minha água, minha luz*, o desespero, eu escutava ela falando no quarto, trancada. E aí eu escrevia sozinha e chorando porque eu não conseguia consolar ela, porque eu tava trabalhando, mas eu recebia 30 reais por dia, sabe? Então tipo assim ou quando eu falo, *se sua miséria for contada do jeito certo / cê tá lascado / serviço dobrado / dois turnos um estrago / nova demais e seu caixão encomendado*. Quando eu engravidei do meu filho eu tava com uma depressão tão severa que tava pesando 47 quilos, eu tava trabalhando em dois empregos, eu fui demitida grávida, e eu tava trabalhando em dois empregos porque eu contei a minha miséria do jeito certinho, contei pros patrões que eu tava precisando de ajuda, e aí eles falaram “essa mão de obra tá precisando de ajuda, eu vou pagar o mínimo e vou oferecer o máximo de serviço pra ela” então eu trabalhava em um turno como atendente de uma juíza de paz, eu finalizava esse turno 6 horas da tarde e às 7 horas eu ia pro bar trabalhar até 3 horas da manhã. E fazia esse corre felizona, só que meu corpo já não tava aguentando, e aí eu escrevi essa poesia, e ela me demitiu, e eu tava grávida e aí começou a rolar todo o caos e que foi quando eu escrevi a poesia do Orun, que eu até falo: *o ego mentia sobre o meu merecimento a vida*, porque eu ficava pensando, uma das coisas que eu mais pensava era, “meu Deus eu vou ser mãe, eu sou pobre, que loucura é essa? Eu coloquei uma pessoa no mundo e eu continuo sendo pobre”. Só que a espiritualidade, eu não sei no que você acredita, mas a espiritualidade nunca nos desampara, foi dito, foi tirado em cartas, eu tenho uma amiga que é taróloga e ela falou que quando o Orun nascesse as portas iriam se abrir. E magicamente eu estou indo para o *Slam BR*, fazendo um corre sinistro pra ir, mas com todo respeito, tenho admiração a todes, admiração a você que tá tirando tempo pra escutar sobre a minha experiência, sobre o meu processo criativo, para colocar no seu trabalho, imensa admiração. E é isso assim, eu acredito que a gente, nós mulheres principalmente, a gente tem um papel fundamental em nos emancipar, sabe? E a gente se sentir pertencente nos lugares, eu sou uma pessoa que tenho fobia social cabulosa velho, eu tenho medo de contatos pessoais assim, desde que eu tive filho piorou, então essa oportunidade de falar sobre o processo criativo da escrita, de falar sobre como que a gente constrói, como que as outras pessoas podem escrever, porque escrever cura, escrever me salvou do suicídio milhares e milhares de vezes. E é isso assim, eu acredito que, independente do contexto, do tema que a gente escreva, que a gente escreva! E é uma das coisas que a gente precisa para os nossos jovens, a gente precisa pros nossos homens pretos, pra nossas irmãs, pras crianças, escrever é essencial. A minha avó é analfabeta, então assim, a gente tem que trazer esse resgate, esse

resgate da escrita não dificultar o acesso à palavra. Só que é isso assim, eu acho que a escrita, o *slam*, o sarau, a poesia, os poemas eles trazem a gente de volta, sabe? Ele faz a nossa cabeça ser nossa, é nossa não é do sistema, sabe? Não é porque a gente não concluiu o ensino médio que a gente é burro, não é porque a gente não sabe fazer um x raiz quadrada, que a gente não presta pra trabalhar, de forma alguma, é isso, é o que me salva.

Ari poetisa - entrevista feita em 08 de novembro de 2024

1. Pra começar gostaria que você se apresentasse, falasse o local onde mora, o grau de escolaridade e a ocupação atualmente.

Ari poetisa: Eu sou Iara, me apresento como Ari, sou de Brasília-DF, resido no Areal, que é uma parte um pouco assim... confusa, né? Se for pesquisar Areal sem conhecer o DF, você não vai achar. Porque teve todo aquele processo de Águas Claras tentar impor que a gente é Águas Claras, mesmo a gente sendo a parte bem mais pobre ali da RA (Regiões Administrativas), não temos uma RA onde eu moro, essa é a fita. Eu tenho 22 anos, sou universitária de arquitetura e tô me formando, então tô nesse processo de TCC. Sou organizadora de duas batalhas de rima aqui em Taguatinga, que é a Batalha da Fonte e a Batalha da Timas. Eu sou *slammer* vai fazer uns 5 meses, então tem bem pouquinho tempo, né? Escrevo desde 2017, porém quando eu comecei a escrever poesia, era mais poesias de desabafo, eu nem sabia que existia profissão, que tinha como ser escritora, nunca tive esses profissionais ao meu redor, nunca foram assim... acessíveis onde eu morava, então acabava que eu não conseguia ter alguém pra me espelhar de fato, né? Ou poder entender que dava sim pra seguir uma carreira aí, ao invés de arquiteta, escritora. Então acabou que eu cheguei na arquitetura por falta de informação mesmo, pensando assim: “dentro da arte, isso aqui eu acho que é o que eu menos morreria de fome”, porém, consegui me reencontrar aí na arquitetura.

O meu processo de poesia mesmo, se deu nessa parte de desabafar mesmo, então eu escrevia era desabafo, não tinha uma estrutura de português ou algo elaborado em verso, prosa e etc. Porém sempre foi uma poesia pra desabafar mesmo, botar o que eu tava sentindo pra fora, mas era poesias que eu não mostrava pra ninguém, então eu escrevia, eu lia e guardava. Então foi assim por muitos anos. Porque como eu disse, eu comecei a escrever em 2017, mas eu só comecei a recitar esse ano, então foram muitos anos no processo de me redescobrir como poetisa, foi bastante tempo na verdade. Aí comecei a recitar, de fato, nas batalhas de rima, né? A gente abria um espaço pra poesia, aí falei, “ah vei, eu escrevo” aí os meninos ficavam incentivando, “ah escreve? Então recita aqui”, e eu ficava naquela, “não, eu não tô pronta hoje”, mas aí chegou uma hora que recitei e me senti abraçada e comecei a recitar nas batalhas de rima. Depois das batalhas de rima foi aonde eu fui conhecendo poetas que também participavam das batalhas de *slam* e aí o Cabeça, que inclusive também é do Goiás, ele virou pra mim e falou, “ah você conhece o *Slam* do DF?” Que é o *Slam* mais antigo que a gente tem no DF. Aí eu falei “ah já ouvi falar, mas nunca fui”, ele falou, “nossa a sua poesia é muito poesia de *slam*”. Aí foi onde eu fui entender de fato o que era o *slam*, porque eu, na real, já tive acesso a *slam* mas não diretamente, porque eu acompanho poetas e *slammers* de outros estados, então, tipo assim, eles fazem poesia marginal, mas eu não entendia que era poesia marginal, muito menos que eles participavam de *slam*. Então só quando eu de fato comecei a procurar os *slams* aqui de Taguatinga, do DF, que eu de fato entendi o que era *slam*, que foi onde eu fui pesquisar onde surgiu, pra que serve, como que começou a existência, como foi se desenrolando nos estados e entendendo realmente o que é o movimento né? E foi a partir desse momento que eu ingressei no *slam*. Então meu processo de escrita funciona dessa forma, eu já escrevia e eu fui me redescobrendo. E eu acredito que essa é uma realidade que a gente vê em muitos poetas, principalmente adolescente, né? Você escrever, ser artista, ser músico e você não saber até você conseguir encontrar aí ciclo de amigos que sejam e que entendam que eles são, pra poder te auto afirmar isso também. “Você é poetisa”. Tanto que, eu sabia que eu escrevia, mas não conseguia me rotular como poetisa, até as pessoas começaram a me rotular como poetisa, aí eu falei ah! Faz sentido, eu realmente sou poetisa. Mas foi todo esse processo na verdade.

2. Você comentou que começou a participar das batalhas de *slam* a uns 6 meses, você consegue perceber diferenças entre a Ari do início para a de agora?

Ari poetisa: Com certeza, porque eu nunca fui uma pessoa extremamente tímida, mas eu sempre fui uma pessoa que quando ia falar em público, dava uma travada apesar de não ser tímida, era mais nervosismo mesmo. Então acredito que desde que eu comecei a participar de batalhas de *slam*, eu fiz um processo querendo ou não, de cura, né? A gente fala que o *slam* tem essa energia, porque eu escrevia coisas muito delicadas, tipos as que eu recito hoje, não são poesias que a Iara lá de 2017 escrevia, porque eu perdi todas as minhas poesias, eu não tenho mais acesso a nada que eu escrevia, justamente porque eu me mudei bastante, então acaba que eu realmente perdi tudo e eu não tenho mais acesso a nada do que eu escrevi antes. Então todas as minhas poesias foram escritas do zero, e essas poesias retratam basicamente o que eu vivi, coisas que depois de amadurecer e crescer eu fui entender que eu tinha passado, coisas que você vai ressignificando a medida que vai passando e amadurecendo. Então as poesias que foram escritas hoje, foram escritas do zero com uma perspectiva completamente diferente. Tanto que eu até falo as vezes, “nossa queria tanto ter acesso as poesias que eu escrevia

antes”, pra eu poder ver o que eu escrevia, porque apesar de lembrar um pouco o que eu escrevia e do que eu falava, eu não lembro exatamente como eu estruturava a escrita. Quando eu escrevia, era um desabafo, e depois eu comecei a me importar um pouco com essa estrutura de poema, porque eu tava na escola, o português a gente tá aprendendo isso e eu lembro que eu sempre fiquei tipo “ah vei, vou aprender a escrever”. Então eu tenho certeza que as minhas poesias de antes tinham estrutura, a minha poesia hoje de *slam* não tem estrutura, eu não faço ela pensando na estrutura, eu faço pensando na mensagem que eu quero passar, como que vou conseguir transmitir isso pra você? formas de escrever, nas palavras que eu posso tá utilizando. Então assim, hoje em dia, essa relação com a poesia mudou muitas coisas na minha vida, desde oportunidades, muitas vezes eu ficava parada no tempo por falta de oportunidades, desde que eu entrei no *slam* apareceram diversas oportunidades, não só como poetisa, mas através da poesia a gente consegue transmitir quem a gente é de fato, então assim, as minhas poesias retratam a minha vivência, muitas vezes quando as pessoas escutam, elas pensam “ah vai ter uma evento do dia da mulher, vou chamar a Ari porque as poesias dela retratam realidades femininas que acontecem no cotidiano”. Ou então, “nossa vai ter um debate e eu já ouvi Ari recitando poesia sobre aquela temática, aquela pauta”. Então acaba que hoje em dia eu sou chamada e abre muitas oportunidades pra coisas que nem tem há ver com poesia, de fato, mas que, através da minha poesia, eu consegui captar isso e marcar a pessoa daquela forma. Tanto que a maioria das minhas poesias hoje, elas são de denúncia, né? A maioria das poesias marginais hoje são estruturadas dessa forma, de você denunciar o que você vive, o que você já vivenciou, você já viu. Então acaba que nesse processo as coisas mudaram bastante na verdade, e eu vejo sempre uma melhora, desde a Ari antes de ser poetisa, da virada de chave da Ari poetisa, porque de fato, a poesia também, você está ali no espaço... porque eu falo que a poesia é um espaço de terapia coletiva, a gente costuma sempre falar isso, porque é um momento em que todo mundo para tudo o que tá fazendo e foca, a gente comprimenta todo mundo, a gente conhece novas pessoas, a gente consegue sentar e prestar atenção nas outras pessoas. Então tipo assim, é um momento muito importante que a gente tem, justamente porque a gente tá falando de coisas que tá acontecendo na nossa vida, coisa, às vezes muito pesadas e íntimas e as pessoas não estão julgando, elas estão ouvindo e muitas vezes se identificando com o que a gente tá falando. E eu acredito que a poesia é muito importante justamente por isso, tanto que gosto muito de recitar em escolas e eventos assim... mais de adolescente, um pouco mais infantil, apesar de as minhas poesias serem muito pesadas, porque é quando o adolescente entende, “nossa eu já passei por isso”, aí é onde tem casos de tipo, a adolescente entender que ela era abusada. Porque ela não sabia que era, porque ela não conseguia entender o que ela tava vivendo. Então acaba que a poesia, ela vem justamente com esse intuito, né? Não só transmitir uma mensagem, mas também mostrar que ela passa pelas mesmas coisas e não tão sabendo, e através da poesia a gente passa essa mensagem. Então eu acredito que mudou bastante coisa desde a Ari/Iara até a Ari. Porque foi todo um processo na verdade, tanto de amadurecer mesmo, saber que no *slam* nem sempre você vai ganhar e que você tem que saber aplaudir quem ganhou. Todo esse processo, conseguir se comunicar com as pessoas que você não conhece, saber ouvir, saber que tem hora pra falar e que tem hora pra ouvir. Então, querendo ou não, o *slam* em si, trouxe bastante coisas novas, muitas mesmo, na verdade.

3. Como é o seu processo de escrita?

Ari poetisa: Para escrever as minhas poesias eu não sigo um roteiro, tipo, “nossa hoje eu tenho que escrever uma poesia”. Eu costumo dizer que no dia em que a poesia virar uma obrigação que eu tenho que fazer, talvez sature. Porque as minhas poesias não são escritas nesse intuito, tipo, “ah vou participar de um *slam* tal dia, tenho que escrever uma poesia hoje”, não é assim que funciona, minhas poesias geralmente são escritas quando eu tô sentindo aquele sentimento. Então se eu tô passando por aquilo eu consigo escrever, ou então, eu tô lembrando aquilo, eu consigo escrever, ou se eu tô indignada com aquilo, eu consigo escrever, então é muito assim uma logística do que eu tô sentindo. É muito ligada com o sentimento mesmo, às emoções, e acaba que, como eu disse, a minha escrita não tem uma estrutura, então acaba que às vezes você começa a escrever uma poesia, ou então eu tô, sei lá, com o pensamento a semana inteira em alguma coisa e eu escuto uma música e eu penso, “nossa essa música daria muito certo com o que eu tenho pra falar” e aí eu consigo escrever a poesia. Então acaba que tudo é muito natural na verdade, não tem uma rotina de escrita.

4. Nesse processo, você pesquisa sobre algum tema específico?

Ari poetisa: Então, esse processo, ele existe, porém eu penso bastante antes de fazer esse processo. Por exemplo, minhas poesias, eu particularmente defendo a ideia de que você tem que escrever coisas que você tem propriedade pra dizer, porque se não fica incoerente com o movimento que a gente faz parte. Por exemplo, tem uma poesia minha que fala sobre paternidade, e tem uma parte da poesia que eu falo, porcentagem, então eu falo, “24% das crianças no Brasil nascem sem o nome do pai na certidão”, essa informação eu obviamente não tirei “a não vou colocar 24% por que rima”, não, foi uma parte que eu falei, “quero colocar a porcentagem, então fui pesquisar”. Então existe parte da poesia que eu vou citar algo bem específico que eu vou atrás de saber, fazer uma pesquisa e saber exatamente do que eu tô falando. Mas a maioria das minhas poesias não trazem tantos dados assim, mas as poesias que eu tenho que citar algo específico, sim, tem uma pesquisa.

5. Você prepara o corpo e a voz para a performance?

Ari poetisa: Como eu disse, eu tenho cinco meses de *slam*, eu estava inserida em um cenário, apesar de não ser MC, mas como organizadora, de batalha de rima. Então a gente na batalha tem muito sangue e competição, é um ambiente extremamente competitivo. Então a gente quando vai no *slam* a primeira vez, a gente vai muito de tirar no pódio, ganhar, competir, depois que a gente vai entender esse processo, demorou um pouco pra eu entender esse processo, eu só entendi de fato qual era o objetivo do *slam*, quando fui pesquisar o que era *slam*, não foi no primeiro contato que eu tive. Então, primeiro eu fui no *slam*, depois eu fui entender que eu não podia ir pro *slam* com tanto ódio, que tinha que dar uma maneira ali pra poder ser coerente. E acaba que nesse processo, eu sempre vi que querendo ou não o *slam* tem uma forma muito única de cada poeta, né? De como vai recitar a sua poesia, tem poetas que fazem uma performance, tem poetas que, por exemplo, no meu caso, eu coloco que eu não faço uma performance, assim, de *slam* mesmo, eu só recito e a minha performance tá totalmente no vocal, como eu vou fazer a oratória com as palavras, porque eu não gesticulo enquanto eu falo, e tem outros poetas que fazer essa parte. Então eu vou responder assim da minha análise pessoal, mas também da análise que eu vejo em outros poetas. Por exemplo, eu já vi muitos poetas que passaram pelo teatro e isso ajuda muito você a se soltar ali no palco e gesticular. E é uma coisa que eu pretendo fazer no ano que vem, poder fazer mais performances com o corpo mesmo. Já eu, no meu caso, a minha performance é muito vocal, eu fui notar que tem um traço meu, que todo mundo consegue perceber menos eu, só quando me falaram que é “nossa, toda vez que você recita uma poesia, nas últimas palavras daquela frase, você puxa mais a última letra, então você tem uma arrastada”, e eu nunca tinha parado pra notar isso. Porque quando a gente tá falando, muitas vezes a gente não tá se escutando, principalmente quando tá na frente de um monte de pessoa. O que a gente vai fazer é tudo menos escutar, sendo bem sincera, mas acaba que pras minhas performances que eu preparo, escrevo a poesia e pra mim poder ter um veredito de que tipo, “eu acho que essa poesia ficou boa”, é quando eu começo a ler ela e ver como que eu vou recitar no *slam*, então eu vou fazer ali, “não, então eu quero que essa palavra tenha mais ênfase, então eu vou puxar mais ela, vou dar um intervalo”, ou então, falei alguma coisa que eu quero que as pessoas reflitam, vou parar um tempo e demorar um pouquinho pra puxar a próxima frase. Então acaba que tipo assim, tem um estudo que eu faço, e como eu disse, como as minhas poesias não tem estrutura, como que eu sei que ela ficou boa, assim, dentro do meu gosto? É depois que eu começo a recitar, aí às vezes eu gravo áudio, gravo vídeo pra poder me escutar, pra ver, “não acho que posso melhorar puxando sei lá, o acento de tal palavra” ou “eu acho que eu dei ênfase em uma palavra que não era o intuito que eu queria”, e eu vou fazendo essa adaptação de performance. Mas é basicamente isso, escrever e treinar várias vezes se escutando, e até mesmo, as vezes eu vejo uma poesias e eu penso, nossa essa escrita ficou perfeita, mas na hora que vou recitar aquela palavra não encaixa, não faz a harmonia que ela poderia fazer com as outras, então, as vezes, ainda tenho que fazer essa modificação, é um processo demorado na verdade.

6. Para você, a mensagem do poema afeta a sua performance?

Ari poetisa: Sim, eu acredito que influencia muito, porque, por exemplo, se eu tô fazendo uma poesia recitando sobre algo que eu não gosto, por exemplo, na ausência paterna, se eu fizer isso com essa calma, pode até parecer, transmitir que eu não tô indignada, então acaba que as minhas poesias, eu sempre recito muito alto, eu sempre puxo ênfase muito forte pra algumas palavras fortes, ou trazendo uma reflexão, deixando um vácuo, tipo, eu falei isso e você precisa refletir sobre isso. Então acaba que sim, toda poesia que eu tenho, ela tem uma performance diferente de acordo com o que eu tô falando. Então por exemplo, se eu tô recitando algo, sei lá, tem uma poesia minha que eu homenageio alguns amigos meus porque era lançamento do vídeo de um som deles, então meio que nessa poesia eu tô falando de como foi o processo, como foi a minha experiência vendo eles criando esse som, escutando a primeira vez, então eu não recito gritando, da forma que eu recito uma poesia eu tô denunciando algo. Então, sim a performance interfere muito na forma como eu vou recitar de acordo com o que eu estou recitando.

7. Para você, o público e as intervenções (gritos, palavrões) que fazem, influenciam na sua performance?

Ari poetisa: Na verdade, esse processo do *slam* não tem todas as comunidades, mas as comunidades aqui no DF, elas seguem uma logística do que? Quando o poeta tá recitando, você não grita, estala os dedos, porque quando você grita no meio da poesia, às vezes o poeta que ta recitando lendo no celular, ou o que ele tem decorado, acaba que isso atrapalha um pouco a gente, na verdade a minha performance dentro do palco do *slam* isso é muito baseada em mim, antes já foi baseada em ficar prestando atenção nos olhares do pessoal, hoje em dia não, eu gosto de fazer o contato visual, mas eu tô olhando no seu olho, ao mesmo tempo eu não tô olhando a sua expressão, justamente porque querendo ou não isso influencia, se eu tô recitando algo e alguém, sei lá, coloca a mão na cabeça e faz tipo, um gesto “ah eu não gostei disso” isso vai influenciar um pouco, porque eu vou começar a ficar insegura, as vezes, eu não tô falando nada de absurdo e a pessoa pode fazer esse gesto, e eu vou pensar, “nossa será que eu falei alguma coisa errada?”. Então acaba que isso vai trazer inseguranças pro poeta que tá ali no palco. Mas hoje eu aprendi que, quando você ta recitando no palco do *slam*, você tem que focar 100% na mensagem que quer passar. Pode gesticular, mas entrou ali no palco, tem que fazer aquele personagem de atuação mesmo, porque também não tem como né? a gente falar que tá colocando todo o nosso

sentimento ali, se a gente ficar prestando atenção nos sentimentos das outras pessoas ao redor. No *Slam* GO teve momentos que os poetas estavam recitando e tinha pessoas do público tipo, vibrando junto com a poesia, tipo “caralho, nossa me arrepiei”, aí você ficava tipo assim, véi, é diferente entendeu, porque querendo ou não, aqui no DF, a gente não vai no *slam* que geralmente as pessoas falam. Então querendo ou não isso influencia de certa forma, mas acredito que influencia desde que você não saiba lidar com isso. Mas é todo um processo, na verdade, não é todos os poetas que conseguem.

8. O slam teve impactos na sua vida de modo geral?

Ari poetisa: Então, desde quando me conheci como *slammer* e fiz parte do movimento, ajudou em várias coisas, primeiramente conhecendo pessoas que já faziam parte do movimento, então criando ali um círculo de pessoa que sabem exatamente porque estão no movimento, qual é a mensagem, pessoas que realmente acreditam que o *slam* tem esse processo de cura, né? De recitar coisas que muitas vezes te magoaram por muito tempo e você foi ressignificando isso através da poesia. É por isso que eu falo que o *slam* é uma eterna terapia coletiva, porque você chega lá com coisas muito pessoais, muitas vezes você não conhece ninguém que tá ali e recita, e as vezes você recebe um abraço, e outra pessoa vem e fala “nossa já passei por isso também” e vocês começam a conversar. Então eu acredito que o *slam* influenciou muito na minha vida porque eu sempre tive uma parada minha de coletividade, de nossa eu cheguei aqui mas não cheguei aqui sozinha, fulano e ciclano me ajudaram a chegar aqui, ou então, eu não sei quem me ajudou a chegar aqui, mas eu sei que não cheguei aqui sozinha porque que tive que ler livros. Isso é uma parada que eu sempre falo, a gente vive dizendo “eu viveria facilmente sem ninguém”, mas velho, a gente nasceu de alguém, a gente aprendeu a andar com alguém, aprendeu a falar com alguém. Até no próprio *slam* “ah não minhas poesias não tem inspiração nenhuma”, é impossível escrever uma poesia sem inspiração nenhuma, porque você leu alguma coisa, assistiu alguma coisa, presenciou alguma coisa e escreveu, então em tudo a gente tem influência de outras pessoas. Porém, a gente tem que saber filtrar isso. E a minha questão com o *slam*, é exatamente essa, a visão que eu tenho hoje, é que o *slam* pode influenciar muitas coisas. Por exemplo, eu acredito que se na minha adolescência tivesse acesso ao *slam* dentro de uma escola, nossa isso teria mudado a minha vida muito mais rápido, eu não precisava ter passado por tantas coisas pra poder ter me encontrado hoje, eu ia falar “nossa olha, sempre quis ser escritora e agora eu posso ser”, entendeu? Então tipo assim, eu acredito que principalmente na minha infância o *slam* poderia ter feito muito sentido, e aí eu chego em uma idade, basicamente a idade que a gente sempre fala, “nossa parece que quando a gente chega nos vinte e poucos a gente consegue ver a nossa infância tipo num filme, tudo passando e tudo ligando” e hoje em dia a gente vê que é consequência de tudo aquilo ali que a gente viveu. E acaba que eu sempre tive a poesia, eu só não sabia o que de fato ela era, então é como se o *slam* tivesse aparecido na minha vida pra mostrar o caminho, na verdade eu sempre segui, mas eu não sabia que eu tava caminhando para ele. E aí acaba que o *slam* traz esse processo de uma rede de apoio, por exemplo, no *Slam* GO, eu fui na verdade conhecendo apenas um poeta que tinha viajado comigo, então eu consegui conhecer outras pessoas. E também tem o que você falou, “as pessoas de fato agregam algo, elas interferem”, tem uma poesia que eu recitei no *Slam* GO, que depois a Lore chegou em mim, me abraçou e falou, “eu sinto muito por você ter passado por isso”. Então quando eu falo que o *slam* é uma cura, é esse processo, porque se a gente for parar pra ver, a maior parte das poesias, por exemplo, que foram recitadas ali no *Slam* GO, são poesias muito pessoais, falando sobre dores nossas, que a gente ressignificou, por exemplo, teve o Slender, que tava falando da perda do filho dele e aí demonstrando como aquilo ali machuca ele ainda, mas que ele tá tentando ressignificar, entendendo o processo, através do *slam*. Teve a Nativa que ela falou que tava com fobia social, mas que ela conseguiu aparecer lá, pra poder fazer a participação dela, e falando do filho dela, então é tudo muito pessoal. A poesia do Leirbag falando que através da religião ele conseguiu se reencontrar novamente. Então acaba que eu falo que a poesia é quase uma religião, porque ela entra na nossa vida e tem alguns princípios a serem seguidos, não é todo mundo que consegue escrever poesia marginal, porque pra escrever poesia marginal, precisa ter aquela vivência, se não você não consegue transmitir tão forte o que você tá passando, porque não é simplesmente ler algo, né? Então acaba que hoje eu vejo a influência do *slam* na minha vida de várias formas, tipo, eu já fui chamada pra participar de eventos, eventos totalmente aleatórios, que não são muito do meu nicho, porque se for para pra pensar, “ah não a Ari escreve poesia marginal, então geralmente ela vai tá ali, nos movimentos que ela poderia estar no movimentos hip hop”, que teria um pouco mais de nexos, mas eu já participei em recital em evento, tipo junino, que querendo ou não, não tá no meu nicho. Já participei de eventos em escolas, inclusive vou fazer mais eventos em escolas. Já fui chamada pra ser entrevistada no jornal de Taguatinga por conta da poesia, como ela é recitada, que realmente retrata coisas. Então hoje em dia eu vejo que eu tô colhendo muitos frutos que o *slam* virou isso em mim, porque não foi uma coisa que “ah eu fui chamada ali pra participar do sarau”. Muitos desses eventos maiores de sarau que acontece uma edição especial, as vezes eles conseguem pelo FAC (Fundo de Arte e Cultura), então eu ainda fui remunerada, olha a oportunidade que eu tive no *Slam* GO, fui pra Goiânia, num lugar que eu não conhecia em Goiás, de forma gratuita, tipo o *slam* pagou minha passagem, pagou minha hospedagem, eu ainda tive a oportunidade de conhecer o terreiro lá. Então acaba que assim, nesse processo, as oportunidades se abriram muito, e era algo que eu não sabia que podia acontecer tão rápido, na verdade, eu sempre entendi que o *slam* um dia ia me dar um futuro, um caminho, mas eu não esperava que fosse tão rápido. Tanto que a minha

preocupação em participar do estadual foi justamente isso, “nossa tem muito pouco tempo, será que eu realmente dou conta de participar e representar mesmo?”. Pra mim é algo muito importante, porque acaba que todo mundo que participa do *slam*, isso se torna seu sonho, é sobre você passar sua mensagem, mas também é sobre o seu sonho, sobre você querer trabalhar com aquilo.

E também tem uma coisa que você perguntou e eu acabei de me lembrar que não respondi, que é sobre trabalho, eu também trabalho, eu faço arquitetura e eu sou estagiária também em uma empresa de engenharia, então acaba que é algo que sempre vejo e falo pro pessoal, porque eu to em um nicho que é muito elitista, é muito difícil cursar arquitetura, muito, e é muito mais difícil, não só pelo conteúdo, é muito mais difícil pra lidar com as pessoas a minha volta, porque não são pessoas que tem a realidade que eu tenho, são poucas pessoas que eu encontro na realidade que eu tenho. Então eu tenho que ficar lidando com umas coisas que eu já lidei quando eu tinha tipo, treze anos, entendeu? E aí eu fico “gente, como assim?”. E acaba que dentro desse processo, eu trabalho em uma empresa de engenharia, já trabalhei em várias outras empresas, mas eu não me prendo ao meu diploma, então eu entendo que eu ser poetisa em algumas empresas não vai ser muito coerente, por conta do que eu retrato, por conta de ética das outras pessoas, do que elas pensam, opiniões mesmo. Porém eu sempre soube muito bem separar isso, apesar de eu esperar que um dia eu possa ser uma arquiteta que foque pro lado cultural e não tenha que separar a minha vida. Possa juntar isso e agregar, porque querendo ou não, foi como eu falei, eu também sou produtora cultural, então eu pretendo fazer arquitetura e trabalhar com cenografia, que eu possa ajudar o teatro, que eu possa ajudar os eventos que eu organizo. Eu quero trazer a arquitetura pra o princípio que ela deveria ser, arquitetura pra todos, porque infelizmente, hoje, falar que é pra todos seria muito incoerente da minha parte, porque não é. E eu não me vejo, no futuro, trabalhando pra gente rica, porque eu não estudei cinco anos pra isso, entendeu? E dentro do processo da arquitetura, eu acho isso muito interessante porque quando eu fiz o curso no Jovem de Expressão, de produção cultural, foi a minha professora desse curso que falou tipo assim, “Não Iara, como assim cê vai desistir da faculdade? Não vai desistir da faculdade, tem como você ser arquiteta e trabalhar na área cultural”. Então tipo assim, foi através de conversas com pessoas que nem estão ali cursando comigo no curso, que me deram outras oportunidades e eu fui pesquisando. Acredito que o *slam* hoje em dia me trouxe muitas coisas, me trouxe só coisas materiais, porque a maior parte dos *slams* ainda ganha uma premiação, né? Uma folhinha, algo do tipo, às vezes um livro, a maior parte dos *slams* que eu participei e já fui pro pódio eu ganhei livros, e é uma coisa que eu adoro! Então pra mim já foi tipo, “nossa prefiro ganhar o livro do que os 100 reais”, e acaba que eu já ganhei muito com o *slam*, assim, não só coisas materiais, mas coisas espirituais, processos de cura e, principalmente, afeto, né? Porque dentro do *slam*, e diferente das batalhas de rima a gente tem muito respeito, então a gente não fica atacando ali porque não é uma batalha direta, tipo, um poeta na frente de outro poeta recitando poesia, não é uma coisa de sangue, é uma coisa muito mais de o poder da sua palavra, o que você tem pra agregar no mundo. Eu vejo o *slam* dessa forma, e isso entra até numa perspectiva de visão de, você recebeu uma coisa com aquilo, mudou a sua vida de alguma forma, e aí? vai ficar com isso pra você ou você vai repassar? Então eu acho que o *slam* tem isso, nesse processo a gente tem que repassar, desde quando eu entrei no *slam* eu sempre pensei, “nossa! Eu tenho uma gratidão muito grande pelas batalhas de Taguatinga, por elas terem aberto esses espaços de poesia pra eu poder recitar, e eu ter chegado no estadual”, então quando eu ganhei o primeiro *slam* na minha vida, eu ganhei uma premiação e eu fui na batalha (de rima) e falei, “gente eu ganhei essa premiação mas eu vou dividir, eu sei que os rolês são diferentes, são coisas totalmente distintas, mas a premiação que eu ganhei eu vou dividir, então o ganhador hoje, da batalha, vai ganhar também essa premiação”. Então, tipo assim, sempre lembrar também de como eu cheguei, qual é o meu caminho, da onde eu vim, pra gente não acabar se esquecendo quando as coisas começaram a melhorar.

E acaba que nesse processo de levar pras próximas gerações, eu trouxe, um tempos atrás, uma edição de batalha de rima junto com *slam*, tinha as duas batalhas, uma seguida da outra, aí de 16 poetas, só três eram *slammers*, assim de tempo mesmo, o restante foi tudo poeta novo, que às vezes só tinha uma poesia pra recitar, mas foi, nem sabia que tinha que recitar pelo menos quatro ou cinco. Então eu vejo que tudo o que o *slam* tá me agregando hoje, eu tento e faço por onde repassar isso, pra que possa agregar também pra outras pessoas. Porque eu entendo, principalmente com os adolescentes, que é o público alvo da batalha de rima, que se eu tivesse no lugar deles, eu já estive na verdade, e se eu tivesse essa pessoa que pudesse ajudar a virar essa chave um pouco mais rápido pra não ter que passar por tanta coisa pra poder conseguir se encontrar, isso teria mudado totalmente a minha trajetória.

E eu agradeço pelo convite, pra mim é muito importante participar desse tipo de pesquisa, principalmente em universidade porque o meu TCC, é o Centro Cultural do Hip Hop, não existe pesquisa de arquitetura nessa temática. E esse processo que você tá fazendo eu já fiz. De chamar pessoas do movimento, chegar em batalhas, perguntar, estar presente, ver o que precisa, entender como funciona. E eu acredito que isso daí de fato vai ser uma ponte, que pode não ser algo que vá fazer tanto sentido pras pessoas que não estão com a gente agora, mas que no futuro vai fazer sentido, porque querendo ou não, a arte hoje em dia ela já tá acessando muitos lugares que antes não acessava.

Slender - entrevista feita em 19 de novembro de 2024

1. Pra começar gostaria que você se apresentasse, falasse o local onde mora, o grau de escolaridade e a ocupação atualmente.

Slender: Bem, como conhecido, o meu nome artístico é Slender, mas o meu nome de registro é Rodrigo, tenho 27 anos, atualmente estou residindo no município de Valparaíso de Goiás, no entorno sul do Distrito Federal. Desde quando eu vim pra cá, sou natural da Bahia, moro aqui no estado de Goiás, na região do entorno tem quase seis anos e foi quando eu tava conhecendo as batalhas de poesia, conheci o que era *slam*, o que era esse modelo de poesia marginal, né? Mais agressivo, em 2017, através do Programa Manos e Minas, aí desde então eu pensei “pô, eu acho que eu faço isso também”, que já escrevo desde a infância. Nessa época eu já cursava artes, atualmente eu tô cursando psicologia, mas a minha primeira formação é na área de artes e busco trazer isso na poesia também, né? Unir tanto a questão da escrita, como do fator mesmo de cura, porque a gente sabe que a escrita é uma válvula de escape, todo artista que for escrever, todo mundo que escreve, que começa escrever por conta de algo ou que te deixou muito feliz ou muito triste, na maioria das vezes é por algo que te deixou triste e você acaba externando no papel. E como sendo mais um adolescente que viveu isso, hoje eu tento trazer isso dentro dos temas das poesias e das rodas de conversa também. Minha caminhada dentro das batalhas de *slam* fazem dois anos desde a primeira vez que eu recitei em um batalha de poesia, eu comecei a estudar realmente essa performance, a questão do palco, da comunicação, da escrita com o corpo voltada pro *slam*, tem dois anos que comecei a estudar. Mas eu já venho do teatro, eu fiz teatro por alguns anos, eu comecei em 2011 e eu fiz até 2018, eu fui da equipe de teatro aí por uns 7 anos mais ou menos, até quando eu saí da minha primeira formação da faculdade de artes. E eu busco, já tenho né, essa bagagem e tal essa experiência com a questão do palco, com a questão de sentido do corpo, eu acredito que influencia muito, influencia bastante quando você já perde aquele medo de expor um pouco os sentimentos, e assim, geralmente nas batalhas, quem fala não é o Rodrigo é o Slender, a gente sempre tem essa persona, então o Slender ele tem muito disso, muito de usar o corpo, muito de trazer o corpo pra dá sentido a poesia, e no *slam* que há esse espaço que é onde eu me encontrei e achei que é assim o local perfeito pra eu tá fazendo isso.

2. Depois que conheceu o *slam* pelo Programa Manos e Minas, você já começou participando das batalhas?

Slender: Eu assisti e eu vi o tipo de poesia, e aí eu conheci a história do *slam*, teve uma roda de conversa no programa explicando o que era e eu comecei a pesquisar, já conhecia as batalhas de rima, e nas batalhas de poesia quando comecei a ir, comecei a apresentar as poesias mas não como *slammer*, não era competidor, era apenas como poeta de rua, e aí toda edição de batalha que eu ia, eu ainda não rimava, mas deixava uma poesia, escrevia uma poesia e deixava e isso foi de 2017 a 2022, né? Quando eu comecei a rimar em 2019, sempre quando eu colava em uma batalha que tinha um espaço de fala, aí eu deixava uma poesia, e aí eu sempre fui espalhando a poesia, até que eu tive a oportunidade, a primeira vez, no *Slam* do Céu, que é um *slam* que acontecia aqui no Valparaíso, eu tive a oportunidade de competir a primeira vez, aí foi quando eu conheci realmente de perto, vivenciei a dinâmica de como funciona o *slam*.

3. De quando você começou, de dois anos atrás pra agora, você percebe alguma mudança na performance do Slender?

Slender: Sim, muito grande, porque, né? A gente tem muito daquele saber, o estudo que tá na academia, o que tá no papel, pra quando ele é colocado em prática é muito diferente, você só sabe realmente vivenciar o saber quando você o coloca em prática, e eu fui descobrindo que por mais que eu tenha feito teatro, a persona do Slender enquanto *slammer*, ainda estava crua, tava do zero, porque quem sabia, quem tinha conhecimento, era o Rodrigo, mas a persona, o Slender, ainda não sabia de nada, tava começando no *slam*. E quando eu comecei, as primeiras poesias que recitei eram letras de rap, eram poesias que eu fiz em cima de um *beat*, que eu fiz cadenciadas pra poder se cantar em cima de um *beat*, aí eu cheguei no meu primeiro *slam* e comecei a recitar. E você vai vendo, vai conhecendo pessoas do campo, pessoas que já estudam e vai tendo referências, vai se referenciando aos poucos. Fui vendo essa questão de performance, de trabalhar, e eu fui buscando, dentro do computador que chamamos de cabeça, de crânio, o cérebro, né? Eu fui buscando as informações e como eu poderia trazer aqueles exercícios do teatro pra dentro da declamação, da performance enquanto poeta mesmo, enquanto *slammer*. E em dois anos, eu tive uma evolução de 100%, porque a primeira vez, por mais que já era uma pessoa acostumado com o palco, quando eu pego um vídeo, algum registro, era alguém que só chegava e recitava poesia parado no palco, de cabeça baixa com vergonha de olhar pras outras pessoas. E hoje já não tenho mais isso, é como se todo ambiente onde eu tô é um palco, já não tem mais aquela divisória de platéia e de púlpito, já não existe mais isso, a gente vai se acostumando e vai se adaptando e é questão de treinamento também, né? Ao longo de tudo a gente vai aprendendo exercícios para ir perdendo a timidez, ir melhorando, ir vendo os pontos onde você pode melhorar, o que deve acrescentar. E vem muito da escuta também, de ouvir outros poetas, ouvir dos jurados, ouvir da platéia, o que a platéia gostou, o que não gostou, o que acha legal, o que não achou. Isso tudo vai te formando enquanto artista.

4. Como é o seu processo de escrita?

Slender: Geralmente as minhas escritas são sobre algum fato que presencio, ou que acontece com

alguém ao redor, ou que eu vejo em uma matéria de jornal, ou acontece comigo mesmo, no âmbito pessoal. E aquilo ali me gera um pensamento, ou alguma reflexão, eu particularmente escrevo dessa forma. Eu fico refletindo sobre determinado assunto por dias, eu fico horas, fico dias depois que acontece aquilo, eu fico refletindo e se é alguma que aconteceu que têm alguma pauta de pesquisa, eu vou procurar informações acerca daquilo, outro momentos que aquilo aconteceu, e nesse período vai me surgindo pensamentos e, ou eu vou gravando, ou eu vou anotando, ou fico repetindo pra ficar na memória, ou anotando em pedaços de papéis aleatórios. Se eu tô no trabalho, eu pego um guardanapo, ou o bloco de notas do celular e vou anotando aquele pensamento. Aí depois de um tempo que eu já tô pensando sobre aquilo, eu sento e vou organizar os pensamentos, e aí desses pensamentos, depois de anotar todos, eu vou organizando, e aí vem as estrofes e quando eu menos espero, já vem uma poesia pronta. Esse é o meu processo de escrita, né? Vem muito do dia-a-dia.

5. E a performance? O corpo e a voz, você faz alguma preparação?

Slender: Sim, tem tudo isso, porque como eu venho mais das batalhas de MC's e eu venho da música, então sempre quando eu vou escrever eu tenho um padrão rítmico, é sempre escrevo de uma forma mais ritmada. E pra gente que tá mais cadenciado dentro das batalhas, dentro do movimento de palco, a gente sempre pensa mais no *boombap*, sempre no rap, que pelo menos é a maioria do que a favela escuta, né? É rap e funk o tempo todo, então a gente tem esses ritmos como referência, aí pra me desprender disso, depois que eu começo a ler, eu vou acrescentando mais palavras, ou vou cortando palavras, aí é quando eu começo um estudo mais técnico. Primeiro eu escrevo e depois de escrever, eu vou ver de uma forma mais técnica o que eu posso fazer pra aquilo mudar, e eu começo o estudo mesmo de decorar as poesia, de decorar as obras e pra isso tem um exercício que eu gosto muito que é o de recitar em frente ao espelho. Eu começo lendo, aí digamos que a poesia tem 10 estrofes, eu separo por estrofes, tem poetas que não, que escrevem um texto corrido como um texto em prosa mesmo. Aí separo o texto em estrofes e versos, separo a poesia em pedaços, aí digamos que a poesia tem 10 estrofes, eu tento decorar intercalado, eu decoro 5 e vou pro espelho e eu faço uma que eu tenho decorado e leio a outra, faço uma e leio a outra e vou observando, e com a repetição, quando eu menos espero, já tenho as 10 decoradas. Depois de decoradas eu vou pra frente do espelho pra ver a minha performance, ver como eu pronuncio, dicção, gesticulação, porque às vezes você tá falando algo muito agressivo e seu corpo tá parado, sua expressão facial tá parada, então, a gente é muito influenciado pelo que a gente vê, né? Então o que a gente vê auxilia muito com o que a gente escuta, então eu busco muito isso, se eu tô em um momento da poesia que eu quero passar algo mais brando, eu tento trabalhar a gesticulação, a expressão facial, o tom de voz. A gente busca, enquanto poetas, a gente trabalha muito com entonação, tanto que tem muitos poetas que não são ainda acostumados com microfone, como a gente tá usando recurso de som e a entonação a gente acaba se assustando, porque a gente estuda muito em casa na voz no gogó mesmo né? Força muito voz, então eu busco muito. E essa é uma forma que tem pra melhorar minha performance, eu começo a recitar em frente ao espelho, aí quando eu acho mais ou menos, que já tá legal, eu busco um poeta, um amigo, ou que seja o poeta uma pessoa que eu nunca vi na vida, eu faço muito isso, uma pessoa aleatória e mostro e peço opinião. Porque a gente tem muito problema de ouvir né? E assim, como eu sou muito competidor, eu tenho isso, coisa de leonino, então eu gosto muito, muito, muito de trabalhar a performance, trabalhar a poesia até o ponto que eu ache, que eu pense que já tá preparada pra competir.

6. Você poderia falar um pouco mais sobre a mensagem do poema? Como ela influencia na sua performance?

Slender: Ela muda bastante, né? A performance seria como a escrita em gestos, o corpo fala, tem esse pensamento que é muito auto explicativo, o corpo fala e ele fala bastante, é tanto que você pode recitar uma poesia sem palavras, sem fala nenhuma, apenas com o corpo, você consegue transmitir sentimentos, é tanto que a gente tem a dança, né? A dança mostra muito disso pra gente, ela te passa sentimentos, então buscar apresentações de dança, principalmente de dança contemporânea, você vê muito disso, muitas expressões em que a música vem influenciando, a pessoa usa uma escala mais melódica e a performance do corpo já passa algo mais sentimental melancólico, e isso tem como fazer na poesia. Eu vou contar a experiência do último *slam* que eu participei, que foi o estadual, em que eu levei uma poesia, que eu recitei na final, que assim, de todas as poesias que eu tenho, essa é a que mais fala sobre mim, sobre como eu realmente me sinto, que é uma poesia que é sobre o meu filho, né? Então essa poesia em si, enquanto performance, enquanto escrita, ela me mostrou também uma nova forma de performance, porque eu performava, por mais que eram assuntos que tinham acontecido, que me envolviam ou que envolviam o próximo, não me envolviam tão profundamente quanto essa poesia, e eu tinha ensaiado, eu tinha montado a performance totalmente diferente da que eu entreguei, e depois assistindo o registro da apresentação, eu pude perceber isso, o quanto a poesia no momento te toca e ela muda a sua performance, quem te faz poeta, quem te faz performer é a sua poesia, não adianta nada você, é claro que existe a questão do preparo, de saber de onde começar, sabe de onde você sai, mas não sabe pra onde você vai, até onde pode chegar, esse teto do até onde você quer chegar ou até onde você pode chegar, não tem, você tem o ponto de partida, mas o ponto de chegada, um limite, não tem. E essa poesia me mostrou isso, porque no momento, o contexto, a situação, tudo o que tava acontecendo, até no momento estar chovendo influenciou bastante, e aquela poesia mudou totalmente a minha performance, a escrita é sentimento, o corpo em si é

sentimento, então não tem como um *slammer*, pelo menos na minha opinião, não tem como ele separar a sua performance da sua escrita, eu acho que as duas fazem o *slam* né, é a união desse conjunto que faz a poesia.

7. As intervenções do público influenciam a sua performance?

Slender: Influenciam bastante, porque eu venho, como eu falei, da batalha de rimas, quando tem a batalha de rimas, e aí você manda um verso, uma rima, você tem aquele termômetro se é boa se é ruim, pelo grito da galera. Só que às vezes na batalha de poesias, no *slam* em si, às vezes isso pode atrapalhar o poeta, tanto pode atrapalhar como pode ajudar o poeta, depende muito das circunstâncias, de como o poeta tá, de como tá a segurança dele com a execução da sua escrita, do quanto ele tá confiante, do quanto ele tá pensando no verso. Porque quando você tem uma poesia e já sabe ela muito bem, já tá muito bem decorada, você já apresentou diversas vezes, ela sai no automático, você percebe que recitou só quando ela tá terminando. E quando é uma poesia nova, você vai recitando uma estrofe pensando na próxima, quando você tá terminando um verso já pensando no próximo e às vezes vem um grito, uma fala, um gesto, você perde a atenção. Isso vai muito do poeta, mas pra mim, a gente avalia muito, porque a gente depende de uma bancada de júri, e aí se você tá recitando e a platéia tá que ali sem nenhuma reação, isso influencia no júri, a gente acha que não, mas influencia, porque se você tá ali, e o júri tá de frente pra você e tem umas 100 pessoas, uma platéia de 100 pessoas falando que ta perfeito, que tá maravilhoso e quando acaba apresentação todo mundo aplaude de pé e o jurado te dá uma nota baixa, ele já fica mais inseguro, ele fala, “velho pode acontecer de e tomar uma porrada se eu der tal nota”. Sabe que isso acontece e a gente tá em um âmbito muito caloroso, de muito sentimento, porque o *slam* é poesia marginal, é poesia da rua para a rua, então quando você pergunta sobre os palavrões, isso influencia bastante, em mim pessoalmente, me deixa muito feliz porque a gente aprende a se expressar dessa forma, muitas vezes a gente que vem da rua, vem de contato direto com marginal mesmo, nós que somos marginais, aprendemos a nos comunicar dessa forma, o palavrão é intensificação do sentimento, né? Quando a gente fica muito feliz a gente xinga, quando a gente fica muito triste a gente xinga, às vezes é o mesmo palavrão a gente usa o mesmo termo, mas com significados, carga emocional totalmente diferente, por mais que seja a mesma palavra. Então isso eu também uso muito pra avaliar, quando eu tenho uma performance, uma poesia e aí certo público reage de uma forma, que a gente tem muito a expressão quando a gente manda uma *punchline*, né? Que aquela frase de mais efeito, que geralmente na construção das poesias de *slam*, os *slammers* te dão uma bomba de informação e aí como se fossem preparando você, para o pensamento final, ele te dá uma frase de mais impacto que vai firmar na sua mente sobre aquele conteúdo quando acontece isso, a platéia geralmente e outros poetas tem aquela reação de “coca”, quando a gente abre o refrigerante, quando a *punchline* é muito bom, todo mundo faz *tsss*, um estalar dedos. No final isso ajuda muito o poeta a perceber se ele conseguiu atingir o que ele queria com aquela fala, e isso também na próxima performance, se ele vai deixar da mesma forma, se ele vai mudar, vai reestruturar a poesia, isso ajuda bastante.

8. Pra finalizar, qual foi o impacto do *slam* poesia na sua vida de modo geral?

Slender: As batalhas de poesia em si, o *slam*, a forma de escrita, né? Me trouxe uma identidade de quem realmente se é, porque, por mais que você cresça no meio da marginalia, na rua, no contato direto, a gente que é de favela, por muitas vezes tem um apagamento de quem se é, porque a imagem do que é essa favela sempre é passado a imagem ruim. Então a gente vai para instituição de ensino básica e é discriminado por ser quem você é lá dentro, e aí vê pessoas iguais a você, sendo discriminadas e outros iguais a você, tentando ser diferente para não ser discriminado. Então ou você adota a imagem de ser discriminado mesmo e não tá nem aí, mas mesmo assim ainda não consegue entender quem é, porque você acha que tem que ser discriminado e é isso mesmo. Você não vê o erro no outro, acaba sendo uma persona, que tem que errar e tem que ser discriminado, porque é assim e pronto, e você não vai achar que tem direitos. E a outra metade que vê que ser como é não é legal, e vai tentar ser diferente e se encaixar em um lugar que não é para você, que vai ser discriminado de qualquer forma e por vezes você aceita discriminações que sofre porque, pra ser aceito, você tem que ser discriminado. Então a poesia me trouxe essa identidade, de quem eu sou enquanto jovem, enquanto preto, enquanto periférico, enquanto afro-indígena da região do Sul da Bahia e do meu povo. E isso me trouxe identidade, já depois de grande, eu já tinha feito o ensino médio, já tava no ensino superior, foi quando eu comecei na poesia e vi pessoas trazendo falas mais empoderadas, pessoas iguais a mim e não se encaixavam em nenhum desses grupos que eu citei. Eles sabiam porque eram discriminados e não aceitavam ser discriminados, e você vai de encontro a isso, aí vê que vai contra todos os princípios que te foram ensinados, esse entendimento enquanto a pessoa, eu só consegui encontrar depois que eu comecei a escrever poesia marginal, depois que eu entrei mais, já acompanhava batalha de rimas, depois de um tempo comecei a batalhar, mas não me trouxe o mesmo entendimento que as poesias me trouxeram. E vi como formação, porque quando a gente fala em poesia, o que a gente aprende no colégio? Carlos Drummond de Andrade, Castro Alves, é aquela coisa mais rebuscada, é um linguajar que você não tem dentro de casa, você não tem com o seu vizinho na rua, o seu avô, ele não conversa com você daquela forma, sua mãe não dialoga contigo daquela forma, você não vai dialogar dessa forma com seus filhos, então quando a gente entende que poesia é se expressar, que você sabe se expressar da forma que se expressa, você também é um poeta, te traz um entendimento enquanto ser no mundo, e você está ali

não só por estar, você tem o seu espaço, tem o seu momento, assim como todo mundo a sua volta tem.

E hoje eu tenho a oportunidade de estar levando isso também pra outros jovens e pra crianças e adolescentes através de projetos de *slam*, a gente tem tentado colocar aqui na região do entorno, aqui no Goiás, o *Slam* Interescolar e a gente tá começando a levar oficinas formativas de poesia marginal para dentro das escolas, inclusive nessa próxima sexta-feira (22/11/2024) a gente vai estar levando para um Centro de Assistência Socioeducativa, conhecido como antiga Fundação Casa, a gente já levou uma vez e hoje a gente tá levando de novo uma continuação da oficina formativa. Então a gente vê que a poesia como fala, como momento de conversa, momento de expressão, tá aqui pra todo mundo e todo mundo pode usufruir disso e que esse espaço pode ser levado até aonde ele é restrito, muitas vezes brechado, a gente pode através da poesia levar a comunicação de empoderamento, de entendimento do ser para qualquer lugar, e assim existem duas pessoas, agora quanto o Rodrigo mesmo o Rodrigo antes da poesia marginal do Rodrigo depois da poesia marginal que é o Slender, existem dois esses seres aí, essas pessoas diferentes, um enquanto se buscava ser no mundo e um que entende que é um ser no mundo desde sempre.

Battousai- entrevista feita em 18 de novembro de 2024

1. Pra começar gostaria que você se apresentasse, falasse o local onde mora, o grau de escolaridade e a ocupação atualmente.

Battousai: Hoje em dia, eu tô residindo aqui no Recanto das Minas Gerais, tipo, não sei se você vai saber onde que é, as pessoas, acho que elas nunca sabem, é depois do Novo Mundo. Mas, quando eu descobri o *slam*, eu tava morando em Aparecida, que é onde eu morei a maior parte da vida, acho que reflete um pouco do meu trabalho, reflete do trabalho do Yurus também, que é de lá, do Periférico, do Java, que participou de alguns também. Eu comecei a escrever bem moleque assim que eu alfabetizei, porque eu tenho TDAH, então demorei um pouco pra ser alfabetizado. Eu alfabetizei aos oito, assim massa pra ler e escrever. Eu escrevo desde os oito anos e nunca tinha feito nada com o que eu escrevia, e aí esse ano eu vi o *slam* do Luke foi o primeiro que eu participei que é o alternativo [*Slam* Alternativo organizado pelo Luke ATN]. Eu vi que o Yurus tinha participado e eu falei, “pô, massa, vou colar no próximo”, e aí teve o Clandestino também que, não sei por que motivo não fizeram a final deles, então quem classificou por lá acabou não indo para o estadual. O primeiro *slam* que eu fui foi esse ano foi no Clandestino, acho que em junho, e tenho o ensino médio completo, cursando o ensino superior.

2. Você já falou um pouquinho, mas como foi o seu primeiro contato com o *slam*? Você acompanhou algumas edições como espectador e depois que você começou a participar ou já começou participando? E o que te fez querer participar das batalhas?

Battousai: Bom, como espectador, eu acho que eu nunca acompanhei o *slam* ao vivo, eu vi que existia aqui em Goiânia e fui. Comecei a participar pra conhecer outras pessoas que escrevessem, né? Escrevem. De fazer alguma coisa com os poemas que eu tinha e também o exercício de tentar uma parada que eu nunca tinha tentado, algo mais próximo do rap. Tentar uma parada também, de me expor a uma coisa que eu não dominava.

3. Você falou que começou esse ano. Tem mais ou menos quantos meses desde a sua primeira participação até o *Slam GO*?

Battousai: Cara, deve ter uns seis meses.

4. E você percebe alguma diferença entre a sua primeira participação e essas mais recentes?

Battousai: Ah, rolou a evolução técnica mesmo. Assim, tanto em quesito de escrita, porque tem muita diferença você escrever algo que é pra primeiramente ser lido, ou algo que tem o objetivo principal de ser falado. Então, eu fui entendendo, o meu texto sempre foi razoavelmente verbal, mas eu fui entendendo o rolê mesmo do *slam*, que tipo de palavra tem que usar, qual a cadência, como o texto deveria ser para ser recitado melhor, e como recitar melhor, como melhorar um pouco a fisicalidade, que é onde eu mais quero melhorar. A entonação da voz, onde eu vou colocar o impacto ou não, decorar o texto. Primeiro *slam* que eu participei, eu não decorei os textos, foi tudo lendo, tanto é que eu não passei, nem pra segunda fase. E aí fui melhorando, ganhei uma coisa ou outra, peguei um segundo lugar aqui, o terceiro ali.

5. Como é o seu processo de escrita?

Battousai: Cara, varia muito, eu escrevi um texto ontem, o anterior a esse eu tinha escrito há duas semanas, muita gente que vive de escrita, que tem uma obra consolidada, se você pegar as aulas e manuais de escrita, vai falar que é importante escrever todo dia. Teve uma época da minha vida que escrevia todo dia, hoje em dia, a minha vida não permite isso, então eu vou vivendo, acumulando pensamentos e ideias, observações a respeito das coisas e no fim do mês, isso vira um poema, ou no fim da semana, geralmente, numa insônia.

6. Quando você diz que acumula esses pensamentos, essa ideia leva a um tema específico? Se sim, você procura pesquisar para aprofundar esse tema? Ou o que você escreve é mesmo do que vem no dia-a-dia, das suas observações?

Battousai: Às vezes, sim, depende muito, por exemplo, nesse poema que eu escrevi ontem, tem uns quatro autores diferentes, falei de William Faulkner, de Meridiana de Sanguie, Odisseia, Ilíada, uma viagem do caralho. E tem texto meu que não é tão carregado de referências, todos os meus textos têm referência, mas assim, essa referência, eu tive que pesquisar pra ter certeza se, o eixo, se fazia sentido com o tema do meu texto mesmo, ou se eu tava viajando em colocar aquela citação ali, então, às vezes é só um trabalho de pesquisa e às vezes não. Não tem uma constância.

7. E para performance, pensando ali no momento em que você vai apresentar. Tem algum preparo específico? Algum trabalho no texto, na voz e no corpo?

Battousai: Eu ainda tô procurando isso, sou uma pessoa tímida, muito tímida, então, chegar lá na hora, às vezes tem alguma coisa que me trava, eu tento seguir ali, a linha da raiva, eu tento fazer a raiva se mostrar ali no palco, mas nem sempre sai porque a timidez me trava e às vezes eu falo, “cara, se eu começar a gritar aqui, e a fazer uma performance mega exagerada, eu vou me sentir ridículo, eu vou me achar ridículo”, porque eu vou achar isso exagerado então, eu tento fazer alguma coisa mais contida e mais precisa. É igual a uma pessoa que está tentando matar alguém, poeticamente falando, tanto é que o vulgo que eu escolhi é Battousai, né? É uma referência de anime. Tem um anime, um mangá que eu gosto muito, que é o Himura Kenshin, veio aqui para o Brasil como Samurai X, da década de 90. O protagonista, né? Ele era um assassino, conhecido como Battousai, e no Japão teve, o anime fala disso, né? Quando teve a queda do Shogunato, e a abertura pro ocidente, que foi a restauração Meiji, tinha um grupo de pessoas no Japão que eram a favor do Shogunato, e que eram a favor da restauração que era apoiada pela família do antigo imperador. Foi um movimento, foi mesmo uma coisa revolucionária, uma guerra revolucionária e o Battousai, ele é um assassino desse grupo revolucionário, entendeu? Que é a favor da abertura.

8. O anime é baseado em um acontecimento real?

Battousai: Sim, só que o personagem é fictício, ele é inspirado em vários personagens que teve, né? Que eram os Hitokiris, esses assassinos que trabalhavam pra uma das organizações a favor de derrubar o Shogunato e abrir o Japão pro ocidente. A história é que ele é muito brabo, ele é muito bom, é um espadachim muito foda. E quando termina a guerra, ele fala que nunca mais vai matar ninguém, mas os fantasmas do passado dele, da guerra, tentam trazer ele de volta pra esse cotidiano violento. Então ele só matava porque tinha um propósito específico, depois que acabou, ele é órfão, então tem um senso de justiça envolvido. Mas feito com muita raiva, muito ódio. Ódio que ele tem daquele governo, tanto que é uma impiedade perene. Ele não poupa ninguém que é inimigo.

9. E você usa a raiva na sua performance?

Battousai: Sim. É uma raiva que não é canalizada em brados, em explosões, não, a raiva tem que ser direcionada. A raiva, o ódio. Tanto é que tem uma frase do poema da Ester, né? Que eu me identifico muito. “Que a gente encontra força no amor e direcionamento no ódio”. E eu acho que esse direcionamento não pode ser algo em vão, não pode ser um grito, aí tem muito forte na minha cabeça essa fisicalidade, do corte de katana mesmo, de algo que é feito pra ser muito preciso, muito letal, sem erros. Eu comecei no *slam* e não tinha nome artístico, vulgo, nada, colocava como Heitor mesmo. Aí, todo mundo tinha um, né? Eu falei, “porra preciso de um também que seja legal e que tenha alguma coisa a ver comigo”, escolhi esse, Battousai. Até porque quando você fala de interpretação, você tem que criar um personagem que não é necessariamente você, não é necessariamente o Heitor. A vida toda eu escrevi como Heitor, agora eu comecei a escrever como Battousai, que é um, como todo personagem, né? Como toda pessoa que atua, é um recorte, é uma parte, um pedaço do que é você, entendeu? Então o Battousai é o Heitor? Não. Mas é um pedaço dele.

10. A sua performance muda de acordo com o tema da pesquisa?

Battousai: Depende. Minha performance é muito uniforme, até porque, pensando nessa ideia do Battousai, tanto do personagem original, que eu baseei, quanto para a máscara, que a gente adota quando vai pro palco, enquanto o Battousai do *slam* de Goiás ele é capaz de expressar várias coisas, e de falar sobre várias coisas, e de sentir várias coisas, ele é capaz de falar de ódio, é capaz de falar de amor, por mais que ainda seja de uma maneira violenta. Tipo, eu acho que o cerne do Battousai é a violência. Mas ele é capaz de falar sobre diversos assuntos e sobre diversas coisas, só que tudo à maneira dele. Tudo tem sangue envolvido, tudo tem ali, uma paixão. Mas que ao mesmo tempo, não é ausente de raciocínio, não é ausente de razão, não é ausente de pensar no que você está fazendo, em o que você está sentindo.

11. Para você a intervenção do público afeta a sua performance?

Battousai: Ah é importante pra caralho, pelo menos eu acho que é a parte mais gratificante mesmo, a maior dopamina do negócio, o maior prêmio é isso, sabe? Você vê que o que você está falando está impactando as pessoas de determinada maneira, igual eu falei, eu tenho TDAH, isso me desconcentra um pouco às vezes, mas ao mesmo tempo me dá um norte do que eu tenho que fazer ali, se eu tenho que jogar aquela interpretação mais pra lá ou mais pra cá. Como eu tenho que falar isso, como eu tenho que falar aquilo, sem o público, cara, não tem como recitar. Até quando eu estou treinando eu imagino o público. Às vezes eu escrevo pensando na reação que eu quero causar no público, às vezes eu recito algo de uma forma diferente ou troco a maneira que eu ia dizer aquela palavra ou eu troco a palavra em si, pensando exatamente na reação que eu quero causar no público.

12. Pra finalizar, qual foi o impacto do *slam* poesia na sua vida de modo geral?

Battousai: Foi importante por vários motivos, primeiro, pra eu fazer conexões, entendeu? Conhecer pessoas que me ensinaram muito, acho que o principal foi o aprendizado, sabe? Cara, todo mundo que eu conheci no *slam*, pessoas muito... muito talentosas, muito inteligentes, cada um com uma visão que você não vê todo dia, é uma visão que você não tem conversando normalmente com qualquer pessoa, sem querer desmerecer ninguém nem nada, cada um tem sua função no mundo e tal. E tem gente que tem o olhar diferenciado para as coisas mesmo. Eu tenho um pouquinho disso, eu ainda não tenho tanto quanto as pessoas que eu admiro dentro do *slam*, por exemplo, ou dentro da arte, da literatura, da música, da ciência. Foi um aprendizado master assim... As coisas que o Periférico me ensinou, que o Luke me ensinou, o Luke me ensinou coisa pra porra. Conversando agora no *Slam GO*, em que eu tive contato com a galera lá do Valparaíso, conversei com o Slender, ele me falou um negócio que é tipo assim, “cara, nem sempre você vai achar a poesia do cara do seu colega boa. Mas sempre que você reconhecer um erro ali, pode olhar pra você, porque você vai estar reconhecendo, vai reconhecer aquele mesmo erro, aquele mesmo desvio no seu texto, ou então na sua vida, entendeu?” Porque, no final, a gente acaba sendo uma coisa só como comunidade, é também como cultura hip-hop. Então se tem algo pegando na quebrada lá no DF, lá em Valparaíso, provavelmente, a quebrada aqui vai estar tendo o mesmo problema. Então se está rolando algum desvio nos poetas de lá, provavelmente vai estar rolando um desvio parecido aqui, no texto mesmo, na arte e também na vida. Eu aprendi várias coisas, o principal foi o aprendizado, e também para melhorar a expressão, eu sou uma pessoa que tem dificuldade em falar em público e caramba, como eu sou tímido, como eu gosto de socializar, mas eu tenho, aquela, tenho aquela pressão sempre, de “caramba, será que eu estou me expressando direito? Será que o que eu estou falando está certo?”. Eu tenho facilidade em apresentar seminário na faculdade, na escola eu dei aula, eu estudei em uma escola particular, né? E ela tinha um programa de monitoria, eu dava uma monitoria, então não é exatamente um problema, mas me ajudou a me soltar mais, entendeu? Isso foi o que melhorou pra mim, pro Battousai, né? Que assim, pra contar algo inusitado... Sou eu. E o Battousai tipo, ele nasceu disso, né? E aí ele vai evoluindo conforme eu vou colocando ele nas batalhas de *slam*.

APÊNDICE CA - Diário de bordo conhecendo o *Slam Falatu*



Fonte: [@coletivo_cafecomcha](#)

Apesar de não ter sido as primeiras batalhas de *slam* poesia que acompanhei em Goiânia, as edições de abril e junho de 2024 do *Slam Falatu* foram as que marcaram o início das minhas observações de campo e, portanto, das percepções da competição a partir do olhar de pesquisadora.

Nesse primeiro momento o que chamou atenção foi a receptividade, acompanhar as batalhas de *slam* online e ler a respeito, não me proporcionou a compreensão integral do espaço acolhedor que se dá nas batalhas. Esse inclusive foi um dos aspectos analisados em meu TCC a respeito da estruturação do *slam* a partir da análise de seis poemas. Mas de fato, só se compreende o respeito e a coletividade que se tem em manifestações como o *slam* poesia estando presente.

Descrevendo de forma direta, essa característica se mostra no respeito entre os/as poetas, inclusive através de brincadeiras que demonstram também a proximidade que as batalhas proporcionaram a essas pessoas. Observa-se ainda, o acolhimento no ambiente e na equipe de produção, Jordan Bê, Nix, Akira.

A percepção inicialmente é com relação às diferentes formas que os/as poetas escolhem se colocar no palco para a performance. Algumas pessoas se apresentam de forma mais expansiva, caminhando mais pelo espaço e trocando com o público constantemente, outras são mais concisas e muitas vezes parecem estar em um diálogo consigo mesmas. Os temas dos poemas, é claro, se tornam os grandes protagonistas e, em razão disso, percebemos que a performance compõe a partir do texto poético pois o mesmo é o grande propulsor da ação.

As batalhas se estruturam em três fases, na primeira todas as pessoas inscritas participam passam 6 para a segunda fase e na final 3 poetas performam para definir o pódio. Jordan, MC das edições do Falatu, explica os critérios de avaliação, performance, dicção e conteúdo do poema.

As cinco edições do *Slam Falatu* no ano de 2024 foram realizadas com recursos da Lei Paulo Gustavo do Governo Federal operacionalizado pelo Governo de Goiás, por meio da Secretaria de Estado da Cultura.

APÊNDICE CB - Diário de bordo bo *Slam Falatu* edição de julho de 2024



Fonte: [@coletivo_cafecomcha](#)

Fim de uma tarde de domingo em um espaço bem aconchegante, o quintal da Morada do Cruzeiro, com música de gêneros variados, esse é o cenário das edições do *Slam Falatu* em 2024, apenas a edição de agosto, próximo mês, acontecerá em um sábado. Após a chegada das/dos poetas, a equipe organizadora dá início ao evento explicando como se desenvolveria a competição.

As três pessoas que vencerem a edição de julho estarão classificadas para a final do *Slam Falatu* que acontecerá em agosto, participando da final estarão concorrendo a uma vaga no campeonato estadual, o *Slam Goiano*. A batalha de hoje acontece em três fases, na 1ª todas as pessoas inscritas participam, na 2ª, seis poetas vão competir e na terceira fase, os três finalistas vão participar para definir os três primeiros lugares e os respectivos prêmios. As duas primeiras fases são decididas pelas notas dos jurados e a terceira pelo público. O local que recebeu o evento foi a Morada do Cruzeiro, terreiro dedicado ao culto dos Orixás e Entidades, localizado no Setor Universitário, Jordan Bê, MC/*Slammaster* agradece ao anfitrião pai Alágbára ti Ògún pelo espaço e comunica que a cozinha está aberta para quem quisesse comer algo e que o dinheiro seria utilizado para manter o espaço.

Então vamos às regras: 3 minutos, não está sendo cronometrado, mas se passar muito do tempo, Jordan avisa que levantará a mão para que a pessoa entenda que deu o tempo. Se alguém errar a poesia, tem o direito de começar novamente sem que isso influencie as notas. Critérios de avaliação do *Slam Falatu*: “dicção, performance e conteúdo, a dicção é a pronúncia, se é possível compreender o que você está dizendo, performance é a forma como você expressa seu texto, a emoção que você coloca, a sua capacidade de tocar o público, de tocar o júri através dessa emoção, é uma avaliação um pouco mais pessoal porque parte da forma que cada um tem de performar então é o momento que vocês tem para colocar a identidade de vocês. E o conteúdo que é a mensagem que você está passando, o quão pertinente, verdadeiro e coerente diz sobre a construção do seu texto”, explica Jordan.

Cada poeta, antes de começar a sua performance, solta o grito: “nome do/da poeta, na casa!” e o público responde: “Fala tu!”.

Yurus na casa!

Fala tu!

Esse já é o passado e alguém só ta esperando eu agir
 Essa frase ecoa na minha mente judiada da vida e cansada da existência em tal...
 Oniscidade ao universo
 Eu não me detesto mas me contesto
 Criando contexto de ação com textos de absurdo de uma mente em social exploração
 Esses dias me peguei lendo Camus e ele comentou sobre a esquiva
 E é ela que me salva
 Maldita escrava da cachaça sonho alucinado enlutado
 Suado em cada corte na mão, em cada pedalada em ladeira e escorrido nas costas
 dentro do busão
 [...]
 É no coletivo que desenvolvo o indivíduo
 É no indivíduo que construo o equívoco

Yurus performa seus versos com bastante segurança, com certeza no que diz, a voz, grave e marcante, mantém um ritmo firme e constante do início ao fim do poema. O poeta usa de algumas pausas, longas o suficiente para deixar o público absorver as frases mais recentes. Yurus emprega palavras complexas, mas que se comunicam e conferem uma profundidade e peso a sua performance que se complementa por sua expressão corporal, não faz uso de grande gesticulação, é compenetrado e caminha pelo palco a passos lentos, em vários momentos parece estar em uma conversa com si mesmo.

E sociedade te deseja o acúmulo
 Sonho de propriedade corporal não é mau se o corpo do outro é objeto
 Vascularização do capital se dá por meio de submissão do outro em economico e sexual
 Pura mercadoria proletária
 [...]
 E mais uma madrugada quente escutando a vida de fudidos com o beat em cima
 Recuso a visita da inquilina da dor enquanto reflito a minha falta de maturidade
 Me lembrar de um sonho moldado com os pés no chão e a cabeça nas nuvens
 Ouvindo a frase de um revolucionário que um dia cantou: Jesus chorou.

Com o fim da performance de Yurus, Jordan fala as notas dos jurados e abre o tempo poético, momento que acontece entre a apresentação de cada poeta nas duas primeiras fases da batalha. Yurus pediu a palavra mais uma vez, e propôs uma reflexão para todos presentes. “O que significa esse movimento? Muito além do *slam*, isso aqui também é uma luta, acima de tudo, uma luta política”, seguiu falando sobre o coletivo do qual faz parte, o *Ágora Periférica*, que organiza atividades culturais para adolescentes no bairro Novo Horizonte.

A competição seguiu e logo Jordan anunciou Ester Linhares.

Ester na casa!

Fala Tu!

Mais um tiro que saiu pela culatra
 Mais uma bala perdida que nos acha
 Virou alvo, não tinha a cor alva
 Alva do Deus de divino esplêndido amor
 Amor pra quem é gente, amor pra quem tem alma, amor que pra te perdoar te mata
 E depois faça a oração: senhor! perdoe o comunista bebereão!
 Que pregou, dividiu o pão, disse que trabalhar é menos importante que a vida dos

seus irmão
 E ainda defendeu uma puta vagabunda perdida na prostituição
 Juntou uma gangue de 12 e não conseguiu sustentar
 Falou tão, mas tão mal do dinheiro e é por ele mesmo que nois vai crucificar
 Seu sangue que lava não tinha cor alva ele tinha cor de alvo
 Seu Deus branco é pintado e seis matava ele de novo só pra apreender um prensado
 [...]

Ester Linhares tem uma presença marcante, suas performances são notáveis pela voz rouca que agrega aspereza a um poema com uma mensagem tão direta, forte e pesada. Sua expressão corporal destaca uma característica urgente ao se movimentar pelo palco e gesticular sublinhando as palavras e versos que considera necessário. O olhar, procura o público e muitas vezes parece desafiar alguém a debater com ela, mas encontra o grande entusiasmo dos espectadores com suas apresentações.

[...]
 Eae poeta cuidado!
 Amor? amor é só pro seus irmão
 É só deles que cê não solta a mão
 Porque eles vão te matar e depois te fazer pedir perdão
 Colocaram Deus em uma cruz e chamaram ele de ladrão
 Cê consegue vê a aproximação?
 Perfuram nossos encéfalos e colocam pregos em nossas mãos
 Mas esquecem que somos alvos
 Mesmos trezentos anos depois vamos continuar ressuscitando

A batalha continuou e em um dos tempos poéticos, uma das pessoas que estavam na plateia declamou um poema que fez para a sua amiga e Jordan comentou que é muito bom e importante esses momentos porque o *slam* é um lugar que, geralmente, as pessoas falam de muitas dores, lutas e violências, mas também é um espaço para falar de amor e amizade e de tudo que nos mantém nessa batalha que é a vida.

Para finalizar esse registro trago o poema de Nix, um dos organizadores do Falatu, o texto foi performado em um dos tempos poéticos.

Nix na casa!

Fala Tu!

Eu tô me tornando uma barata
 Antena por antena, cada pedaço de casca
 Entre o meio fio e a calçada
 Bebendo da boca de lobos
 Digerindo lixo dos outros
 É sério!
 Eu tô me tornando uma barata
 Tipo, a metamorfose do século
 Pra tal horror corporal nem Kafka era páreo
 Retorcido em formas estranhas
 Noites e noites removendo pele e entranhas
 Um artrópode incorporado
 A cada pata que surge sou mais odiado
 Os olhares enojados sempre me notam
 Profanando seu higiênico espaço

Pisoteiam esse degenerado
 Mas não entendem?
 Eu tô me tornando uma barata
 Do pior tipo
 Uma barata de assas
 Que plana sobre a sua cabeça só pra vê você se
 debater
 Se esconde entre as brechas
 E quando tu menos espera
 Somos muitas, milhares delas
 Consumindo tudo, não mais só os restos, tudo!
 Do chão ao teto
 E você pode até tentar nos exterminar
 Mas de cogumelo atômico... eu faço chá

APÊNDICE CC - Diário de bordo do *Slam Falatu* edição de agosto de 2024



Fonte: [@coletivo_cafecomcha](#)

Final do Falatu, além da despedida da batalha de poesia organizada pelo Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá desde o ano de 2018, com exceção dos anos de pandemia, a edição de agosto contou com a exposição de trabalhos de Jordan, *slammaster* do Falatu, Astra e Laís, que mesmo não estando presente conseguiu deixar a sua arte em exibição. A cozinha estava aberta para quem desejasse consumir, o dinheiro fica para o espaço que recebe o *slam*.

A Casa do Cruzeiro abriu as portas mais uma vez para a competição de poesia e Jordan agradece ao pai Alágbára ti Ògún pela recepção. Em seguida fala um pouco sobre o Slam Falatu que foi um projeto iniciado quando Jordan, Akira, Astra, Luke ATN, Periférico e outras pessoas, ainda muito jovens desejavam um espaço para fazer arte e desfrutar do trabalho artístico de outras pessoas e tudo aconteceu quase sem recurso e com muita “energia juvenil”, como Jordan destacou. Finalizou agradecendo pelo *slam* ter crescido e se tornado muito mais do que imaginou e anunciando o show de encerramento, feito por Nix.

Iniciando a competição, Jordan explica como se desenvolve; em três fases, algumas pessoas classificadas para a final não puderam participar, então serão 8 poetas na primeira etapa, na segunda 6, e na terceira 3, sendo as duas primeiras definidas pelo júri e a última pelo público. Critérios de avaliação; performance, dicção e conteúdo, performance é o sentimento que você coloca, a forma como você expressa a sua mensagem, a dicção é a sua pronúncia, se o jurado consegue compreender o que você está dizendo e o conteúdo diz respeito ao tema e se a construção do texto está coerente. E quem ficar em primeiro lugar garante vaga no *Slam* Goiano, campeonato estadual de poesia.

Luke ATN na casa!

Fala Tu!

Poesia com “P”

Poupe-me para provocações
 Prezado presidente,
 Por que?
 Prefeitos pagam propinas
 Policiais, podres, porcos
 Pedi pra poupar o povo preto
 Pedi pra parar
 Provocações parecidas
 Pedreiros poupando
 Políticos pegando
 Pensei... pior país
 Patrimônio, porcentagem privatizada
 Parece piada portuguesa
 Promiscua para padrões
 Pensou o poeta palavreando
 Preparados para proteger preferem prender... pretos, pobres
 Pergunto, por que?
 Palanques, placas para políticos
 Para pobres? Pedra, projétil, prejuízo
 Privilégio para poderosos
 Professores preparando profissionais
 Podemos parabenizá-los, pelos primeiros passos para a prosperidade
 Preguiçosos preferem pó, peixe pelo peão
 Psicológico perturbado
 Pareço papagaio
 Prefiro prosperidade ao proletariado periférico
 Pessoalmente passo protagonismo preto
 Para pedir pelo povo
 Por fim, peço
 Paz para o povo preto

Fechando a segunda rodada, Luke ATN com uma voz firme, ritmo constante e postura calma, performa o *Poesia com “p”*, que como o próprio poeta diz, é quase um trava-línguas. O poema chama atenção para além da escolha de uma única letra para iniciar as palavras, mas pela vocalização marcante, a explosão da letra “p” deixa o público em profunda perplexidade preso ao poema procurando prever a próxima palavra.

Periférico na casa!

Fala Tu!

“Atravessou o morro e do outro lado da nação
 ficou confuso ao ver o povo que não tem que se preocupar”
 Estranho
 Envolto numa atmosfera própria
 Remoendo um misto de tristeza e revolta
 Encarando a revolta do mundo
 Enquanto ela me encara de volta
 O cansaço franzindo minha testa
 A mochila pesada envergando minhas costas
 A mente cheia de problema e pergunta
 O peito vazio de solução e resposta
 E quem vem de fora não entende nada
 Com peito ferido e fazendo piada
 Pisando elegante o lixo das calçadas
 Impossível não ver tanta coisa errada
 [...]

Na fase final, Periférico começa seu poemas com trecho da música, *4 da manhã* do Criolo, a voz forte do poeta traz uma cadência sem muitas pausas e que marca as rimas de seus versos, o tom que ele utiliza reflete a mensagem, um misto de revolta e cansaço. Se mantém cabisbaixo, mas o olhar sempre no público, caminha devagar pelo palco no ritmo em que declama do poema. Periférico tem uma presença marcante, muitas vezes parece um bicho enjaulado procurando uma rota de fuga e preparado para atacar.

[...]
 Eu não sou único e nem isolado
 Eu não entendo essa barreira
 Que construíram entre mim e a sociedade inteira
 Acuado, cismado, jeito de bicho matreiro
 Tentando manter tato nesses mato em que eu me esgueiro
 Dando os meu pulo dobrado
 E atendendo ao que é cobrado
 A toda hora o tempo inteiro
 Desconfiado, malandriado e arteiro
 Tem quem chame de tempero
 Mas eu falo indignado
 É só o jeitinho brasileiro

Nesse dia o público se envolveu bastante nos tempos poéticos, declararam trechos da música *Milhonário do Sonho* do Emicida, *Negro Drama* dos Racionais MCs e um momento cantado a voz e violão, canção *Acalanto* de Luedji Luna. Concluo esse registro com trechos do poema de Jordan.

Jordam na casa!

Fala Tu!

“Dia da caça ou do caçador
 Dia da mata ou do matador
 Me sinto livre da maldade, livre da maldade
 Livre da angústia, livre da dor”
 O movimento da cidade entorpece
 Mas também adoece
 De cara com a maldade eu respiro fundo e faço a prece
 Discuto com meus vícios
 A vida é boa mas não deixa de ser difícil
 [...]
 Sonho com um futuro melhor pra amanhã
 Por hoje fico a mercê da calculadora do instagram
 Não quero trabalhar pra máquinas
 Querem trocar minhas peças
 Me deixar quadrada, me fazer caber em caixas
 Pra gerar mais moedas
 Não sei se caibo nessas telas
 As redes se tornaram celas
 Se não gostou cancela, me censura, me deleta
 [...]

APÊNDICE CD - Diário de Bordo Campeonato Goiano de Poesia Falada - *SLAM GO*



Fonte: [@coletivo_cafecomcha](https://www.instagram.com/coletivo_cafecomcha)

Assim como as edições do *Slam Falatu* de 2024, a segunda edição *Slam GO* aconteceu na Morada do Cruzeiro, um terreiro dedicado ao culto dos Orixás e Entidades, localizado no Setor Leste Universitário, sob os cuidados e responsabilidade do pai Alágbára ti Ògún. Além das pessoas que integram o Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá, responsável pela realização do *Slam Falatu*, também estavam presentes Pedro Skyblue, idealizador e MC (mestre de cerimônia/*slammaster*) do *Slam* do Céu que acontece no Bairro Céu Azul em Valparaíso e Beatriz Ohana *slammaster* do *Slam* Reexistir, batalha itinerante que tem sua origem no município de Anápolis.

O evento foi organizado para acontecer durante a tarde e a noite, começando com a feijoada solidária, depois a roda de conversa com o tema “A Cena do *Slam* em Goiás e seus desdobramentos”, com Pedro Skyblue, Beatriz Ohana e Slender como convidados, a mediação foi feita por Akira, integrante do Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá.

No primeiro momento da mesa, cada convidado/a se apresentou e falou sobre sua ligação e trajetória com o *slam* poesia, depois sobre como o *slam* poesia influencia os cenários marginalizados e como projetavam atividades relacionadas a batalhas de poesia e outras atividades culturais. Slender fala sobre autodidatismo e autoconhecimento para a escrita de poesia:

quando você tá em uma batalha de poesia com a poesia que você escreveu no seu quarto e buscou conhecimento pra poder transfundir aquela poesia então você teve que se conhecer, conhecer o que você vai transpassar, então é necessário você estudar e saber do que se fala, pra quem se fala e de quem se fala, então o *slam* trouxe isso, sabe, tanto quanto fala, pensamento e vivência (Slender).

Na sequência, aguardando o início da batalha de poesia, surge a oportunidade de visitar as barraquinhas da feira artística e literária de vários artistas convidados para apresentarem e venderem seus trabalhos. Em seguida teve contação de histórias com Nix,

também integrante do Coletivo de Arte e Cultura Café com Chá.

Trecho da batalha da noite está disponível no link: <[2ª fase do Slam GO 2024](#)>

Já no início da noite, com o prenúncio de chuva, o *Slam GO 2024* começou, Jordan Bê, um dos MCs da noite explicou as regras e destacou que diferente do que acontecia no *Slam Falatu*, o *Slam GO* teria mais rigor com o tempo e portanto, que os/as poetas se atentassem a isso. Outro ponto importante foi o poema sacrificial, consiste na performance de alguém que não está competindo mas que se propoe a se “sacrificar” para que jurados e público consigam entrar melhor no clima da batalha, evitando assim, que a primeira pessoa a competir seja prejudicada.

Na noite da segunda edição do *Slam GO* o sacrificial foi feito por Lory, idealizadora do Sarau da 01 <[sarauda01](#)>, e como em toda batalha de poesia tem o grito feito pelo/pela poeta antes de iniciar a performance:

Poeta: A terra do pequi tem poesia no gogó

Platéia: *Slam G-O*

O pelo do peito do pé do Pedro é preto
 O pelo do peito do pé do Pedro é preto
 O Pedro é preto, tem um cabelo crespo
 Pedro é cria da periferia, nascido lá no gueto
 O controle do videogame na mão do Pedro, vira arma
 O único branco que a bala atravessa
 É o branco da camisa de uniforme do Pedro
 O sangue é vermelho, mas o Pedro, é preto
 A cor da roupa do luto da mãe do Pedro, é preta
 E a mãe do Pedro, também é preta
 Não é só o pelo do peito do pé do Pedro que é preto
 Sua história é preta
 Pedro é símbolo da resistência preta
 Na mão deles sempre haverá mais um Pedro
 E até quando será mais um Pedro preto?

Nessa bomba eu não ando mais, acharam um racista no banco de trás
 Nessa bomba eu não ando mais, acharam um racista no banco de trás
 O racista se levantou e diz que racista é os opressor
 Os opressor cheio do dinheiro diz que racista é os politiqueiro
 Politiqueiro olhou pra pista e diz que racista é a polícia
 A polícia deu a ré e diz que racista ela não é
 Mas a verdade nunca falha
 Protetor de pilantra é a pilantra da mema laia
 Mas a verdade nunca falha
 Protetor de pilantra é a pilantra da mema laia
 E o Pedro se levantou e com o punho cerrado os racistas ele socou
 E o Pedro se levantou e com o punho cerrado os racistas ele socou
 E taca fogo nos racista e não vende teu voto pra candidato milícia
 E taca fogo nos racista e não vende teu voto pra candidato milícia
 Chega de racismo, a favela tá de pé
 Chega de racismo, a favela tá de pé
 “Como é que é?”
 Chega de racismo, a favela tá de pé
 Chega de racismo nossos Pedro tão de pé!
 (Lory em performance no *Slam GO 2024*).

Na sequência o júri apresentou as notas da performance sacrificial da mesma forma que fizeram com as que ocorreram ao longo da competição que seguiu em três fases, a primeira classificatória, levando cinco poetas para a semifinal, da qual passaram três

poetas para definir a colocação no pódio.

Logo de início o grupo de poetas e produtores culturais que vieram da região do entorno de Brasília se mostrou muito engajado na batalha, desde o momento do grito “a terra do pequi tem poesia no gogó, *Slam GO!*”, aos aplausos no fim da performance de cada participante. Outra característica que potencializa a conexão do público com a batalha é o “credo” que foi incorporado por ser presente nas batalhas do entorno. Consiste na exclamação de quem assiste e não concorda com a nota apresentada por alguém do júri. Jordan Bê explica:

Sempre que um poeta recebe uma nota menor do que 10, a gente grita “credo”, porque a gente acha inadmissível um poeta vim aqui, colocar as tripas dele pra fora e o jurado não dar uma nota redondinha, então quando o poeta leva um dez vocês faz o que? “pow pow pow pow pow”, quando o poeta leva qualquer nota que não seja um dez vocês vai gritar: “credo!”.

Criada pelo Cérebro, um dos organizadores do *Slam Resistência* de São Paulo, a expressão surge após alguns episódios de discordância com a nota recebida pelos poetas por parte da plateia, Cérebro começa então a gritar “credo” todas as vezes que a plaquinha dos jurados apresentava nota menor que 10 (*Slam Resistência*, 2021). O grito foi incorporado em várias outras batalhas, incluindo as que ocorrem em Valparaíso. É então que a expressão é incorporada no Campeonato Goiano de Poesia Falada.

A chuva que se anunciava começou ainda na primeira fase e acompanhou a competição até bem próximo do fim, quando Slender declamou o poema que fez para o filho. O poeta começa cantando uma canção e de repente prende a respiração como se o ar lhe faltasse e então:

E a cada respiração
 Meu peito não se restaura
 Eu posso perceber que nem mesmo a arte
 Minha fiel criadora
 É capaz de preencher sua falta
 Hoje a mensageira da passagem recebeu uma carta
 Confessando que ela ama quem leva
 Quem fica que ela maltrata
 [...]

 Que o canto do começo
 Não seja o mesmo do final
 Onde faltou respiração
 Existe uma força maior
 Que a memória do teu cheiro
 Acalme meu espiritual
 Toda vez que eu lembrar que o plano da minha vida
 Me observa do plano astral
 (Slender, 2024).

Slender finalizou com um cântico acompanhado por palmas do público, a emoção do poeta se refletia no tempo chuvoso e, em entrevista Slender compartilhou que o fato de estar chovendo naquele dia mudou a performance planejada para o poema.